

ROMANCE

NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

Cortesia do editor

Nora Roberts

Dança dos Sonhos

*A saga dos Bannion,
uma família
regida pela paixão.*



HARLEQUIN
BOOKS



Românticas como uma valsa, melancólicas como um adágio e intempestivas como um *allegro*. Assim se compõem as vidas de quatro personagens regidos pela poesia da dança e pelos acordes do coração.

❧ REFLEXOS ❧

Para a bailarina Lindsay Dunne, sua carreira havia terminado com o trágico acidente de seus pais. Ao voltar para sua pequena cidade em Connecticut, ela se conforma em apenas dar aulas de balé... até ser presenteada pelo destino com o arrogante e sedutor Seth Bannion. Agora, Lindsay está diante de seu maior desafio: superar o medo de amar e ser amada.

❧ DANÇA DOS SONHOS ❧

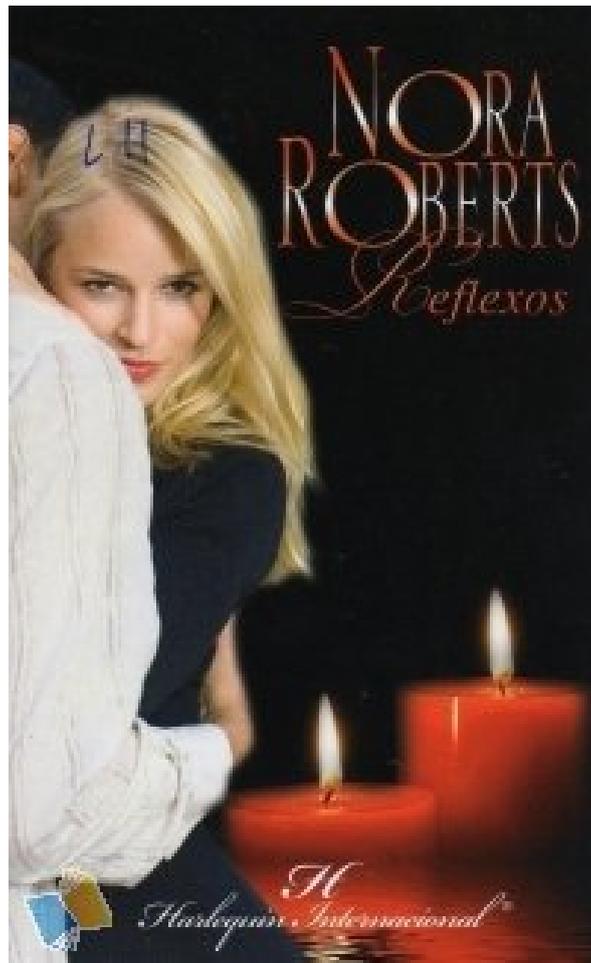
Ruth Bannion vive o alvorecer de sua carreira de bailarina em meio a intensas aulas sob a tutela de seu mentor, o jovem coreógrafo russo Nikolai Davidov. O temperamento excêntrico de Nick muitas vezes a impele a desafiá-lo, e ele sempre estimulou em sua pupila as atitudes fortes. Mas chega o momento em que Nick não é mais capaz de se esconder atrás das barreiras que ergueu contra as trapaças do coração... e, ao lado de Ruth, ele deverá dar o passo mais importante de sua vida.

Verdadeiro fenômeno editorial, Nora é a autora de maior destaque da lista de mais vendidos do *The New York Times*. Com mais de 200 romances lançados, seus livros já foram traduzidos para 25 idiomas e publicados em todo o mundo.



Sumário

Reflexos, 4
Dança dos Sonhos, 141



Reflexos

Nora Roberts

Uma vida inteira a perseguir os seus sonhos deixara Lindsay Dunne com pouco tempo para o amor. Contudo, o sedutor Seth Bannion estava prestes a dar àquela inexperiente e bela mulher um curso intensivo na arte de amar...

Digitalização e correcção: Fátima Tomás
Formatação: Vick

HARLEQUIN
(internacional)

Editado por HARLEQUIN IBÉRICA, S A Hermosilla, 21
28001 Madrid

© 1983 Nora Roberts Todos os direitos reservados
REFLEXOS, N° 150 – 1208

Título original - **Reflections**

Publicada originalmente por Silhouette® Books

Todos os direitos, incluindo os de reprodução total ou parcial, são reservados. Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Enterprises II BV

Todas as personagens deste livro são fictícias. Qualquer semelhança com alguma pessoa, viva ou morta, é pura coincidência. ® Harlequin y logotipo Harlequin são marcas registadas por Harlequin Enterprises II BV ® e São marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença. As marcas que têm ® estão registadas na Oficina Espanola de Patentes y Marcas e noutros países

ISBN 978-84-671 5715-4

Depósito legal B 54759 2007

Fotocomposição M T Color & Diseno, S, Las Rozas Madrid

Impresso LITOGRAFÍA ROSES, S A Gavá (Barcelona)

Imagens de capa
Casal ESTUDIO/DREAMSTIME COM
Velas PETROS TSONS/DREAMSTIME COM

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA PORTUGAL- LOGISTA
Rua da República da Coreia, 34 Ranholas - 2710 Sintra - Portugal

Um

O vento refrescara o ambiente. Empurrava as nuvens escuras no céu e assobiava entre as folhas das árvores, que já começavam a anunciar o Outono. Na berma da estrada, as árvores mostravam-se mais amarelas do que verdes, com tons incipientes de dourado e vermelho. Era um dia de Setembro, precisamente quando o Verão dava lugar ao Outono. O sol da tarde filtrava-se entre as nuvens, banhando o passeio.

O ar cheirava a chuva. Lindsay apressou o passo, sabendo que a chuva poderia começar a qualquer momento. A brisa levantava e despenteava o seu cabelo loiro platinado, e ela alisou-o, irritada. Deveria tê-lo apanhado numa trança, disse para si.

Se não estivesse tão apressada, Lindsay teria desfrutado do passeio. Ter-se-ia deleitado com os primeiros indícios do Outono e a tempestade iminente. No entanto, apressou-se no caminho, perguntando-se que mais poderia correr mal.

Nos três anos decorridos desde a sua volta de Connecticut, já passara por várias situações más. Mas aquilo, disse para si, ocupava um dos primeiros lugares na lista de frustrações. Uma avaria na canalização do estúdio; um sermão de quarenta e cinco minutos de uma mãe demasiado preocupada com o talento da sua filha; dois fatos estragados e uma aluna com um desarranjo estomacal. Aqueles pequenos problemas foram rematados pela teimosia do seu carro. Tossira e gemera, como era hábito, quando Lindsay o ligara, mas depois não conseguira recuperar-se. Permanecera assim, a estremecer, até Lindsay admitir a sua derrota. "Este carro", dissera para si com um sorriso triste, "tem quase tantos anos como eu e estamos os dois cansados".

Depois de dar uma olhadela impotente sob o capô, Lindsay apertara os dentes e empreendera a caminhada de três quilómetros desde o estúdio até sua casa.

Era verdade, reconheceu enquanto caminhava penosamente sob o sol fugidio, poderia ter telefonado a alguém. Suspirou, sabendo que agira impulsionada pelo seu estado anímico.

Dez minutos daquele passeio refrescante tinham contribuído para a acalmar. "São os nervos", pensou. "Estou nervosa com o recital desta noite." Tecnicamente, não era por causa do recital, corrigiu-se, enfiando as mãos nos bolsos. As meninas estavam preparadas, os ensaios tinham corrido perfeitamente. As meninas eram tão adoráveis que os erros não teriam importância. Eram os momentos prévios e posteriores aos recitais que angustiavam Lindsay. Isso e os pais.

Sabia que alguns ficariam insatisfeitos com o desempenho das suas filhas. E outros tentariam pressioná-la a acelerar a instrução. Porque é que a sua Pavlova ainda não dançava em pontas? Porque é que a parte da bailarina da senhora Jones era mais longa do que a da senhora Smith? Não deveria Sue passar para o nível médio?

Usualmente, as explicações de Lindsay sobre anatomia, crescimento dos ossos, resistência e

sincronização só davam azo a mais sugestões. Normalmente, empregava uma combinação de elogios, teimosia e intimidação para os manter afastados. Gostava de saber gerir os pais demasiado entusiastas. Afinal de contas, disse para si, não fora assim a sua mãe?

Mae Dunne desejara, mais do que qualquer outra coisa, ver a sua filha no palco. Tinha as pernas curtas e um corpo excessivamente miúdo e compacto. Mas tinha alma de bailarina. Mediante a determinação pura e a aprendizagem, fizera parte do corpo de ballet de uma pequena companhia itinerante.

Mae casara-se com quase trinta anos. Resignada ao facto de que nunca chegaria a ser uma grande bailarina, dedicara-se ao ensino durante algum tempo, mas as suas próprias frustrações faziam dela uma professora péssima. O nascimento de Lindsay fizera com que tudo mudasse. Ela nunca seria primeira bailarina, mas a sua filha poderia ser.

As aulas tinham começado quando Lindsay tinha cinco anos, sob a supervisão contínua da sua mãe. Depois, a sua vida fora um redemoinho de aulas, recitais, sapatilhas de ballet e música clássica. A sua dieta fora escrupulosamente controlada e a preocupação com a sua altura fora constante, até que ficara claro que não ultrapassaria um metro e sessenta. Mae estava satisfeita. As sapatilhas de ballet acrescentavam alguns centímetros à altura de uma bailarina e uma profissional demasiado alta tinha mais dificuldades na altura de encontrar parceiros de dança.

Lindsay herdara a altura da sua mãe, mas, para orgulho de Mae, possuía um corpo esbelto e delicado. Depois de uma etapa breve e difícil,

Lindsay desabrochava como uma adolescente de uma beleza maravilhosa: cabelo loiro e sedoso, pele pálida e olhos azuis com sobrancelhas finas e arqueadas. Possuía uma estrutura óssea elegante, que disfarçava uma força robusta, obtida após tantos anos de treino. Os seus braços e pernas eram esbeltos, com músculos longos, próprios de uma bailarina clássica. As preces de Mae tinham sido ouvidas.

Lindsay tinha a classe de uma bailarina e tinha talento. Mae não precisava da opinião de nenhum professor para confirmar o que via por si mesma. A sua filha possuía a coordenação necessária, a técnica, a resistência e a capacidade. Mas, além disso, esforçava-se ao máximo no que fazia.

Aos dezoito anos, Lindsay fora admitida numa companhia de Nova Iorque. Ao contrário da sua mãe, não ficara no corpo de bailado. Chegara a ser solista e, mais tarde, ao fazer vinte anos, tornara-se primeira bailarina. Durante quase dois anos, parecera que os sonhos de Mae se tinham tornado realidade. Depois, sem aviso prévio, Lindsay vira-se obrigada a deixar o seu lugar e a regressar a Connecticut.

Dava aulas de dança há três anos. Embora Mae parecesse amargurada, Lindsay encarava-o com mais filosofia. Ainda continuava a ser bailarina. Isso nunca mudaria.

As nuvens voltaram a deslocar-se e taparam o sol. Lindsay tremeu, desejando não ter deixado o casaco no banco da frente do carro, para onde o atirara no calor da sua exasperação. Tinha os braços nus, tapados apenas até à altura dos ombros por uma t-shirt azul-clara. Vestira umas calças de ganga

por cima das pernas, mas, mesmo assim, sentia falta do casaco. Dado que pensar nele não a aqueceria, Lindsay apressou o passo e empreendeu um ligeiro trote. Os seus músculos responderam imediatamente. Havia fluidez nos seus movimentos, uma graciosidade instintiva mais do que premeditada. Começou a desfrutar da corrida. Fazia parte da sua natureza procurar o prazer e encontrá-lo.

De repente, a chuva começou a cair. Lindsay parou para contemplar o céu revoltado e escuro.

- Mais nada? - perguntou.

Respondeu-lhe o troar profundo de um trovão. Com um meio sorriso, abanou a cabeça. A casa dos Moorefield ficava no outro passeio. Lindsay decidiu fazer o que deveria ter feito desde o início.

Abraçando-se, começou a atravessar a estrada. O som estridente de uma buzina fez com que o coração lhe subisse à garganta. Virou rapidamente a cabeça e viu a forma difusa de um carro que se aproximava através do manto da chuva. Afastou-se instantaneamente de um salto e, escorregando no pavimento húmido, caiu numa poça pouco profunda.

Lindsay fechou os olhos enquanto a sua pulsação acelerava. Ouviu o guinchar forte de uns travões e a fricção de uns pneus. "Daqui a alguns anos", pensou, enquanto a água fria empapava as suas calças de ganga, "vou rir-me ao lembrar-me disto. Mas agora não me rio." Deu um pontapé e a água da poça saltou em todas as direcções.

- Você perdeu o juízo?

Lindsay ouviu o resmungo através da chuva e abriu os olhos. Ao seu lado, havia um gigante furioso e encharcado. Ou um demónio, disse para si, olhando para ele com cautela, enquanto se abatia sobre ela. Estava vestido de preto. O seu cabelo também era preto. O seu rosto, encharcado pela chuva, era anguloso e bronzeado. Havia algo ligeiramente perverso naquela cara. Talvez fossem as sobrancelhas pretas, que se arqueavam levemente nos extremos. Talvez fosse pelo contraste estranho dos seus olhos, verde-claros, que fazia pensar no mar. E, naquele momento, estava furioso. O seu nariz era comprido e fino, o que contribuía para acentuar o aspecto anguloso das suas feições. A roupa colava-se-lhe ao corpo por causa da chuva e deixava entrever uma compleição firme e bem proporcionada. Se não estivesse tão absorta no seu rosto, Lindsay tê-lo-ia admirado profissionalmente. Sem fala, limitou-se a olhar para ele com os olhos muito abertos.

- Está ferida? - inquiriu ele, ao ver que não respondia à sua primeira pergunta. Não havia preocupação na sua voz, só raiva contida. Lindsay abanou a cabeça e continuou a olhar para ele. Com um praguejo impaciente, ele agarrou-a pelos braços e puxou-a, levantando-a do chão, antes de a pôr de pé. - Será que não vê por onde anda? - perguntou, dando-lhe um abanão rápido antes de a largar.

Não era o gigante que Lindsay imaginara. Era alto, certamente, talvez cerca de trinta centímetros mais alto do que ela, mas não um gigante horrível ou uma aparição satânica. Começou a sentir-se mais estúpida do que assustada.

- Lamento imenso - começou a dizer. Sabia perfeitamente que cometera um erro e estava mais do

que disposta a admiti-lo. - Olhei, mas não vi...

- Olhou? - interrompeu-a ele. A impaciência do seu tom mal escondia uma raiva mais profunda e reprimida. - Pois talvez devesse começar a usar os seus óculos. De certeza que o seu pai terá pago um bom dinheiro por eles.

Rebentou outro relâmpago, abrindo um rasgo branco no céu. Mais do que pelas palavras, Lindsay sentiu-se ofendida pelo tom.

- Não uso óculos - respondeu.

- Pois talvez devesse usar.

- Vejo perfeitamente! - Lindsay afastou uma madeixa de cabelo húmido da sobancelha.

- Não deveria cometer a imprudência de ficar no meio da estrada.

A chuva escorria pelas faces de Lindsay enquanto olhava para ele. Admirou-a que não se transformasse em vapor.

- Já me desculpei - disse, pondo as mãos nas ancas. - Ou ia fazê-lo, antes de começar a ofender-me. Se espera que me ponha de joelhos, esqueça! Se não tivesse tocado a buzina daquela maneira, não teria caído naquela poça

- limpou, inutilmente, o rabo. - Imagino que não lhe ocorreu desculpar-se?

- Não - respondeu ele, sem se alterar, - não me ocorreu. Eu não sou responsável pela sua estupidez.

- Estupidez? - repetiu Lindsay, abrindo muito os olhos. - Estupidez? - a sua voz falhou. Para ela, não havia insulto mais vil. Como se atreve?

Tolerara o mergulho de cabeça na poça, tolerara a sua rudeza, mas não suportaria aquilo.

- É o homem mais deplorável que já conheci! - com o rosto inflamado de cólera, Lindsay afastou, impacientemente, o cabelo, que a chuva insistia em introduzir-lhe nos olhos. Estes brilhavam com um azul impossivelmente vívido contra a sua pele congestionada. - Quase me atropelou, pregou-me um susto de morte, atirou-me para uma poça, exortou-me como se fosse uma menina tola e agora tem a desfaçatez de me chamar trôpega!

Ele arqueou um sobrolho perante a paixão do seu discurso.

- Quem se sente afectado... - murmurou e depois surpreendeu-a, agarrando-a pelo braço e puxando-a.

- Mas o que está a fazer? - exigiu saber Lindsay, tentando não se alterar, embora a pergunta acabasse num grito.

- A sair desta maldita chuva - ele abriu a porta do lado do condutor e introduziu-a no carro sem nenhuma cerimónia. Automaticamente, Lindsay deslizou para o outro banco para lhe dar lugar.

- Não posso deixá-la aqui à chuva - prosseguiu ele, com tom áspero, enquanto se sentava ao volante e fechava a porta. A tempestade açoitava o vidro do pára-brisas.

Ele passou os dedos pela madeixa grossa de cabelo colado à sua testa e Lindsay ficou,

imediatamente, fascinada por aquela mão. Tinha a palma larga e dedos compridos de pianista. Quase se compadeceu dele. Mas, então, ele virou a cabeça. O seu olhar bastou para dissipar qualquer compaixão.

- Para onde vai? - perguntou num tom lacónico, como se dirigisse a pergunta a uma criança. Lindsay endireitou os ombros encharcados e transidos.

- Vou para minha casa. Fica a cerca de um quilómetro, por esta estrada.

Ele voltou a arquear os sobrolhos, enquanto observava Lindsay, longa e atentamente. O cabelo húmido emoldurava o seu rosto. Tinha as pestanas escuras e onduladas, sem ajuda de rímel, sobre uns olhos quase assombrosamente azuis. A sua boca franzia-se numa careta, mas era óbvio que não pertencia à menina pela qual a tomara inicialmente. Mesmo sem estar pintada, era claramente uma boca de mulher. Aquele rosto tinha algo mais do que simples beleza. No entanto, antes que pudesse definir o que era aquele algo, Lindsay tremeu, distraíndo-o.

- Se sair quando estiver a chover - disse, suavemente, enquanto estendia o braço para o banco de trás, - deve vestir roupa adequada pôs-lhe um casaco castanho no colo.

- Não preciso... - começou a dizer Lindsay, mas dois estrondos seguidos interromperam-na. Com os dentes apertados, enfiou os braços no casaco, enquanto ele arrancava com o carro. Conduziram em silêncio, com a chuva a tamborilar no tecto do veículo.

De repente, Lindsay pensou que aquele homem era um desconhecido. Ela conhecia de nome ou de vista quase toda a gente que vivia naquela pequena vila costeira, mas nunca vira aquele homem. Não teria esquecido a sua cara. No ambiente tranquilo e amigável de Cliffside, era fácil confiar-se nas pessoas, mas Lindsay também passara vários anos em Nova Iorque. Conhecia os perigos que implicava entrar no carro de um desconhecido. Disfarçadamente, aproximou-se mais da porta do passageiro.

- É um pouco tarde para pensar nisso disse ele, calmamente.

Lindsay virou rapidamente a cabeça. Pensou, embora não pudesse ter a certeza, que o canto da sua boca se arqueou ligeiramente. Inclinou o queixo.

- É ali - disse, friamente, apontando para a esquerda. - A casa de madeira com águas-furtadas.

O carro parou diante de uma grade branca. Com toda a sua dignidade, Lindsay virou-se novamente para ele. Queria expressar o seu agradecimento num tom deliberadamente gélido.

- É melhor tirar essa roupa molhada - aconselhou ele, antes que ela pudesse falar. - E da próxima vez, olhe para os dois lados antes de atravessar a rua.

Lindsay só conseguiu emitir um sopro amortecido de raiva, enquanto procurava o manípulo da porta. Colocando-se novamente à chuva, olhou para ele com raiva.

- Muito obrigada - disse e fechou a porta de repente. Depois contornou o carro e atravessou a grade, esquecendo-se de que vestia o casaco de um desconhecido.

Entrou rapidamente em casa. Ainda furiosa, permaneceu de pé, imóvel, com os olhos fechados. O incidente fora exasperante, revoltante inclusive, mas a última coisa que desejava era ter de o contar à sua mãe. Lindsay sabia que o seu semblante era demasiado expressivo, os seus olhos demasiado

reveladores. A sua tendência para manifestar de uma forma tão visível os seus sentimentos fora um trunfo na sua carreira. Quando interpretava Giselle, sentia-se como Giselle. O público conseguia ver a tragédia no rosto de Lindsay. Quando dançava, deixava-se encantar completamente pela música e a história. No entanto, quando tirava as sapatilhas de ballet e voltava a ser Lindsay Dunne, sabia que não era prudente que os seus olhos deixassem transparecer os seus pensamentos.

Notava-se que estava desgostada, Mae interrogá-la-ia e exigiria um relato pormenorizado dos factos, para depois começar a criticá-la. Naquele momento, o que Lindsay menos precisava era de um sermão. Encharcada e exausta, começou a subir cansadamente as escadas para o primeiro andar. Foi então que ouviu os passos lentos e desiguais, uma lembrança constante do acidente em que morrera o seu pai.

- Olá! Ia lá a cima mudar-me - Lindsay afastou o cabelo molhado da cara para sorrir à sua mãe, que estava ao pé das escadas.

Mae descansou a mão no corrimão. Embora tivesse o cabelo pintado de loiro e estivesse impecavelmente maquilhada, o efeito ficava diminuído pela sua expressão constantemente insatisfeita.

- O carro deu problemas - prosseguiu Lindsay, antes que começasse o interrogatório. Fui apanhada pela chuva, antes de conseguir encontrar alguém que me trouxesse. Andy terá de me levar de volta esta noite - lembrou-se de acrescentar à última hora.

- Esqueceste de lhe devolver o casaco - observou Mae. Apoiou-se pesadamente no corrimão, enquanto olhava para a sua filha. O húmido tempo atormentava a sua anca.

- O casaco? - desconcertada, Lindsay baixou os olhos e viu as mangas, encharcadas e demasiado compridas, que cobriam os seus braços. - Oh, não!

- Bom, não te preocupes tanto - disse Mae, com irritação, enquanto passava o seu peso para o outro pé. - Andy pode desenrascar-se sem ele até à noite.

- Andy? - repetiu Lindsay. Depois compreendeu a ligação que a sua mãe fizera. As explicações, decidiu, eram demasiado complicadas. - Pressuponho que sim - assentiu, sem lhe dar importância. Desceu um degrau e pôs a mão em cima da da sua mãe. - Pareces cansada, mãe. Descansaste?

- Não me trates como uma menina - disse Mae, com brusquidão, e Lindsay ficou imediatamente tensa. Retirou a mão.

- Desculpa - o seu tom era contido, mas um brilho de dor iluminava os seus olhos. - Vou subir para me mudar antes do jantar - quis virar-se, mas Mae agarrou-lhe no braço.

- Lindsay! - suspirou, lendo com facilidade as emoções reflectidas naqueles olhos grandes e azuis. - Desculpa. Hoje estou de mau humor. A chuva deprime-me.

- Sim, eu sei - a voz de Lindsay suavizou-se.

Fora a chuva, aliada a uns pneus em mau estado, o que provocara o acidente dos seus pais.

- E odeias estar aqui, a cuidar de mim, quando deverias estar em Nova Iorque.

-Mãe...

- É inútil - o tom de Mae voltava a ser severo. - Nada correrá bem até estares no lugar onde pertences, onde deves estar - virou-se e afastou-se pelo corredor com passos irregulares e trôpegos.

Lindsay viu como desaparecia antes de se virar para subir as escadas. "O lugar onde pertencço", disse para si, enquanto entrava no seu quarto. "E que lugar é esse?"

Fechou a porta e apoiou-se nela. O quarto era espaçoso e bem ventilado, com duas janelas amplas situadas uma ao lado da outra. Na cómoda, que pertencera à sua avó, havia uma colecção de búzios apanhados na praia situada a pouco mais de um quilómetro da casa. Num canto, havia uma estante com livros da sua infância. O tapete oriental descolorido era um trofeu que Lindsay trouxera consigo, quando fechara o seu apartamento de Nova Iorque. A cadeira de baloiço vinha da feira que costumavam fazer a dois quarteirões dali e adquirira a gravura de Renoir numa galeria de arte de Manhattan. O seu quarto, disse para si, reflectia os dois mundos em que vivera.

Sobre a cama, estavam penduradas as sapatilhas de ballet que usara no seu primeiro solo profissional. Lindsay aproximou-se delas e passou os dedos pelas fitas de cetim. Recordou como as cosera, o nó de excitação que sentira no estômago. Recordou a cara extasiada da sua mãe depois da actuação e a expressão admirada do seu pai.

Aquilo fora há uma eternidade, pensou, enquanto deixava que o cetim escorregasse pelos seus dedos. Naquela altura, achara que tudo era possível. E talvez, durante algum tempo, tivesse sido.

Sorrindo, Lindsay permitiu-se recordar a música, o movimento, a magia, os momentos em que sentira que o seu corpo se movia com liberdade e fluidez, sem restrições. A realidade regressava depois, com câibras indescritíveis, pés que sangravam e músculos tensos. Como conseguira, várias vezes, contorcer-se para desenhar as linhas antinaturais que compunham a dança? Mas fizera-o, esforçara-se até aos limites das suas capacidades e da sua resistência. Entregara-se por completo, sacrificando o seu corpo e a sua vida. Só existira a dança. Absorvera-a por completo.

Abanando a cabeça, Lindsay voltou ao presente. Aquilo, recordou, fora há muito tempo. Agora, tinha outras coisas em que pensar. Tirou o casaco molhado e olhou para ele, carrancuda. "O que faço eu com isto?", perguntou-se.

Voltou a recordar a rudeza descarada do seu dono. O seu sobrolho intensificou-se. Bom, se quisesse, podia voltar a procurá-la. Uma inspecção rápida da malha e da etiqueta disse-lhe que não era uma peça de roupa de que pudesse esquecer-se facilmente. Mas o esquecimento não fora culpa dela, disse para si enquanto se aproximava do armário para tirar um cabide. Ter-se-ia recordado de o devolver se aquele homem não a tivesse posto tão furiosa.

Lindsay pendurou o casaco no armário e, depois, começou a tirar a roupa encharcada. Vestiu um robe grosso sobre a pele trémula e fechou as portas do armário. Disse para si que devia esquecer o casaco e o homem a quem pertencia. Nenhum dos dois, decidiu, tinha nada a ver com ela.

Dois

Era uma Lindsay Dunne totalmente diferente aquela que, duas horas depois, cumprimentava os pais. Vestia uma blusa aos folhos e uma saia vincada, ambas azul-claras, e o cabelo cuidadosamente apanhado num coque. As suas feições denotavam serenidade e compostura. Da mulher encharcada e furiosa não restava sinal. Devido à sua preocupação com o recital, esquecera por completo o incidente da chuva.

As cadeiras estavam dispostas em filas, para que os familiares pudessem ver a actuação das meninas. Atrás havia uma mesa com café e biscoitos sortidos.

Lindsay conseguia ouvir murmúrios na sala, o que a fez pensar noutros recitais de antigamente. A sua mente voou para a sala contígua, onde vinte e quatro raparigas se despachavam com os tutus e as sapatilhas de dança.

Estava nervosa. Sob o seu sorriso e a sua aparente calma exterior, sentia tanta ansiedade como a que costumava sentir em todos os espectáculos, apesar de estar tão habituada que quase conseguia antecipar cada um dos passos. Ela mesma passara por aquilo, pelas etapas de pré-escolar, intermédia e avançada, até atingir o nível superior. Agora era a professora. Não havia um único aspecto dos recitais que não tivesse conhecido ao longo da sua vida.

Colocara no leitor de CDs uma sonata lenta de Beethoven, para moderar a sua inquietação e ir criando ambiente. Que estupidez!, comentou para si. Uma profissional experiente, uma professora de prestígio reconhecido, alterar-se com uma simples apresentação. Mas não conseguia evitá-lo. Lindsay empenhava-se em tudo o que estava relacionado com a sua escola e as suas alunas. Desejava, ansiosamente, que a noite fosse um sucesso.

Sorrindo, apertou a mão de um pai que, certamente, teria preferido ficar em casa a ver um jogo de futebol. Deslizava, sub-repticiamente, o dedo sob o nó da incómoda gravata. Se tivesse mais confiança com ele, Lindsay ter-se-ia rido e sugerido que a tirasse.

Desde que começara a organizar recitais, há dois anos atrás, um dos seus principais objectivos era relaxar os pais. Conseguir que se sentissem à vontade significava ter um público mais entusiasta, o que, por sua vez, traria um maior número de alunas para a escola. De facto, abri-la a pensar na publicidade boca a boca e era a recomendação dos vizinhos, dos conhecidos, que a mantinha aberta. Agora era o seu trabalho, a sua paixão e a sua forma de ganhar a vida. Considerava-se sortuda por ter podido unir as duas coisas, pela segunda vez, na sua vida.

Consciente de que muitos familiares das bailarinas tinham ido cumprir uma obrigação, Lindsay estava determinada a proporcionar-lhes um momento agradável. Em cada recital, procurava não só variar o programa, mas encontrar a coreografia mais indicada para o talento e as capacidades de cada

bailarina. Sabia que nem todas as mães eram tão ambiciosas como Mae a respeito das suas filhas e que nem todos os pais as apoiavam tanto como o seu pai a apoiara.

"Mas vieram", disse para si, observando o grupo reunido na escola. Tinham acudido, apesar da chuva, renunciando ao seu programa de televisão preferido ou a dormir no sofá depois do jantar.

Lindsay sorriu, comovida pela generosidade dos pais em relação aos seus filhos, uma generosidade que costumava passar inadvertida.

De repente, pensou no quanto se alegrava por ter voltado, no quão contente se sentia por estar ali. Sim, adorara Nova Iorque, com o seu ritmo de vida frenético, os seus desafios, a sua excitação inegável; mas os prazeres simples de uma vila pequena e as suas ruas tranquilas satisfaziam-na de sobra agora.

Os presentes conheciam-se todos, fosse de vista ou pessoalmente. A mãe de uma das bailarinas mais velhas fora ama de Lindsay há vinte anos atrás. Naquela altura, usava rabo-de-cavalo, recordou, enquanto olhava para o seu penteado actual, mais curto e sofisticado. Um rabo-de-cavalo comprido, preso com uma fita colorida, que oscilava enquanto caminhava e que Lindsay considerava lindo. A lembrança reconfortou-a e contribuiu para acalmar os seus nervos.

Talvez toda a gente devesse partir da sua vila natal durante algum momento, disse para si, e regressar aquando adulta, para ficar ou não. Era uma revelação ver, com uma perspectiva de adulto, as coisas e as pessoas que se tinham conhecido na infância.

- Lindsay!

Virou-se para cumprimentar uma antiga colega de escola, agora mãe de uma das suas alunas mais pequenas.

- Olá, Jackie! Estás com um aspecto óptimo.

Jackie era uma morena competente e capaz. Lindsay recordava que fizera parte de um número surpreendente de comités durante os seus anos no liceu.

- Estamos tremendamente nervosos - confessou Jackie, referindo-se a si mesma, ao seu marido e à sua filha.

Lindsay seguiu o seu olhar através da sala e viu a antiga estrela de atletismo transformada em agente de seguros, com quem Jackie se casara no fim do curso. Estava a falar com dois casais de idosos. Todos os avós também tinham ido, disse para si Lindsay, com um sorriso.

- Pressupõe-se que devam estar nervosos comentou Lindsay. - É normal.

- Espero que se porte bem - disse Jackie, sobretudo por ela. Deseja tanto impressionar o seu pai...

- Vai portar-se lindamente! - garantiu-lhe Lindsay, apertando a sua mão nervosa. - E estão todas lindas, graças à ajuda que me deste com os fatos. Ainda não tinha tido oportunidade de te agradecer.

- Oh, foi um prazer! - exclamou Jackie. Olhando novamente para a sua família, acrescentou num tom baixo: - Os avós conseguem ser terríveis.

Lindsay emitiu um risinho suave, sabendo que aqueles avós em particular adoravam a sua pequena bailarina.

- Isso, ri-te - disse-lhe Jackie, desdenhosamente, embora aparecesse um sorriso de auto-reprovação nos seus lábios. - Tu ainda não tens de te preocupar com avós... nem com sogros - acrescentou, conferindo às suas palavras um tom deliberadamente detestável. - É verdade - a mudança de tom de Jackie pôs Lindsay imediatamente em alerta. - Lembras-te do meu primo Tod?

- Sim - respondeu Lindsay, com cautela, quando Jackie fez uma pausa.

- Virá à vila dentro de algumas semanas, para passar um ou dois dias - Jackie sorriu sem malícia. - Perguntou-me por ti da última vez que me telefonou.

- Jackie... - começou a dizer Lindsay, decidida a mostrar-se firme.

- Porque não o deixas levar-te a jantar fora?

- prosseguiu Jackie, impedindo-a de escapar. No ano passado, ficou encantado contigo e não ficará por muito tempo. Tem um negócio magnífico em New Hampshire. Informática, acho que já te disse.

- Eu lembro-me - disse Lindsay, passados poucos segundos. Um dos inconvenientes de ser solteira numa vila pequena, disse para si, era ter de evitar, continuamente, as intrigas casamenteiras das amizades bem-intencionadas. As insinuações e sugestões de possíveis parceiros tinham-se multiplicado desde que Mae começara a melhorar. Lindsay sabia que, para evitar um exagero, deveria estabelecer um limite, portanto manteve-se firme.

- Jackie, sabes como estou ocupada...

- Estás a fazer um trabalho maravilhoso, Lindsay! - apressou-se a dizer Jackie. - Todas as meninas te adoram, mas uma mulher precisa de se divertir de vez em quando, não achas? Não há nada sério entre ti e Andy?

- Não, claro que não, mas...

- Então, não vejo nenhuma necessidade de te fechares para o mundo.

-A minha mãe...

- Tinha muito bom aspecto quando fui a tua casa no outro dia para deixar os fatos - prosseguiu Jackie, implacavelmente. - Foi óptimo ver que já se levantou. Inclusive, reparei que tinha ganhado algum peso.

- Sim, é verdade, mas...

- Tod chegará na quinta-feira da semana que vem. Dir-lhe-ei para te telefonar - disse Jackie, animadamente, antes de dar meia volta e dirigir-se para a sua família, abrindo passagem entre o público.

Lindsay viu como se afastava, entre irritada e divertida. Era impossível ganhar a alguém que nunca nos deixava acabar uma frase, disse para si.

Enfim, pensou, um primo com a voz trémula e as palmas das mãos ligeiramente suadas não seria assim tão mau para uma noite. A sua agenda não estava precisamente a abarrotar de encontros, nem podia dizer-se que uma multidão de homens fascinantes se amontoava diante da sua porta.

Mas não era o momento de se preocupar com o jantar, mas de pensar nas suas alunas, de modo

que se dirigiu para os vestiários. Ali, pelo menos, a sua autoridade era absoluta.

Uma vez lá dentro, apoiou-se na porta fechada e respirou devagar e fundo. Perante si reinava o caos, mas um caos ao qual era imune. As raparigas conversavam com entusiasmo, ajudavam-se umas às outras a vestir os fatos ou ensaiavam os passos pela última vez. Uma das bailarinas mais velhas executava plié, enquanto algumas meninas de cinco anos andavam a brincar com uma sapatilha de ballet. Era o alvoroço típico nos bastidores.

Lindsay endireitou-se, levantando a voz.

- Dêem-me atenção, por favor! - o seu tom afável elevou-se acima do falatório e atraiu todos os olhares para ela. - Começaremos dentro de dez minutos. Beth, Josey - dirigiu-se a duas das bailarinas mais velhas, - ajudem as mais pequenas.

Consultou o seu relógio, perguntando-se porque a pianista se atrasava tanto. Se a desgraça se consumasse, utilizaria o leitor de CDs.

Baixou-se para ajustar o maio de uma jovem aluna e enfrentou os nervos e as perguntas das outras.

- Menina Dunne, não sentou o meu irmão na primeira fila, pois não? Faz-me caretas. Horríveis!

- Está na segunda fila a começar de trás repôs Lindsay, com a boca cheia de ganchos, enquanto dava os últimos toques ao penteado de uma aluna.

- Menina Dunne, estou preocupada com a segunda série dejetés.

- Fá-lo como no ensaio. De certeza que o farás maravilhosamente.

- Menina Dunne, Kate pintou as unhas de vermelho.

- Hum... - Lindsay olhou novamente para o relógio.

- Menina Dunne, sobre os fouettés...

- Cinco, mais nada.

- Deveríamos maquilhar-nos para que não nos vejam tão pálidas no palco - queixou-se uma bailarina de pouca idade.

- Não! - exclamou Lindsay, taxativamente, reprimindo um sorriso. - Monica, graças a Deus! - exclamou, aliviada, quando uma jovem atraente entrou pela porta das traseiras. Estava prestes a utilizar o CD.

- Lamento chegar tarde - Monica sorriu alegremente, enquanto fechava a porta atrás de si.

Com vinte anos, Monica Anderson era uma jovem atraente e saudável. O seu cabelo espesso loiro emoldurava um semblante de feições sardentas e olhos castanhos, grandes e vivazes. De figura alta e atlética, possuía o coração mais puro que Lindsay alguma vez conhecera. Recolhia gatos vadios, estava sempre disposta a ouvir toda a gente e, apesar de qualquer discrepância, nunca pensava mal de ninguém. Lindsay gostava dela pela sua bondade genuína.

Além disso, Monica possuía um verdadeiro talento para o piano. Sabia manter o tempo, interpretando fielmente os clássicos, sem floreios que pudessem distrair as bailarinas. No entanto,

disse para si Lindsay, suspirando, não era obcecada com a pontualidade.

- Faltam cerca de cinco minutos - recordou Lindsay a Monica, enquanto esta dirigia as suas curvas generosas para a porta.

- Não há problema. Vou já. Esta é Ruth continuou a dizer Monica, indicando a rapariga que permanecia de pé, junto da porta. - É bailarina.

Lindsay fixou a sua atenção na jovem de olhos amendoados e lábios carnudos. O seu cabelo, liso e preto, emoldurava um semblante pequeno e triangular, e caía sobre as suas omoplatas. As suas feições, algo irregulares, não eram grande coisa individualmente, mas combinadas eram arrebatadoras. Era uma jovem prestes a tornar-se mulher. Embora o seu porte fosse relaxado e cheio de confiança, havia algo nos seus olhos que denotava incerteza e nervosismo. Aqueles olhos fizeram com que Lindsay esboçasse um sorriso afectivo e lhe estendesse a mão.

- Olá, Ruth!

- Tocarei uma abertura rápida para acalmar os ânimos - indicou Monica. No entanto, quando se virou para sair, Ruth agarrou-lhe na manga.

- Mas, Monica...! - protestou a rapariga.

- Oh, Ruth quer falar contigo, Lindsay! sorriu alegremente, mostrando os dentes, enquanto se virava novamente para a porta. Não te preocupes - disse à rapariga. - Lindsay é muito simpática, garanto-te - garantiu enquanto recuava para a porta que conduzia ao estúdio.

Lindsay abanou a cabeça, divertida, mas, ao virar-se, viu que Ruth corara. Dado que possuía uma capacidade notável para lidar com desconhecidos, era capaz de perceber imediatamente quem precisava dela. Tocou ligeiramente no braço da rapariga.

- Monica é única - sorrindo novamente, prosseguiu: - Agora, se me ajudares com as bailarinas, poderemos falar.

- Não quero estorvar, menina Dunne.

Em resposta, Lindsay apontou para a confusão do vestiário.

- Dava-me jeito um pouco de ajuda.

Era perfeitamente capaz de organizar as bailarinas sozinha, mas compreendeu, ao ver como Ruth relaxava, que o seu gesto fora o apropriado. Intrigada, observou os movimentos da rapariga, reconhecendo nela uma graciosidade natural, um estilo culto. Depois, concentrou toda a sua atenção nas suas alunas. Passado pouco tempo, o silêncio voltava a reinar na sala.

Lindsay abriu a porta, fez um sinal rápido a Monica e a música começou a tocar enquanto as alunas mais jovens de Lindsay deslizavam para o palco.

- São tão engraçadas com esta idade! murmurou. - São poucas as coisas que fazem mal - as primeiras piruetas já tinham arrancado alguns aplausos. - Postural! - sussurrou às pequenas bailarinas. Depois, dirigindo-se a Ruth, perguntou: - Há quanto tempo estudas?

- Desde os cinco anos.

Lindsay assentiu sem desviar os olhos das pequenas artistas.

- Que idade tens?

- Dezassete anos - Ruth respondeu com uma determinação tal, que Lindsay arqueou um sobrolho.

- Fi-los no mês passado - acrescentou quase à defesa.

Lindsay sorriu, embora continuasse a observar as bailarinas.

- Eu também tinha cinco anos quando comecei. A minha mãe ainda guarda as minhas primeiras sapatilhas de ballet.

- Vi-a dançar no Dom Quixote - disse Ruth, rapidamente. Lindsay virou-se, para ver que a rapariga olhava para ela com o lábio inferior preso entre os dentes.

- A sério? Quando?

- Há cinco anos, em Nova Iorque. Foi magnífica - nos olhos de Ruth havia tal expressão de admiração, que Lindsay levantou uma mão até à sua face. Ruth ficou rígida, mas Lindsay, desconcertada, sorriu de qualquer modo.

- Obrigada. Sempre foi o meu bailado preferido. Tão cheio de luz e de fogo...

- Um dia, interpretarei a Dulcineia - parte do nervosismo desaparecera da voz de Ruth.

Agora, os seus olhos olhavam directamente para os de Lindsay.

Observando-a, Lindsay disse para si que nunca vira um físico mais adequado para o papel.

- E queres continuar a estudar?

- Sim - Ruth humedeceu os lábios. Lindsay inclinou a cabeça, sem deixar de a observar.

- Comigo?

Ruth assentiu antes que a palavra brotasse dos seus lábios. -Sim.

- Amanhã é sábado - disse Lindsay, enquanto fazia uma indicação com a mão ao grupo seguinte de bailarinas. - A primeira aula é às dez horas. Podes vir às nove horas? - as pré-escolares triunfantes regressaram ao camarim. - Eu gostava de confirmar que nível tens para saber onde te pôr. Traz as tuas sapatilhas de ballet.

Os olhos de Ruth brilharam, entusiasmados.

- Sim, menina Dunne. Às nove horas em ponto.

- Também gostaria de falar com os teus pais, Ruth, se um ou ambos puderem acompanhar-te.

Monica variou o tempo para apresentar o grupo seguinte.

- Os meus pais morreram num acidente há alguns meses.

Lindsay ouviu a declaração tímida, enquanto fazia o grupo sair do palco. Por cima das cabeças das raparigas, os seus olhos encontraram-se com os de Ruth. Viu que a luz que havia neles se apagou.

- Oh, Ruth, lamento imenso! - a tristeza e a consternação tornaram o seu tom mais profundo. Sabia o que era a tragédia. Mas Ruth abanou bruscamente a cabeça, fugindo ao contacto da sua mão. Reprimindo a necessidade instintiva de a consolar, Lindsay ficou em silêncio enquanto a rapariga recuperava a compostura. Reconheceu nela uma pessoa muito reservada, que ainda não estava disposta

a partilhar as suas emoções.

- Vivo com o meu tio - prosseguiu Ruth, sem sinal de emoção na sua voz, baixa e suave. - Acabámos de nos instalar numa casa nos subúrbios da vila.

- A casa da falésia - um interesse renovado cintilou nos olhos de Lindsay. - Ouvi dizer que a tinham vendido. É uma casa extraordinária.

Ruth limitou-se a olhar para o vazio.

"Odeia-a", decidiu Lindsay, sentindo uma nova pontada de compaixão. "Odeia tudo o que esteja relacionado com ela."

- Bom, nesse caso, talvez o teu tio possa vir contigo. Se houver algum inconveniente, ele que me telefone. O meu nome está na lista e é importante falar com ele antes de estabelecer os teus horários.

Um sorriso súbito iluminou o semblante de Ruth.

- Obrigada, menina Dunne.

Lindsay virou-se para sossegar algumas jovens. Quando voltou a olhar, Ruth já se fora embora.

"Uma rapariga estranha", disse para si, enquanto mimava uma das meninas, pegando-lhe ao colo. "Solitária." Aquele parecia um termo muito adequado e Lindsay acariciou o pescoço da menina com o nariz. Ela não conhecera muita solidão na sua vida, mas sabia identificá-la. Entristecia-a vê-la reflectida nos olhos de alguém tão jovem.

Perguntou-se como seria o seu tio, enquanto via as suas alunas de nível intermédio interpretarem uma peça breve da Bela Adormecida. Seria amável? Compreensivo? Pensou novamente naqueles olhos grandes e escuros, e suspirou.

Monica encontrara outra criatura abandonada e Lindsay compreendeu que já teria começado a ganhar-lhe carinho. Sorrindo, beijou a face da pequena bailarina e depois largou-a.

"Amanhã", disse para si Lindsay, "veremos se está capacitada para a dança".

Lindsay começou a perguntar-se se a chuva duraria eternamente. Estava confortável e abrigada na sua cama, mas a noite foi avançando e não conseguia dormir.

Era estranho, disse para si, porque normalmente o repicar da chuva e a colcha suave que a envolvia tê-la-iam induzido ao sono. Talvez fosse o vestígio da tensão do recital que mantinha a sua mente alerta.

Correra tudo bem, recordou, satisfeita. As meninas, apesar das suas poses hesitantes, tinham estado tão adoráveis como ela esperara e as mais velhas tinham utilizado toda a graciosidade e desenvoltura que Lindsay poderia ter-lhes pedido.

Oxalá tivesse mais rapazes nas suas aulas! Suspirou. Tinha de tirar isso da cabeça.

O recital correra bem e as suas alunas estavam contentes. Algumas tinham demonstrado ter potencial. No entanto, os seus pensamentos depressa derivaram para aquela rapariga morena, Ruth.

Lindsay vira ambição nela, mas perguntava-se se também encontraria talento. Recordando os olhos de Ruth, a necessidade e vulnerabilidade que havia neles, esperou que assim fosse.

"Quer interpretar a Dulcineia", recordou com um sorriso triste. Sentiu uma pontada de amargura, sabendo quantas esperanças podiam ver-se frustradas no mundo da dança. Só podia esperar que aquele não fosse o caso de Ruth, pois algo naquela cara jovem e triste tocara no seu ponto sensível. Noutros tempos, interpretar a Dulcineia fora o desejo mais fervoroso da própria Lindsay.

Fechou os olhos, mas a sua mente continuou a divagar.

Por um momento, pensou em ir à cozinha para preparar um pouco de chá ou um chocolate quente. Suspirou na escuridão. O ruído acordaria a sua mãe. Mae tinha o sono muito leve, sobretudo quando chovia. Lindsay sabia quão difícil era para a sua mãe enfrentar todas as contrariedades que sofrera. A tragédia.

A anca dorida de Mae era uma lembrança constante da morte do seu marido. Lindsay sabia que a sua mãe nem sempre fora feliz, mas o seu pai sempre a apoiara em silêncio. Perdê-lo fora um golpe duro para Mae, que saíra de um coma num estado de confusão e dor, incapaz de compreender como perdera o seu marido.

Lindsay sabia que nunca conseguiria esquecer a morte do seu marido, as suas próprias feridas, a terapia dolorosa e o fim brusco da carreira da sua filha.

E agora que Mae começava a aceitar a perda do seu marido, disse para si Lindsay, e era capaz de se mexer com mais alguma desenvoltura, só conseguia pensar em que a sua filha voltasse a ter a sua carreira de bailarina.

Lindsay deitou-se de lado, pondo o braço por debaixo da almofada. A chuva açoitava os vidros da janela, esporeada pelo vento. O que seria necessário para que a sua mãe se resignasse a algo que era inevitável?, perguntou-se. O que seria necessário para que se sentisse feliz? Seria isso possível?

Recordou a expressão de Mae enquanto permanecia ao pé das escadas, naquela tarde. Com aquela imagem regressaram as sensações familiares de culpa e impotência.

Pondo-se de barriga para cima, Lindsay cravou a vista no tecto. Tinha de parar de pensar naquilo. Era por causa da chuva, disse para si. Simplesmente, por causa da chuva. Para aliviar a sua insónia, começou a rever os acontecimentos do dia.

Tivera uma bela tarde! Agora, todas aquelas diversas complicações lhe arrancaram um sorriso. No entanto, tendo em conta que fora uma tarde de sexta-feira, em que as raparigas mais velhas costumam pensar unicamente nos encontros de sábado e as mais pequenas no sábado em si, correria tudo bastante bem. À excepção do maldito carro!

Ao pensar no carro avariado, a lembrança daquele homem à chuva veio à cabeça de Lindsay. Franzindo o sobrolho, virou a cabeça para o armário. Na escuridão quase absoluta, era impossível distinguir a porta e, ainda menos, o interior. Mas Lindsay manteve o sobrolho franzido.

"Pergunto-me", disse para si, "se voltará por causa do casaco".

Fora tão grosseiro com ela! A sua indignação foi aumentando, substituindo o seu abatimento anterior. Lindsay preferia assim. Considerar-se-ia assim tão superior?

"Se sair quando estiver a chover..." Imitou, mentalmente, a sua voz baixa e circunspecta.

Uma voz extraordinariamente atraente, disse para si. Era uma pena que pertencesse a um homem tão desagradável.

"Trôpega", disse para si, deitando, novamente, faíscas. "Teve a desfaçatez de me chamar trôpega!" Pôs-se de barriga para baixo e bateu na almofada antes de repousar a cabeça nela.

"Espero que volte por causa do casaco", decidiu. "Desta vez, encontrar-me-á preparada."

Sentiu um grande prazer ao imaginar uma gama variada de situações, nas quais ele regressava para reclamar o casaco emprestado.

Com altivez, desdém, condescendência... ela teria a frigideira na mão e humilharia aquele homem indecente, cujos olhos e maçãs do rosto a obcecavam agora.

Quando voltassem a encontrar-se, não estaria a chover. Ela não estaria em desvantagem, encharcada até aos ossos e a espirrar. Mostrar-se-ia criativa, inteligente... devastadora.

Lindsay sorriu para si, enquanto resvalava para o sono.

Três

A chuva formara poças. O sol da manhã brilhava na sua superfície, formando manchas coloridas, enquanto as gotas de água ainda impregnavam a erva. Um leve rasto de névoa cobria a terra. Andy ligou o aquecimento do carro para combater o frio, enquanto via Lindsay atravessar a porta principal da sua casa. Era, para ele, a criatura mais bonita do mundo. De facto, Andy sentia que Lindsay não pertencia ao mundo real. Era demasiado delicada, demasiado etérea para fazer parte da realidade terrestre.

E a sua beleza era tão pura, tão frágil... Produzia-lhe um nó no estômago cada vez que a via. Fora assim durante quinze anos.

Lindsay sorriu e levantou a mão como saudação, enquanto caminhava para o carro. No seu sorriso, Andy viu o carinho e a amizade que sempre lhe oferecera.

Devolveu-lhe tanto o sorriso, como a saudação. Não se iludia a respeito da sua relação com Lindsay. Eram amigos e ponto. Nunca seriam mais nada. Nem uma só vez, durante o tempo que se conheciam, ela o animara a atravessar os limites da amizade.

Não era para ele, disse para si Andy, enquanto Lindsay atravessava a grade. Mas sentiu a onda de excitação habitual quando Lindsay abriu a porta do carro e se sentou ao seu lado. O seu cheiro era o mesmo de sempre, leve e fresco, com um toque de mistério. Andy sentia-se sempre demasiado volumoso quando estava junto dela, demasiado corpulento e trôpego.

Lindsay sorriu e deu-lhe um beijo rápido e afectuoso na face larga.

- Salvaste-me a vida, Andy - observou o seu rosto, considerando-o tão agradável como sempre: os olhos pretos, dignos de confiança, os ossos fortes, o cabelo ligeiramente despenteado... fazia-a sentir-se confortável e ligeiramente maternal. - Agradeço-te muito que me levas ao estúdio.

Ele encolheu os seus ombros largos. A excitação já se transformara no calor familiar que sentia sempre quando ela estava por perto.

- Sabes que não é nenhum incómodo.

- Sim, eu sei - admitiu Lindsay, enquanto

Andy se afastava do passeio. - Por isso, agradeço ainda mais - como tinha por hábito, pôs-se de lado no banco enquanto falava. O contacto pessoal era vital para ela. - Hoje, a tua mãe vai visitar a minha.

- Eu sei - Andy conduziu rua abaixo com a atenção relaxada de quem percorrera o mesmo caminho vezes incontáveis. - Quer convencê-la a fazer aquela viagem à Califórnia, este Inverno.

- Espero que se anime - por um momento, Lindsay evocou mentalmente o semblante inquieto e infeliz da sua mãe. - Far-lhe-ia bem uma mudança de ares.

- Como está?

Lindsay exalou um longo suspiro. Não havia nada de que não pudesse falar com Andy. Não tivera

um amigo mais próximo desde a infância.

- Fisicamente, está muito melhor. Melhorou muito nestes últimos três meses. Mas de resto... - entrelaçou os dedos e depois virou as palmas para cima, um gesto que nela equivalia a encolher os ombros. - Sente-se frustrada, irritável, inquieta. Quer que volte para Nova Iorque, para me dedicar à dança. Não admite outra coisa. Recusa-se a aceitar que é praticamente impossível eu retomar a minha carreira onde a deixei. Passaram três anos - abanou a cabeça e sumiu-se num silêncio pensativo. Andy deu-lhe um minuto de trégua.

- E tu queres voltar?

Lindsay voltou a olhar para ele. Embora tivesse franzido, repentinamente, o sobrolho, era de concentração, não de enfado.

- Não sei. Acho que não. Sinto-me satisfeita aqui, mas...

- Mas? - Andy virou à esquerda e cumprimentou, com ar ausente, dois adolescentes de bicicleta.

- Eu adorava o meu trabalho, embora o ritmo de vida fosse quase brutal. E disse "eu adorava" - Lindsay sorriu, relaxando contra o banco. - No passado. Mas a minha mãe empenha-se em falar no presente. Mesmo que quisesse voltar, mesmo que o desejasse desesperadamente, as probabilidades de a companhia voltar a admitir-me seriam escassas - os seus olhos desviaram-se para as casas conhecidas. Agora, em muitos aspectos, o meu lugar é aqui. Sabe bem estar em casa. Lembras-te daquela noite em que invadimos a casa da falésia? - os seus olhos voltaram a iluminar-se, risonhos. Andy respondeu com um sorriso.

- Estava morto de medo. Juro-te que vi o fantasma.

Lindsay deixou escapar uma gargalhada ligeira, borbulhante.

- Com ou sem fantasma, é o lugar mais fantástico que já vi. Sabes? Finalmente, venderam-na.

- Sim, já sabia - Andy olhou para ela. Lembro-me que juraste que, um dia, viverias naquela casa.

- Éramos muito jovens - murmurou Lindsay, mas a tristeza que a lembrança lhe provocou era quente, não desagradável. - Queria viver por cima da vila e sentir-me importante. Todos aqueles quartos magníficos, aqueles corredores intermináveis... - recordou em voz alta.

- Aquela casa é um labirinto - observou Andy, num tom pouco romântico. - Fizeram-lhe muitas reformas.

- Espero que não tenham estragado o ambiente.

- Referes-te às teias de aranha e aos ratos? Lindsay franziu o nariz.

- Não, tolo! Refiro-me à grandiosidade, à magnificência, à arrogância. Sempre a imaginei com os jardins em flor e as janelas abertas para as festas.

- Aquelas janelas não são abertas há mais de uma década e o jardim está coberto pela pior erva daninha de Nova Inglaterra.

- Não tens visão - disse ela, num tom grave.

- Bom - prosseguiu, - a rapariga com quem combinei encontrar-me esta manhã é sobrinha do

novo proprietário da casa. Sabes algo dele?

- Não. Talvez a minha mãe saiba algo; está sempre a par das últimas intrigas.

- Gostei da rapariga - murmurou Lindsay, recordando a beleza triste de Ruth. - Parece um pouco perdida. Eu gostaria de a ajudar.

- Achas que precisa que a ajudem?

- Parecia um passarinho inseguro. Pergunto-me como será o seu tio.

Andy parou no estacionamento do estúdio.

- Que defeitos poderias encontrar no homem que acabou de comprar a casa da falésia?

- De certeza que muito poucos - concordou Lindsay, fechando a porta, enquanto Andy fechava a sua.

- Vou dar uma olhadela ao teu carro - propôs ele, enquanto se aproximava do veículo e levantava o capô. Lindsay colocou-se ao seu lado. Olhou para o motor, franzindo o sobrolho.

- Tem um aspecto horrível.

- Convinha levá-lo à revisão de vez em quando - Andy fez uma careta, enquanto olhava para o motor coberto de sujidade, depois reparou, com desagrado, nas velas. - Sabes? É necessário repor outras coisas para além da gasolina.

- Sou um desastre com a mecânica - disse Lindsay, despreocupadamente.

- Não é preciso ser-se mecânico para se cuidar minimamente de um carro - começou a dizer Andy e Lindsay deixou escapar um resmungo.

- Um sermão! É melhor declarar-me culpada - rodeou-lhe o pescoço com os braços e beijou-lhe as faces. - Sou uma incompetente. Perdoa-me.

Lindsay observou o seu sorriso, precisamente quando outro carro parava no estacionamento. Com os braços ainda no pescoço de Andy, virou a cabeça.

- Deve ser Ruth - pensou em voz alta, antes de o largar. - Agradeço-te muito que vejas o carro, Andy. Se for algo terminal, dá-me a notícia com delicadeza.

Ao virar-se para cumprimentar Ruth, Lindsay ficou estupefacta. O homem que se aproximava com a rapariga era alto e moreno. Lindsay sabia como era a sua voz sem necessidade de que falasse. Tal como conhecia o seu gosto em casacos.

- Incrível! - murmurou entredentes. Os olhos de ambos encontraram-se. Lindsay decidiu que não era um homem que se surpreendesse com facilidade.

- Menina Dunne? - perguntou, dubitativamente, Ruth. A surpresa, a angústia e a irritação liam-se facilmente no rosto de Lindsay.

- O quê? - Lindsay ficou a olhar para ela durante um momento. - Oh, sim! - respondeu, rapidamente. - Desculpa. Tive problemas com o carro, estava um pouco distraída. Ruth, este é o meu amigo, Andy Moorefield. Andy, Ruth...

Andy sorriu, brincalhão, e estendeu as mãos sujas de óleo, pelo que ficaram descartados os

apertos de mão.

- Menina Dunne - o tom de Seth era tão neutro, que Lindsay disse para si que talvez não a tivesse reconhecido. No entanto, uma olhadela fugaz ao seu semblante invalidou tal teoria. A sua expressão era de reconhecimento brincalhão. Mesmo assim, apertou-lhe a mão com uma educação indisputável, os seus dedos travando um breve, mas firme, contacto com os dela. "Eu também posso jogar ao mesmo", decidiu Lindsay.

- Senhor Bannion - disse, num tom educadamente distante. - Agradeço-lhe que tenha vindo com Ruth esta manhã.

- É um prazer - respondeu ele. Lindsay olhou para ele com receio.

- Vamos entrar - disse, dirigindo-se directamente a Ruth. Enquanto se dirigiam para a porta, despediu-se de Andy com a mão e, depois, procurou as chaves nos bolsos do casaco.

- É muito amável ao receber-me tão cedo, menina Dunne - começou a dizer Ruth. A sua voz era muito parecida com o que fora na noite anterior: baixa, com um ligeiro tremor que denunciava uns nervos mal contidos. Lindsay reparou que não largava o braço do seu tio. Sorriu, tocando no ombro da rapariga.

- Na primeira vez, prefiro sempre receber as minhas alunas individualmente - Lindsay sentiu uma leve resistência e retirou a mão. Diz-me - prosseguiu, enquanto abria a porta do estúdio, - com quem estudaste?

- Tive vários professores - respondeu Ruth, enquanto entrava. - O meu pai era jornalista. Estávamos sempre a viajar.

- Compreendo - Lindsay levantou os olhos para Seth, mas a expressão deste continuava a ser neutra. - Tenha a amabilidade de ficar à vontade, senhor Bannion - disse, igualando a sua cortesia impecável. - Ruth e eu trabalharemos na barra durante alguns minutos.

Seth limitou-se a assentir levemente, mas Lindsay reparou que acariciava suavemente a mão de Ruth, antes de se dirigir para uma das cadeiras.

- As aulas são reduzidas - começou a tirar o casaco. - Para uma vila pequena, temos muitas alunas, mas não num número exagerado - sorriu a Ruth e depois pôs umas pernas brancas sobre os collants verdes. Usava uma saia de gaze verde-mar. Lindsay reparou, de repente, que a cor era idêntica à dos olhos de Seth. Franziu o sobrolho enquanto calçava as sapatilhas de ballet.

- Mas gosta de ensinar, não gosta? - Ruth permanecia a alguns passos dela. Lindsay levantou a cabeça para olhar, magra e insegura, com um maio cor-de-rosa que realçava a sua tez morena. Lindsay alterou a sua expressão antes de se endireitar.

- Sim, gosto. Primeiro, os exercícios de barra - acrescentou, fazendo um sinal a Ruth enquanto se situava junto da parede coberta de espelhos. Pondo uma mão na barra, indicou à rapariga que se colocasse diante dela. - Primeira posição.

As duas figuras moveram-se simultaneamente no espelho. As duas mulheres permaneciam juntas,

a sua altura e compleição física quase idênticas. Uma era toda ela luz, a outra levantava-se como uma sombra escura, à espera.

- Grandplié.

Aparentemente sem esforço, curvaram de forma pronunciada os joelhos. Lindsay observou as costas de Ruth, as suas pernas e os seus pés, comparando a postura e o estilo.

Lentamente, foi abordando as cinco posições com Ruth. Observou que executava os pliés e os batements satisfatoriamente. Lindsay pôde ver, simplesmente pelo gesto de um braço ou o movimento de uma perna, o amor de Ruth pela dança. Lembrou-se de si mesma uma década antes, jovem, cheia de esperanças e aspirações.

Sorriu, vendo-se a si mesma em Ruth. Era-lhe fácil criar uma ligação com a rapariga e esquecer-se de tudo o resto, enquanto ambas se moviam coordenadamente. Enquanto o seu corpo se esticava, a sua mente movia-se em estreita harmonia.

- Pontas - disse, de repente, e afastou-se para mudar o CD. Enquanto o fazia, os seus olhos pousaram em Seth. Estava a olhar para ela e disse para si que poderia haver algo relaxante nos seus olhos se não fossem tão inflexivelmente directos. Mesmo assim, Lindsay sustentou o seu olhar enquanto punha um CD de Tchaikovsky.

- Ainda falta cerca de meia hora, senhor Bannion. Apetece-lhe uma chávena de café?

Ele não respondeu com a rapidez que ela teria esperado, tratando-se de uma pergunta informal. Aqueles dez segundos de silêncio deixaram Lindsay, estranhamente, sem fôlego.

- Não - Seth fez uma pausa e ela sentiu um formigueiro na pele. - Obrigado.

Ao virar-se, Lindsay reparou que os seus músculos, que tinham relaxado na barra, voltavam a ficar tensos. Amaldiçoou entredentes, embora não soubesse se a Seth ou a si mesma. Depois de fazer um sinal a Ruth para que se pusesse no meio da sala, Lindsay regressou à barra. Começaria por um adagio, com passos lentos e seguros, confirmando tanto o equilíbrio, como o estilo e a presença. Com excessiva frequência, encontrava nas suas alunas um desejo de executar apenas passos espectaculares: pirouettes vertiginosas, fouettés, jetés. A beleza de um movimento prolongado e lento costumava ser esquecida.

- Estás pronta?

- Sim, menina Dunne.

A rapariga perdera toda a timidez, disse para si Lindsay. Captou a luz dos olhos de Ruth.

- Quarta posição, pirouette, quinta - a execução foi impecável, a linha, excelente. Quarta posição, pirouette - satisfeita, Lindsay começou a mover-se num círculo lento à volta de Ruth. - Arabesque. Outra vez. Posição, pára. Plié.

Lindsay podia ver que Ruth tinha talento e, o que era mais importante, possuía a resistência e o vigor necessários. Fora agraciada com a compleição e o semblante de uma bailarina clássica. Cada um dos seus movimentos expressava o seu amor por aquela arte. E Lindsay reagiu perante a sua paixão. Em parte, lamentava os sacrifícios e as renúncias que aguardavam Ruth, mas a sua alegria eclipsava

qualquer reparo. Perante si, tinha uma bailarina que poderia triunfar. Lindsay reparou que a excitação a embargava. "Vou ajudá-la", disse para si. "Ainda há muita coisa que tem de aprender. Ainda não sabe utilizar os braços e as mãos. Tem de aprender a expressar mais emoções através da sua cara e do seu corpo. Mas é boa. Muito, muito boa..."

Tinham passado perto de quarenta e cinco minutos.

- Relaxa - disse Lindsay, enquanto desligava o leitor de CDs. - Parece que os teus professores fizeram um bom trabalho - ao virar-se, viu que a ansiedade voltara aos olhos de Ruth. Instintivamente, aproximou-se dela e pôs-lhe as mãos nos ombros. A resistência foi silenciosa, porém, ao senti-la, Lindsay retirou as mãos. - Não é necessário que te diga que tens muito talento. Não és estúpida.

Observou como as suas palavras surtiam efeito. A tensão pareceu desaparecer do corpo de Ruth.

- Para mim, significa imenso que mo diga. Surpreendida, Lindsay arqueou os sobrolhos.

- Porquê?

- Porque é a bailarina mais maravilhosa que alguma vez vi. E sei que, se não se tivesse retirado, agora seria a bailarina mais famosa do país. Também li artigos, nos quais se dizia que era a profissional mais promissora que a América tivera numa década inteira. Davidov escolheu-a como par e afirmou que era a melhor Julieta com que alguma vez dançara, e... Ruth interrompeu-se bruscamente, dando por acabado aquele discurso tão impróprio dela. A cor das suas faces intensificou-se.

Embora sinceramente comovida, Lindsay falou com calma para paliar o seu sobressalto.

- Sinto-me muito lisonjeada. Aqui, não estou habituada a ouvir esse tipo de comentários

- fez uma pausa, combatendo o impulso de tocar novamente no ombro da jovem. - As outras raparigas dir-te-ão que posso ser uma professora muito exigente e rigorosa com as minhas alunas mais avançadas. Terás de trabalhar muito.

- Não me importo - o brilho de antes voltara aos olhos de Ruth.

- Diz-me, Ruth, o que queres?

- Dançar. Ser famosa - respondeu, imediatamente, a rapariga. - Como você.

Lindsay emitiu um leve risinho e abanou a cabeça.

- Eu só queria dançar - por um momento, a sua alegria escureceu. - A minha mãe queria que fosse famosa. Vá, vai mudar de calçado! exclamou, animadamente. - Quero falar um pouco com o teu tio. A aula de nível avançado é ao sábado, à uma hora e a de pontas é às duas e meia. Sou muito rigorosa no que se refere à pontualidade - virando-se, concentrou-se em Seth. - Senhor Bannion... vamos para o meu escritório?

Sem aguardar uma resposta, Lindsay dirigiu-se para a sala contígua.

Quatro

Dado que queria deixar clara a sua autoridade desde o início, Lindsay colocou-se atrás da mesa. Sentia-se segura e competente, a anos-luz de como se sentira da primeira vez que se encontrara com Seth. Sentou-se, convidando-o, com um gesto, a fazer o mesmo.

Ignorando a indicação, ele permaneceu de pé e observou as fotografias que estavam penduradas na parede. Lindsay viu que prestava especial atenção a uma fotografia onde aparecia com Nick Davidov, no último acto de Romeu e Julieta.

- Consegui arranjar um cartaz deste bailado e enviei-o a Ruth há alguns anos. Ainda o tem pendurado no seu quarto - Seth virou-se, mas não se aproximou dela. - Admira-a imenso.

Embora o seu tom fosse neutro, Lindsay compreendeu que, para ele, a admiração implicava responsabilidade. Franziu o sobrolho, não porque lhe desagradasse assumir uma responsabilidade, mas pelo facto de ele a impor.

- Como tutor de Ruth - começou a dizer, evitando o seu comentário, - penso que deveria saber exactamente o que fará aqui, o que se espera dela, como são organizadas as aulas, etc.

- Acho que você é a perita nessa área, menina Dunne - a voz de Seth era calma, mas Lindsay não tinha a certeza de que pensasse o que dizia. Mais uma vez, estava a percorrer cada centímetro do seu semblante com os olhos. Era estranho, disse para si, que as suas maneiras e o seu tom fossem tão formais, enquanto o seu olhar era tão pessoal.

Mudou de posição, repentinamente incomodada.

- Como tutor de Ruth...

- Como tutor de Ruth - interrompeu-a Seth, - sei que, para ela, estudar ballet é tão essencial como respirar - aproximou-se tanto que Lindsay teve de levantar ligeiramente a cabeça para continuar a olhar para ele nos olhos. Também sei que terei de confiar em si... até certo ponto.

Lindsay arqueou um sobrolho, sentindo curiosidade.

- Até que ponto?

- Dentro de algumas semanas saberei melhor.

Eu gosto de dispor de informação mais completa antes de me decidir sobre algo - os olhos que permaneciam cravados no rosto dela semicerraram-se levemente. - Ainda não a conheço bem.

Lindsay assentiu, um pouco incomodada, embora sem saber exactamente porquê.

- Nem eu a si.

- É verdade - Seth recebeu a resposta sem sequer mudar de expressão. - Pressuponho que esse é um problema que poderemos resolver com o tempo.

Durante o resto do dia, os pensamentos de Lindsay voltaram a concentrar-se, várias vezes, em Seth Bannion. Que tipo de pessoa era? Exteriormente, parecia tratar-se de um homem bastante

convencional. Mas havia algo mais. Não se tratava apenas do carácter forte que tivera oportunidade de sentir no seu primeiro encontro. Vira algo nos seus olhos, experimentara algo ao sentir o seu contacto. Era uma energia que ia além do puramente físico.

Lindsay sabia que, regra geral, os vulcões pareciam tranquilos e aprazíveis por fora, mas, por baixo, havia sempre algo incandescente e perigoso.

"Não te diz respeito!", recordou a si mesma, mas a sua mente voltava para ele com mais frequência do que gostaria. Aquele homem interessava-lhe. Tal como a sua sobrinha.

Lindsay observou Ruth durante as duas primeiras aulas, procurando nela algo mais do que técnica e movimento. Queria conhecer a sua atitude e a sua personalidade. No entanto, era-lhe difícil atingir as barreiras que a rapariga erguera à sua volta. Não fazia nenhuma tentativa para se relacionar com as suas colegas e rejeitava todas as tentativas de aproximação. Não se mostrava antipática, nem descortês com as outras, simplesmente distante.

Lindsay sabia que, irremediavelmente, acabariam por a rotular de snobe. Mas não era snobismo, disse para si, enquanto executava alguns glissades com a turma. Era uma insegurança arrebatadora. Lindsay recordou como Ruth se afastara imediatamente quando lhe pusera as mãos nos ombros. Como se agarrara a Seth antes da primeira sessão.

"Ele é a sua âncora neste momento; pergunto-me se se dará conta disso", pensou. "Até que ponto conhecerá as dúvidas e os medos da sua sobrinha, e o que os causa? Até que ponto lhe importará?"

Lindsay fez a demonstração de um movimento, elevando o corpo sem esforço, enquanto levantava lentamente os braços.

Incomodava-a que Seth entrasse, outra vez, nos seus pensamentos. Afastando-o da sua mente, concentrou-se plenamente na última aula. No entanto, quando todas as alunas já tinham saído e ficou a sós, as suas defesas foram-se abaixo. Recordou como a explorara com os olhos, o tom calmo e neutro da sua voz. Problemas, disse para si, enquanto organizava os CDs. Complicações.

"Estou a começar a desfrutar de uma vida sem complicações."

Olhou à sua volta com um sorriso de satisfação.

"O meu estúdio", disse para si, orgulhosa. "Estou a levá-lo avante. Talvez seja modesto e esteja cheio de raparigas que nunca dançarão nada, excepto rock do mau quando tiverem passado dos dezasseis anos, mas é meu. Ganho a vida a fazer algo de que gosto. Que mais posso desejar?"

Os seus olhos viram-se irresistivelmente atraídos para o CD que ainda tinha na mão. Sem hesitar, introduziu-o no leitor.

Adorava as suas alunas e gostava de as ensinar, mas também gostava das ocasiões em que o estúdio ficava vazio. Encontrara grandes satisfações durante os três anos que estava a dar aulas, mas havia algo íntimo, quase enriquecedor, em dançar pelo puro prazer de o fazer. Era algo que a sua mãe nunca compreendera. Para Mae, o ballet era um compromisso, uma obsessão. Para Lindsay, era um prazer, um amante.

Ruth fazia com que se lembrasse de Dulcineia. Sempre fora um dos papéis preferidos de Lindsay, pelo seu entusiasmo e o seu poder. Enquanto a música enchia a sala, recordou, vividamente, o fluxo do movimento e a força.

A música era rápida e apaixonadamente espanhola, e Lindsay respondeu-lhe com brio. O seu corpo ganhou vida com a necessidade de dançar. O desafio da história apoderou-se dela e Lindsay expressou-o com movimentos marcados dos braços e soubresauts. Havia energia e juventude naqueles passos curtos e rápidos.

Enquanto dançava, a saia suave de gaze reflectia-se no espelho, mas, na sua mente, Lindsay usava o tutu de renda preta e cetim vermelho. Tinha uma rosa presa atrás da orelha e uma travessa espanhola no cabelo. Era Dulcineia, toda ela espírito e desafio, com energia suficiente para continuar a dançar eternamente. Quando a música se aproximou do clímax final, Lindsay iniciou os fouettés. Rodou e rodou sem parar, com prontidão e estilo. Parecia-lhe que poderia continuar assim para sempre, como a bailarina de uma caixa de música, dando voltas sem esforço, deixando-se levar pela música. E, tal como a boneca parava com a música, ela parou. Pôs uma mão na cabeça e outra na cintura, preparando-se para o final.

-Bravo!

Lindsay levou as duas mãos ao coração acelerado e virou-se rapidamente. Ali, numa das pequenas cadeiras de madeira, estava Seth Bannion. Lindsay respirava ofegantemente pelo esforço da dança e pela surpresa de descobrir que não estava sozinha. Tinha os olhos muito abertos, ainda obscurecidos pela emoção, e a pele ardente.

A dança fora para si mesma, mas não sentiu nenhuma violação da sua privacidade. Não lhe guardava rancor por a ter partilhado com ela. Inclusive, a sua surpresa inicial começava a desvanecer-se, substituída pela certeza interior de que Seth compreendia o que fizera e porquê. Não combateu aquele sentimento, mas permaneceu imóvel enquanto ele se levantava e se dirigia para ela.

Seth manteve os seus olhos nos de Lindsay e esta sentiu que algo mais do que a simples falta de fôlego se agitava dentro do seu peito. Era um olhar longo, pessoal. O seu sangue, já aquecido pela dança, aqueceu ainda mais. Conseguia sentir como fervia sob a superfície da sua pele. Sentiu uma secura estranha na garganta. Levantou uma das mãos, que ainda tinha apertadas contra o peito, e levou-a aos lábios.

- Magnífico! - murmurou ele, com os olhos ainda fixos nos de Lindsay. Pegou-lhe na mão que tinha pressionada contra os lábios e aproximou-a dos seus. A pulsação ainda batia descontroladamente no pulso dela e ele acariciou-o, suavemente, com o polegar. - Faz com que pareça tão fácil! - comentou. - Não esperava que perdesse o fôlego - o sorriso que lhe dirigiu foi tão arrebatador como inesperado. Acho que deveria agradecer-lhe, embora a dança não fosse para mim.

- Não... não esperava que houvesse alguém

- tinha a voz tão tensa como os seus nervos e Lindsay tentou controlar ambos. Começou a retirar

a mão e surpreendeu-a ver que Seth resistia, agarrando mais um pouco nos seus dedos, antes de os largar.

- Não, eu vi que não esperava - Seth deu outra olhadela demorada ao seu semblante. Pedir-lhe-ia desculpa pela intromissão, mas não lamento absolutamente ter sido seu espectador.

Possuía um encanto consideravelmente maior do que Lindsay achava de início. Era-lhe difícil desvincular a sua reacção à música da reacção que Seth provocava nela. Pensou que as pequenas ondulações nos cantos das suas sobrancelhas eram fascinantes. Somente quando a esquerda se elevou um pouco compreendeu que ficara a olhar para elas, e que o divertia.

Incomodada com a sua própria falta de sofisticação, virou-se para o leitor de CDs.

- Não tem importância - disse, despreocupadamente. - Sempre trabalhei melhor diante do público. Querias falar comigo sobre alguma coisa?

- Os meus conhecimentos de ballet são muito limitados. A que obra pertencia essa peça?

- Dom Quixote - Lindsay voltou a guardar o CD na sua caixa. - Ruth recordou-ma ontem à noite - virou-se novamente para Seth, segurando o CD entre ambos. - Um dia, quer interpretar a Dulcineia.

- E fá-lo-á? - Seth tirou-lhe o CD da mão e pô-lo de lado, como se o obstáculo o incomodasse.

- Acho que sim. Possui um talento excepcional! - Lindsay olhou, directamente, para ele. - Para que voltou?

Ele sorriu outra vez, um sorriso lento e ousado que Lindsay sabia que as mulheres consideravam irresistível.

- Para a ver - respondeu e continuou a sorrir ao ver a surpresa reflectida, com clareza, no rosto dela. - E para falar de Ruth. Esta manhã, deixámos alguns pormenores pendentes.

- Pois! - Lindsay assentiu, preparada para assumir novamente o papel de professora. - Há muitas coisas de que devemos falar. Receio que, esta manhã, não parecesse muito interessado.

- Estou muito interessado - os olhos de Seth voltaram a cravar-se nos dela. - Venha jantar comigo.

Lindsay demorou um momento a reagir, pois a sua mente já se concentrara em Ruth.

- Jantar? - olhou, ingenuamente, para ele, enquanto tentava decidir o que lhe parecia a ideia de estar com ele. - Não sei se quero fazê-lo.

Ele arqueou os sobrolhos perante a sua franqueza, mas assentiu.

- Então, é porque não tem nenhuma objecção de peso. Irei buscá-la às sete horas - antes que Lindsay pudesse fazer algum comentário, dirigiu-se para a porta. - Já sei qual é a sua morada.

Quando o comprara, Lindsay pensara que o vestido cinzento seria simples e sofisticado ao mesmo tempo. Era um vestido de lã fina e suave, bastante justo, com gola chinesa. Vendo-se com olho crítico ao espelho, sentiu-se satisfeita. Oferecia uma imagem bastante diferente da desgraça encharcada e balbuciante que caíra numa poça da estrada; e ainda mais diferente da bailarina sonhadora e absorta na música.

A mulher que olhava para Lindsay do espelho era madura e segura de si mesma. Sentia-se tão

confortável com aquela imagem como com qualquer outra das suas facetas. Decidiu que aquele aspecto de Lindsay Dunne poderia enfrentar Seth Bannion com maior garantia de sucesso.

Lindsay escovou o cabelo comprido, posto sobre um ombro, e depois prendeu-o enquanto pensava em Seth.

Intrigava-a, talvez porque não conseguira catalogá-lo, como costumava fazer com todas as pessoas que conhecia. Tinha a sensação de que era um homem complexo e a complexidade sempre a interessara. Ou, talvez, disse para si, enquanto punha os brincos grossos de prata, o seu interesse se devesse a ter comprado a casa da falésia.

Aproximando-se do armário, Lindsay tirou o casaco de Seth e dobrou-o. De repente, pensou que não tinha um encontro há bastante tempo. Fora ao cinema e jantar fora com Andy, mas, ao pensar naquelas ocasiões, decidiu que não podiam considerar-se "encontros", nem pouco mais ou menos.

"Andy é como um irmão", pensou, brincando, inconscientemente, com a gola do casaco de Seth. Ainda tinha o seu cheiro, leve, mas inequivocamente masculino.

"Há quanto tempo não saio com um homem?", perguntou-se. Três meses? Quatro? Seis, concluiu com um suspiro. E, no decorrer dos três anos anteriores, apenas algumas vezes.

E antes? Lindsay desatou a rir-se e abanou a cabeça. Antes, os seus únicos encontros eram com as actuações do programa.

Lamentava-o? Por um momento, observou-se, seriamente, ao espelho. Via nele uma jovem, cujo aspecto frágil era enganador, cuja boca era generosa. Não, nunca lamentara. Como poderia lamentar? Tinha o que desejava e, fosse o que fosse o que sacrificara, fora compensado pelas satisfações.

Levantando o olhar, viu o reflexo das suas sapatilhas de ballet, penduradas sobre a cama. Pensativamente, acariciou, outra vez, a gola do casaco, antes de agarrar na mala.

Os seus saltos ecoaram, ligeiramente, nas escadas, enquanto descia. Um olhar rápido para o relógio de pulso disse-lhe que ainda faltavam alguns minutos. Depois de largar o casaco e a mala, Lindsay dirigiu-se ao quarto da sua mãe.

Desde a sua volta do hospital, Mae vira-se confinada ao rés-do-chão da casa. De início, as escadas tinham implicado um esforço excessivo para ela; depois, o hábito de as evitar acabara por se impor. O acordo proporcionava privacidade a ambas. As duas divisões situadas à frente da cozinha tinham sido dispostas como quarto e sala de estar para Mae. Durante o primeiro ano, Lindsay dormira no sofá da sala para poder ouvir a sua mãe, se esta precisasse dela. Ainda continuava a ter o sono leve, sempre alerta a qualquer ruído que pudesse haver a meio da noite.

Parou diante da porta do quarto, a ouvir o zumbido da televisão. Depois de chamar suavemente, abriu a porta.

-Mãe, eu...

Parou ao ver Mae sentada na poltrona reclinável. Tinha as pernas levantadas e estava virada para a televisão, mas a sua atenção concentrava-se no livro aberto no seu colo.

Lindsay conhecia bem o livro. Era grosso e comprido, com encadernação de pele. Praticamente, metade das suas páginas enormes estava a abarrotar de recortes de jornais e fotografias. Continha críticas profissionais, colunas de mexericos e entrevistas, todas concentradas na carreira de bailarina de Lindsay Dunne. Ali estava desde o primeiro artigo oferecido pelo Cliffside Daily até à crítica publicada no New York Times. A sua vida profissional, e uma boa parte da sua vida pessoal, estavam contidas naquele livro.

Como de costume, quando viu a sua mãe a ver o livro de recortes, Lindsay sentiu um sentimento de culpa e de impotência. Sentiu como a sua frustração aumentava enquanto entrava no quarto.

-Mãe!

Desta vez, Mae levantou o olhar. Os seus olhos cintilavam com um brilho de entusiasmo, que também se manifestava no rubor das suas faces.

- "Uma bailarina lírica" - citou, sem voltar a olhar para o recorte, - "dotada de uma graciosidade e uma beleza próprias de um conto de fadas. Espantosa!", Clifford James - prosseguiu Mae, observando Lindsay, enquanto esta atravessava o quarto. - Um dos críticos mais exigentes da área. Tinhas apenas dezanove anos.

- Senti-me aflita ao ler essa crítica - recordou Lindsay, sorrindo enquanto punha a mão no ombro da sua mãe. - Acho que andei a flutuar durante uma semana inteira.

- Este crítico diria o mesmo agora, se voltasses.

Lindsay desviou a sua atenção do recorte e olhou para a sua mãe nos olhos. Um leve sinal de tensão subiu pelo seu pescoço.

- Agora tenho vinte e cinco anos - recordou-lhe, suavemente.

- Diria o mesmo! - insistiu Mae. - Ambas sabemos. Eu...

- Mãe! - Lindsay interrompeu-a bruscamente e depois, aborrecida com o seu próprio tom, baixou-se junto da poltrona. - Desculpa. Prefiro não falar disso agora. Por favor! - levantou as duas mãos até às faces da sua mãe, desejando que houvesse algo mais na sua mente para além da dança. - Só tenho alguns minutos.

Mae observou os olhos escuros e expressivos da sua filha, e entendeu a sua súplica. Remexeu-se, incomodada, na poltrona.

- Carol não me disse que iam sair esta noite. Recordando que a sua mãe e a mãe de Andy tinham passado parte do dia juntas, Lindsay endireitou-se e iniciou uma explicação cuidadosa.

- Não vou sair com Andy - alisou o vestido.

- Não? - Mae franziu a testa. - Com quem, então?

- Com o tio de uma aluna nova - Lindsay levantou a cabeça para sustentar o olhar de Mae. - Aquela rapariga tem potencial, possui um talento verdadeiramente natural. Eu gostaria que a visses.

- E ele? - Mae esqueceu a aluna nova de Lindsay e voltou a concentrar-se no livro de recortes aberto.

- Ainda não o conheço muito bem, claro. Comprou a casa da falésia.

- Sim? - a atenção de Mae regressou. Conhecia perfeitamente o fascínio de Lindsay por aquela casa.

- Sim, mudaram-se recentemente. Parece que Ruth ficou órfã há alguns meses - fez uma pausa, recordando a tristeza que assolava os olhos da rapariga. - Interessa-me muito. Quero falar dela com o seu tio.

- Então, vão jantar.

- É verdade - incomodada por ter de se justificar por uma simples saída, Lindsay dirigiu-se para a porta. - Não creio que volte muito tarde. Queres que te traga algo antes de sair?

- Não sou uma inválida.

Os olhos de Lindsay pousaram na sua mãe. Mae tinha a boca tensa e os dedos fortemente fechados sobre os braços da poltrona.

- Eu sei.

Produziu-se um longo silêncio, que Lindsay se sentia incapaz de quebrar.

"Porque será", disse para si, "que quanto mais tempo passo com ela, mais aumenta o abismo que nos separa?"

A campainha, cujo som foi amplificado pelo silêncio, tocou. Observando a sua filha, Mae viu a sua indecisão. Quebrou o contacto, olhando, novamente, para as páginas do livro que tinha no colo.

- Boa noite, Lindsay.

- Boa noite - Lindsay sentiu o gosto do fracasso, enquanto se virava para a porta.

Percorreu o corredor com passo enérgico, tentando combater o mau humor.

De repente, desejou fugir. Desejou abrir a porta, sair de casa e andar até se encontrar noutra lugar. Um lugar onde pudesse conceder o tempo necessário a descobrir o que realmente queria de si mesma.

Lindsay abriu a porta com um leve indício de desespero.

- Olá! - cumprimentou Seth com um sorriso, enquanto recuava para o deixar entrar. O fato escuro que usava favorecia perfeitamente a sua compleição esbelta e elegante. Mesmo assim, continuava a haver algo ligeiramente pecaminoso no seu rosto.

Lindsay descobriu que gostava do contraste.

- Acho que vou precisar de um casaco, arrefeceu bastante - aproximou-se do armário do hall para tirar um casaco preto de pele.

Seth tirou-lho das mãos.

Sem fala, ela permitiu que a ajudasse a vestir o casaco, enquanto pensava na química. Era estranho, disse para si, que uma pessoa sentisse uma reacção física tão intensa na presença de outra. Não era espantoso que a proximidade, o contacto ou um simples olhar pudessem fazer com que os batimentos do coração acelerassem ou a pressão sanguínea aumentasse? Não era preciso mais nada, nem conhecer a outra pessoa, nem que esta se mostrasse amável, simplesmente aquela combinação

fortuita de químicas.

Lindsay não resistiu quando Seth lhe deu a volta para olhar para ela. Estavam muito juntos, a olhar-se nos olhos, enquanto lhe compunha a gola do casaco.

- Não te parece estranho - perguntou ela, sem pensar, tratando-o por tu - que agora me sinta tão atraída por ti, quando, no nosso primeiro encontro, me pareceste um homem horrível e ainda não tenho a certeza de que não o sejas?

Desta vez, o sorriso de Seth era diferente, percebeu Lindsay. Todos os seus traços reagiram em unísono.

- Os teus pareceres são sempre tão sinceros e tão complicados?

- Provavelmente - Lindsay virou-se, satisfeita de ter visto o seu sorriso. - Não é o meu forte disfarçar e digo sempre o que penso. Toma, o teu casaco - entregou-lhe a peça de roupa, lavada e dobrada. Em seguida, sorriu. - Certamente, não esperava devolver-to nestas circunstâncias.

Seth pegou no casaco e olhou brevemente para ele, antes de olhar novamente para Lindsay.

- Tinhas outras circunstâncias em mente?

- Várias - respondeu imediatamente Lindsay, enquanto pegava na mala. - E em todas elas te encontravas numa situação extremamente incómoda. Numa, cumprias uma pena de dez anos por insultares bailarinas em dias chuvosos. Vamos? - perguntou, oferecendo-lhe a mão num gesto comum. A hesitação de Seth foi quase demasiado imperceptível para ser sentida, antes de aceitar. Os dedos de ambos entrelaçaram-se.

- Não és o que eu esperava - disse, enquanto saíam para o frio da noite.

- Não? - Lindsay respirou fundo, levantando os olhos para conseguir contemplar as estrelas. - E o que esperavas?

Caminharam até ao carro em silêncio e Lindsay sentiu o cheiro intenso dos crisântemos e das folhas caídas. Quando estavam dentro do carro, Seth virou-se para ela, para lhe dar outro daqueles olhares longos e escrutinadores a que Lindsay já quase se habituara.

- A imagem que davas esta manhã aproximava-se mais do que eu esperava - disse, finalmente. - Muito profissional, fria e distante.

- Tinha intenção de seguir essa linha esta noite - informou-o Lindsay. - Mas esqueci-me.

- Podes dizer-me porque estavas com ar de querer sair a fugir quando abriste a porta?

Ela arqueou um sobrolho.

- És muito perceptivo - com um suspiro, recostou-se no banco. - Tem a ver com a minha mãe e com um sentimento constante de incompetência - inclinou a cabeça, para olhar para ele nos olhos. - Talvez, um dia, te fale sobre isso - murmurou, sem parar para pensar porque pensava que poderia fazê-lo. - Mas, esta noite, não. Não quero pensar mais nisso, por enquanto.

- Está bem - Seth arrancou com o carro. Nesse caso, talvez possas informar um novo vizinho sobre quem é quem em Cliffside.

Lindsay relaxou, agradecida.

- A que distância fica o restaurante?

- A cerca de vinte minutos - respondeu ele.

- Acho que teremos tempo de sobra - decidiu Lindsay e começou a pô-lo ao corrente.

Cinco

Lindsay sentia-se à vontade com Seth. Contou-lhe histórias divertidas porque gostava do som da sua gargalhada. Os seus próprios sentimentos de medo e desespero desapareceram. Enquanto conduziam, decidiu que desejava conhecê-lo melhor. Sentia-se intrigada e atraída por ele, e, se se produzisse alguma erupção vulcânica, assumiria o risco. As catástrofes naturais raramente eram aborrecidas.

Lindsay conhecia o restaurante. Já lá fora uma ou duas vezes, quando algum dos seus encontros quisera impressioná-la.

Sabia que Seth Bannion não sentiria a necessidade de impressionar ninguém. Era, simplesmente, o tipo de restaurante que preferia: tranquilo, elegante, com um serviço e uma comida excelentes.

- O meu pai trouxe-me aqui uma vez – recordou Lindsay, enquanto saía do carro. Esperou que Seth se juntasse a ela e ofereceu-lhe a mão. - Até então, não me tinha permitido ter encontros, portanto convidou-me para sair no dia do meu aniversário. Disse que queria ser o meu primeiro encontro - sorriu, reconfortada pela lembrança. - Tinha sempre aqueles pormenores... Pequenos pormenores, incríveis virou-se e viu que Seth estava a observá-la. O resplendor da lua banhava-os. - Gosto de ter vindo. E gosto que tenha sido contigo.

Ele olhou para ela com curiosidade e depois passou um dedo pelo seu cabelo entrançado.

- Iguamente.

Subiram juntos as escadas que levavam à entrada do restaurante.

Uma vez lá dentro, Lindsay sentiu-se atraída pela janela ampla da qual podia contemplar-se grande parte do estreito de Long Island. Ali, sentados à luz ténue das velas, podia-se, praticamente, ouvir o fragor das ondas ao baterem contra as rochas.

- É um sítio maravilhoso! - comentou, com entusiasmo, enquanto acabavam de se instalar na mesa. - Tão elegante e tranquilo, mas aberto a um panorama dotado de tanta força - um sorriso aflorou ao seu semblante, enquanto se virava novamente para Seth. - Eu gosto de contrastes, tu não gostas? - a luz das velas arranjava brilhos aos seus brincos de prata. - A vida seria muito aborrecida se não houvesse variedade.

- Estava a perguntar-me - respondeu Seth, enquanto os seus olhos oscilavam dos brincos de prata para as linhas delicadas do seu semblante - onde encaixas nesta vida.

Depois de abanar brevemente a cabeça, Lindsay olhou pela janela.

- Eu mesma me pergunto isso com frequência. De certeza que te conheces bem. Nota-se.

- Queres beber alguma coisa?

Lindsay virou a cabeça para Seth e viu que um empregado esperava de pé, junto dele.

- Sim - sorriu ao empregado, antes de concentrar novamente a sua atenção em Seth. Um pouco de

vinho branco seria perfeito. Fresco e seco.

Os olhos de Seth permaneceram sobre ela enquanto pedia o vinho. Havia algo discretamente tenaz na sua forma de olhar, disse para si Lindsay. Era como o olhar de um homem que lera uma página de um livro e estava decidido a continuar a ler até ao fim.

O silêncio prolongou-se quando ficaram novamente a sós. Ela sentiu um formigueiro na coluna vertebral e respirou fundo. Chegara o momento de estabelecer as prioridades.

- Temos de falar sobre Ruth.

- Sim.

- Seth! - desconcertada ao ver que o seu olhar não perdia intensidade, imprimiu mais autoridade ao seu tom. - Tens de parar de olhar assim para mim.

- Eu acho que não - repôs ele, suavemente. Lindsay arqueou os sobrolhos ao ouvir a sua resposta, mas um indício de diversão desenhou-se nos seus lábios. - E eu que achava que eras escrupulosamente educado.

- Habituo-me a tudo - respondeu Seth. Estava relaxado na cadeira, com um braço sobre as costas, enquanto a observava. - És muito bela. E gosto de contemplar a beleza.

- Obrigada - Lindsay decidiu que se habituaria aos seus olhares directos antes de a noite acabar. - Seth - inclinou-se para a frente, esporeada pelos seus próprios pensamentos, esta manhã, ao ver Ruth, soube que tinha talento. E durante a aula desta tarde, fiquei ainda mais impressionada.

- Era muito importante para ela estudar contigo.

- Mas não deveria ser - apressou-se a dizer Lindsay, enquanto observava os seus olhos levemente semicerrados. - Eu não posso dar-lhe tudo o que precisa. A minha escola é muito limitada, sobretudo se falarmos de uma rapariga com o talento de Ruth. Deveria ir para Nova Iorque, para uma escola onde possa receber uma preparação mais intensa e especializada.

Seth esperou enquanto o empregado abria o vinho e o servia. Levantou o copo, observando, cuidadosamente, o conteúdo antes de falar.

- Não te achas capaz de ensinar Ruth? Lindsay arqueou os sobrolhos perante o tom da pergunta. Quando respondeu, não o fez com voz quente.

- Sou uma professora muito capaz. Ruth simplesmente necessita de disciplina e de vantagens que podem oferecer-lhe noutra sítio.

- Irritas-te com facilidade - comentou Seth e depois deu um gole no vinho.

- A sério? - Lindsay também bebeu o seu, tentando mostrar-se tão pragmática como ele.

- Talvez seja temperamental - disse, satisfeita com o seu próprio tom. - Provavelmente, terás ouvido dizer que as bailarinas são muito excitáveis.

Seth encolheu os ombros.

- Ruth quer ter mais de quinze horas de aulas por semana contigo. Isso não é o suficiente?

- Não! - Lindsay largou o copo e voltou a inclinar-se para a frente. Se Seth fazia aquelas perguntas,

disse para si, não devia ser um homem completamente irrazoável. - Deveria ter aulas diariamente. Aulas mais especializadas do que aquelas que eu posso dar-lhe, pelo simples motivo de que não tenho mais alunas tão capacitadas como ela. Mesmo que pudesse dar aulas só a ela, não seria suficiente. Deve ter colegas. E eu só tenho quatro alunos homens, que só vêm uma vez por semana e que nem sequer participam nos recitais.

Escapou-lhe um suspiro de frustração. A sua voz tornou-se baixa e intensa, na sua necessidade de o fazer compreender.

- Cliffside não é o centro cultural desta costa. Não passa de uma vila ianque - havia uma beleza implícita e natural no modo como movia as mãos para enfatizar as suas palavras. Havia música nos seus movimentos, uma música doce e silenciosa. - As pessoas daqui são simples. Não existem sonhadores. A dança não tem nenhuma finalidade prática. Pode ser uma paixão, um prazer, mas aqui ninguém a vê como uma carreira, como um modo de vida.

- Mas tu crescestes aqui - assinalou Seth e depois encheu os copos de vinho. O líquido brilhava como uma brasa de ouro à luz das velas. - E fizeste da dança a tua carreira.

- Isso é verdade - Lindsay passou um dedo pela borda do seu copo. Hesitou, desejando escolher as suas palavras com cuidado. - A minha mãe era bailarina profissional e foi muito... rigorosa em relação à minha formação. Frequentava uma escola a cerca de cem quilómetros daqui. Passámos muitas horas no carro, a ir e a vir - levantou os olhos para olhar novamente para Seth, enquanto um sorriso começava a brincar nos seus lábios. - A minha professora era uma mulher maravilhosa, metade francesa e metade russa. Já tem quase setenta anos e não aceita alunas. Caso contrário, pedir-te-ia que enviasses Ruth para ela.

O tom de Seth era tão calmo e sereno como fora no início da conversa.

- Ruth quer estudar contigo.

Lindsay sentiu vontade de emitir um grito de frustração. Bebeu um gole de vinho enquanto a sensação passava.

- Eu tinha dezassete anos, a idade de Ruth, quando fui para Nova Iorque. E já tinha versado oito anos de estudo intenso numa escola. Com dezoito anos, comecei a trabalhar com a companhia. A competitividade para conseguir um lugar é brutal e o treino é... - Lindsay fez uma pausa, abanou a cabeça e riu-se. - É indescritível. Ruth precisa, merece-o. E o mais depressa possível, se deseja dedicar-se a sério à dança. O seu talento assim o requer.

Seth demorou a responder.

- Ruth não passa de uma menina que acabou de atravessar momentos muito difíceis - fez um sinal ao empregado para lhe pedir os menus. - Nova Iorque continuará a estar lá daqui a três ou quatro anos.

- Três ou quatro anos! - Lindsay largou o menu sem sequer olhar para ele. Ficou a olhar para Seth, incrédula. - Então, terá vinte anos.

- Uma idade muito avançada - repôs ele, sarcasticamente.

- É, para uma bailarina - respondeu Lindsay. - É raro continuarmos a dançar depois dos trinta anos. Sim, os homens continuam mais alguns anos e, de vez em quando, surgem casos espectaculares como o de Fonteyn. Mas é a exceção, não a regra.

- É por isso que te recusas a voltar?

Os pensamentos de Ruth paralisaram perante a pergunta.

- Achas que a tua carreira acabou aos vinte e cinco anos?

Ela levantou o copo e depois voltou a pousá-lo.

- Estamos a falar de Ruth - recordou-lhe, não de mim.

- Os mistérios são fascinantes, Lindsay Seth pegou na sua mão e virou-a para estudar a palma, antes de olhar, outra vez, para ela nos olhos. - E uma mulher bonita com mistérios é irresistível. Já paraste para pensar que algumas mãos são feitas para serem beijadas?

Esta é uma dessas mãos - levou a palma aos lábios.

Lindsay sentiu que os seus músculos se derretiam com o contacto. Observou Seth, francamente fascinada com as sensações que sentia. Perguntou-se como seria sentir os seus lábios pressionados contra os dele, firmes e quentes. Gostava do formato da sua boca e do seu sorriso lento.

Bruscamente, acordou do sonho. As prioridades, recordou.

- Em relação a Ruth - começou a dizer. Tentou retirar a mão, mas Seth não a largou.

- Os pais de Ruth morreram num acidente de comboio há apenas seis meses. Aconteceu em Itália - não aumentou a pressão sobre os dedos dela, mas a sua voz tornou-se tensa. Os seus olhos endureceram. Lindsay recordou o aspecto que tinha quando se levantara sobre ela à chuva. - Ruth era muito ligada a eles, talvez por viajarem tanto. Era muito difícil para ela criar laços com outras pessoas. Podes imaginar como foi para uma rapariga de dezasseis anos ver-se, de repente, órfã num país estrangeiro, numa cidade onde estavam apenas há algumas semanas.

Os olhos de Lindsay encheram-se de compaixão, mas Seth prosseguiu antes que ela pudesse falar.

- Não conhecia praticamente ninguém e eu encontrava-me numa obra na América do Sul. Demoraram dias a conseguirem contactar-me. Esteve sozinho durante quase uma semana, até conseguir ir ter com ela. O meu irmão e a sua esposa já tinham sido enterrados quando cheguei.

- Seth, lamento. Lamento imenso - a sua necessidade de lhe dar consolo era instintiva. Lindsay apertou os dedos sobre os de Seth, enquanto, com a outra mão, cobria as mãos entrelaçadas de ambos. Algo brilhou nos olhos dele, mas Lindsay estava demasiado aflita para notar. - Deve ter sido horrível para ti. Para ambos.

Seth permaneceu um momento em silêncio, mas a profundidade do seu olhar intensificou-se.

- Sim - disse, finalmente, - foi. Trouxe Ruth de volta para os Estados Unidos, mas Nova Iorque é uma cidade frenética e Ruth é tão frágil...

- Então, encontrei a casa da falésia - murmurou Lindsay.

Seth arqueou um sobrolho ao ouvir o nome, embora não fizesse comentário algum sobre isso.

Queria dar-lhe estabilidade durante algum tempo, embora saiba que não a entusiasma a ideia de viver numa vila pequena. Parece-se demasiado com o seu pai. Mas, neste momento, é o que lhe convém.

- Acho que entendo o que tentas fazer disse Lindsay, lentamente. - E respeito-o. Mas Ruth também tem outras necessidades.

- Falaremos delas dentro de seis meses.

O seu tom era tão terminante e definitivo, que Lindsay fechou instantaneamente a boca sem se dar conta. Novamente, uma expressão de irritação desenhou-se no seu semblante.

- És muito autoritário, não és?

- Já me disseram - o humor de Seth pareceu mudar, enquanto ela continuava a observá-lo.

- Tens fome? - inquiriu, com um sorriso deliberadamente lento.

- Um pouco - reconheceu Lindsay, mas franziu o sobrolho enquanto abria o menu. Têm uma lagosta recheada especialmente deliciosa.

Enquanto Seth pedia a comida, Lindsay deixou que os seus olhos se desviassem para o estreito. Conseguia ver, claramente, Ruth sozinha, assustada, cheia de dor, a ter de enfrentar a perda dos seus pais e as terríveis circunstâncias que deviam ter acontecido em seguida. Recordava muito bem o pânico que sentira quando lhe tinham comunicado o acidente dos seus pais. Era impossível esquecer o horror da viagem de Nova Iorque para Connecticut e de saber que o seu pai morrera e que a sua mãe estava em coma.

E era uma mulher adulta, disse para si, que vivera sozinha durante três anos. Estava na sua vila natal, rodeada de amigos. Acima de tudo, sentiu necessidade de ajudar Ruth.

Seis meses, pensou. Se pudesse trabalhar individualmente com Ruth, o tempo não seria completamente perdido. E talvez, só talvez, conseguisse convencer Seth antes. Devia compreender quão importante era para ela. Perder as estribeiras não lhe serviria de nada com um homem assim, concluiu, de modo que teria de arranjar outras maneiras.

Uma obra na América do Sul, pensou Lindsay, lembrando a conversa. O que podia ter estado a fazer na América do Sul? Antes que pudesse ponderar as possibilidades, uma lembrança ecoou no seu cérebro.

- Bannion - disse em voz alta, fazendo com que ele arqueasse os sobrolhos numa expressão inquisitiva. - S. N. Bannion, o arquitecto. Acabei de me lembrar.

- Sim? - ele pareceu levemente surpreendido, depois partiu uma baguete ao meio. Ofereceu-lhe metade. - Surpreende-me que tenhas tido tempo de te interessar pela arquitectura.

88

- Precisava de ter vivido numa gruta durante os últimos dez anos. Apareceu no... Newsview! Sim, no Newsview, há coisa de um ano. Uma reportagem sobre ti, com fotografias de alguns dos teus edifícios mais famosos. O Trade Center em Zurique, o edifício MacAffe em San Diego...

- Tens uma memória excelente - comentou Seth.

A luz das velas reflectia-se na pele dela. Parecia frágil como a porcelana, os seus olhos escuros e vívidos pareciam sorrir-lhe.

- Perfeita! - concordou Lindsay. - Também recordo ter lido várias intrigas sobre as tuas relações com metade da população feminina. Lembro-me perfeitamente da herdeira de uns armazéns, uma tenista australiana e uma cantora de ópera espanhola. Não estiveste noivo de Billie Marshall, a apresentadora do telejornal, há alguns meses?

Seth agitou o conteúdo do copo que segurava entre os dedos.

- Nunca estive noivo de ninguém - limitou-se a responder. - Isso tende a acabar em casamento.

- Compreendo - com ar ausente, Lindsay mordiscou a baguete. - E o casamento não está nos teus planos?

- Está nos teus?

Lindsay fez uma pausa, franzindo o sobrolho.

- Não sei - murmurou. - Pressuponho que nunca pensei nisso dessa forma. Na verdade, mal tive tempo para pensar nisso. O casamento deveria ser um plano? - pensou em voz alta. Uma surpresa, uma aventura?

- Os românticos falam assim - observou Seth.

- Sim, sou romântica - concordou Lindsay, sem se envergonhar. - Mas tu também és ou nunca terias comprado a casa da falésia.

- A minha escolha em matéria de casas transforma-me num romântico?

Lindsay recostou-se na cadeira, ainda a mordiscar a baguete.

- É muito mais do que uma casa e não duvido que também te tenhas apercebido disso. Poderias ter comprado uma dúzia de casas, situadas num sítio mais conveniente e sem necessidade de remodelações.

- E porque não o fiz? - perguntou Seth, intrigado com a sua teoria.

Lindsay permitiu que enchesse novamente o seu copo, embora o deixasse intacto. Os efeitos do vinho já se notavam, agradavelmente, na sua cabeça.

- Porque reconheceste o encanto, a peculiaridade. Se fosses um hipócrita, terias comprado um daqueles bungalows que existem trinta quilómetros mais a norte, na linha da costa, que, supostamente, permitem estar em contacto com a paisagem genuína de Nova Inglaterra e ficam a uns confortáveis quinze minutos do centro comercial Yankee Trader.

Seth desatou a rir-se, sem desviar os olhos dela enquanto lhes serviam o jantar.

- Presumo que não gostes de bungalows.

- Detesto-os! - exclamou Lindsay, imediatamente. - É uma opinião estritamente pessoal. São perfeitos para muita gente. Mas eu não gosto de... - interrompeu-se, gesticulando como se quisesse apanhar a palavra no ar. Uniformidade - concluiu. - Pressuponho que acharás estranho, dada a grande

disciplina que a minha carreira implica. Mas isto é diferente. A expressão individual é vital. Prefiro que digam que sou diferente do que digam que sou bonita - baixou o olhar para a dose enorme de lagosta. - O adjectivo "inovador" é maravilhoso - afirmou. - Vi-o aplicado a ti.

- Foi por isso que te tornaste bailarina? Seth mergulhou um bocado de lagosta em manteiga derretida. - Para poderes expressar-te?

- Acho que ansiava expressar-me precisamente porque era bailarina - Lindsay preferiu limão em vez de manteiga. - A verdade é que não me analiso com muita frequência, só às outras pessoas. Sabias que a casa esteve assombrada?

- Não - Seth sorriu, brincalhão. - Não o mencionaram no contrato.

- Porque temiam que desistisses - Lindsay espetou um pedaço de lagosta com o garfo. Já é demasiado tarde e, de qualquer forma, acho que gostarias de ter um fantasma em casa.

- Tu gostarias?

- Oh, sim, certamente! Imensamente! - Lindsay levou a lagosta à boca. - É uma criatura romântica e triste que o seu marido intolerante assassinou há cem anos. Escapava-se às escondidas, para se encontrar com o seu amante, e descuidou-se, pressuponho. O seu marido atirou-a para as rochas da varanda do segundo andar.

- Isso deve ter desalentado as suas tendências adúlteras - comentou Seth.

- Hum... hum...! - murmurou ela, assentindo com a boca cheia. - Mas, de vez em quando, volta para passear pelo jardim. Era lá que o seu amante a esperava.

- Pareces muito deliciada com essa história de traição e assassinato.

- Cem anos podem fazer com que quase tudo pareça romântico. Sabes quantos grandes bailados tratam da morte e, no entanto, continuam a ser românticos? Giselle e Romeu e Julieta são apenas dois.

- E tu interpretaste ambos - disse Seth. Talvez por isso te compadeças de um fantasma desventurado.

- Oh, eu já me tinha afeiçoado ao teu fantasma antes de interpretar Giselle ou Julieta Lindsay suspirou, observando as estrelas que brilhavam na superfície da água. - Aquela casa sempre me fascinou. Quando era menina, jurei que, um dia, viveria nela. Faria com que se plantasse novamente o jardim e todas as janelas resplandeceriam ao sol - virou-se para Seth. Por isso, fico contente que a tenhas comprado.

- Alegras-te? - os olhos dele percorreram a longitude do seu pescoço esbelto. - Porquê?

- Porque saberás apreciá-la. Saberás como fazer com que volte a viver novamente.

O olhar dele parou brevemente na sua boca, antes de subir até aos seus olhos. Lindsay sentiu um formigueiro na pele. Endireitou-se na cadeira.

- Sei que já fizeste algumas obras - prosseguiu ela, sentindo que a casa era um assunto seguro. - Deves ter planos específicos em mente.

- Gostavas de ver o que se fez até agora?

- Sim - respondeu ela, imediatamente, incapaz de fingir o contrário.

- Vou buscar-te amanhã à tarde - Seth olhou para ela com curiosidade. - Sabes que tens um apetite tremendo para uma pessoa tão pequena?

Lindsay desatou a rir-se e, sentindo-se novamente tranquila, barrou manteiga num pãozinho.

O céu estava azul-escuro e profundo. As estrelas brilhavam na noite sem nuvens. Lindsay podia sentir o ar do Outono a agitar-se contra o carro, enquanto Seth conduzia ao longo da costa. Acrescentava excitação àquela noite de luar e de vinho.

A noite, decidiu, fora mais agradável do que previra. Desfrutara da companhia de Seth desde o início. Surpreendeu-a que pudesse fazê-la rir-se. Lindsay sabia que, entre o seu trabalho e a sua mãe, se tornara demasiado séria, demasiado intensa. Alegrava-a ter alguém com quem poder rir-se.

Seguindo um acordo tácito, tinham evitado os assuntos controversos, mantendo uma conversa tão leve e deliciosa como o jantar.

Lindsay sabia que acabariam por chocar novamente em relação ao assunto de Ruth; era inevitável. Os desejos de ambos em relação à rapariga eram tão díspares que não conseguiriam chegar a uma solução sem conflito.

Mas, de momento, Lindsay sentia-se tranquila.

- Adoro as noites como esta - disse, com um suspiro, - quando as estrelas brilham próximas e o vento sussurra por entre as árvores. Do lado leste da tua casa, ouve-se o rumor da água - virou-se para ele enquanto falava. - Escolheste o quarto com a varanda que dá para o estreito? Que tem um roupeiro?

Ele virou-se brevemente para ela.

- Pareces conhecer bem a casa. Lindsay riu-se.

- Não conseguia resistir a explorá-la, quando estava ali mesmo, à minha espera.

Diante deles, algumas luzes faziam com que Cliffside se recortasse contra a escuridão.

- Escolheste esse quarto? A lareira de pedra e o tecto alto já são uma maravilha por si, mas a varanda... Já foste lá durante uma tempestade? - perguntou. - Deve ser incrível, com as ondas a bater e o vento e os relâmpagos tão próximos - desviou os olhos para Seth, para poder contemplar a curva dos seus lábios assim que começasse a sorrir.

- Gostas de viver perigosamente. Lindsay perguntou-se como seria o toque do seu cabelo entre os dedos. Os seus olhos abriram-se muito ao compreender o caminho que os seus pensamentos tinham tomado.

- Pressuponho que sim - começou a dizer, respondendo ao seu comentário. - Talvez nunca o tenha feito, excepto indirectamente. Cliffside não é cheio de perigos.

- Diz isso ao teu fantasma. Lindsay deixou escapar um risinho.

- "O teu" fantasma! - corrigiu, enquanto Seth parava o carro diante da sua casa. - Agora pertence-te por completo - enquanto falava, saiu do veículo. O vento assobiou sobre o seu rosto. - Já chegou o Outono - murmurou, observando o sossego da casa. - Acenderão uma fogueira na praça. Marshall

Woods levará o seu violino e haverá música até à meia-noite sorriu. - É um acontecimento na vila. Pressuponho que soará aborrecido para alguém que já viajou tanto como tu.

- Cresci numa vila pequena, perdida no mapa de Iowa - respondeu Seth, enquanto atravessavam a grade.

- A sério? - Lindsay meditou sobre aquela informação. - Não sei porquê, imaginava que terias crescido numa cidade. Num sítio muito urbano, muito sofisticado. Porque não voltaste? - subiu o primeiro degrau do alpendre e virou-se para ele.

- Demasiadas lembranças.

Sobre o degrau, e com os saltos, Lindsay ficava praticamente à sua altura. Experimentou uma onda de surpresa ao ver os seus olhos e a sua boca paralelos aos seus. Nas suas íris brilhavam brasas minúsculas. Sem pensar, contou-as.

- São treze - murmurou. - Seis num e sete no outro. Pergunto-me se isso significará azar.

- O que significa azar? - Lindsay olhava para ele nos olhos, mas Seth reparou que a sua mente se ausentava e depois reagia perante a sua pergunta.

- Oh, nada! - ela fugiu à pergunta, sobressaltada pelo seu deslize. - Tenho tendência para sonhar acordada - o rosto de Seth iluminou-se com um brilho de diversão. - Porque estás a sorrir?

- Estava a lembrar-me da última vez que acompanhei a minha rapariga até à sua porta, com a luz do alpendre acesa atrás dela e a sua mãe dentro de casa. Acho que tinha cerca de dezoito anos.

Um brilho travesso iluminou os olhos de Lindsay.

- É um alívio saber que já tiveste dezoito anos. Deste-lhe um beijo de despedida?

- Naturalmente! Enquanto a sua mãe aparecia por entre as cortinas da sala.

Lentamente, Lindsay virou a cabeça e observou as janelas escuras e vazias. Arqueando um sobrolho, virou-se novamente.

- A minha, provavelmente, já se deitou decidiu. Pondo as mãos sobre os ombros de Seth, inclinou-se para a frente para roçar, ligeiramente, os lábios dele com os seus.

Num instante, tudo mudou. O simples roçar dos seus lábios foi fortíssimo. Os seus efeitos percorreram-na por dentro com uma velocidade tal, que emitiu um suspiro abafado. Afastou-se cuidadosamente, com as mãos ainda postas sobre os ombros de Seth, e observaram-se mutuamente.

Lindsay sentiu que o coração pulsava contra as suas costelas, com a mesma força de quando permanecia nos bastidores antes de um país de deus difícil. A antecipação acumulava-se no seu interior. Mas aquele dueto era algo não ensaiado e tão antigo como o tempo. Baixou os olhos até à boca dele e sentiu uma ansiedade que era essencialmente física.

Uniram-se lentamente, como se o tempo parasse para eles. Um sentimento de segurança embargou-os enquanto se afundavam nos braços um do outro, uma segurança de dois amantes que voltavam a encontrar-se, em vez de se verem pela primeira vez.

Os seus lábios tocaram-se e entreabriram-se, enquanto experimentavam diversos ângulos. As

mãos de Seth deslizaram para dentro do casaco dela, as de Lindsay para dentro do casaco dele. O calor aumentou, enquanto o vento formava redemoinhos com as folhas do Outono à sua volta.

Seth apanhou o lábio inferior dela entre os seus dentes, para parar a sua boca ansiosa. A pontada minúscula de dor fez com que os tremores do desejo a percorressem por dentro. A sua paixão inflamou-se. Os primeiros beijos, lentos e tentadores, transformaram-se numa exigência desesperada.

A língua de Lindsay moveu-se com a dele. A ansiedade de ambos aumentou, prometendo aumentar ainda mais.

Lindsay foi subindo as mãos pelas suas costas, até que chegou aos seus ombros. Apertou-se com força contra ele, enquanto Seth retirava a boca da dela e a deslocava até à curva esbelta do seu pescoço. O seu cabelo roçou na face de Lindsay com a suavidade de uma pena. Era suave e frio, ao contrário da sua boca tórrida, e parecia atrair os dedos dela.

Lindsay sentiu que Seth lhe descia o fecho do vestido, até que as suas mãos lhe acariciaram a pele nua das costas. Desceram até à cintura e voltaram a subir até à nuca, deixando chamas atrás de si.

O desejo por Seth aumentou com tanta urgência, que Lindsay começou a tremer antes que a boca dele reclamasse novamente a sua.

As suas emoções começaram a girar como um redemoinho, competindo com a pura necessidade física. O assalto deixou-a enjoada, a intensidade aterrorizou-a. Estava a descobrir fragilidades que ignorara que possuía.

Lutando para vir novamente à superfície, Lindsay pôs as duas mãos no peito de Seth e empurrou para o afastar de si. Ele deixou os seus lábios livres, mas reteve-a entre os seus braços.

- Não, eu...! - Lindsay fechou brevemente os olhos, utilizando forças que sempre assumira como garantidas. - Foi uma noite maravilhosa, Seth. Agradeço-te.

Ele observou-a durante um momento em silêncio.

- Não achas que esse pequeno discurso está um pouco deslocado? - sem se mover, acariciou-lhe os lábios com os seus.

- Sim, sim, tens razão, mas... - Lindsay virou a cabeça e inalou, profundamente, o ar frio da noite. - Tenho de entrar já. Falta-me prática.

Seth pegou no seu queixo com a mão, obrigando-a a olhar novamente para ele.

- Prática?

Lindsay engoliu em seco, sabendo que permitira que a situação escapasse do seu controlo e sem saber como o recuperar.

- Por favor, nunca fui boa neste tipo de situações, e...

- Que tipo de situação é esta? - inquiriu Seth. Não afrouxou absolutamente o seu abraço, nem diminuiu a força dos seus olhos.

- Seth! - o coração de Lindsay voltava a pulsar descontroladamente. - Por favor, deixa-me entrar antes que faça uma figura totalmente ridícula!

Nos seus olhos reflectia-se toda a incerteza das suas emoções. Ela viu como a raiva atravessava o semblante de Seth, antes de este dar um beijo rápido e poderoso nos seus lábios.

- Amanhã - disse e largou-a.

Sem fôlego, Lindsay passou a mão pelo cabelo.

- Acho que era melhor que não...

- Amanhã! - repetiu ele, antes de dar meia volta e dirigir-se para o carro.

Lindsay viu como as luzes traseiras do veículo desapareciam.

"Amanhã", disse para si, e tremeu, mais uma vez, ao frio do relento nocturno.

Seis

Como se levantara tarde, Lindsay acabou os seus exercícios na barra e mudou-se quando já passava do meio-dia. Estava decidida a dar um carácter informal à sua visita daquela tarde à casa da falésia e vestiu-se em consonância com um fato de treino castanho.

Colocando o casaco do fato de treino no braço, Lindsay desceu as escadas precisamente quando Carol Moorefield entrava.

A senhora Moorefield era tão diferente do seu filho como a noite do dia. Era bela e esbelta, com um cabelo castanho brilhante e um aspecto sofisticado, que parecia nunca envelhecer. Andy saíra fisicamente ao seu pai, que Lindsay só vira em fotografias, dado que Carol era viúva há vinte anos.

Depois da morte do seu marido, passara a ocupar-se da florista familiar e gerira-a com estilo e um grande sentido empresarial. Era uma mulher cuja opinião Lindsay valorizava muito e em cuja bondade aprendera a apoiar-se.

- Parece que te vestiste para fazer uma caminhada - comentou Carol, depois de fechar a porta atrás de si. - Achei que precisarias de descansar depois do encontro de ontem à noite.

Lindsay beijou a face levemente maquilhada.

- Como sabe que tive um encontro? A minha mãe telefonou-lhe?

Carol desatou a rir-se, passando a mão pelo cabelo de Lindsay.

- Naturalmente, embora eu pudesse ter-lhe dito a ela. Hattie MacDonald - disse, assinalando com a cabeça para a casa situada no outro passeio. - Viu aquele homem vir buscar-te e fez-me chegar o primeiro relatório.

- Fico muito contente por ter sido o centro de troca de informações de sábado à noite! comentou Lindsay, cinicamente.

Carol entrou na sala de estar e pousou a mala e o casaco no sofá.

- Divertiste-te?

- Sim, na verdade... sim - de repente, Lindsay achou necessário voltar a atar os cordões das sapatilhas. Carol observou-a, embora não dissesse nada. - Fomos jantar à costa.

- Que tipo de homem é?

Lindsay levantou a cabeça e depois começou a atar os cordões da outra sapatilha.

- Ainda não tenho a certeza - murmurou. É interessante, certamente. Um pouco autoritário e cheio de si mesmo, e excessivamente formal por vezes, mas... - recordou a atitude de Seth para com Ruth. - Mas também consegue ser paciente e muito sensível.

Ao ouvir o seu tom, Carol suspirou. Embora ela também soubesse que Lindsay não era para Andy, ainda acalentava certas esperanças.

- Parece que gostas dele.

- Sim... - a palavra saiu-lhe com uma cadência pausada e reflexiva. A rir-se, Lindsay endireitou-se. - Pelo menos, acho que sim. Sabia que é S. N. Bannion, o arquitecto?

Ao ver como os sobrolhos de Carol se arqueavam, Lindsay compreendeu que aquilo era uma notícia nova para ela.

- A sério? Achei que ia casar-se com uma francesa, uma piloto de corridas.

- Parece que não.

- Meu Deus, isto é interessante! - decidiu Carol. Pôs as mãos nas ancas como fazia sempre que se sentia realmente impressionada. - A tua mãe sabe?

- Não, ela... - Lindsay olhou por cima do ombro para o quarto da sua mãe. - Não - repetiu, virando-se. - Receio que, ontem à noite, a tenha aborrecido. Na verdade, hoje ainda não falámos.

- Lindsay - Carol tocou-lhe na face, percebendo a sua angústia. - Não debes deixar que esse tipo de coisas te afecte.

De repente, os olhos de Lindsay tornaram-se grandes e vulneráveis.

- Parece que nunca sou capaz de fazer o que é correcto - disse. - Estou em dívida com ela por...

- Já chega! - Carol agarrou-a pelos ombros e abanou-a com firmeza. - É ridículo que os filhos passem a vida a tentar pagar o que devem aos seus pais. A única coisa que debes a Mae é carinho e respeito. Se viveres a tentar agradar a outra pessoa, só conseguirás que duas pessoas sejam infelizes. Bom - acariciou novamente o cabelo de Lindsay e sorriu, - e já chega de conselhos por hoje. Tentarei convencer Mae a sair comigo para dar uma volta.

Lindsay rodeou o pescoço de Carol com os braços e deu-lhe um abraço quase desesperado.

- É tão boa connosco...

Satisfeita, Carol devolveu-lhe o abraço.

- Queres vir? - convidou-a. - Podemos dar um passeio de carro e, depois, almoçar nalgum sítio.

- Não, não posso - Lindsay afastou-se. Seth vem buscar-me para me mostrar a sua casa.

- Ah, a tua casa da falésia! - Carol assentiu num gesto de cumplicidade. - Desta vez, poderás passear por ela em plena luz do dia.

Lindsay sorriu.

- Acha que perderá parte do seu encanto?

- Duvido - virando-se, Carol afastou-se pelo corredor. - Diverte-te. E não te preocupes em voltar a tempo para preparar o jantar. A tua mãe e eu jantaremos fora - antes que Lindsay pudesse responder, a campainha tocou. - Aí está o teu rapaz! - anunciou Carol, antes de desaparecer.

Lindsay virou-se para a porta, com os nervos em franja. Tentara convencer-se de que a sua reacção perante Seth, na noite anterior, se devera ao ambiente da noite. Também tinham contribuído a sua própria falta de companhia masculina e a experiência de Seth.

Fora algo momentâneo, mais nada. Lindsay disse para si que devia ter presente quem era Seth Bannion e a facilidade com que atraía as mulheres. E quão facilmente as deixava.

Era necessário direccionar a sua relação para uma amizade cuidadosa desde o início. Precisava de pensar em Ruth. Lindsay sabia que, se desejasse obter o que era conveniente para a rapariga, devia relacionar-se em termos amigáveis com o seu tio. Como uma relação de negócios, decidiu, levando a mão ao estômago para acalmar os seus nervos agitados. Uma amizade cordial, sem compromissos, nada pessoal.

Sentindo-se mais segura, Lindsay abriu a porta.

Seth usava umas calças castanhas com pinças e uma camisola branca de gola redonda. O seu poder físico atingiu Lindsay quase instantaneamente.

Conhecera um ou dois homens anteriormente com aquele poder sexual tremendo. Nick Davidov era um deles e o outro era um coreógrafo com o qual trabalhara na companhia. Lindsay também recordava que na vida daqueles homens existiam muitas mulheres, nunca uma só mulher.

"Tem cuidado!", avisou o seu cérebro. "Tem muito cuidado!"

- Olá! - ele sorriu com cordialidade, mas os olhos de Lindsay manifestavam receio. Pendurou uma mala pequena no ombro, enquanto fechava a porta. Como de costume, estendeu-lhe a mão.

- Como estás?

- Bem - exercendo uma leve pressão sobre os seus dedos. Seth parou-a antes de descer os degraus do alpendre. Encontravam-se no mesmo lugar onde tinham estado na noite anterior. Lindsay quase conseguia sentir os rastros da energia que ainda crepitava no ar. Levantou os olhos para ele e encontrou-se com um dos seus olhares longos e inquisitivos. - Como estás tu?

- Bem - conseguiu responder Lindsay, sentindo-se um pouco estúpida.

- A sério? - Seth observava-a cuidadosa e atentamente.

Ela sentiu um ardor repentino na pele.

- Sim, sim, claro que estou bem! - a irritação substituiu o receio dos seus olhos. - Porque não haveria de estar?

Como se a sua resposta o tivesse satisfeito, Seth deu meia volta. Caminharam juntos até ao carro.

Era um homem estranho, decidiu Lindsay, mais intrigada do que nunca. Sorriu e abanou a cabeça. Um homem realmente estranho.

Quando se dispunha a entrar no carro, viu três pequenos pássaros que seguiam um corvo no céu. Divertida, Lindsay seguiu a sua trajectória, ouvindo o seu piar. O corvo descreveu um arco para este e o trio de pássaros fez o mesmo. A rir-se, Lindsay virou-se, para se encontrar entre os braços de Seth.

Por um momento, o mundo inteiro desapareceu, excepto o seu rosto. Todo o ser de Lindsay parecia estar concentrado nele. Sentiu um calor súbito nos lábios quando os olhos de Seth pararam neles. A sua boca entreabriu-se, convidativa, enquanto as suas pestanas caíam.

Subitamente, Lindsay recordou a promessa que se fizera. Pigarreando, afastou-se dele. Sentou-se no banco do carro e, depois, esperou até ouvir Seth fechar a porta.

Respirando fundo, observou como contornava o carro até ao lado do condutor.

"Preciso de controlar a situação desde o início e não baixar as defesas", decidiu, enquanto Seth deslizava no banco ao seu lado, e optou por empreender uma conversa calma.

- Fazes ideia de quantos olhos estão postos sobre nós neste momento? - perguntou-lhe.

Seth ligou o carro, mas não arrancou.

- Não. Muitos?

- Dúzias - embora as portas do carro estivessem fechadas, Lindsay manteve um tom baixo, confidencial. - Por detrás de cada cortina do quarto. Como vês, não me afecta ser o centro das atenções, embora, claro, seja uma profissional apta e habituada a pisar os palcos - acrescentou com olhos travessos. Espero que não fiques nervoso.

- Absolutamente! - respondeu Seth. Com um movimento rápido, prendeu-a contra o banco, reclamando a sua boca com um beijo apressado e excitante. Embora rápido, foi um beijo completo, que não deixou uma só parte dos seus lábios por explorar, uma única parte do seu sistema inalterado. Quando se afastou, Lindsay respirava ofegantemente e olhava fixamente para ele. Nunca ninguém sentira o que ela sentia naquele momento, estava convencida disso.

- Detesto oferecer um espectáculo aborrecido, tu não? - as palavras de Seth tinham um tom baixo e íntimo, e agitaram o sangue de Lindsay.

- Hum... hum... - respondeu ela, sem se comprometer, enquanto se afastava cautelosamente dele. Aquela não era precisamente a melhor forma de manter o controlo.

A casa da falésia ficava a cerca de quatro quilómetros da de Lindsay, mas erguia-se a uma grande altura sobre a vila, dominando as rochas e a água do estreito. Era construída em granito.

Para a imaginação fascinada de Lindsay, parecia lavrada na própria falésia, esculpida pela mão de um gigante. Possuía uma beleza crua e feroz, um castelo suspenso na própria berma da terra. Tinha inúmeras lareiras, portas e janelas, como requeria o tamanho da estrutura.

Mas agora, pela primeira vez em mais de doze anos, Lindsay viu que a casa estava viva.

As janelas resplandeciam, capturando o brilho do sol, reflectindo-o ou absorvendo-o. Ainda não havia flores que animassem a fachada séria da casa, mas a relva estava eximamente cuidada. E, com grande prazer, confirmou que das lareiras surgiam e serpenteavam nuvens de fumo.

O caminho de entrada era comprido e abrupto; surgia da estrada principal e descrevia uma curva até desembocar na parte frontal da casa.

- É maravilhosa, não é? - murmurou Lindsay. - Adoro o modo como vira as costas para o mar, como se não lhe importasse nenhum poder, excepto o seu.

Seth parou o carro no fim do caminho e virou-se para Lindsay.

- Isso é um pensamento muito fantasioso.

- Sou uma pessoa muito fantasiosa.

- Sim, eu sei - observou Seth; inclinando-se sobre ela, abriu a porta. Permaneceu assim um momento, perto de Lindsay, de modo que o menor movimento faria com que as suas bocas se

juntassem. - É estranho, mas em ti é atraente. Sempre preferi as mulheres pragmáticas.

- A sério? - algo parecia acontecer a Lindsay quando ele estava por perto. Era como se inúmeros fios, finos, mas impossivelmente fortes, a envolvessem até a deixarem incapacitada.

- Nunca me dei bem com o prático. Sou melhor a sonhar.

Ele enrolou nos seus dedos a ponta de uma madeixa do seu cabelo.

- Que tipo de sonhos tens?

- Tolos na sua maioria, pressuponho. São os melhores - Lindsay abriu rapidamente a porta e saiu. Depois, fechando os olhos, esperou que o seu sistema nervoso voltasse à normalidade. Ao ouvir Seth fechar a sua porta, voltou a abrir os olhos e observou a casa. Uma amizade cordial, mais nada, recordou, respirando fundo.

- Sabes? - começou a dizer. - A última vez que estive aqui tinha dezasseis anos e era meia-noite - sorriu, recordando, enquanto percorriam o caminho estreito para o alpendre. Arrastei o pobre Andy comigo e entrámos por uma das janelas laterais.

- Andy - Seth parou diante da porta principal. - É o halterofilista que beijaste diante do teu estúdio.

Lindsay arqueou um sobrolho, reconhecendo a descrição de Andy. Não disse nada.

- É teu amigo? - inquiriu Seth, num tom casual, enquanto fazia tilintar as chaves na palma da sua mão e observava Lindsay.

Lindsay sustentou o seu olhar.

- Sim, é um amigo.

- Como amiga, és muito afectuosa.

- Sim, sou - concordou ela. - Sempre considerei os dois termos sinónimos.

- Uma teoria interessante! - murmurou Seth, enquanto abria a porta. - Desta vez, não terás de entrar por uma janela - fez-lhe um gesto para que entrasse.

Era tão impressionante como Lindsay recordava. Os tectos do hall erguiam-se a cerca de seis metros de altura e estavam decorados com vigas de madeira. Uma escada ampla curvava-se para a direita e depois dividia-se em duas para subir pelos lados de uma varanda saliente. O corrimão era brilhante como um espelho e os degraus não eram atapetados.

O papel pintado poeirento que Lindsay recordava fora retirado e substituído por uma tapeçaria creme. Um tapete persa, comprido e estreito, cobria o chão de madeira de carvalho. O sol reflectia-se com suavidade nos prismas de um lustre.

Sem falar, Lindsay caminhou pelo hall até à primeira porta. A sala fora restaurada por completo. Numa das paredes, havia um estampado de flores, complementado pelos tons laçados, cor de pérola, que cobriam o resto. Lindsay passeou-se lentamente pela sala. Parou junto de uma pequena mesa do século XVIII e acariciou a sua superfície com a ponta do dedo.

- É magnífico! - reparou no brocado do sofá. - Sabias exactamente do que este lugar precisava. Eu

quase tinha imaginado esta sala com uma pastora de Dresde sobre a lareira... e ali está! - aproximou-se para a observar, comovida pela sua delicadeza. - E tapetes franceses no chão... - Lindsay virou-se com um sorriso que evidenciava o prazer que a sala lhe produzia. A sua era uma beleza frágil e intemporal que combinava com as antiguidades, as sedas e os brocados que a rodeavam.

Seth deu um passo para ela. Chegou-lhe o cheiro do seu perfume.

- Ruth está em casa? - perguntou Lindsay.

- Não, neste momento não - Seth surpreendeu-os, passando a ponta do dedo pela face de Lindsay.

- Está em casa de Monica. É a primeira vez que te vejo com o cabelo solto murmurou, deslocando o dedo desde a sua pele até ao seu cabelo. - Favorece-te.

Lindsay sentiu como o desejo começava a formar-se no seu interior e recuou.

- Usava-o solto na primeira vez que nos vimos - sorriu, ordenando-se para não falar como uma parva. - Estava a chover, segundo me lembro.

Seth devolveu-lhe o sorriso, primeiro com os olhos, depois com os lábios.

- É verdade - percorreu, novamente, a distância que os separava e, em seguida, acariciou-lhe o pescoço com um dedo. Lindsay tremeu, involuntariamente. - És assombrosamente sensível - disse, calmamente. - Acontece-te sempre?

Ela sentiu que o calor fluía no seu interior, palpitando onde a pele de Seth roçava na sua. Abanando a cabeça, virou-se.

- Não é uma pergunta justa.

- Eu não sou um homem justo.

- Não - concordou Lindsay, virando-se novamente para ele. - Não acho que sejas, pelo menos nas tuas relações com as mulheres. Vim para ver a casa, Seth! - recordou-lhe com firmeza. - Podes mostrar-ma?

Ele avançou outra vez para ela, mas o seu avanço viu-se interrompido. Um homem pequeno e elegante, com uma barba preta salpicada de pêlos brancos, apareceu à porta. A barba, espessa e eximamente cuidada, crescia-lhe desde as orelhas e cobria o seu queixo todo. Era ainda mais espantosa devido a serem os únicos pêlos que tinha na cabeça. Usava um fato preto de três peças, uma camisa branca e uma gravata preta. A sua postura era perfeita, de uma correcção militar, as suas mãos relaxadamente postas ao lado do corpo. Lindsay teve uma impressão imediata de eficiência.

- Senhor!

Seth virou-se para o homem e a tensão pareceu desaparecer da sala. Os músculos de Lindsay relaxaram.

- Worth! - Seth assentiu enquanto agarrava Lindsay pelo braço. - Lindsay, apresento-te Worth. Worth, a menina Dunne.

- Como vai, menina? - Worth fez uma ligeira reverência à europeia. O seu sotaque era britânico. Lindsay sentiu-se fascinada.

- Olá, senhor Worth! - cumprimentou-o com um sorriso tão espontaneamente aberto e amistoso como o seu gesto de lhe estender a mão. Worth hesitou, olhando brevemente de soslaio para Seth, antes de a aceitar. O seu contacto foi leve, apenas um suave roçar com os dedos.

- Telefonaram-lhe, senhor - disse Worth, concentrando a atenção no seu chefe. - Era o senhor Johnston, de Nova Iorque. Disse que era muito importante.

- Muito bem, telefona-lhe. Atendo-o em seguida - Seth virou-se para Lindsay, enquanto Worth saía da sala. - Desculpa, certamente não demorarei muito. Apetece-te beber alguma coisa enquanto esperas?

- Não - Lindsay olhou para o lugar onde Worth estivera. Era mais fácil, disse para si, lidar com Seth quando adoptava aquela atitude formal. Sorrindo, aproximou-se da janela. Vai, estarei à tua espera aqui.

Ele saiu com um murmúrio de assentimento.

Foram necessários apenas dez minutos para que a curiosidade de Lindsay se impusesse ao seu sentido de correcção. Aquela era a casa que explorara a meio da noite quando havia pó e teias de aranha por todos os lados. Foi impossível resistir a explorá-la agora, quando o sol reluzia sobre o chão encerado. Iniciou a sua exploração, com intenção de limitar o passeio ao hall principal.

Ali havia quadros para admirar e uma tapeçaria que a deixou sem fôlego. Sobre uma mesa, havia um jogo de porcelana chinesa, tão frágil que Lindsay receou que se partisse em bocadinhos sob o peso do seu olhar. Demasiado fascinada, pelos tesouros que estava a descobrir, para recordar a sua determinação de se limitar ao hall, abriu a porta situada ao fundo e encontrou-se na cozinha.

Era uma mistura estranha e irresistível de eficiência escrupulosa e encanto tradicional. Os electrodomésticos estavam embutidos nas paredes e o cromado e o aço inoxidável brilhavam por todos os lados. As bancadas eram de madeira laçada. O lava-loiça zumbia mecanicamente, enquanto um fogo tranquilo ardia numa lareira situada à altura da cintura. O sol entrava pela janela, iluminando as paredes e o chão de madeira. Lindsay emitiu um suspiro de pura satisfação.

Worth interrompeu a sua actividade sobre uma grande mesa de madeira maciça. Tirara o casaco, substituindo-o por um avental branco comprido com peitilho. O seu semblante foi perturbado por uma expressão de espanto, antes de recuperar as suas linhas plácidas habituais.

- Posso ajudá-la em algo, menina?

- Que cozinha magnífica! - exclamou Lindsay, deixando que a porta se fechasse atrás dela. Deu uma volta completa, sorrindo perante as chaleiras e as frigideiras de cobre brilhante que estavam penduradas sobre a cabeça de Worth. Seth foi muito inteligente ao fundir dois mundos num, de uma maneira tão perfeita.

- Sem dúvida, menina - concordou Worth, resolutamente. - Perdeu-se? - inquiriu, limpando, meticulosamente, as mãos num pano.

- Não, só estou a dar uma volta - Lindsay continuou a inspeccionar a cozinha, enquanto Worth a

observava com toda a correcção. - Na minha opinião, as cozinhas são lugares fascinantes. O centro da casa, de facto. Sempre lamentei não ter aprendido a cozinhar bem.

Recordou os iogurtes e as saladas dos seus tempos de bailarina profissional, as patuscadas ocasionais nalgum restaurante francês ou italiano, o frigorífico do seu apartamento, que poucas vezes utilizava. Durante aqueles dias frenéticos, descuidara, com frequência, a questão da comida. Fora totalmente impossível cozinhar.

- Tudo o que seja mais complexo do que uma salada de atum ultrapassa-me - virou-se para Worth, ainda a sorrir. - De certeza que é um cozinheiro esplêndido - Lindsay parou precisamente ao lado da janela. O sol da tarde iluminava intensamente as suas feições, acentuando a tez delicada e as maçãs finas do rosto.

- Faço o que posso, menina. Quer que lhe sirva uma chávena de café na sala?

Lindsay reprimiu um suspiro.

- Não, obrigada, senhor Worth. Voltarei para ver se Seth já acabou.

Enquanto falava, a porta abriu-se e Seth entrou.

- Desculpa ter demorado tanto - a porta fechou-se atrás dele, sem fazer qualquer ruído.

- Entrei na tua cozinha sem me dar conta depois de dirigir um olhar rápido de desculpas a Seth, Lindsay aproximou-se de Worth. - As coisas mudaram um pouco desde a última vez que estive aqui.

Uma mensagem masculina silenciosa foi trocada entre Worth e Seth, antes de este a agarrar pelo braço e a conduzir para a porta.

- E aprovas as mudanças?

Ela retirou o cabelo do ombro, enquanto levantava os olhos para olhar para ele.

- Deveria reservar a minha opinião até ver o resto, mas já me sinto cativada. E peço desculpa por ter irrompido na tua cozinha daquele modo - continuou a dizer. - Deixei-me levar.

- Worth tem uma certa política a respeito das mulheres na cozinha - explicou Seth.

- Sim - concordou Lindsay, cinicamente. Acho que sei que política é essa. "Não se admitem mulheres!"

-Muito perspicaz!

Percorreram as divisões do andar de baixo; a biblioteca, onde tinham restaurado e polido os painéis originais; uma sala de estar, da qual se retirara o papel pintado e que ainda não estava acabada; e os aposentos de Worth, de um esmero espartano.

- O resto do primeiro andar deverá estar acabado no Inverno - comentou Seth, enquanto subiam as escadas. Lindsay deixou que os seus dedos deslizassem pelo corrimão. Como podia ter um toque tão suave?, perguntou-se.

- A casa está muito bem construída - prosseguiu Seth, - e só há pequenas reparações e reformas a fazer.

O corrimão, pensou Lindsay, devia ter conhecido o contacto de inúmeras palmas e, de vez em

quando, de algum rabo. Sorriu, brincalhona, pensando em quão divertido seria deslizar por ele desde o terceiro andar.

- Amas esta casa - disse Seth, parando no patamar e prendendo Lindsay entre o seu corpo e o corrimão. Estavam muito perto um do outro e ela inclinou a cabeça para olhar para ele nos olhos. - Porquê?

Era óbvio que desejava uma resposta específica. Lindsay pensou um pouco antes de responder.

- Acho que é porque sempre me pareceu poderosa, eterna. Tem algo de conto de fadas. Continua de pé, geração após geração, época após época.

Virando-se, Lindsay avançou ao longo do corrimão que dominava o primeiro andar.

- Achas que Ruth se adaptará a viver aqui? Que aceitará estabelecer-se num único lugar?

- Porque perguntas?

Encolhendo os ombros, Lindsay virou-se e percorreu o corredor junto de Seth.

- Ruth interessa-me.

- Profissionalmente.

- E como pessoa - respondeu Lindsay, levantando a vista ao perceber o seu tom. - Tens algo contra o facto de se dedicar à dança?

Ele parou diante de uma porta para lhe dedicar um dos seus longos olhares.

- Não tenho a certeza de que a tua definição de dança e a minha sejam a mesma.

- Talvez não - reconheceu ela. - Mas talvez a definição de Ruth seja a que mais importa.

- É muito jovem, e... - acrescentou Seth, antes que Lindsay pudesse responder, - está sob a minha responsabilidade - abriu a porta e convidou-a a entrar.

O quarto era inequivocamente feminino. Nas janelas, havia cortinas azul-claras, a condizer com a colcha. O quarto dispunha de uma lareira de tijolo branco com biombo de bronze. Sobre uma mesinha, havia um vaso do qual brotava uma hera inglesa. Nas paredes, alinhavam-se várias fotografias emolduradas de estrelas de dança. Lindsay viu o póster de que Seth lhe falara. Ela como Julieta e Davidov como Romeu.

As lembranças assaltaram-na.

- Está claro a quem pertence este quarto murmurou, reparando nos laços de cetim cor-de-rosa que havia sobre a cómoda. Levantou o olhar para observar os traços perfeitos de Seth. Compreendeu que era um homem habituado a ver tudo exclusivamente de uma perspectiva masculina. Poderia, facilmente, ter colocado Ruth num colégio interno e limitar-se a enviar-lhe cheques generosos. Teria sido difícil para ele habituar-se a uma rapariga e às suas necessidades particulares?

- És um homem generoso em todos os aspectos,

Seth - perguntou com curiosidade, ou só em alguns?

Viu que os seus sobrolhos se arqueavam.

- Tens o hábito de fazer perguntas fora do comum - agarrando-a pelo braço, Seth acompanhou-a

até ao quarto seguinte.

- E tu tens a habilidade de fugir.

- Este é o quarto que deveria interessar ao teu fantasma - ele mudou de tema com subtileza.

Lindsay esperou que abrisse a porta e, em seguida, entrou.

- Oh, sim! - caminhou até ao meio do quarto e deu uma volta rápida. O seu cabelo seguiu-a, descrevendo um círculo lento. - É perfeito!

Os bancos junto das janelas estavam estofados de veludo bordeaux, cor que se repetia no desenho de um tapete oriental enorme. Os móveis eram antigos, muito vitorianos, reluzentes graças aos cuidados de Worth. Nenhum outro estilo teria favorecido tanto o quarto alto e amplo. Havia uma arca ao pé da cama e candelabros de estanho em cada mesa-de-cabeceira.

A lareira era imensa, de pedra, e fez com que a mente de Lindsay se enchesse de imagens de chamas crepitantes. No decorrer de uma noite longa e fria, o fogo rugiria, depois crepitaria, para depois se extinguir conforme as horas passavam. Visualizou uma imagem vívida de si mesma, aninhada na cama, com o corpo de Seth a aquecer o seu. Algo confusa pela clareza da visão, começou a passear-se pelo quarto.

Demasiado cedo, disse para si. Demasiado depressa. Devia recordar quem era aquele homem. Em silêncio, ponderou aquelas emoções inesperadas e indesejadas. Parou diante da porta da varanda, abrindo-a para sair. Recebeu-a uma rajada de vento.

Ouviu o ruído da água ao bater contra as rochas, sentiu o cheiro salgado do ar refrescante. Lindsay observou as nuvens que se empurravam no céu, perseguidas pelo vento selvagem. Avançou até ao corrimão e olhou para baixo. O precipício era vertical e mortífero. As ondas ferozes açoitavam as rochas dentadas, afastando-se unicamente para reunir forças e efectuar uma nova investida. Absorta na excitação da cena, Lindsay não tinha consciência de que Seth se colocara atrás dela. Quando a virou para ele, a sua reacção foi tão inevitável e desenfreada como as nuvens que discorriam no alto, como o fluxo que se debatia em baixo.

Levantou os braços para rodear o seu pescoço, enquanto Seth a apertava contra si. Uniram-se. A sua boca fundiu-se com a dele. Sem hesitar, Lindsay respondeu à intimidade do beijo, explorando com a sua própria língua, até que o sabor de Seth se misturou com o seu próprio. Quando Seth a acariciou, ela tremeu, não de medo ou resistência, mas de puro prazer.

A mão dele deslizou sob a sua camisa, descendo brevemente pela linha do seu tórax. Cobriu-lhe um seio com a palma; era pequeno e a sua mão, muito grande. Lentamente, enquanto intensificava o beijo, percorreu a curva do seio com o dedo.

Tal como desejara fazer, Lindsay entrelaçou os dedos no seu cabelo. Sentia uma necessidade impossível de resistir. Percorreu-a rapidamente, como um rio que muda o seu curso. A corrente era irresistível e arrastava-a para águas mais turbulentas. Os dedos dele desprendiam calor, enquanto vagavam pela sua pele, provocando ondas de prazer.

Quando Seth afastou os seus lábios dos dela, para devorar a curva do seu pescoço, Lindsay sentiu que o seu corpo era invadido por um súbito calor. A frescura do vento açoitava o seu rosto, aumentando a excitação.

Os dentes de Seth provocaram-lhe pequenas ondas de dor que se misturavam com o prazer. O murmúrio da corrente reverberava no seu cérebro, mas por cima dele ouviu Seth murmurar o seu nome. Quando voltou a reclamar a sua boca, Lindsay deu-lhe, ansiosamente, as boas-vindas. Nunca sentira um desejo tão vertiginoso, tão arrebatador.

Seth afastou os seus lábios, pondo-lhe as mãos nos ombros para a manter perto de si. O seu olhar entrelaçou-se com o dela. Nos seus olhos, Lindsay viu ansiedade e paixão. Um novo tremor de excitação sacudiu a sua espinha dorsal. Ter-se-ia fundido novamente entre os seus braços, se ele não a mantivesse levemente afastada.

- Desejo-te - o vento despenteava o cabelo de Seth à volta do seu rosto.

Lindsay conseguia ouvir como os seus batimentos aumentavam, ecoando no seu cérebro como a corrente da falésia. Estava a brincar com o perigo e sabia, embora não tivesse consciência de até que ponto.

- Não - abanou a cabeça, apesar de o rubor do desejo tingir as suas faces. - Não - o chão parecia instável sob os seus pés. Afastou-se para se agarrar ao corrimão e inalar profundamente o ar frio do mar. Deixou a sua garganta seca e áspera.

Bruscamente, Seth agarrou-a pelo braço e virou-a.

- O que raios queres dizer? - o seu tom era mortalmente baixo.

Lindsay abanou, novamente, a cabeça. O vento introduziu-lhe o cabelo nos olhos e ela retirou-o, desejando ver Seth com clareza. Havia algo na sua postura tão indomável e feroz como a corrente do mar.

Ali estava o vulcão. Atraía-a para si, provocava-a.

- Pois, isso - disse Lindsay. - O que acabou de acontecer foi inevitável, mas não irá mais além.

Seth aproximou-se mais dela. A sua mão forte agarrou-lhe a nuca. Lindsay podia sentir o peso e a textura de cada dedo.

- Nem tu mesma acreditas nisso.

A sua boca desceu rapidamente sobre a dela, mas, em vez de usar a força, valeu-se da persuasão. Deslizou a língua entre os seus lábios, até que estes se entreabriram com um suspiro. Depois, tomou-os implacavelmente, embora com suavidade.

Lindsay agarrou-se aos seus braços para manter o equilíbrio. Faltava-lhe o ar, tal como teria faltado se se tivesse atirado pela varanda e precipitado pelo vazio para as rochas de lá de baixo.

- Quero fazer amor contigo.

O movimento dos lábios de Seth contra os seus provocava uma pontada dolorosa de desejo em Lindsay. No entanto, lutou para se afastar dele.

Por um momento, permaneceu em silêncio, recuperando o fôlego e observando-o.

- Tens de entender - começou a dizer e fez uma pausa para acalmar a sua voz. - Tens de entender o tipo de pessoa que sou. Não sou capaz de ter aventuras passageiras ou de uma noite - novamente, retirou o cabelo dos olhos.

- Preciso de algo mais do que isso. Não possuo a tua sofisticação, Seth... Não posso, nem quero, competir com as mulheres que tiveste na tua vida.

Virou-se para se afastar, mas ele agarrou-a pelo braço e obrigou-a a olhar para ele.

- Achas, realmente, que podemos esquecer o que aconteceu?

- Sim - a palavra brotou bruscamente de Lindsay, enquanto as dúvidas se amontoavam na sua mente.

- Quero ver-te esta noite.

- Não, de maneira nenhuma! - Lindsay afastou-se ao ver que ele se aproximava mais.

- Lindsay, não vou desperdiçar esta oportunidade.

Ela abanou a cabeça.

- A única coisa que nos une é Ruth. Seria tudo mais simples se tivéssemos isso presente.

- Mais simples? - Seth pegou numa madeixa do seu cabelo. Um meio sorriso aflorou aos seus lábios. - Não acho que sejas daquelas mulheres que se satisfaz com a simplicidade.

- Tu não me conheces - repôs Lindsay.

Ele sorriu amplamente naquele momento e, depois de largar o seu cabelo, agarrou-a pelo braço para a acompanhar novamente para o interior da casa.

- Talvez não, Lindsay - assentiu num tom afável, - mas vou conhecer.

A determinação férrea contida nas suas palavras não passou inadvertida a Lindsay.

Sete

Decorrera quase um mês desde que Ruth ingressara na escola de Lindsay. O tempo ficara rapidamente frio e já havia indícios no ar de nevões iminentes. Lindsay fez o que pôde para manter a velha caldeira da escola a trabalhar.

Com uma camisa atada à cintura sobre o maio, deu a última aula do dia.

- Glissade, glissade. Arabesque em pontas

- enquanto falava, Lindsay passeava-se junto da fila de alunas, observando, criticamente, as suas formas e posturas. Estava satisfeita com os progressos da sua aula avançada. As alunas eram boas e tinham uma compreensão sólida da música e do movimento. No entanto, quanto mais tempo Ruth passava na turma, mais se distanciava das outras.

O seu talento estava muito acima do normal, disse para si Lindsay, estudando a sua postura e a sua fluidez. Ali, estava a desperdiçá-lo.

A frustração, já familiar, embargou Lindsay, uma frustração próxima da raiva.

E o olhar que havia nos olhos de Ruth, disse para si enquanto indicava a uma aluna que levantasse o queixo, parecia dizer: "Desejo-o". Como convenceria Seth a deixar Ruth atingir o objectivo que desejava, antes que fosse demasiado tarde e lhe escapasse para sempre?

Ao pensar em Seth, a atenção de Lindsay desviou-se das suas alunas. Lembrou-se da última vez que o vira. Se tivesse de ser honesta consigo mesma, deveria admitir que pensara várias vezes nele ao longo daquelas semanas. Desejava convencer-se de que a atracção física que sentia por Seth se desvaneceria. Mas sabia que não era verdade.

- Tendu - indicou Lindsay, enquanto cruzava os braços sobre o peito. A lembrança das suas carícias, do seu sabor, persistia. Frequentemente, surpreendia-se a perguntar-se o que estaria a fazer Seth... enquanto tomava o pequeno-almoço, quando se encontrava sozinha no estúdio à tarde, quando acordava sem motivo a meio da noite. E tinha de reprimir o impulso de perguntar a Ruth.

"Não farei uma figura ridícula por causa deste homem", disse para si.

- Brenda, as mãos! - Lindsay fez uma demonstração, os seus dedos fluindo com o movimento do seu pulso. O telefone apanhou-a de surpresa. Consultou, carrancuda, o relógio. Ninguém lhe telefonava para o estúdio a meio de uma aula. Imediatamente, um pensamento irrompeu na sua mente: "Mãe".

- Continua tu, Brenda - sem esperar uma resposta, correu para o escritório e atendeu o telefone.

- Escola de dança de Cliffside - o coração subira-lhe à garganta.

- Lindsay? És tu, Lindsay?

- Sim, eu... - a mão de Lindsay parou a meio do caminho dos seus lábios. - Nicky! Aquele sotaque russo musical era inconfundível. - Oh, Nick, fico tão contente de ouvir a tua voz! - o piano de Monica continuava a soar suavemente. Lindsay tapou o ouvido com a mão enquanto se sentava. - Onde estás?

- Em Nova Iorque, é claro - havia uma nota risonha na sua voz que Lindsay sempre adorara. -
Como vai a tua escola?

- Muito bem. Trabalhei com algumas bailarinas muito boas. Há uma, em particular, que estou desejosa de enviar para ti. É especial, Nick, tem um físico esplêndido e...

- Depois, depois - Nick interrompeu o seu relatório entusiasta sobre Ruth. Lindsay quase conseguiu visualizar o gesto rápido que certamente teria acompanhado as suas palavras. Telefonei para falar de ti. A tua mãe está bem? A hesitação de Lindsay durou apenas um suspiro.

- Muito melhor. Já é autónoma há algum tempo.

- Bom. Muito bom. Então, quando vais regressar?

- Nick - Lindsay flectiu os ombros, depois reparou na fotografia que havia na parede, onde ela aparecia a dançar com o homem que se encontrava do outro lado da linha. Três anos, disse para si. Podiam ter sido trinta. - Passou muito tempo, Nick.

- Tolices! Preciso de ti.

Ela abanou a cabeça. Nick sempre fora muito autoritário. Talvez, disse para si Lindsay, fosse o seu destino envolver-se com homens dominantes.

- Não estou em forma, Nick. E há novos talentos - a sua mente concentrou-se em Ruth. É deles que se precisa.

- Desde quando tens medo do trabalho duro e da concorrência?

O tom desafiador da sua voz era uma velha artimanha que arrancou um sorriso a Lindsay.

- Ambos sabemos que passar três anos a dar aulas de dança não é o mesmo que passar três anos a actuar. O tempo nunca pára, Nick, nem sequer para nós.

- Tens medo?

- Sim. Um pouco, sim.

Ele riu-se ao ouvir a confissão.

- Bom, o medo obrigar-te-á a dançar melhor - irrompeu numa gargalhada exasperada.

- Preciso de ti, ptichka, meu pequeno passarinho. Estou quase a acabar de escrever o meu primeiro bailado.

- Nick, isso é maravilhoso! Não sabia que estavas a trabalhar numa obra.

- Resta-me um ano, talvez dois, como bailarino. Não me interessa interpretar personagens secundárias - durante a breve pausa, Lindsay ouviu o murmúrio das raparigas enquanto calçavam os sapatos de rua. - Ofereceram-me a direcção da companhia.

- Não posso dizer que me surpreenda - respondeu Lindsay, ardentemente. - Mas fico muito contente, por ti e por eles.

- Quero que regreses, Lindsay, que voltes para a companhia. Pode resolver-se, sabes? Bastará puxar alguns cordelinhos.

- Prefiro que não. Eu...

- Ninguém pode protagonizar o meu bailado, excepto tu. É Ariel e tu és Ariel.

- Oh, Nick, por favor! - levantando a mão, Lindsay apertou a ponta do nariz com o polegar e o indicador. Deixara para trás de si o mundo que Nick lhe oferecia.

- Não, nada de discussões, pelo menos ao telefone.

Ela abanou a cabeça em silêncio e fechou os olhos.

- Quando o bailado estiver acabado, irei a Cliffdrop.

- Cliffside - corrigiu-o Lindsay.

- Cliffside, Cliffdrop, sou russo. É de esperar. Irei em Janeiro - continuou a dizer Nick, para te mostrar o bailado. Depois, regressarás comigo.

- Fazes com que tudo pareça muito simples, Nick.

- Porque é, ptichka. Em Janeiro.

Lindsay afastou o auscultador da orelha e ficou a olhar para ele. Que característico de Nick, disse para si, desligar sem cerimónia. Era famoso pelos seus gestos eloquentes e impulsivos, assim como pela sua total dedicação à dança. E era tão brilhante!, pensou Lindsay, enquanto pousava o auscultador. Tão seguro de si mesmo. Nunca compreenderia que algumas coisas pudessem ser guardadas num cofre de lembranças e continuar a ser lindas e a estar vivas. Para Nick, era tudo muito simples.

Lindsay levantou-se e aproximou-se da fotografia para a contemplar. A companhia era tudo para Nick. Mas para ela contavam outros factores, outras necessidades. Nem sequer sabia quais eram, apenas que existiam.

Cruzou os braços sobre o peito, abraçando-se. Talvez fosse a altura de tomar uma decisão.

Uma rajada de impaciência percorreu-a por dentro. Andava há demasiado tempo a vaguear sem um rumo fixo, acusou-se.

Voltando ao presente, Lindsay dirigiu-se para o estúdio. Algumas alunas continuavam na sala, renitentes em abandonar o calor da escola devido ao frio no exterior. Ruth regressara para a barra para praticar sozinha. Os seus olhos seguiram Lindsay no espelho. Monica levantou o olhar com um sorriso animado.

- Ruth e eu vamos comer uma pizza e depois vamos ao cinema. Queres vir?

- Parece-me óptimo, mas quero trabalhar mais um pouco na encenação de O Quebra-nozes. O Natal está quase a chegar.

Monica estendeu o braço para lhe acariciar a mão.

- Trabalhas demasiado, Lindsay. Lindsay apertou a mão de Monica, olhando para os seus olhos graves e preocupados.

- Estive a pensar nisso.

As duas mulheres levantaram os olhos ao abrirem a porta. Andy entrou acompanhado de uma rajada de ar gélido. A sua tez, normalmente pálida, estava avermelhada pelo frio e tinha os ombros largos encolhidos.

- Olá! - Lindsay estendeu as mãos para pegar nas dele. Tremeu ao senti-las frias. - Não esperava ver-te aqui esta noite.

- Parece que cheguei no momento certo Andy olhou à sua volta, enquanto as alunas vestiam calças e camisolas sobre os maios. Cumprimentou Monica com um gesto casual; ela, por sua vez, fez um gesto de assentimento, quase esperançado, na sua direcção.

- Olá, Andy! - pareceu, finalmente, gaguejar.

Ruth observou aquele intercâmbio simples de saudações do canto da sala. Era tão evidente, disse para si, para qualquer um, excepto para os três. Andy estava loucamente apaixonado por Lindsay e Monica estava loucamente apaixonada por ele. Vira como Monica corava quando Andy entrara no estúdio. Ele, por seu lado, só vira Lindsay.

As pessoas eram tão estranhas!, pensou Ruth, enquanto executava um grandplié.

E Lindsay. Lindsay era tudo o que ela aspirava ser: uma verdadeira bailarina, segura de si, serena, bonita, com uma certa qualidade esquiva nos seus movimentos. Ruth disse para si que Lindsay se movia, não como um pássaro ou uma borboleta, mas como uma nuvem. Havia algo leve, algo livre, em cada passo seu, em cada gesto. Ruth não a observava com inveja, mas com saudade. E observava-a atentamente, sem cessar. E, por isso, Ruth achava estar a começar a conhecer Lindsay muito bem.

Admirava o seu aspecto aberto, o modo como manifestava livremente as suas emoções. Possuía um calor natural que atraía os outros. Mas havia mais sob a superfície, muito mais, que Lindsay não costumava revelar. Ruth duvidava que aquelas paixões ocultas se expressassem com frequência. Seria necessário algo intenso, como a própria dança, para que se manifestassem.

Enquanto Ruth pensava em tais coisas, a porta voltou a abrir-se e o seu tio entrou no estúdio.

Um sorriso aflorou aos lábios de Ruth, acompanhado de um gesto de saudação. Interrompeu este último para, mais uma vez, desempenhar o papel de observadora.

O estremecimento provocado pelo contacto visual entre Seth e Lindsay foi rápido e vulcânico. O seu resplendor foi tão breve que, se Ruth não estivesse a observar com tanta atenção, ter-lhe-ia passado inadvertido.

Mas foi real e poderoso.

Ruth fez uma pausa momentânea, olhando, carrancuda e pensativamente, para a sua professora e o seu tio. Aquilo era algo inesperado e não sabia como se sentir a respeito. A atracção existente entre ambos era tão manifestamente óbvia como a de Monica por Andy e a deste por Lindsay.

Era espantoso, pensou, que nenhum parecesse dar-se conta das emoções que havia entre os quatro.

Ruth recordava a certeza que costumava haver nos olhos dos seus pais sempre que olhavam um para o outro. A imagem produziu-lhe um sentimento de ternura, assim como de tristeza. Desejava, desesperadamente, sentir outra vez um pouco daquele tipo de amor.

Sem falar, retirou-se para um canto para tirar as sapatilhas de ballet.

Quando Lindsay virara a cabeça e vira Seth, sentira o seu poder. Invadira-a e o seu refluxo fora tão rápido que tivera a certeza de que as suas pernas se tinham derretido.

Não, a atracção não se desvanecera. Aumentara.

Todos os pormenores relativos a Seth tinham ficado, instantaneamente, gravados no seu cérebro: o seu cabelo despenteado pelo vento; o facto de ter o casaco de pele desabotoado apesar do frio; o modo como os seus olhos pareceram devorá-la quando entrara.

Parecia impossível que, sem fazer qualquer esforço, conseguisse afastar por completo da sua mente os outros presentes. Era como se estivessem sozinhos, numa ilha, no cimo de uma montanha, de tal modo se sentia absorvida por ele.

"Senti a falta dele", compreendeu, de repente. Tinham passado vinte e dois dias desde que o vira pela última vez, desde que falara com ele. Um mês antes nem sequer sabia que existia e agora pensava nele nos momentos mais estranhos e inesperados.

Um sorriso aflorou aos seus lábios. Embora Seth não lho tivesse devolvido, Lindsay avançou para ele e estendeu-lhe as mãos.

- Olá! Senti a tua falta.

O comentário brotou espontaneamente, sem malícia. Lindsay pegou nas mãos de Seth e ele observou o seu rosto.

- A sério? - perguntou com voz serena, mas a exigência do seu tom recordou a Lindsay que devia ser cautelosa.

- Sim - confessou ela. Retirou as mãos e virou-se. - Conheces Andy e Monica, não conheces?

Monica permanecia de pé, junto do piano, a organizar algumas partituras. Lindsay aproximou-se dela para a substituir na tarefa.

- Não te incomodes a fazer isso - disse. Ruth e tu devem estar famintas. Além disso, perderão o filme se ficarem demasiado tempo

- disse atrapalhadamente. Porque, perguntou-se, nunca pensava antes de falar? Levantou a mão num gesto de despedida, enquanto as últimas alunas saíam. - Já comeste, Andy?

- Pois, não, na verdade foi por isso que vim

- Andy olhou de soslaio para Seth. - Pensei que talvez quisesses comer um hambúrguer e ir ao cinema.

- Oh, Andy, que amável! - Lindsay parou de organizar as partituras para lhe sorrir. - Mas tenho de acabar um trabalho. Acabei de declinar uma oferta semelhante de Monica e Ruth. Porque não mudas o hambúrguer para uma pizza e vais com elas?

- Claro que sim, Andy! - apressou-se a dizer Monica e depois corou. - Seria divertido, não é verdade, Ruth?

Ao ver a súplica nos olhos castanhos de Monica, Ruth sorriu e assentiu.

- Não vieste buscar-me, pois não, tio Seth?

- Ruth levantou-se, puxando as suas calças de ganga para cima.

- Não - Seth viu como a cabeça da sua sobrinha desaparecia no interior de uma camisola grossa, para depois aparecer novamente pela gola. - Vim para conversar com Lindsay.

- Bem, nesse caso não vos incomodamos Monica moveu-se com uma graciosidade inesperada numa rapariga de ossos largos. Havia algo atlético no seu modo de andar, embora suavizado pelos seus anos na barra. Agarrou no seu casaco e olhou para Andy. O seu sorriso não era reservado, embora hesitante. - Vens, Andy? - viu o olhar rápido que ele dirigia a Lindsay. Sentiu um aperto no coração.

- Claro! - Andy acariciou o ombro de Lindsay. - Até amanhã.

- Boa noite, Andy - colocando-se em bicos de pés, Lindsay deu-lhe um beijo rápido. - Divirtam-se - disse, dirigindo-se aos três.

Andy e Monica encaminharam-se para a porta, ambos a lutar contra a depressão. Ruth seguiu-os com um sorriso a brincar nos seus lábios.

- Boa noite, tio Seth, menina Dunne - fechou firmemente a porta do estúdio ao sair.

Lindsay ficou a olhar para a porta fechada, a perguntar-se o que teria motivado aquele brilho nos olhos de Ruth. Um brilho travesso, puro e simples, e Lindsay, embora se tivesse alegrado de o ver, não podia deixar de se perguntar qual seria a causa. Abanando a cabeça, virou-se para Seth.

- Bom - começou a dizer, animadamente, imagino que quererás falar de Ruth. Acho que...

-Não.

Os pensamentos de Lindsay pararam a meio.

- Não? - repetiu. A sua expressão era de genuína perplexidade, até que Seth deu um passo para ela. Então, compreendeu tudo. - Na verdade, devíamos falar sobre ela - disse, virando-se e afastando-se para o meio do estúdio. Pôde ver o reflexo de ambos nos espelhos da parede. - Está muito mais adiantada do que qualquer uma das minhas alunas, dedica-se mais e tem muito mais talento. Algumas pessoas nascem para dançar, Seth. Ruth é uma dessas pessoas.

- Talvez - com movimentos casuais, Seth tirou o casaco e largou-o em cima do piano. Lindsay compreendeu, instintivamente, que não seria fácil lidar com ele naquela noite. Levou os dedos ao pescoço. - Mas passou um mês, não seis. Falaremos de Ruth no próximo Verão.

- Isso é absurdo! - incomodada, Lindsay virou-se para olhar para ele. Fora um erro, descobriu, pois a sua imagem real era muito mais poderosa do que a do espelho. Lindsay virou-se novamente e começou a passear-se nervosamente. - Falas como se fosse um capricho que lhe passará com a idade. Daqui a cinco meses continuará a ser uma bailarina.

- Então, esperar não será um problema.

A sua lógica fez com que Lindsay fechasse os olhos com fúria. Desejava raciocinar com ele, tranquila e sossegadamente.

- Será tempo perdido - disse, controlando-se.

- E, numa situação como esta, perder tempo é um pecado. Ruth precisa de mais, muito mais, do

que eu posso oferecer-lhe aqui.

- Primeiro, precisa de um pouco de estabilidade - havia um laivo de enfadamento na voz de Seth.

Reflectia os próprios sentimentos de Lindsay, tal como o vidro reflectia os seus corpos.

- Possui um dom - repôs ela, gesticulando frustradamente com os braços. - Porque te recusas a vê-lo? É um dom raro e bonito, mas que tem de ser educado e disciplinado, coisa que será mais difícil quanto mais tempo passar.

- Já te disse que Ruth está sob a minha responsabilidade - a voz de Seth soava afiada como uma lâmina. - E também te disse que não vim para falar de Ruth. Esta noite, não.

A intuição de Lindsay reprimiu qualquer réplica possível. Não chegaria a lado nenhum com ele daquele modo e corria o risco de acabar com qualquer oportunidade futura. Para o bem de Ruth, disse para si, deveria ter paciência.

- Está bem - respirou fundo e reparou que o seu aborrecimento acalmava. - Porque vieste?

Ele avançou para ela e agarrou-a firmemente pelos ombros, antes que pudesse reagir.

- Sentiste a minha falta? - perguntou, os seus olhos trespassando os de Lindsay no espelho.

- Numa vila pequena como esta, é estranho que passe um mês sem vermos alguém - Lindsay tentou escapar, mas os dedos dele fecharam-se com mais força.

- Estive a trabalhar num projecto, um centro médico que vai ser construído na Nova Zelândia. Os esboços já estão praticamente acabados.

Dado que a ideia a intrigava, Lindsay relaxou.

- Deve ser muito emocionante... crias algo com a tua mente, algo em cujo interior as pessoas vivem, trabalham ou passeiam. Algo sólido e duradouro. Porque te tornaste arquitecto?

- Os edifícios fascinavam-me - Seth começou a massajar-lhe, lentamente, os ombros, mas o interesse de Lindsay concentrava-se nas suas palavras. - Perguntava-me porque se construíam de determinadas maneiras, porque as pessoas escolhiam diferentes estilos. Queria fazê-los funcionais e atraentes ao mesmo tempo - com o polegar, subiu pela curva da nuca, estimulando um sem-fim de terminações nervosas. - Tenho um fraco pela beleza - lentamente, enquanto os olhos de Lindsay permaneciam cravados no espelho, Seth desceu a boca para atormentar a sua pele agora excitada. Um suspiro trémulo escapou dos lábios dela. -Seth...!

- Porque te tornaste bailarina? - a pergunta interrompeu o seu protesto. Seth massajou os seus músculos com os dedos e olhou para ela ao espelho. Captou o desejo que titilava nos seus olhos.

- Foi a única possibilidade que se abriu perante mim - as palavras de Lindsay soavam roucas, nubladas por uma paixão contida. Era-lhe difícil concentrar-se no que dizia. - A minha mãe não falava de outra coisa.

- Portanto, tornaste-te bailarina por causa dela - Seth levantou uma mão até ao seu cabelo e retirou um gancho.

- Não, algumas coisas são fixadas pelo destino. O meu destino era este - sentiu que a mão dele

subia pelo seu pescoço e se afundava no seu cabelo. Tirou-lhe outro gancho. - Ter-me-ia dedicado à dança, mesmo sem a intervenção da minha mãe. Ela simplesmente fez-me ver antes a sua importância. O que estás a fazer? pôs uma mão sobre a dele, enquanto lhe tirava outro gancho.

- Prefiro o teu cabelo solto, para poder tocar-lhe.

- Seth, não...

- Tem-lo sempre apanhado quando dás aulas, não tens?

- Sim, eu... - o peso do seu cabelo recaiu sobre os restantes ganchos, até que estes caíram no chão.

O cabelo ficou solto numa nuvem loira clara.

- Já acabou a aula - murmurou ele, enterrando o rosto no seu cabelo.

O reflexo de ambos no espelho mostrava o forte contraste do cabelo de Seth sobre o dela, dos seus dedos bronzeados sobre a pele pálida do seu pescoço. Era mágico ver como lhe retirava o cabelo do pescoço e fazia descer a sua boca, enquanto, ao mesmo tempo, sentia a carícia dos seus lábios e dos seus dedos na pele.

Fascinada, Lindsay observou o par no espelho da parede. Quando ele a virou para si, o transe não diminuiu de intensidade. Totalmente absorvida, ela levantou os olhos para olhar para ele.

Seth desceu a sua boca e, embora os lábios de Lindsay estivessem famintos, deu-lhe uma série de beijos suaves na linha do queixo. As suas mãos moviam-se ansiosamente pelo cabelo, enquanto atormentava o seu rosto com beijos promissores.

Lindsay começou a arder de desejo, ansiando a intimidade que se seguia à união dos lábios. No entanto, quando virou a cabeça para procurar a sua boca, Seth afastou-a de si.

Ondas de calor subiam dos dedos dos seus pés, concentrando-se nos seus pulmões, até que Lindsay chegou a pensar que explodiriam de puro prazer. Com os olhos cravados nos dela, Seth desabotoou-lhe, lentamente, o botão da camisa, os seus dedos deslocaram-se pelos seus ombros, mal lhes roçando, parando a poucos centímetros da proeminência dos seus seios. Com delicadeza, tirou-lhe a camisa e esta caiu silenciosamente no chão.

Houve algo incrivelmente sexual naquele gesto. Lindsay sentiu-se nua diante dele. Seth destruíra todas as suas barreiras. Já não havia lugar para miragens. Adiantando-se, colocou-se em bicos de pés para possuir a boca de Seth com a sua.

O beijo começou lenta, luxuriosamente, com a paciência de duas pessoas que sabiam o prazer que podiam dar uma à outra. A boca era feita para ser saboreada e ambos saciaram uma fome que aumentara e se agudizara com o jejum. Beberam sem pressas, como se desejassem prolongar aquele momento de plena satisfação.

Lindsay afastou os lábios dos de Seth para começar a explorar. Havia um certo toque de aspereza no seu queixo devido à barba de um dia. As suas maçãs do rosto eram longas e, debaixo da orelha, tinha um sabor misteriosamente masculino. Parou ali, a saborear.

As mãos dele pousaram nas suas ancas e, com os dedos, percorreu a parte superior das suas coxas.

Lindsay mudou de posição para lhe permitir acariciar com maior liberdade. Numa viagem prolongada e gradual, a mão subiu até ao seu seio. O tecido do maio era muito justo, apenas uma barreira entre a sua palma e a pele.

Os seus lábios uniram-se num beijo exigente e desesperado, enquanto os seus corpos ficavam tensos, um contra o outro. Os braços de Seth aproximaram-na mais fortemente de si, quase levantando-a do chão. Já não havia comodidade, não havia recreação, mas a dor era deliciosa.

Como se viesse do fim de um túnel, Lindsay ouviu o som do telefone. Aninhou-se mais contra Seth. O telefone voltou a tocar várias vezes, até que, finalmente, penetrou na sua consciência.

Lindsay tentou afastar-se de Seth, mas ele puxou-a para si.

- Deixa tocar, bolas! - reclamou a sua boca, engolindo as palavras.

- Não posso, Seth - Lindsay tentou orientar-se através da bruma que nublava o seu cérebro. - Não posso... a minha mãe.

Ele praguejou profusamente, mas largou-a. Afastando-se, ela correu para o telefone.

- Sim? - penteando o cabelo, Lindsay tentou aclarar a sua mente o suficiente para saber onde estava.

- Menina Dunne?

- Sim. Sim, sou Lindsay Dunne - Lindsay sentou-se num canto da mesa ao sentir que as pernas lhe falhavam.

- Lamento muito incomodá-la, menina. É Worth. O senhor Bannion está aí?

- Worth? - Lindsay inalou e exalou lentamente uma baforada de ar. - Ah, sim! Sim, está aqui. Espere um pouco.

Com movimentos lentos e deliberados, deixou o auscultador junto do telefone e levantou-se. Permaneceu um minuto à porta do escritório. Seth estava virado para ela e os seus olhos cravaram-se instantaneamente nos de Lindsay, como se estivesse ansiosamente à espera da sua volta.

Lindsay entrou no estúdio, a combater o impulso de entrelaçar as mãos.

- É para ti - disse-lhe. - O senhor Worth.

Seth assentiu, mas não houve nada de formal no modo como a agarrou pelos ombros ao passar. Permaneceram, brevemente, um à frente do outro.

- É só um minuto.

Lindsay ficou imóvel, até que ouviu o murmúrio da sua voz ao telefone. Sempre que acabava uma dança difícil, demorava alguns minutos a respirar. Tratava-se de uma respiração concentrada, profunda e lenta, não o movimento inconsciente de permitir o acesso do ar aos pulmões.

Demorou algum tempo a fazê-lo naquele momento.

A pouco e pouco, sentiu que o fluxo sanguíneo decrescia e que a sua pulsação se acalmava. O formigueiro que sentia debaixo da pele desapareceu. Satisfeita de que o seu corpo respondesse, Lindsay esperou que a sua mente seguisse o exemplo.

Inclusive para uma mulher que gostava de correr riscos, Lindsay tinha consciência da insensatez da sua conduta. Com Seth Bannion, perderia. Estava a começar a compreender que ela mesma contribuía para aumentar a sua desvantagem. Sentia-se demasiado atraída por ele, era demasiado vulnerável aos seus encantos. E o facto de o conhecer apenas há algumas semanas não parecia ter importância nenhuma.

Lentamente, aproximou-se da camisa que estava no chão. Baixou-se precisamente quando um movimento no espelho chamou a sua atenção. Novamente, os seus olhos encontraram-se com os de Seth no espelho. Uma série de pontadas frias propagaram-se pela sua pele.

Lindsay endireitou-se e virou-se. Sabia que o momento das fantasias e das ilusões passara.

- Um problema na obra - disse ele, laconicamente. - Tenho de rever alguns números em casa - aproximou-se dela. - Vem comigo.

Estava inequivocamente claro o que pretendia. Para Lindsay, a simplicidade e a franqueza da sua proposta eram arrebatadoramente cativantes. Com movimentos cuidadosos, vestiu a camisa.

- Não, não posso. Tenho de trabalhar e, além disso...

- Lindsay - Seth parou-a com uma palavra e uma carícia na face. - Quero ir para a cama contigo. Quero acordar ao teu lado.

Ela deixou escapar um longo suspiro.

- Não estou habituada a enfrentar este tipo de situações - murmurou. Passou a mão pelo cabelo solto e depois voltou a olhar fixamente para ele nos olhos. - Sinto-me muito atraída por ti. É algo que nunca sentira antes e não sei muito bem o que fazer a esse respeito.

A mão de Seth desceu da sua face e rodeou o seu pescoço.

- Achas que podes dizer-me uma coisa assim e depois esperar que volte para minha casa sozinho?

Lindsay abanou a cabeça e pôs uma mão firme no seu peito.

- Disse-to, pressuponho, porque não sou suficientemente sofisticada para me calar. Não acredito em mentiras e em fingimentos - uma linha fina desenhou-se no seu sobrolho enquanto prosseguia. - Nem costumo fazer nada que não tenha a certeza absoluta de que quero fazer. Não vou para a cama contigo.

- Vais, sim! - Seth cobriu a mão dela com a sua, agarrando a outra ao mesmo tempo. - Se não for esta noite, será amanhã e se não for amanhã, será depois de amanhã.

- No teu lugar, não teria tanta certeza! Lindsay escapou das suas mãos. - Nunca sou muito complacente quando me dizem o que devo fazer. Tomo as minhas próprias decisões.

- E já tomaste uma - disse Seth, com calma, embora a fúria brilhasse nos seus olhos. - Da primeira vez que te beijei. A hipocrisia não te assenta.

- Hipocrisia? - Lindsay conteve as suas palavras, sabendo que gaguejaria. - O ditoso ego masculino! Rejeitas uma proposta e és uma hipócrita!

- Não creio que o termo "proposta" seja o mais acertado.

- Então vai estudar semântica - convidou ela. - Mas fá-lo noutro sítio. Eu tenho de trabalhar.

Seth foi muito rápido. Agarrou-a pelo braço e puxou-a para si, antes que a ordem de se afastar chegasse do cérebro de Lindsay aos seus pés.

- Não me pressiones, Lindsay!

Ela tentou libertar-se, mas não foi possível.

- Não és tu quem está a pressionar?

- Parece que temos um problema.

- "Tu" tens um problema - repôs Lindsay. Não vou transformar-me num dos planos que guardas nos teus arquivos. Se decidir ir para a cama contigo, aviso-te. Entretanto, o nosso principal assunto deve ser Ruth.

Seth observou com intensidade o seu semblante. Tinha as faces congestionadas de raiva e respirava rapidamente.

Uma espécie de sorriso apareceu nos lábios dele.

- Estás com um aspecto parecido ao que tinhas quando te vi a dançar como Dulcineia, cheia de paixão e de força. Voltaremos a falar - antes que Lindsay pudesse fazer algum comentário, deu-lhe um beijo longo e lento. Em breve.

Ela conseguiu aclarar a sua mente enquanto Seth se aproximava do piano para agarrar o casaco.

- Em relação a Ruth...

Ele vestiu o casaco sem parar de a observar.

- Em breve - repetiu e dirigiu-se, com passos largos, para a porta.

Oito

Aos domingos, Lindsay não se prendia a nenhum horário.

Durante seis dias por semana, o seu tempo era estritamente organizado, dedicado às aulas, à papelada e à sua mãe. Ao domingo, aproveitava para relaxar.

Já era o fim da manhã quando saiu do seu quarto. O cheiro intenso do café atraiu-a para a cozinha. Conseguiu ouvir os movimentos lentos e irregulares da sua mãe antes de abrir a porta.

- Bom dia - Lindsay atravessou o chão de linóleo para beijar a face de Mae e depois observou o seu fato impecável de três peças. Arranjaste-te - o prazer embargava a sua voz. -Estás magnífica!

Mae sorriu enquanto tocava no cabelo com uma mão nervosa.

- Carol quer ir almoçar ao clube de campo. Achas que estou bem penteada?

- Muito bem - Lindsay alegrou-se por ver que a sua mãe voltava a arranjar-se. - Mas sabes que para onde mais olham é para as pernas. Tens umas pernas fantásticas!

Mae desatou a rir-se, um som que Lindsay andava há muito tempo à espera de ouvir.

- O teu pai sempre achou que sim - o seu tom voltava a ser triste. Lindsay rodeou-lhe o pescoço com os braços.

- Não, por favor! - abraçou-a durante um momento, desejando dissipar a sua melancolia. - Eu gosto muito de te ver sorrir. O papá queria que sorrisse - ao reparar que Mae suspirava, abraçou-a com mais força. Se fosse possível, ter-lhe-ia feito uma transfusão de parte da sua própria força. Mae deu-lhe uma palmadinha nas costas e afastou-se.

- Vamos beber um café - avançou para a mesa. - Talvez as minhas pernas tenham bom aspecto, mas continuam ligadas à minha anca e cansam-se com facilidade.

Lindsay observou como a sua mãe se sentava e, depois, dirigiu-se para o armário. Era importante manter Mae animada.

- Ontem, estive a trabalhar até tarde com a rapariga de que te falei, Ruth Bannion - Lindsay serviu duas chávenas de café, antes de se dirigir para o frigorífico para tirar o leite. Acrescentou uma quantidade generosa ao café da sua mãe e deixou o seu simples. - É excepcional, verdadeiramente excepcional - prosseguiu, enquanto se sentava junto de Mae. Dei-lhe o papel de Carla em O Quebra-nozes. É uma rapariga tímida e introvertida, que só parece segura de si mesma quando está a dançar - pensativamente, observou como saía vapor da chávena de café. - Quero mandá-la para Nova Iorque, com Nick. O seu tio não quer nem ouvir falar disso - pelo menos, nos próximos quatro meses e meio, disse para si com aflição. Que homem tão teimoso e inflexível...! - Os homens são todos teimosos como mulas? - inquiriu e depois praguejou ao queimar a língua com um gole de café fumegante.

- Na sua maioria - respondeu Mae. O seu café arrefecia diante dela. - E, na sua maioria, as mulheres também parecem sentir-se atraídas pelos homens teimosos como mulas. Esse homem atrai-te.

Lindsay levantou o olhar e depois voltou a fixá-lo no café.

- Bom... sim. É algo diferente dos outros homens que conheci. A sua vida não gira em torno da dança. Já viajou praticamente pelo mundo inteiro. É um homem seguro de si e arrogante, embora de forma comedida. O único que conheço com tal confiança em si mesmo, para além dele, é Nick - sorriu, recordando, e acompanhou as suas palavras com gestos. - Mas Nick possui o temperamento apaixonado típico dos russos. Atira coisas, geme, grita. Até os seus ataques de génio são cuidadosamente orquestrados. Seth é diferente. Seth consegue partir-te ao meio sem abrir a boca.

- E tu respeita-lo por isso.

Lindsay levantou, novamente, os olhos e riu-se. Era a primeira vez, que ela recordasse, que tinha uma conversa séria com a sua mãe que não estivesse concentrada na dança.

- Sim - admitiu. - Por ridículo que soe, é verdade. É daquele tipo de homens que impõe a sua autoridade sem a exigir, não sei se consigo explicar-me - Lindsay bebeu o seu café com mais cuidado. - Ruth adora-o. Nota-se na cara dela, cada vez que olha para ele. A expressão de solidão está a desaparecer dos seus olhos e tenho a certeza de que o mérito é de Seth - a sua voz suavizou-se. - É um homem muito sensível, acho, e sabe controlar muito bem as suas emoções. Acho que, se amasse alguém, se mostraria muito exigente, porque não investiria as suas emoções com facilidade. Mesmo assim, se não fosse tão teimoso, enviaríamos Ruth com Nick. Um ano de preparação em Nova Iorque possibilitar-lhe-ia entrar no corpo de baile, tenho a certeza. Falei com Nick, mas...

- Com Nick? - Mae interrompeu os pensamentos verbais de Lindsay. - Quando?

Lindsay voltou a si mesma com uma maldição. Não omitira a chamada de Nick por descuido. Desejara evitar um assunto que acabaria por afligir ambas. Encolheu os ombros e falou casualmente, entre goles de café.

- Oh, há alguns dias! Telefonou-me para o estúdio.

- Para quê?

A pergunta de Mae era serena, mas inevitável.

- Para ver como estava e para me perguntar por ti - as flores que Carol trouxera na semana passada estavam a murchar na jarra da mesa. Lindsay levantou-se, levando as flores consigo. - Sempre gostou muito de ti.

Mae observou como a sua filha deitava as flores murchas no balde do lixo.

- Pediu-te para voltares.

Lindsay pôs a jarra no lava-loiça e começou a enxaguar-la.

- Anda muito entusiasmado com um novo bailado que está a escrever.

- E quer que tu o protagonizes. Lindsay continuou a enxaguar a jarra.

- O que lhe disseste?

Lindsay abanou a cabeça, desejando evitar outra discussão tensa.

- Mãe, por favor!

Houve um momento de silêncio, quebrado unicamente pelo ruído da água no lava-loiça.

- Estava a pensar em ir para a Califórnia com Carol.

Surpreendida, tanto pelo comentário, como pelo tom calmo da sua mãe, Lindsay virou-se sem sequer fechar a torneira.

- Seria maravilhoso para ti. Evitarias o pior do Inverno.

- Não me referia só ao Inverno - respondeu Mae. - Seria algo permanente.

- Permanente? - a confusão nublou o rosto de Lindsay. Atrás dela, a água batia contra a jarra de vidro. Virou-se e fechou a torneira. Não compreendo.

- Carol tem família lá, sabes? - Mae levantou-se para se servir de outro café, emitindo um protesto quando Lindsay se aproximou para o fazer por ela. - O primo dela descobriu que estavam a vender uma florista. Fica num sítio excelente. Carol comprou-a.

- Comprou-a? - atónita, Lindsay voltou a sentar-se. - Mas quando? Não me disse nada. Andy também não comentou e vi-o ontem...

- Carol quer resolver tudo antes - Mae interrompeu a frase incrédula de Lindsay. - Quer que seja sua sócia no negócio.

- Sócia dela? - Lindsay abanou a cabeça e depois pressionou as têmporas com os dedos.

- Na Califórnia?

- Não podemos continuar como até agora, Lindsay - Mae avançou a coxear até à mesa com o café.

- Fisicamente, estou bem. Já não é necessário continuares a preocupar-te comigo. Sim, não negues - prosseguiu, quando Lindsay abriu a boca para protestar. - Progredi imenso desde que saí do hospital.

- Eu sei. Sim, eu sei, mas a Califórnia... Lindsay dirigiu um olhar triste a Mae. - Fica muito longe...

- É o que ambas precisamos. Carol disse-me que eu estava a pressionar-te e tinha razão.

-Mãe...

- É verdade e continuarei a fazê-lo enquanto continuarmos a viver tão perto uma da outra depois de exalar um longo suspiro, Mae franziu os lábios. - Chegou a hora... para ambas. Só desejei uma coisa para ti. E o meu desejo não mudou - agarrou nas mãos de Lindsay, observando os dedos longos e estilizados. - Os sonhos são obstinados. E durante a minha vida toda tive o mesmo sonho... primeiro para mim mesma, depois para ti. Talvez me tenha enganado. Ou talvez estejas a utilizar-me como desculpa para não voltares - enquanto Lindsay abanava a cabeça, prosseguiu: - Cuidaste de mim quando precisava de ti e estou-te agradecida. Não to demonstrei porque esse sonho se interpunha entre ambas. Vou pedir-te uma coisa, pela última vez - Lindsay permaneceu calada, à espera. - Pensa no que tens, em quem és. Pensa na possibilidade de voltares.

Lindsay não conseguiu fazer nada, excepto assentir.

- Quando irás?

- Daqui a três semanas.

Emitindo um suspiro rápido ao ouvir a resposta, Lindsay levantou-se.

- Carol e tu serão umas ótimas sócias - de repente, sentia-se perdida, só e abandonada. Vou passear um pouco - disse, rapidamente, antes que as emoções aflorassem ao seu rosto.

- Preciso de pensar.

Lindsay adorava a praia quando o vento transportava indícios do Inverno. Usava um casaco velho para se proteger do frio e, com as mãos enfiadas nos bolsos, caminhava pela extensão de rocha e areia. No alto, o céu estava tranquilo e implacavelmente azul. A corrente agitava-se brutalmente. Mais do que o cheiro do mar, conseguia saborear-se o seu sabor. O vento soprava com liberdade e Lindsay pensou que aclararia a sua mente.

Nunca pensara na possibilidade de a sua mãe partir definitivamente de Cliffside. E não tinha a certeza do que sentia a esse respeito. Uma gaivota desceu a pique por cima da sua cabeça e Lindsay parou para contemplar o seu voo sobre as rochas.

Três anos, disse para si. Três anos presa na mesma rotina. Já não tinha a certeza de conseguir prescindir da dita rotina.

Baixando-se, apanhou uma pedra plana e lisa. Era da cor da areia, com pintas pretas, do tamanho de um dólar de prata. Lindsay sacudiu-a e guardou-a no bolso. Manteve a mão fechada à volta dela, aquecendo-a distraidamente enquanto passeava.

Pensou em todas as etapas da sua vida desde a sua volta para Cliffside. Olhando para trás, recordou os seus anos em Nova Iorque.

Duas vidas diferentes, disse para si Lindsay, curvando os ombros. Ao inclinar a cabeça para trás, avistou a casa da falésia. Erguia-se a grande altura sobre ela, a meio quilómetro de distância, mas a sua visão encheu-a de calor, tal como ela estava a aquecer a pedra.

"É porque está sempre ali", disse para si, "porque pode sempre contar-se com ela. Quando está tudo mal, ela resiste."

As suas janelas resplandeciam ao sol, enquanto Lindsay a contemplava. Das lareiras surgiam colunas frisadas de fumo. Lindsay suspirou, abraçando-se.

Um movimento na outra ponta da praia chamou a sua atenção. Seth caminhava para ela. Devia ter descido pela escada da casa que dava para a praia. Fazendo uma pala com as mãos para proteger os olhos do sol, Lindsay observou-o. Sorriu sem quase ter consciência disso. "Porque exerce este efeito sobre mim?", perguntou-se. "Porque fico sempre tão contente de o ver? Caminha com tanta segurança... Nem um único dos seus movimentos é supérfluo. Eu gostava de dançar com ele, uma música lenta e sonhadora". Sentiu um aperto no coração e suspirou. "Devia pôr-me a correr, antes que se aproxime mais." E correu. Para ele.

Seth viu-a aproximar-se. O seu cabelo flutuava atrás dela. O vento tingia de cor-de-rosa as suas faces. O seu corpo parecia etéreo, deslizando sobre a areia, e Seth lembrou-se da noite em que a surpreendera a dançar sozinha. Não tinha consciência de ter ficado parado de repente. Ela estendeu-lhe os braços com um sorriso brilhante.

- Olá! - colocando-se em bicos de pés, deu-lhe um beijo rápido nos lábios. - Fico tão contente de te ver! Sentia-me muito só - os seus dedos entrelaçaram-se com os dele.

- Vi-te de casa.

- Sim? - Lindsay disse para si que parecia mais jovem com o cabelo despenteado pelo vento. - Como soubeste que era eu?

Seth franziu levemente o sobrolho, mas a sua voz permaneceu imperturbável.

- Pela tua forma de te moveres.

- Não há melhor elogio para uma bailarina. E, por isso, desceste? - sabia bem sentir, novamente, as suas mãos, ver o olhar solene e escrutinador dos seus olhos. - Para estares comigo?

Apenas o seu sobrolho se moveu, numa leve inclinação ascendente, antes de responder. - Sim.

- Fico contente - Lindsay sorriu ardentemente, sem reservas. - Preciso de falar com alguém. Podes ouvir-me?

- Está bem.

Seguindo um acordo silencioso, começaram a andar.

- Dançar sempre foi tudo para mim - começou a dizer Lindsay. - Não recordo um único dia sem aulas, uma única manhã sem a barra. Era vital para a minha mãe, que como bailarina tinha as suas limitações, que eu chegasse mais longe. Foi uma sorte para todos que eu desejasse dançar e que estivesse capacitada para isso. Era importante para ambas, embora por diferentes motivos, e constituía um vínculo entre nós.

Falava num tom baixo, mas a sua voz ouvia-se nitidamente sobre o rumor do mar.

- Era um pouco mais velha do que Ruth quando entrei na companhia. É uma vida muito dura, de competitividade, horários rigorosos, pressão. Oh, meu Deus, a pressão! Começas de manhã, assim que abres os olhos. Barra, aulas, ensaios, mais aulas. Sete dias por semana. É a tua vida, não há mais nada. Não podes ter. Nunca consegues relaxar. Há sempre alguém atrás de ti, à espera para ocupar o teu lugar. Se faltares a uma aula, uma única aula, o teu corpo repara e tortura-te. A dor está sempre presente... nos músculos, nos tendões, nos pés. É o preço necessário para manteres aquela flexibilidade antinatural.

Lindsay suspirou e deixou que o vento açoitasse o seu rosto.

- Eu adorava. Cada momento. Sei que é difícil entender, mas é verdade. Quando estava na companhia, encerrei-me por completo em mim mesma e no meu trabalho. Raramente pensava em Cliffside ou em alguém daqui, íamos iniciar os ensaios de O Pássaro de Fogo quando os meus pais tiveram o acidente - fez uma pausa então e, embora a sua voz se adensasse, continuava a ser firme. - Amava o meu pai. Era um homem simples, generoso. Duvido que me lembrasse dele mais de uma dúzia de vezes durante aquele último ano em Nova Iorque. Alguma vez fizeste algo por que te odeies constantemente? Algo que já não podes mudar?

- Algo que faça com que acordes às três horas da manhã? - Seth colocou-lhe um braço sobre os

ombros e puxou-a para si. - Sim, já.

- A minha mãe passou bastante tempo no hospital - durante um momento, Lindsay virou o rosto para o afundar no seu ombro. Falar daquilo era-lhe mais difícil do que pressupusera.

- Estava em coma. Depois tiveram de a operar e submeter a um tratamento. Foi um período longo e doloroso para ela. Tive de me ocupar de um monte de papelada. Descobri que tinham hipotecado, pela segunda vez, a casa para financiarem os meus dois primeiros anos de estudos em Nova Iorque - respirar fundo ajudou-a a conter as lágrimas. - Eu estava totalmente absorpta em mim mesma, concentrada nas minhas ambições, enquanto eles arriscavam a casa para possibilitarem os meus sonhos.

- Devia ser o que desejavam, Lindsay. E triunfaste. Obviamente, estavam orgulhosos de ti.

- Sim, mas eu aceitei a sua generosidade sem pensar nisso, sem lhes mostrar a minha gratidão.

- Como podias mostrar gratidão por algo de que não sabias nada? - assinalou Seth.

- Mais atenta - murmurou Lindsay, enquanto uma gaivota piava sobre as suas cabeças. - Desejava ter sido mais atenta - continuou a dizer. - Ao regressar, abri a escola para não ficar louca e para ajudar economicamente a minha mãe, até ser autónoma. Então, não tinha pensado em ficar.

- Mas mudaste de planos - os passos de Lindsay tornaram-se mais lentos e Seth abrandou o seu passo para se ajustar a eles.

- Foram passando os meses - com ar ausente, Lindsay retirou o cabelo que lhe tapava a vista. - Quando a minha mãe, finalmente, saiu do hospital, continuava a precisar de muitos cuidados. A mãe de Andy foi a nossa salvação. Dividia o seu tempo entre a loja e a nossa casa, para que eu pudesse ir para a escola. Então, chegou uma altura em que tive de enfrentar as coisas tal como eram. Passara demasiado tempo e ainda não havia um fim à vista.

Caminhou, por um momento, em silêncio.

- Deixei de pensar em voltar para Nova Iorque. Cliffside era o meu lar e tinha amigos aqui. Tinha a escola. A vida das bailarinas profissionais é muito regulamentada. Têm aulas diariamente, o que é muito diferente de as dar. Seguem um regime de refeições muito determinado, pensam de uma maneira muito concreta. Eu, simplesmente, deixei de ser uma bailarina profissional.

- Mas a tua mãe recusou-se a aceitar isso. Surpreendida, Lindsay parou e levantou os olhos para olhar para ele.

- Como sabes?

Seth retirou-lhe o cabelo da face.

- Não é assim tão difícil.

- Três anos, Seth - Lindsay encolheu os ombros. - A minha mãe não é realista. Em breve, farei vinte e seis anos. Como posso voltar e tentar competir com raparigas da idade de Ruth? E, mesmo que pudesse, porque tenho de torturar os meus músculos, destruir os pés e morrer de fome pela segunda vez? Nem sequer sei se seria capaz. Eu adorava aquela vida... e adoro esta virou-se para contemplar a

corrente que batia contra as rochas. - Agora, a minha mãe pretende mudar-se definitivamente, começar de novo e obrigar-me a tomar uma decisão, eu sei. Uma decisão que já achava ter tomado.

As mãos dele subiram até aos seus ombros.

- Lamentas que se vá embora e que não possas continuar a cuidar dela?

- Oh, és muito perspicaz! - Lindsay encostou-se a Seth durante um momento. Encontrava consolo assim. - Mas desejo que seja feliz, realmente feliz, outra vez. Eu amo-a muito, não do modo simples como amava o meu pai, mas amo-a. Só que não tenho a certeza de poder ser o que ela quer que seja.

- Se achas que poderás compensá-la, sendo o que ela quer que sejas, enganas-te. A vida não funciona de um modo tão simples.

- Deveria - Lindsay olhou, carrancuda, para a espuma do mar. - Deveria.

- Não achas que, nesse caso, seria muito aborrecida? - a voz de Seth soava calma e tranquila por cima do piar das gaivotas e do fragor do mar. Lindsay alegrou-se por ter ido ter com ele, em vez de ter fugido. - Quando se vai embora a tua mãe?

- Daqui a três semanas.

- Então, quando se for embora, tira algum tempo para decidires para onde orientarás a tua vida. Agora, estás submetida a demasiada pressão.

- Devia ter imaginado que empregarias a lógica - Lindsay virou-se para ele, sorrindo novamente. - Normalmente, detesto esse tipo de conselhos, mas, desta vez, é um alívio - rodeou-lhe a cintura com os braços e enterrou o rosto no seu peito. - Podes abraçar-me? Sabe tão bem depender de alguém, nem que seja só por um momento...

Parecia muito pequena quando a rodeou com os seus braços. A sua fragilidade despertou o instinto protector de Seth. Descansou a face sobre a sua cabeça e observou como a água batia contra as rochas.

- Cheiras a sabonete e a couro - murmurou Lindsay, finalmente. - Eu gosto. Daqui a mil anos, recordarei que cheiravas a sabonete e a couro - levantou o rosto e olhou para os seus olhos.

"Poderia apaixonar-me por ele", disse para si. "É o primeiro homem pelo qual, realmente, poderia apaixonar-me."

- Sei que estou louca - comentou em voz alta, - mas desejo que me beijes. Desejo, desesperadamente, sentir outra vez o teu sabor.

As suas bocas uniram-se lentamente para se saborearem. Afastaram-se um do outro, o tempo necessário para verem a necessidade reflectida nos olhos de ambos, e uniram-se novamente.

O sabor e a textura da boca de Seth já eram familiares, mas nem por isso menos excitantes. Lindsay agarrou-se a ele. As suas línguas martirizaram-se com a promessa do que podia haver entre ambos.

A intensidade do seu desejo era maior do que Lindsay suspeitara, as suas águas mais traiçoeiras. Por um momento, rendeu-se por completo a Seth. Uma série de promessas tremeu nos seus lábios.

Bruscamente, Lindsay afastou-se, abanando a cabeça. Retirou o cabelo da cara, enquanto respirava fundo.

- Oh, devia ficar longe de ti! - sussurrou. - Muito longe.

Seth levantou as mãos para emoldurar o seu rosto.

- Já é demasiado tarde para isso - a paixão ainda escurecia os seus olhos. Levemente, puxou-a de volta para si.

- Talvez - Lindsay pôs as mãos sobre o seu peito, embora não o empurrasse. - De qualquer forma, eu procurei isto.

- Se fosse Verão - disse Seth, enquanto percorria o seu pescoço com os dedos, - poderíamos comer aqui, com vinho fresco, ao fim da noite. Depois, fariamos amor e dormiríamos na praia até ao nascer do sol.

Lindsay sentiu que começavam a tremer-lhe os joelhos.

- Oh, sim! - exclamou, com um suspiro. Devia ficar longe de ti - virando-se, correu para um maciço de rochas. - Sabes porque gosto da praia no princípio do Inverno? - inquiriu em voz alta, enquanto subia, com dificuldade, para o topo.

- Não - Seth juntou-se a ela. - Porquê?

- Porque o vento é frio e o mar, furioso. Eu gosto de o contemplar precisamente antes de uma tempestade.

- Gostas de desafios - observou Seth e Lindsay baixou os olhos para olhar para ele.

- Sim, gosto. E tu também, segundo me lembro. Li que foste um excelente pára-quedista.

Seth levantou uma mão para ela, sorrindo enquanto os dedos de ambos se tocavam. Lindsay franziu o nariz e saltou com ligeireza para a areia.

- Eu não seria capaz de saltar de um avião, a menos que estivesse estacionado no aeroporto - disse, arqueando um sobrolho.

- Pensei que gostavas de desafios.

- Também gosto de respirar.

- Eu podia ensinar-te - propôs Seth, envolvendo-a entre os seus braços.

- Aprende a fazer um tour em Vair e eu aprenderei a saltar. Além disso... - Lindsay lutou para escapar dos seus braços, enquanto uma lembrança a assaltava. - Lembro-me de ter lido que estavas a ensinar uma certa condessa italiana a praticar queda livre.

- Começo a pensar queês demasiado Seth agarrou-lhe na mão e puxou-a.

- Surpreende-me que tenhas tido tempo para construir edifícios com uma vida social tão activa.

Seth esboçou um sorriso rápido, travesso e juvenil.

- Sou um firme defensor da pulverização.

- Hum... Hum... - antes que Lindsay pudesse amadurecer uma resposta, algo vermelho chamou a sua atenção do outro lado da praia. - É Ruth - disse, virando a cabeça.

Ruth levantou hesitante a mão, enquanto atravessava o areal na direção deles. Usava o cabelo solto sobre um casaco vermelho.

- É uma rapariga encantadora - Lindsay virou-se novamente para Seth. Viu que ele também olhava para Ruth, embora houvesse uma expressão carrancuda nos seus olhos. - Seth? virou-se para Ruth. - O que se passa? - inquiriu, com preocupação.

- É possível que tenha de me ausentar durante algumas semanas. E lamento por ela. O seu estado é ainda tão frágil...

- Acho que a desvalorizas - Lindsay tentou ignorar a sensação súbita de perda que as suas palavras lhe tinham provocado. Ia-se embora? Quando? Para onde? Concentrou-se em Ruth e afastou tais perguntas da sua mente. - E desvalorizas-te - acrescentou. - Construíram uma relação muito sólida. Algumas semanas não terão influência nela.

Antes que Seth pudesse responder, Ruth juntou-se a eles.

- Olá, menina Dunne! - o seu sorriso tornara-se mais relaxado desde a primeira vez que Lindsay a vira. Havia uma faísca de excitação nos seus olhos. - Acabei de voltar da casa de Monica, tio Seth. A sua gata teve gatinhos no mês passado.

Lindsay desatou a rir-se.

- Honoria é, por si só, a responsável pela explosão demográfica de felinos em Cliffside.

- Por si só, não - comentou Seth, sarcasticamente, e Lindsay riu-se novamente.

- Teve quatro - continuou a dizer Ruth. - E um deles... Bom... - olhou de Seth para Lindsay, prendendo o lábio inferior com os dentes. Em silêncio, abriu o casaco e deixou a descoberto uma pequena bola de pêlo alaranjado.

Lindsay emitiu um grito inevitável, enquanto estendia os braços para pegar no gatinho. Afundou o nariz no seu pêlo.

- É lindo! Como se chama?

- Nijinsky - respondeu Ruth e virou os seus olhos escuros para o seu tio. - Podia tê-lo lá em cima, no meu quarto, onde não estorvaria Worth. É muito pequeno e não dará nenhum problema - balbuciou, esperançada.

Lindsay levantou o olhar, enquanto Ruth falava. A alegria iluminara os seus olhos. Pelo que Lindsay sabia, pela sua experiência com ela, só a dança dotava de tanta vida o seu rosto.

- Problema? - perguntou, aliando-se, imediatamente, à rapariga. - Claro que não dará nenhum problema! Olha para este focinho! pôs o gatinho nas mãos de Seth, que levantou o focinho do animal com um dedo. Nijinsky miou e acomodou-se novamente para dormir.

- Três contra um - disse Seth, enquanto lhe coçava as orelhas peludas. - Alguns diriam que isso é jogo sujo - devolveu o gatinho a Ruth e depois passou-lhe uma mão pelo cabelo. - É melhor eu encarregar-me de Worth.

- Oh, tio Seth! - embalando o gatinho, Ruth rodeou o pescoço de Seth com o braço livre.

Obrigada! Não é maravilhoso, menina Dunne?

- Quem? - os olhos de Lindsay passearam-se por cima da cabeça de Ruth. – Nijinsky ou Seth?

Ruth deixou escapar um risinho. Era a primeira vez que Lindsay a ouvia emitir aquele som peculiarmente feminino e juvenil.

- Os dois. Vou levá-lo para dentro - Ruth guardou o gatinho no interior do casaco e afastou-se em passo de corrida pela areia. - Vou roubar um pouco de leite da cozinha - gritou por cima do ombro.

- Que engraçada! - murmurou Lindsay, observando como o casaco vermelho desaparecia pela areia. Virou-se para Seth e assentiu com aprovação. - Fizeste muito bem. Acha que te convenceu.

Seth sorriu e agarrou o cabelo de Lindsay, despenteado pelo vento.

- E não o fez?

Lindsay devolveu-lhe o sorriso, combatendo o impulso de lhe acariciar a face.

- Eu gosto de saber que és um homem sensível - desceu a mão. - Tenho de ir.

- Lindsay! - ele reteve-a quando tentou afastar-se. - Janta comigo - o seu olhar era muito íntimo. - Só jantar. Quero ter-te ao meu lado.

- Seth, ambos sabemos que não nos limitaríamos a jantar. Desejaríamos algo mais.

- Então, teremos algo mais - murmurou Seth. No entanto, quando tentou puxar Lindsay para os seus braços, ela resistiu.

- Não, preciso de pensar - por um momento, Lindsay descansou a testa no seu peito.

- Não consigo pensar com clareza quando tu estás a tocar-me. Preciso de tempo.

- Quanto? - pôs-lhe a mão debaixo do queixo para levantar o seu rosto.

- Não sei - as lágrimas que brotaram dos seus olhos surpreenderam ambos. Atónita, Lindsay enxugou-as. Seth levantou um dedo e apanhou uma.

- Lindsay - disse, com voz suave.

- Não, não, não sejas amável comigo. Grita comigo. Recuperarei o controlo se gritares comigo - Lindsay levou as mãos à cara e respirou fundo várias vezes. De repente, compreendeu qual era a causa daquelas lágrimas. -Tenho de ir. Por favor, deixa-me, Seth. Preciso de estar sozinha.

A julgar pela pressão dos seus dedos, receou que se recusasse a deixá-la ir.

- Está bem - disse Seth, passado algum tempo. - Mas não sou famoso pela minha paciência, Lindsay.

Ela não respondeu, mas virou-se e desatou a correr. Acompanhava-a uma certeza: não só podia apaixonar-se por Seth Bannion, como já estava apaixonada por ele.

Nove

Saíram para o aeroporto ao início da tarde.

Andy ia ao volante, com Lindsay ao seu lado e as mães no banco de trás. A carrinha ia a abarrotar de malas.

Apesar das três semanas que passara a ajudar a sua mãe a preparar a mudança, ainda se abatia uma nuvem de incredulidade sobre Lindsay. Já tinham enviado várias caixas para a Califórnia e a casa onde crescera fora posta à venda.

Quando, finalmente, fora vendida, Lindsay compreendera que os seus últimos laços com a sua infância desapareciam com ela. Era o melhor, disse para si enquanto ouvia Carol e a sua mãe conversarem na parte de trás. Tudo o que precisava caberia no quarto extra da escola. Seria o mais conveniente para ela e, sem dúvida, também o mais conveniente para a sua mãe.

Viu um avião aterrar e soube que estavam quase a chegar. Os seus pensamentos pareceram afastar-se com o avião.

Desde o dia em que Mae anunciara os seus planos, Lindsay não funcionara na sua plena capacidade. Desde aquele dia, tinham vindo à superfície demasiadas emoções. Tentara reprimi-las até se sentir capaz de as enfrentar racionalmente, mas eram demasiado poderosas. Voltavam, várias vezes, para atormentar os seus sonhos ou, pior ainda, para a surpreenderem com as defesas em baixo, a meio de uma aula ou de uma conversa. Propusera-se não pensar em Seth, mas fizera-o: uma vez, quando Monica mencionara casualmente o seu nome; novamente, quando Ruth introduzira sub-repticiamente o gatinho na escola; e em inúmeras ocasiões, sempre que algo fazia com que o recordasse.

Era estranho que já não conseguisse entrar numa sala onde Seth estivera sem a relacionar com ele. Inclusive o seu próprio estúdio lhe recordava Seth.

Uma vez acalmada a surpresa inicial, Lindsay explorara a aventura de estar apaixonada. Não fazia com que a cabeça lhe andasse às voltas, como alguns afirmavam, mas fazia-a estar menos atenta às coisas quotidianas. Não perdera o apetite, mas custava-lhe adormecer.

Não caminhava sobre nuvens, mas, às vezes, dava por si à espera de que rebentasse uma tempestade.

Não era o facto em si de estar apaixonada que ditava as suas reacções, mas a pessoa pela qual tinha escolhido apaixonar-se.

"Escolhido", repetiu Lindsay, em silêncio, sem prestar atenção enquanto Andy abria caminho através do trânsito do aeroporto. "Se pudesse ter escolhido, ter-me-ia apaixonado por alguém que me adorasse, alguém que pensasse que sou perfeita e que dedicasse a sua vida a fazer da minha uma utopia."

Na janela, reflectiu-se o seu sorriso.

"Oh, não, não teria escolhido tal pessoa!", corrigiu-se. "Ter-me-ia aborrecido mortalmente passada uma semana. Seth é perfeito para mim. É totalmente dono de si mesmo, muito sereno, embora sensível. O problema é que se trata de um homem caracterizado por evitar os compromissos... excepto no que diz respeito a Ruth."

Lindsay suspirou e acariciou o seu reflexo com a ponta do dedo.

"E há outro problema. Estamos totalmente contra em algo que é muito importante para ambos. Como podemos aproximar-nos mais um do outro, quando nos afasta semelhante barreira?"

A voz de Andy trouxe Lindsay de volta à realidade. Desorientada, ela olhou à sua volta e viu que já tinham estacionado e que os outros saíam do carro. Rapidamente, saiu e tentou retomar o fio da conversa.

-... dado que já temos os bilhetes e um carro à nossa espera no aeroporto de Los Angeles concluiu Carol, enquanto tirava uma mala e um saco grande da carrinha.

- Têm de expedir esta bagagem toda - recordou-lhe Andy, carregando facilmente duas malas e colocando um saco ao ombro. - Fechas o porta-bagagem, Lindsay? - pediu, de forma ausente. Lindsay só carregava a sua mala e um nécessaire.

-Claro!

Carol guiou Mae, enquanto Lindsay fechava o porta-bagagem. O vento abria a racha do seu casaco. Levantando os olhos, inspeccionou o céu.

- Começará a nevar esta noite.

- E vocês estarão a experimentar os fatos-de-banho novos - resmungou Lindsay, afavelmente, enquanto fazia avançar as duas mulheres. O ar era cortante e produzia-lhe ardor nas faces.

Uma vez dentro do terminal, não faltou a típica confusão de última hora com os bilhetes e os cartões de embarque. Depois de expedir a bagagem, Andy fez uma lista verbal detalhada das coisas que a sua mãe devia e não devia fazer.

- Guarda as protecções dos bilhetes na carteira.

- Sim, Andy.

Lindsay percebeu o brilho dos olhos de Carol, mas Andy permaneceu carrancudo.

- E não te esqueças de telefonar quando chegarem a Los Angeles.

- Não, Andy.

- Tens de atrasar o relógio três horas.

- Assim o farei, Andy.

- E não fales com desconhecidos. Carol hesitou.

- Define "desconhecidos" - pediu.

- Mamã! - o sobrolho de Andy transformou-se num sorriso. Envolveu a sua mãe num abraço esmagador.

Lindsay virou-se para a sua mãe. Desejava acabar o quanto antes, sem tensões. No entanto,

quando olharam uma para a outra, Lindsay esqueceu o discurso de despedida simples que preparara. Voltava a ser uma menina e as palavras afluíam atrapalhadamente ao seu cérebro. Em vez de tentar seleccioná-las, rodeou com os braços o pescoço da sua mãe.

- Adoro-te - sussurrou, fechando os olhos fortemente contra as lágrimas. - Sê feliz. Por favor, por favor, sê feliz.

- Lindsay - disse a sua mãe, com um suspiro suave. Passado um momento, Mae afastou-se. Tinham a mesma altura e os seus olhos ficavam ao mesmo nível. Era estranho, mas Lindsay não conseguia lembrar-se da última vez que a sua mãe a olhara com uma concentração tão total. Não à bailarina, mas à filha.

- Adoro-te, Lindsay. Talvez tenha cometido erros - Mae suspirou, justificando-se. - Mas sempre desejei o melhor para ti. Ou, pelo menos, o que eu considerava ser o melhor. Quero que saibas que estou orgulhosa de ti.

Os olhos de Lindsay aumentaram, mas a sua garganta fechou-se, bloqueando qualquer resposta. Mae beijou-lhe as faces e depois, tirando o fim-de-semana das suas mãos, virou-se para se despedir de Andy.

- Vou ter muitas saudades tuas - disse Carol a Lindsay, com um abraço rápido e enérgico. Que esse homem não te fuja! - sussurrou-lhe ao ouvido. - A vida é demasiado curta.

Antes que Lindsay pudesse responder, Carol já lhe dera dois beijos de despedida e transpusera a porta de embarque com Mae.

Quando desapareceram, Lindsay virou-se para Andy. As lágrimas humedeciam as suas pestanas, embora conseguisse impedir que escorressem pelas suas faces.

- Tenho de me sentir como uma órfã?

Ele sorriu e rodeou-a com um braço.

- Não sei, mas eu já me sinto órfão. Apetece-te um café?

Lindsay fungou e abanou a cabeça.

- Um gelado - disse, convencida. - Um gelado grande, com fruta e natas, porque devemos comemorar por elas - deu o braço a Andy e afastaram-se da porta de embarque. - Eu convido.

A previsão meteorológica de Carol fora acertada. Uma hora antes do crepúsculo, a neve começou a cair. Anunciaram-no as alunas da tarde de Lindsay, ao chegarem à escola.

Na companhia das suas alunas, Lindsay permaneceu vários segundos diante da porta aberta, a ver nevar.

Havia sempre algo mágico no primeiro nevão, disse para si. Era como uma promessa, um presente. A meio do Inverno, a neve provocaria queixas e resmungos, mas, naquele momento, tão fresca, branca e suave, só sugeria sonhos.

Lindsay prosseguiu com a aula, mas a sua mente recusou-se a concentrar-se. Pensou na sua mãe a aterrar no aeroporto de Los Angeles. Lá ainda seria o início da tarde e luziria o sol. Pensou nos

meninos de Cliffside que, em breve, tirariam os trenós dos sótãos, dos armários e das garagens, preparando-se para os passeios do dia seguinte. Pensou em dar um passeio longo e solitário pela praia com neve.

Pensou em Seth.

Durante o intervalo, enquanto as suas alunas mudavam de sapatilhas para pontas, Lindsay aproximou-se novamente da porta. Levantara-se vento e a neve açoitou-lhe a cara. Já havia uma camada de vários centímetros no chão e continuava a nevar com intensidade. Àquele ritmo, calculou Lindsay, teriam caído uns bons trinta centímetros antes de acabar a aula. Demasiado arriscado, decidiu, e fechou a porta.

- Hoje não haverá aula de pontas, meninas

- esfregando os braços para restabelecer a circulação, voltou para a sala. - Alguém tem de telefonar para casa?

Foi uma sorte que a maioria das alunas avançadas de Lindsay fosse para a escola no seu próprio carro ou no de alguma colega. Depressa se fizeram os acertos necessários para que as mais jovens fossem enviadas para suas casas e, depois da confusão normal, a escola ficou vazia. Lindsay respirou fundo e virou-se para Monica e Ruth.

- Obrigada. A saída teria levado o dobro do tempo se não me tivessem ajudado - olhou directamente para Ruth. - Já telefonaste a Seth?

- Sim. Já tinha ficado combinado passar esta noite em casa de Monica, mas telefonei-lhe para lhe recordar.

- Muito bem - Lindsay sentou-se e começou a vestir umas calças de bombazina sobre os collants e as perneiras. - Receio que o nevão se transforme numa tempestade de neve forte dentro de uma hora. Então, quero estar em casa, diante de uma chávena de chocolate quente.

- Gosto de como isso soa - Monica subiu o fecho do anoraque e colocou o capuz.

- Pareces preparada para tudo - comentou Lindsay. Estava a guardar cuidadosamente as sapatilhas de ballet num saco. - E tu? - perguntou a Ruth, enquanto esta enfiava um gorro, tapando as orelhas. - Estás pronta?

Ruth assentiu e juntou-se às duas mulheres, enquanto caminhavam para a porta.

- Acha que teremos um horário normal de aulas amanhã, menina Dunne?

Lindsay abriu a porta e as três sentiram o ataque do vento. A neve húmida voou para as suas caras.

- Que dedicação! - murmurou Monica, baixando a cabeça para avançar para o estacionamento.

Seguindo um acordo tácito, começaram a afastar a neve do carro de Monica, utilizando uma vassoura que Lindsay trouxera do estúdio. Em pouco tempo, o carro ficou desenterrado. No entanto, antes que pudessem virar-se para fazerem o mesmo com o de Lindsay, Monica emitiu um longo resmungo. Apontou para o pneu esquerdo da frente.

- Vazio - disse, desanimada. - Andy disse-me que tinha um pequeno furo. Avisou-me para me lembrar de o encher. Bolas! - deu um pontapé ao pneu.

- Bom, castigamos-te depois! - decidiu Lindsay. Enfiou as mãos nos bolsos, à espera de que os seus dedos aquecessem. - Agora, levo-te a casa.

- Oh, mas, Lindsay! - os olhos de Monica pareciam angustiados. - É preciso fazer um desvio muito grande.

Lindsay pensou um pouco e depois assentiu.

- Tens razão - disse, energicamente. - Pressuponho que deves mudar esse pneu. Até amanhã - colocando a vassoura ao ombro, começou a andar para o seu carro.

- Lindsay! - Monica agarrou Ruth pela mão e as duas correram para a figura que se afastava. A meio do caminho, Monica agarrou num bocado de neve e, entre gargalhadas, atirou-o ao gorro de Lindsay. A sua pontaria foi perfeita.

Lindsay virou-se, impassível.

- Querem que vos leve? - a expressão de Ruth fez com que desatasse às gargalhadas. Coitada, tinha achado que falava a sério. Vamos! - entregou a vassoura a Monica. - Vamos pôr mãos à obra antes que fiquemos enterradas.

Em menos de cinco minutos, Ruth estava apertada entre Lindsay e Monica na parte da frente do carro. A neve caía no exterior do pára-brisas e batia nos faróis.

- Vamos lá! - exclamou Lindsay e respirou fundo, enquanto punha o carro em primeira.

- Uma vez, apanhámos uma tempestade de neve na Alemanha - Ruth tentou encolher-se, para não incomodar Lindsay enquanto esta conduzia. - Tivemos de viajar a cavalo e, quando chegámos à vila, ficámos isolados pela neve durante três dias. Dormíamos no chão, à volta de uma lareira.

- Sabes mais alguma história? - inquiriu Monica, fechando os olhos contra o nevão intenso.

- Também houve uma avalanche - garantiu Ruth.

-Ótimo!

- Aqui, não temos uma há anos - indicou

Lindsay, enquanto avançava devagar e cautelosamente.

- Pergunto-me quando sairão os limpa-neves - Monica olhou, carrancuda, para a rua e depois para Lindsay.

- Já devem ter saído, é difícil vê-los. Estarão ocupados a noite toda - Lindsay mudou de mudança, sem desviar os olhos da estrada. Vê se o aquecimento já trabalha. Os meus pés estão a congelar.

Ruth ligou, obedientemente, o aquecimento. Da fresta saiu ar frio.

- Acho que ainda não está - aventurou Ruth, desligando-o novamente.

Pelo canto do olho, Lindsay captou o seu sorriso.

- Mostras-te muito valente porque já viste avalanches.

- Usava botas de montanha - confessou Ruth. Monica agitou os dedos dos pés dentro dos seus

mocassins finos.

- És uma espertinha! - comentou. - Mas perdoo-te por causa desse ar inocente. Olha! apontou para cima, à direita. - Vêem-se as luzes da casa da falésia através da neve.

O impulso foi irresistível, Lindsay levantou o olhar. O resplendor ténue da luz artificial brilhava através do manto de neve. Sentiu quase como se fosse atraída para ela. O carro patinou em resposta ao seu descuido.

Monica fechou novamente os olhos, mas Ruth começou a falar, sem se preocupar.

- O tio Seth está a trabalhar nos planos de um projecto. Vai ser construído na Nova Zelândia e é lindo, embora, neste momento, sejam apenas desenhos. Tenho a certeza de que será fabuloso.

Cuidadosamente, Lindsay virou em direcção à casa de Monica.

- Imagino que esteja muito ocupado nestes dias.

- Encerra-se no seu escritório durante horas - afirmou Ruth. Depois, inclinou-se para experimentar novamente o aquecimento. Desta vez, o ar saía morno. - Vocês não adoram o Inverno? - perguntou, animadamente. Monica emitiu um gemido e Lindsay desatou a rir-se.

- És uma espertinha! - concordou. - Não me tinha apercebido se não me tivesses dito.

- Eu também não percebi imediatamente disse-lhe Monica. Estava a começar a respirar com um pouco mais de calma, enquanto percorriam lentamente o quarteirão para a sua casa. Quando pararam no caminho de entrada, deixou escapar um suspiro de alívio. - Graças a Deus! - remexeu-se no banco, esmagando Ruth ao inclinar-se para Lindsay. Ruth descobriu que gostava daquele desconforto amigável.

- Passa a noite aqui, Lindsay. As estradas estão más.

Lindsay encolheu os ombros.

- Ainda não estão assim tão más - o aquecimento zumbia agora agradavelmente e sentia-se quente e confiante. - Estarei em casa dentro de um quarto de hora.

- Vou roer as unhas de preocupação, Lindsay!

- Meu Deus, não quero carregar isso na minha consciência. Telefonar-te-ei assim que chegar a casa.

Monica suspirou, reconhecendo a sua derrota.

- Assim que chegares! - ordenou, severamente.

- Nem sequer pararei para sacudir a neve dos sapatos.

- Está bem - Monica saiu do carro e permaneceu sob a neve espessa enquanto Ruth a seguia. - Tem cuidado.

- Terei. Boa noite, Ruth.

- Boa noite, Lindsay - Ruth mordeu o lábio ao reparar no deslize que acabara de cometer, mas Monica já estava a fechar a porta.

Ninguém se apercebera. Ruth sorriu enquanto observava como os faróis de Lindsay recuavam.

Lindsay recuou lentamente para sair do caminho de entrada e entrou na estrada. Ligou o rádio, para preencher o vazio deixado por Monica e Ruth. As estradas, tal como Monica dissera, estavam más. Embora os limpa pára-brisas funcionassem no máximo, apenas proporcionavam escassos segundos de visão antes de o vidro ficar novamente coberto. Lindsay tinha de se valer de toda a sua concentração e perícia para evitar que o carro patinasse.

Era uma boa condutora e conhecia muito bem aquelas estradas, no entanto sentia um pequeno nó de tensão na base do pescoço.

Lindsay não se importava. Algumas pessoas funcionavam melhor sob pressão e era uma dessas pessoas.

Reflectiu um momento sobre os seus motivos para rejeitar o convite de Monica. Encontraria a sua casa vazia, escura e silenciosa. A negativa fora automática e agora começava a arrepender-se. Não desejava dar voltas à cabeça nem estar sozinha. Estava cansada de pensar.

Por um momento, hesitou entre seguir em frente ou voltar. Antes que pudesse tomar uma decisão firme, uma forma grande e preta apareceu como um raio na estrada, diante dela. O cérebro de Lindsay mal teve tempo de registar que se tratava de um cão. Virou bruscamente o volante para evitar uma colisão.

Depois de a derrapagem ter começado, perdeu o controlo. Enquanto o carro dava voltas, projectando neve com as rodas, Lindsay perdeu o sentido de direcção. À sua volta, só via branco. Firmemente, dominou o seu pânico e resistiu ao impulso de carregar no travão. O medo que se formou na sua garganta não teve tempo de vir à superfície. Aconteceu tudo muito depressa.

O carro chocou com algo duro e parou com brusquidão. Lindsay sentiu uma rajada de dor e ouviu como a música do rádio se transformava em estática; depois, só houve silêncio e escuridão...

Lindsay gemeu e agitou-se. Um cortejo de tambores desfilava dentro da sua cabeça. Lentamente, e porque sabia que teria de o fazer mais cedo ou mais tarde, abriu os olhos.

Os contornos flutuavam imprecisos à sua volta e depois esclareceram-se. Seth olhava para ela com o sobrolho franzido. Lindsay sentiu os seus dedos no lado da cabeça onde se concentrava a dor. Engoliu em seco ao sentir a garganta seca, mas a sua voz continuava rouca quando falou.

- O que estás a fazer aqui?

Ele arqueou um sobrolho. Sem falar, levantou-lhe as pálpebras, uma por uma, e observou cuidadosamente as suas pupilas.

- Não sabia que eras uma verdadeira idiota!

- as palavras brotaram dos seus lábios com calma. No seu estado de atordoamento, Lindsay não percebeu o seu laivo de raiva. Fez menção de se endireitar, mas ele pôs-lhe uma mão no ombro para a impedir.

Naquele momento, Lindsay permaneceu deitada sem protestar. Descobriu que estava no sofá da sala de Seth. A lareira estava acesa, podia ouvir o crepitar do fogo e sentir o cheiro do fumo. As chamas

projectavam sombras na sala, unicamente iluminada por duas lamparinas de porcelana. Tinha uma almofada com bordados por debaixo da cabeça e o casaco ainda abotoado.

Lindsay concentrou-se em cada pormenor e em cada sensação até a sua mente voltar a estar em condições.

- O cão - disse, lembrando-se bruscamente.

- Atropelei o cão?

- Que cão? - a impaciência da voz de Seth era evidente, mas ela insistiu.

- O cão que saltou para a frente do carro. Acho que me esquivei, mas não tenho a certeza...

- Estás a dizer que bateste contra uma árvore para não atropelares um cão?

Se estivesse na posse de todas as suas faculdades, Lindsay teria reconhecido o perigo implícito naquele tom gélido. No entanto, levantou, cautelosamente, a mão para tocar na têmpora dorida.

- Bati contra uma árvore? Sinto-me como se tivesse batido contra um bosque inteiro.

- Não te mexas! - ordenou Seth e depois saiu a passos largos do quarto.

Com cautela, Lindsay convenceu o seu corpo a adoptar uma posição sentada. A sua visão continuava clara, mas a têmpora pulsava-lhe horrivelmente. Recostando novamente a cabeça na almofada, fechou os olhos. Como bailarina, estava habituada a aguentar a dor.

Uma série de perguntas começaram a tomar forma na sua mente. Lindsay deixou que se dissolvessem e se reagrupassem, até que Seth regressou à sala.

- Disse-te para não te mexeres!

Ela abriu os olhos e dirigiu-lhe um sorriso lânguido.

- Estou melhor sentada, a sério - aceitou o copo e os comprimidos que Seth lhe oferecia.

- O que são?

- Aspirinas - murmurou ele. - Toma-as. Ela franziu o sobrolho ao ouvir a sua ordem, mas a dor de cabeça persuadiu-a a render-se com dignidade. Seth viu como engolia as aspirinas, antes de atravessar a sala para servir um copo de conhaque.

- Por que raios não ficaste em casa de Monica?

Lindsay encolheu os ombros e depois apoiou a cabeça novamente na almofada.

- Era o que estava a perguntar-me quando o cão apareceu na estrada.

- E travaste, no meio de uma tempestade de neve, para não o atropelares - o desagrado no tom de Seth era evidente. Lindsay abriu um olho para observar as suas costas e depois voltou a fechá-lo.

- Não, dei uma guinada. Embora pressuponha que equivalha ao mesmo. Fi-lo sem pensar. De qualquer forma, acho que não o atropelei e magoei-me pouco, portanto não aconteceu nada.

- Não aconteceu nada? - Seth parou quando ia dar-lhe o copo de conhaque. O tom das suas palavras fez com que Lindsay abrisse os olhos.

- Tens ideia do que poderia ter-te acontecido se Ruth não me tivesse telefonado para me dizer que a tinhas levado a casa de Monica?

- Seth, não sei com clareza o que aconteceu, excepto que perdi o controlo do carro e que bati contra uma árvore. Acho que devias esclarecer-me os pormenores mais básicos antes de começarmos a discutir.

- Bebe isto! - Seth deu-lhe o copo de conhaque. - Ainda estás pálida - esperou até que Lindsay tivesse obedecido e depois serviu um copo para ele. - Ruth telefonou-me para me dizer que tinha chegado bem a casa de Monica. Disse-me que as tinha levado e que, depois, tinha insistido em conduzir até tua casa sozinha.

- Não insisti, exactamente - começou a dizer Lindsay; depois, ao ver a expressão de Seth, encolheu os ombros e bebeu outro gole de conhaque. Não era o chocolate quente que imaginara, mas aquecia.

- Monica estava muito preocupada, como é natural. Disse que passarias por aqui passado pouco tempo e pediu-me para estar atento, dado que da casa se vê bastante bem a estrada. Pressupusemos que não haveria muito trânsito com este tempo tão mau - Seth fez uma pausa para beber e, depois, agitou o conhaque restante enquanto olhava para Lindsay. Um indício de cor regressara às suas faces. - Depois de desligar, aproximei-me da janela, bem a tempo, conforme parece, de ver os teus faróis. Vi como rodavam aos círculos e, depois, paravam de repente - depois de pousar o conhaque, enfiou as mãos nos bolsos. - Se não tivesse sido aquela chamada, ainda continuarias inconsciente no carro. Graças a Deus que, pelo menos, foste suficientemente sensata para colocares o cinto de segurança! Caso contrário, terias muito mais do que um galo na cabeça. Ela ficou à defesa.

- Ouve, eu não pretendia ficar inconsciente e, além disso...

- Mas ficaste - interrompeu Seth. O seu tom era lacónico e cortante.

- Seth, estou a tentar mostrar-me agradecida, pois pressuponho que foste tu quem me tirou do carro e me trouxe para casa - Lindsay bebeu o resto do conhaque e pôs o copo de parte. - Mas estás a dificultar-me as coisas.

- Não me interessa a tua gratidão.

- Ainda bem. Nesse caso, não a desperdiçarei - Lindsay levantou-se. O movimento foi demasiado rápido. Teve de cravar as unhas nas palmas das mãos para combater o enjoo. - Eu gostava de telefonar a Monica para a tranquilizar.

- Já lhe telefonei - Seth viu como perdia a cor que recuperara graças ao conhaque. Disse-lhe que estavas aqui, que tinhas tido um problema com o carro. Não me pareceu necessário especificar que tipo de problema. Senta-te, Lindsay!

- Foi muito atencioso da tua parte - respondeu Lindsay. - Talvez possa abusar mais um pouco da tua bondade e pedir-te que me leves a casa de Monica.

Seth aproximou-se dela, pôs-lhe as mãos nos ombros e, olhando com os seus olhos enfurecidos, obrigou-a a sentar-se outra vez no sofá.

- Não! Nenhum dos dois sairá daqui com esta tempestade.

Lindsay levantou o queixo e dirigiu-lhe um olhar raivoso.

- Não vou ficar aqui!

- Nesta altura, acho que não tens outro remédio - repôs ele.

Lindsay remexeu-se no sofá, cruzando os braços sobre o peito.

- Imagino que pedirás para que Worth me prepare um quarto nas masmorras.

- Pode ser - concordou Seth. - Mas está em Nova Iorque, a tratar de certos assuntos em meu nome - sorriu. - Estamos totalmente sozinhos.

Lindsay quis fazer um gesto despreocupado com os ombros, mas o movimento foi um estremecimento nervoso.

- Não importa. Posso ir para casa de Monica de manhã. Imagino que possa utilizar o quarto de Ruth.

- Imagino que sim.

Ela levantou-se, mas mais lentamente do que da primeira vez. As palpitações transformaram-se numa dor vaga, fácil de ignorar.

- Então, vou subir.

- Só são nove horas - a mão de Seth pousou no ombro dela, suavemente, mas com a firmeza necessária para a travar. - Estás cansada?

- Não, eu... - confessou Lindsay, antes de conseguir pensar duas vezes.

- Tira o casaco - sem aguardar uma resposta, Seth começou a desabotoar-lhe os botões. - Antes estava demasiado preocupado a tentar reanimar-te para o fazer - enquanto lhe tirava o casaco dos ombros, voltou a olhar-lhe para os olhos. Com delicadeza, aproximou um dedo da nódoa negra que tinha na têmpora. Dói-te?

- Agora, não muito - Lindsay sentiu que o pulso lhe acelerava. Era inútil atribuí-lo à comoção do acidente. Reconheceu as sensações que começavam a fluir no seu interior e olhou para ele, directamente nos olhos. - Obrigada.

Seth sorriu enquanto percorria os seus braços com as mãos e depois pegava nas de Lindsay.

Um suspiro escapou dos lábios dela enquanto lhe levantava as mãos para lhe beijar a face interior dos pulsos.

- Tens o pulso alterado.

- Pergunto-me porquê será - murmurou Lindsay. Satisfeito, Seth emitiu um risinho baixo enquanto lhe largava as mãos.

- Já comeste?

- Comer? - a mente dela tentou concentrar-se na palavra, mas os seus sentidos ainda continuavam a dominar o seu organismo.

- Comida - disse Seth. - Como a que se come ao jantar.

- Oh, não, estive no estúdio desde esta tarde!

- Então, senta-te! - ordenou ele. - Vou ver se Worth deixou algo decente.

- Vou contigo - Lindsay pôs a mão sobre a dele para atalhar a sua objeção. - Seth, as bailarinas são muito resistentes. Estou bem.

Ele observou o seu rosto com olho crítico e depois assentiu.

- Está bem, mas fazemos à minha maneira com um movimento inesperado, pegou-lhe ao colo. - Agrada-me - disse, antecipando-se aos seus protestos.

Lindsay considerou deliciosa a sensação de ser mimada e acomodou-se para desfrutar dela.

- E tu, já comeste? Seth abanou a cabeça.

- Estive a trabalhar... e depois estive ocupado.

- Já te agradeci - assinalou Lindsay.

Seth abriu a porta da cozinha com o ombro.

- Não teria sido necessário, se tivesses agido com dois dedos de testa e tivesses ficado em casa de Monica.

- Tu és sempre tão lógico! - Lindsay reprimiu um suspiro quando ele a colocou sobre a mesa da cozinha. - É um mau hábito, mas tenho a certeza de que poderias superá-lo - sorriu-lhe. - E se tivesse ficado em casa de Monica, agora não estaria aqui a ser mimada. O que vais preparar para mim?

Seth pegou-lhe no queixo com a mão e olhou atentamente para ela.

- Nunca conheci ninguém como tu.

O seu tom era pensativo e ela acariciou a sua mão.

- E isso é bom ou mau? Ele abanou lentamente a cabeça e depois largou-a.

- Ainda não decidi.

Lindsay viu como se aproximava do frigorífico. Era-lhe difícil acreditar no quanto o amava, no quão sólido e completo aquele amor já era.

"E o que posso fazer?", perguntou-se. "Digo-lhe? Seria embaraçoso para ele e poderia estragar completamente o que parece o princípio de uma grande amizade. Não se pressupõe que o amor é compreensivo e desinteressado?"

Estendendo os dedos sobre a superfície da mesa, Lindsay ficou a olhar para eles. "Mas tem de causar dor e, um momento depois, fazer uma pessoa sentir-se como se voasse?"

- Lindsay?

Ela levantou bruscamente o olhar, repentinamente consciente de que Seth falara.

- Desculpa - sorriu. - Estava a sonhar acordada.

- Há um prato de vitela assada, salada de espinafres e queijos de vários tipos.

- Parece-me ótimo - Lindsay levantou-se, levantando uma mão para sossegar o seu protesto. - Estou fora de perigo, garanto-te. Deixarei que prepares tudo, enquanto eu ponho a mesa - aproximou-se do armário e começou a procurar as coisas.

- Como te saís a lavar os pratos? - inquiriu Lindsay, enquanto Seth fazia café depois do jantar.

- Pois, na verdade tive de o fazer poucas vezes - Seth olhou para ela por cima do ombro. E tu?

- Acabei de sofrer um acidente muito traumático. Não sei se serei capaz de fazer algo manual.

- Consegues andar até à sala? - perguntou ele, cinicamente. - Ou levo primeiro café e depois venho buscar-te?

- Tentarei - Lindsay afastou-se da mesa. Manteve a porta da cozinha aberta para que Seth pudesse passar.

- Na verdade, pouca gente se teria recuperado tão depressa como tu - percorreram o corredor juntos. - Deste uma grande pancada, a julgar pelo tamanho desse galo. E, a julgar pelo estado do teu carro, tiveste sorte por não ter sido pior.

- Mas estou perfeitamente - observou Lindsay, enquanto entravam na sala. - E, por favor, não quero saber como está o meu carro até ser necessário. Poderia entrar numa depressão grave - depois de se sentar no sofá, fez um gesto para que Seth pusesse a bandeja diante dela. - Eu sirvo. Bebes com natas, não é?

- Hum... hum... - Seth aproximou-se da lareira para introduzir outro tronco no fogo. Saltaram faíscas antes de o tronco começar a arder. Quando regressou para junto dela, Lindsay já estava a servir a sua chávena. - A sala está suficientemente quente?

- Oh, sim, a lareira está magnífica! - Lindsay recostou-se sem tocar no café. - Esta sala é quente inclusive com a lareira apagada - confortável e relaxada, deixou que os seus olhos se passeassem pela sala. - Quando era adolescente, costumava sonhar com sentar-me aqui assim... com a tempestade a rugir lá fora, o fogo a arder na lareira e o meu amante ao meu lado.

Deixou sair as palavras sem pensar. Depois de as dizer, as faces de Lindsay coraram. Seth acariciou-lhe a face com as costas da mão.

- Nunca pensei que te veria corar. Lindsay percebeu o prazer que havia na sua voz. Virou a cara.

- Talvez tenha febre.

- Deixa-me ver - Seth virou-a novamente para si. Sustentou-a firmemente, mas os lábios que desceram para pousar sobre a sua testa eram suaves como uma pena. - Não parece que tenhas febre - com uma mão, sentiu a pulsação no seu pescoço, pressionando ligeiramente com os dedos. - A tua pulsação não está regular.

- Seth... - Lindsay deixou a frase a meio quando ele deslizou uma mão para dentro da sua camisola, para lhe acariciar as costas. Passou o dedo pela linha onde o maio dava lugar à pele.

- Mas talvez tenhas demasiado calor com esta camisola tão grossa.

- Não, eu... - mas antes que Lindsay pudesse impedi-lo, ele já lha tirara pela cabeça.

- Assim estás melhor - Seth massajou brevemente os seus ombros e, depois, voltou a concentrar-se no café. Lindsay sentiu que todos os nervos do seu corpo estavam despertos.

- Com que outras coisas sonhavas? - enquanto bebia o café, os seus olhos procuraram os dela.

Lindsay perguntou-se se os seus pensamentos seriam tão transparentes como receava.

- Sonhava dançar com Nick Davidov.

- Um sonho tornado realidade - comentou Seth. - Sabes o que me fascina em ti?

Intrigada, Lindsay abanou a cabeça.

- A minha beleza deslumbrante, talvez? sugeriu.

- Os teus pés.

- Os meus pés! - ela desatou a rir-se, olhando, automaticamente, para os sapatos sem cordões que usava.

- São muito pequenos - antes que Lindsay pudesse adivinhar as suas intenções, Seth já pusera os seus pés no colo. - Deveriam pertencer a uma menina, em vez de a uma bailarina.

- Mas tenho a sorte de conseguir levantá-los sobre três dedos. Muitas bailarinas só conseguem apoiar-se sobre dois. Seth! - Lindsay desatou a rir-se novamente enquanto lhe tirava os sapatos.

A sua gargalhada sossegou quando Seth lhe passou um dedo pela curva do pé. Sentiu uma pontada incrível e intensa de desejo. Fluiu no seu interior e depois propagou-se como um fogo descontrolado por todo o seu corpo. Emitiu um suspiro involuntário e irreprimível.

- Parecem muito frágeis - comentou Seth, cobrindo o peito do pé com a mão. - Mas devem ser fortes - levantou, novamente, os olhos para os dela. O seu polegar desenhou uma linha pela planta do pé e ela tremeu. - E sensíveis.

Quando Seth lhe levantou os pés e lhe beijou os tornozelos, Lindsay compreendeu que estava perdida.

- Sabes o que me fazes sentir, não sabes? sussurrou. Era o momento de aceitar o que tinha de acontecer entre ambos.

Houve um brilho de triunfo nos olhos dele quando levantou, outra vez, a cabeça.

- Sei que te desejo. E que tu também me desejas.

Oxalá fosse algo assim tão simples, disse para si Lindsay. Se não o amasse, poderiam partilhar os seus corpos com total liberdade, sem lamentações. Mas ela amava-o e, um dia, pagaria pelo que estava a acontecer naquela noite. Um sopro ligeiro de medo rebentou no seu peito quando pensou em qual poderia ser o preço.

- Abraça-me - Lindsay refugiou-se entre os seus braços. - Abraça-me.

"Enquanto durar o nevão", disse para si, "estaremos sozinhos. Não há mais ninguém no mundo e o tempo pertence-nos. Não existe o amanhã. Não existe o ontem."

Inclinou a cabeça para trás, para poder olhar para ele nos olhos. Com a ponta do dedo, percorreu, pausadamente, as curvas e os ângulos do seu semblante, até que cada centímetro ficou gravado na sua memória.

- Ama-me, Seth - disse com os olhos muito abertos. - Faz amor comigo.

Não houve tempo para a gentileza, nem nenhum a desejava. A paixão impôs as suas próprias regras. A boca dele mostrava-se ávida, abrasando a de Lindsay, até que as suas palavras se dissolveram no ar.

A sua ansiedade era incrivelmente excitante. No entanto, Lindsay percebeu que Seth mantinha o controle, sem deixar de ser dono do seu destino. Não houve torpor nos seus dedos enquanto a despiu. As suas mãos acariciavam-lhe a pele, enquanto as peças de roupa eram retiradas uma a uma, provocando desejo onde lhe tocavam.

Quando Lindsay tentou desabotoar-lhe os botões da camisa, ele ajudou-a. Havia fogo entre eles, necessidade, uma espiral de prazer.

Tocando-lhe, explorando a pele do seu peito e dos seus ombros, Lindsay experimentou uma sensação nova. Era uma sensação de posse. Naquele momento, Seth era seu e pertencia-lhe por completo. E eram pele contra pele, sem barreiras, nus, entrelaçados e famintos.

A boca dele desceu febrilmente, para saborear um dos seios de Lindsay, e depois permaneceu ali, a saboreá-lo, enquanto lhe proporcionava um prazer trémulo com as mãos.

A sua língua era excitantemente grosseira. Enquanto Seth a acariciava com a boca e o nariz, ela colocou-se debaixo dele, impulsionada por uma necessidade que crescia em força e pressa.

A sua respiração transformou-se em sussurros, enquanto o urgia a beijá-la novamente. Os lábios de Seth empreenderam uma viagem lenta, parando no seu pescoço, desviando-se para a sua orelha, até que Lindsay quase ficou louca com a necessidade de os saborear. Ansiosamente, possuiu a boca de Seth com a sua, tremendo com uma paixão mais arrebatadora do que qualquer outra sensação que tivesse experimentado anteriormente.

Na dança, era um único ser. O prazer e os sonhos eram seus e estavam sujeitos ao seu controle.

Agora, estava unida a outro ser, e o prazer e os sonhos eram algo partilhado. A perda do controle fazia parte do êxtase.

Lindsay sentia-se forte, mais poderosa do que alguma vez achava ter podido sentir-se. A sua energia carecia de limites, extraída da necessidade de possuir, da necessidade de dar.

A paixão de ambos fluía com a doçura do mel. Lindsay derreteu-se entre os braços de Seth.

Dez

Lindsay sonhou que estava deitada numa cama antiga e enorme, enrolada na colcha e entre os braços do seu amante. Era uma cama que conhecia bem o seu corpo, uma cama onde Lindsay acordara manhã após manhã, durante muitos anos. Os lençóis eram de linho irlandês, suaves como um beijo. A colcha era uma relíquia de família, que ela transmitiria à sua filha.

O seu amante era um marido cujos braços eram cada vez mais excitantes com o passar dos anos.

Quando o bebé começou a chorar, ela remexeu-se, mas preguiçosamente, sabendo que nada podia perturbar a plácida beleza em que vivia. Aninhou-se contra os braços que a abraçavam e abriu os olhos.

Ainda a sonhar, sorriu ao ver os olhos de Seth.

- Já amanheceu - murmurou e encontrou a boca dele, quente, suave e deliciosa. Passou a ponta dos dedos pelas suas costas, sorrindo ao sentir que os seus beijos se tornavam mais insistentes. - Tenho de me levantar - sussurrou Lindsay, enquanto a mão de Seth cobria o seu seio. Ainda podia ouvir o choro leve do bebé.

- Hum... hum... - os lábios dele deslocaram-se até à sua orelha.

Lentamente, a sua língua começou a despertá-la completamente. A paixão reavivou as brasas da noite anterior.

- Seth, tenho de ir. Está a chorar.

Com um leve praguejo, Seth virou-se e estendeu os braços para o chão. Depois, colocou o gato, Nijinsky, sobre o estômago de Lindsay.

Ela pestanejou, confusa e desorientada, enquanto o gato miava, com um gemido semelhante ao de um bebé.

O sonho desapareceu bruscamente.

Lindsay levantou uma mão, para lhe passar pelo pêlo, e respirou fundo.

- O que se passa? - inquiriu Seth, entrelaçando os dedos no seu cabelo, até que Lindsay abriu os olhos.

- Nada - ela abanou a cabeça, acariciando o gato, até que este começou a ronronar. - Estava a sonhar. Uma tolice!

- A sonhar - ele passou os lábios pelo seu ombro nu. - Comigo?

Lindsay virou a cabeça e os olhos de ambos encontraram-se.

- Sim - os seus lábios curvaram-se. - Contigo.

Seth mudou de posição, puxando-a para si e embalando-a na curva do seu ombro. Nijinsky enroscou-se aos pés de ambos. Deu algumas voltas, cravou as unhas na colcha e, finalmente, deitou-se.

- Com o que estavas a sonhar? Lindsay aninhou-se contra o seu pescoço.

- É segredo - os dedos dele percorriam suavemente o seu ombro e o seu antebraço.

"Pertença-lhe", disse para si Lindsay, "e não posso dizer-lhe."

Ficou a olhar para a janela e viu que a neve continuava a cair, embora com menos intensidade.

"Até parar de nevar, estamos sozinhos. Amo-o tanto..."

Fechando os olhos, Lindsay subiu a mão pelo seu peito, até ao ombro. Havia músculos que desejava sentir novamente.

Com um sorriso, apertou os lábios contra o seu pescoço. Depois avançou até à sua boca e os lábios de ambos uniram-se.

Os beijos foram curtos, lentos. A urgência e o desespero da noite anterior tinham diminuído.

Agora, o desejo ia-se acumulando lentamente, passo a passo. Abrasava-os e atormentava-os, mas não os extravasava.

Demoraram o seu tempo a deliciarem-se. Seth mudou de posição para que ela pudesse recostar-se sobre o seu peito.

- As tuas mãos - murmurou, enquanto levava uma aos lábios - são deliciosas. Quando danças, parecem não ter ossos - estendeu a mão sobre a dela, palma contra palma.

O cabelo de Lindsay caía em cascata sobre os seus ombros, até cobrir os dele. À luz suave da manhã, parecia claro como um sonho. A sua pele era pálida, com leves toques rosados. O seu rosto era frágil e delicado, mas os seus olhos eram vívidos e fortes.

Lindsay baixou a cabeça para o beijar, lenta e carinhosamente. Os seus batimentos aceleraram ao sentir como a ansiedade de Seth aumentava.

- Eu gosto da tua cara - afastou os lábios dos dele para lhe beijar suavemente as faces e as pálpebras. - É forte e ligeiramente perversa sorriu novamente contra a sua pele, recordando.

- Da primeira vez que te vi, assustaste-me.

- Antes ou depois de saltares para a estrada?

- Seth passou-lhe uma mão pelas costas, enquanto lhe acariciava o cabelo com a outra. Era uma sessão de amor lenta, preguiçosa.

- Não saltei para a estrada - Lindsay mordiscou-lhe o queixo. - Ias a demasiada velocidade

- começou a dar beijos em toda a extensão do seu peito. - Pareceste-me tremendamente alto quando estava sentada naquela poça.

Ouviu Seth deixar escapar um risinho, enquanto lhe passava uma mão pelo arco das costas. Depois, remexeu-se ligeiramente, até que as posições de ambos ficaram invertidas.

Os beijos intensificaram-se. O contacto das mãos sobre a pele continuava a ser delicado, mas mais exigente. A conversa derivou para um sonho suave. A paixão aumentou como uma onda tropical, quente e poderosa...

Vestida com umas calças de ganga e uma camisa que tirara emprestada do guarda-roupa de Ruth, Lindsay desceu pela escada principal. O frio que reinava na casa sugeria que as lareiras ainda não tinham sido acesas. Só o fogo do quarto continuava a crepitar.

A primeira parte do seu plano consistia em acender a lareira da cozinha. Começou a cantarolar uma música improvisada enquanto abria a porta.

Surpreendeu-a ver que Seth se adiantara a ela. Sentiu o cheiro de café.

- Olá! - Lindsay aproximou-se dele, rodeou a sua cintura com os braços e encostou a face nas suas costas. - Achei que ainda estavas lá em cima.

- Desci enquanto estavas a utilizar a barra de Ruth - virando-se, Seth puxou-a para si. Queres tomar o pequeno-almoço?

- Talvez - murmurou ela, quase a rebentar de prazer com aquela intimidade simples. Quem vai prepará-lo?

Seth levantou-lhe o queixo.

- Os dois.

- Oh! - ela arqueou o sobrolho. - Espero que gostes de banana e de cereais. É a minha especialidade.

Ele fez uma careta.

- Não sabes fazer nada com ovos?

- Oh, os da Páscoa ficam lindos!

- Farei ovos mexidos - decidiu Seth e depois beijou-lhe a testa. - Sabes fazer torradas?

- Talvez - com a cabeça ainda encostada ao seu peito, Lindsay observou como a neve caía.

As árvores e a relva recordavam um cenário. O manto branco que cobria a terra estava completamente imaculado. Os arbustos de folha perene que Seth plantara estavam envoltos nos seus próprios mantos de neve; sobre eles, a pouca distância, erguiam-se árvores cobertas de neve. E continuava a nevar.

- Vamos sair - disse Lindsay, impulsivamente. - Está com um aspecto magnífico.

- Depois de tomarmos o pequeno-almoço. De qualquer modo, precisaremos de mais lenha.

- Lógico, lógico! - Lindsay franziu o nariz.

- Prático, prático! - emitiu um grito quando lhe puxou a orelha brincalhonamente.

- Os arquitectos devem ser lógicos e práticos, caso contrário os edifícios cairiam e as pessoas ficariam muito aborrecidas.

- Mas os teus edifícios não parecem práticos - disse Lindsay. Viu como Seth se aproximava do frigorífico. Quem, exactamente, era aquele homem por quem se apaixonara? Quem era o homem que se apropriara das suas emoções e do seu corpo? - São bonitos, não como aqueles edifícios de aço e vidro que privam as cidades da sua essência.

- A beleza também pode ser prática - Seth virou-se com uma embalagem de ovos na mão.

- Ou talvez deva dizer que o prático pode ser belo.

- Sim, mas pressuponho que deva ser mais difícil fazer com que um bom edifício seja atraente para a vista, para além de funcional.

- Se algo não for difícil, não vale a pena o esforço, não achas?

Lindsay assentiu lentamente. Compreendia o que queria dizer.

- Deixas-me ver os desenhos do projecto da Nova Zelândia? - perguntou, aproximando-se do cesto do pão. - Nunca vi as plantas de um edifício.

- Está bem - Seth começou a partir os ovos para dentro de uma tigela.

Prepararam e degustaram o pequeno-almoço. Lindsay pensou que a cozinha cheirava a família: café, torradas e ovos mexidos. Guardou o cheiro na sua memória, sabendo que seria inapreciável nalguma manhã no futuro. Depois de comerem e arrumarem a cozinha, agasalharam-se bem e saíram de casa.

O primeiro passo de Lindsay enterrou-a até ao tornozelo na neve. Entre gargalhadas, Seth deu-lhe um leve empurrão que a fez cair para trás. Rapidamente, ficou coberta de neve até aos ombros.

O som da gargalhada dele reverberou na parede de neve, acentuando a solidão de ambos.

- Talvez devesse pôr-te um guizo no pescoço para te encontrar - disse em voz alta, rindo-se.

Lindsay tentou levantar-se. Tinha neve no cabelo e no casaco. O sorriso brincalhão de Seth intensificou-se quando ela olhou para ele com uma careta.

- Parvo! - exclamou Lindsay, antes de avançar, custosamente, pela neve.

- A pilha de lenha está ali - Seth agarrou-lhe na mão. Depois de uma leve resistência fingida, Lindsay aceitou ir com ele.

Encontravam-se num mundo totalmente isolado. A neve caía do céu para desaparecer no manto espesso que os rodeava.

Lindsay mal conseguia ouvir o mar. As botas de Ruth chegavam-lhe até aos joelhos, mas, a cada passo que dava, entrava-lhe neve para as pernas. O seu rosto estava rosado por causa do frio, mas a vista compensava qualquer desconforto.

A brancura era perfeita. Não havia brilho que incomodasse os olhos, nem sombras que fizessem variar a cor. Havia, simplesmente, um branco sem matizes nem paliativos.

- É lindo! - murmurou Lindsay, enquanto paravam diante do monte de lenha. Olhou parada e prolongadamente à sua volta. - Mas não acredito que pudesse ser pintado ou fotografado. Perder-se-ia algo na reprodução.

- Pareceria monótono - disse Seth. Carregou uma pilha de lenha. A respiração de Lindsay formava vapor diante dela enquanto olhava por cima do ombro dele.

- Sim, referia-me exactamente a isso aquela coincidência de opiniões agradou-lhe. Prefiro recordá-lo assim a vê-lo simplesmente numa dimensão - acompanhada de Seth, iniciou a lenta viagem de volta para a porta das traseiras. - Mas tu deves ser um perito em visualizar a realidade a partir de um desenho.

- É ao contrário - deixaram a lenha atrás da porta. - Faço desenhos a partir de uma realidade que visualizo.

Lindsay parou um pouco, algo exausta pelo esforço de andar na camada profunda de neve.

- Sim - assentiu. - Compreendo - observando Seth, sorriu. - Tens neve nas pestanas.

Os olhos dele procuraram os de Lindsay, inquisitoriamente. Ela inclinou a cabeça, convidando-o ao beijo. Os lábios dele desceram para tocarem nos seus e Lindsay ouviu Seth respirar fundo enquanto a tomava nos braços.

Enquanto atravessavam a cozinha, Lindsay começou a protestar.

- Seth, estamos cobertos de neve. Pingará por todo o lado!

-Sim.

Estavam no hall e ela afastou o cabelo dos olhos.

- Para onde vais?

- Vamos!

- Estás louco, Seth! - Lindsay balançou levemente, enquanto ele subia a escada principal. - Deitaremos tudo a perder. Worth ficará muito aborrecido.

- É paciente - afirmou Seth, enquanto entrava no quarto. Colocou Lindsay na cama. Ela endireitou-se sobre os seus cotovelos.

- Seth! - ele já tirara o casaco e estava a fazer o mesmo com as botas. Lindsay abriu muito os olhos, divertida e incrédula. - Pelo amor de Deus, Seth, estou coberta de neve!

- Nesse caso, é melhor tirares essa roupa húmida - Seth deixou as botas de lado e aproximou-se dela para lhe desabotoar o casaco.

- Estás louco! - decidiu Lindsay, a rir-se, enquanto lhe tirava o casaco e o atirava para o chão, para junto das botas.

- Possivelmente - concordou Seth. Com alguns puxões rápidos, tirou-lhe as botas. Depois de lhe tirar as meias grossas de lã, começou a aquecer-lhe os pés com uma massagem suave. Sentiu a sua resposta instantânea ao contacto.

- Não sejas tolo, Seth! - no entanto, a voz de Lindsay já era rouca. - Já se derreteu alguma neve em cima da cama.

Com um sorriso, beijou-lhe a planta dos pés e viu como os seus olhos escureciam. Pondo-se ao seu lado, pegou-lhe novamente ao colo.

- O tapete está seco - disse, enquanto a descia da cama. Depois, lentamente, desabotoou-lhe os botões da camisa. Ao seu lado, crepitava o fogo que Seth acendera antes do pequeno-almoço.

Abriu-lhe a camisa, sem lha tirar. Com uma preguiça terna, começou a beijar-lhe os seios, enquanto Lindsay flutuava no primeiro estágio do prazer. Suspirou uma vez e, depois, acariciando-lhe a face, persuadiu a sua boca a procurar a dela. O beijo começou por ser lento, mas o seu ritmo mudou sem aviso prévio. A boca de Seth tornou-se desesperada, deixando escapar alguns suspiros que pareciam vir do fundo do seu ser.

Em seguida, puxou a roupa de Lindsay com impaciência, rasgando a camisa de Ruth enquanto a retirava do seu ombro.

- Desejo-te ainda mais do que antes - murmurou, enquanto os seus lábios e os seus dentes percorriam com dureza o pescoço dela. Mais do que ontem. Mais do que há pouco - as suas mãos magoavam-na enquanto tomavam posse do seu corpo.

- Então, possui-me - respondeu Lindsay, puxando-o para si, desejando-o. - Possui-me agora.

A boca de Seth reclamou a sua e as palavras cessaram.

O telefone acordou Lindsay. Sonolenta, viu como Seth se levantava para atender. Usava o robe verde que vestira quando deitara mais lenha no fogo.

Lindsay perdera a noção do tempo. Os relógios eram para um mundo prático, não para um mundo de sonho.

Espreguiçou-se lentamente, vértebra por vértebra. Se a eternidade pudesse ser um momento, Lindsay teria escolhido aquele. Sentia-se suave, quente e amada. O seu corpo estava cheio de prazer.

Observou Seth, sem ouvir o que estava a dizer ao telefone. Estava tão direito, disse para si e sorriu um pouco.

"E mal faz gestos quando fala. Os gestos podem denunciar os sentimentos e os seus sentimentos são muito privados."

A voz dele introduziu-se nos seus pensamentos, enquanto alguns retalhos da conversa se filtravam no seu cérebro.

Era Ruth, disse para si Lindsay, distraída da contemplação do rosto de Seth. Depois de se endireitar, colocou a colcha sobre os ombros. Soube o que veria antes, inclusive, de olhar pela janela.

Parara de nevar enquanto dormiam. Esperou que Seth desligasse o telefone. Conseguiu sorrir-lhe enquanto a sua mente tentava, febrilmente, organizar as suas impressões; o modo como o cabelo de Seth caía sobre a sua testa, o brilho do sol sobre o seu cabelo, a sua postura direita e atenta.

O coração de Lindsay pareceu expandir-se, atingindo novas grandezas de amor.

"Não estragues tudo", ordenou-se, freneticamente. "Não estragues tudo agora."

Lindsay teve a sensação de que Seth estava a observá-la com uma intensidade ainda mais pronunciada do que o habitual. Passado algum tempo, aproximou-se de onde ela permanecia sentada no chão, refugiada entre colchas e almofadões.

- Já volta para casa? - inquiriu Lindsay, depois de ele desligar.

- Monica vem trazê-la. Parece que os limpa-neves se aplicaram e as estradas estão bastante limpas.

- Ainda bem - Lindsay alisou o cabelo, antes de se levantar, ainda enrolada na colcha. Então, é melhor arranjar-me. Parece que, esta tarde, terei aulas.

Sentiu um desejo súbito de chorar. Lindsay combateu-o, refugiando-se no interior da colcha, enquanto apanhava a sua roupa.

"Sê prática!", ordenou-se. "Seth é um homem prático. Odiaria uma cena sentimental."

Engoliu em seco e sentiu que recuperava o controlo. Enquanto se vestia, continuou a falar.

- É incrível quão depressa trabalham aqueles limpa-neves. Só espero que não tenham enterrado o

meu carro. Tenho de chamar um reboque para ir buscá-lo. Se a avaria não for grave, não ficarei muito tempo sem ele - deixando cair a colcha, enfiou a camisola pela cabeça. - Tenho de usar a escova de Ruth - continuou a dizer, enquanto tirava o cabelo pela gola da camisola. De repente, parou para olhar directamente para Seth. - Porque me olhas assim? - inquiriu. - Porque não dizes nada? Ele permanecia imóvel, a observá-la.

- Estava à espera que parasses de tagarelar. Lindsay fechou os olhos. Sentia-se completamente indefesa. Compreendeu que acabara de fazer uma figura ridícula. Seth era um homem sofisticado, habituado a relações esporádicas e passageiras.

- Estas coisas, simplesmente, não são o meu forte - disse Lindsay. - Não tenho jeito - ao ver que ele estendia a mão para ela, disse: Não, não o faças! - afastou-se rapidamente. Não preciso disso agora.

- Lindsay! - o tom de irritação que havia na voz de Seth fez com que lhe fosse mais fácil reprimir as lágrimas.

- Dá-me alguns minutos - disse Lindsay. Detesto comportar-me como uma parva - dito isto, saiu a correr do quarto, fechando a porta atrás de si.

Quinze minutos mais tarde, Lindsay encontrava-se na cozinha, a servir um prato de leite a Nijinsky. Escovara o cabelo e usava-o solto sobre os ombros. Os seus nervos, embora tensos, tinham-se acalmado um pouco. A sua pulsação era firme.

Aquele descontrolo fora uma estupidez, decidiu, embora talvez a tivesse ajudado a facilitar a sua volta ao mundo real.

Por um momento, perdeu-se num sonho, enquanto contemplava pela janela o mundo coberto de brancura. Embora ele não tivesse feito nenhum ruído, soube o momento exacto em que Seth entrou. Lindsay esperou um segundo e, depois, virou-se para olhar para ele. Usava umas calças castanho-escuras de bombazina e uma camisola sobre uma camisa azul-clara. Tinha, disse para si Lindsay, um aspecto de eficiência casual.

- Fiz café - disse ela, num tom cuidadosamente cordial. - Apetece-te uma chávena?

- Não - Seth aproximou-se de Lindsay com passos decididos. Depois, enquanto ela ainda se perguntava o que pretendia fazer, puxou-a para si. Agarrou os seus braços. O beijo foi ardente, longo e apaixonado. Quando se afastou dela, Lindsay perdera momentaneamente a visão.

- Queria ver se isto tinha mudado - disse Seth, enquanto parecia perfurar os olhos dela com os seus. - Não mudou.

- Seth... - no entanto, a boca dele voltou a emudecê-la. Sem sequer pensar, Lindsay entregou todos os seus sentimentos no beijo, dando-lhe tudo. Ouvia-o murmurar o seu nome antes de a apertar contra si.

Mais uma vez, tudo desapareceu. Os brilhos do paraíso acudiram tão depressa, que Lindsay só conseguiu apreendê-los de uma forma fugaz. Novamente extasiada, levantou o olhar para Seth, sem o ver, apenas sentindo-o.

Outra mulher, disse para si, aturdida, contentar-se-ia apenas com aquilo. Outra mulher poderia continuar a ser sua amante sem desejar mais nada. Outra mulher não precisaria de mais nada dele, quando já tinha tanto. Lentamente, Lindsay voltou à realidade. O único modo de sobreviver era fingir ser essa outra mulher.

- Fico contente que tivéssemos ficado isolados pela neve - disse, afastando-se suavemente dos seus braços. - Foi maravilhoso estar aqui contigo - com um tom de voz animado, caminhou novamente até à cafeteira. Ao servir o café, notou que a sua pulsação já não era firme.

Seth esperou que se virasse, mas Lindsay permaneceu virada para a cozinha.

- E? - perguntou, enfiando as mãos nos bolsos.

Lindsay levantou a chávena de café e bebeu um gole. Estava a ferver. Sorriu ao virar-se.

- E? - repetiu. A dor que palpitava na sua garganta fez com que lhe custasse pronunciar a palavra.

A expressão de Seth assemelhava-se muito à que tinha da primeira vez que Lindsay o vira. Tempestuosa e severa.

- É só isso? - perguntou.

Lindsay humedeceu os lábios e encolheu os ombros. Agarrou na chávena com as duas mãos.

- Acho que não percebo o que queres dizer.

- Há algo nos teus olhos - murmurou Seth, aproximando-se dela. - Mas evita-me constantemente.

Não queres dizer o que sentes. Porquê?

Lindsay cravou o olhar na chávena e, depois, bebeu outra vez.

- Seth - começou a dizer com calma, olhando para ele directamente nos olhos. - Os meus sentimentos só dizem respeito a mim, até decidir confiar-tos.

- Talvez pensasse que já o tinhas feito.

A dor era insuportável. Lindsay sentiu que lhe tremiam os joelhos. Os olhos de Seth eram tão firmes, tão penetrantes.

- Somos ambos adultos. Sentimo-nos atraídos um pelo outro e há algum tempo...

- E se quiser algo mais?

A pergunta de Seth desorganizou os seus pensamentos. Lindsay tentou reorganizá-los, tentou ver para além do muro que agora tapava os olhos dele. A esperança e o medo travavam uma batalha dentro dela.

- Algo mais? - repetiu cautelosamente. O coração pulsava-lhe descontrolado. - O que queres dizer?

Ele observou-a.

- Não tenho a certeza de que tenha importância se tiver de te explicar.

Frustrada, Lindsay pousou a chávena com força em cima da mesa.

- Porque te empenhas em iniciar algo que não vais acabar?

- Pergunto-me exactamente isso mesmo Seth pareceu hesitar e depois levantou uma mão até ao

cabelo de Lindsay. Ela inclinou-se para ele, aguardando uma resposta. - Lindsay...

Naquele momento, abriu-se a porta da cozinha e entraram Ruth e Monica.

- Olá! - Ruth interrompeu a sua saudação assim que se apercebeu da situação. Procurou rapidamente um modo de voltar a sair, mas Monica já entrara e dirigia-se para Lindsay.

- Estás bem? Vimos o teu carro - disse, com um tom dominado pela preocupação, enquanto estendia a mão para a sua amiga.

- Estou bem - Lindsay deu um beijo a Monica para a tranquilizar. - Como estão as estradas?

- Muito bem - Monica apontou para Ruth com o queixo. - Preocupava-a perder a aula de hoje.

- Naturalmente - Lindsay concentrou a sua atenção nas jovens, até que a sua pulsação se normalizou. - Não creio que isso seja um problema.

Atraído pela voz de Ruth, Nijinsky aproximou-se para se esfregar nas suas pernas, até que ela lhe pegou ao colo.

- De certeza que se sentirá capaz? Lindsay percebeu a certeza nos olhos de Ruth e pegou novamente na sua chávena.

- Sim. Sim, estou bem - automaticamente, foi ao lava-loiça à procura de um pano para limpar um pouco de café que entornara. Pressuponho que terei de chamar o reboque.

- Eu trato disso - Seth falou pela primeira vez, desde que os tinham interrompido. O seu tom era formal e distante.

- Não será necessário - começou a dizer Lindsay.

- Eu disse que trato disso. Levo-te ao estúdio quando estiveres pronta - Seth saiu pela porta e as três ficaram a ver como desaparecia.

Onze

Monica e Ruth foram sentadas no banco de trás do carro no trajecto para o estúdio. Ruth tinha consciência da tensão, evidente e pronunciada, que existia entre o seu tio e Lindsay. Fosse o que fosse o que havia entre eles, era evidente que provocara problemas. Dado que gostava de ambos, Ruth fez o possível para aliviar o ambiente tenso.

- Worth volta ao trabalho esta noite?

Seth olhou brevemente para ela pelo espelho retrovisor.

- Amanhã de manhã.

- Então, esta noite prepararei coq au vin sugeriu Ruth, inclinando-se para o banco da frente. - É um dos meus melhores pratos. Assim, sim, teremos de jantar tarde.

- Amanhã tens escola.

- Tio Seth - o sorriso de Ruth era tolerante.

- Estou no liceu, não na escola primária. Ontem à noite, Monica esteve a mostrar-me o anuário do seu irmão - continuou a dizer, dirigindo-se a Lindsay. - Do ano em que Andy e tu acabaram a escola.

- Andy estava fabuloso com a sua camisola de futebol, não estava? - Lindsay mexeu-se no banco para conseguir olhar para Ruth.

- Eu gostei mais da tua fotografia - Ruth retirou o cabelo do ombro. Lindsay viu que a sua timidez desaparecera. Os seus olhos mostravam-se tão abertos e amigáveis como o seu sorriso. - Precisavas de a ter visto, tio Seth. Está na escada que conduz ao auditório. A fazer um arabesque.

- O espertinho do Tom Finley pediu-me para fazer algo de ballet.

- Era por isso que estavas a deitar a língua de fora?

Lindsay desatou a rir-se.

- Assim, a fotografia ganhava em valor estético.

- De certeza que é uma bela fotografia! comentou Seth, atraindo a atenção tanto de Ruth como de Lindsay. - Imagino que o arabesque estará perfeitamente executado. Serias capaz de dançar no meio de um terramoto.

Lindsay cravou os olhos no seu perfil, insegura de estar a elogiá-la ou a criticá-la.

- Chama-se concentração, pressuponho.

- Não - Seth desviou os olhos da estrada o tempo suficiente para procurar o seu olhar. Chama-se amor. Amas a dança. E nota-se.

- Acho que não há elogio melhor-do que esse - disse Ruth. - Oxalá, um dia, alguém me diga isso!

Pela mente de Lindsay passaram, fugazmente, todas as coisas que desejava dizer, mas nenhuma delas ganhou vida. Então, pousou a mão sobre a dele. Seth olhou para as mãos de ambos e depois para Lindsay.

- Obrigada - disse ela.

Sentiu um aperto no coração quando lhe pegou na mão e a aproximou dos lábios.

- Não tens de quê.

Ruth sorriu ao ver o gesto e depois recostou-se no banco, enquanto entravam no estacionamento do estúdio. Alguém fizera uma tentativa pouco entusiasta de afastar a neve e Lindsay compreendeu imediatamente que deviam ter sido os meninos do bairro.

- Está alguém aí - comentou Ruth, ao ver o sofisticado carro estrangeiro estacionado no estacionamento.

Lindsay desviou o olhar de Seth, enquanto este parava o veículo.

- Pergunto-me quem... - as suas palavras interromperam-se bruscamente, enquanto esbugalhava os olhos. Abanou a cabeça, segura de estar enganada, mas apeou-se lentamente do carro. O homem de casaco preto e chapéu de pele avançou da porta do estúdio para ela. Lindsay soube que não se enganara.

- Nikolai! - correu pela neve, enquanto gritava o seu nome. Só viu um traço impreciso da sua cara enquanto se atirava para os seus braços. As lembranças assaltaram-na.

Ele já a abraçara antes. Era o príncipe da sua Giselle, o Dom Quixote da sua Dulcineia, o Romeu da sua Julieta. Lindsay amara-o com toda a intensidade que permitia a amizade; odiara-o com a paixão sã da rivalidade entre artistas; adorara o seu talento e desesperara com o seu temperamento. Enquanto a abraçava, tudo aquilo que tinham partilhado, tudo o que Lindsay sentira nos seus anos na companhia, voltou à sua memória. A onda foi demasiado rápida e intensa. A chorar, agarrou-se a ele.

Nick riu-se, afastando-a de si para lhe dar um beijo efusivo. Estava demasiado absorto em Lindsay para ouvir o "Davidov" sussurrado admirativamente por Ruth ou para ver o escrutínio intenso de Seth.

- Olá, ptichka, meu passarinho! - a sua voz era poderosa, com um sotaque russo forte. Lindsay só conseguiu abanar a cabeça e afundar o rosto no seu ombro.

Aquele reencontro inesperado perturbara as suas emoções, já por si alteradas. No entanto, quando Nick a afastou novamente de si, ela viu através da sua visão embaciada que continuava o mesmo de sempre. Embora tivesse cara de menino inocente, contava piadas picantes e sabia dizer palavrões em cinco línguas. Tinha os olhos azuis, com pestanas compridas, e os lábios carnudos e românticos. As duas covinhas que se formavam ao sorrir conferiam-lhe um encanto especial. O seu cabelo era loiro cinza, espesso e encaracolado. Costumava usá-lo despenteado. Media um metro e oitenta, o que o transformava no companheiro de dança ideal para uma bailarina da altura de Lindsay.

- Ai, Nick, não mudaste nada! - Lindsay acariciou-lhe a cara com as duas mãos. - Fico contente, fico muito contente que continues na mesma.

- Mas tu mudaste, ptichka - um sorriso intenso iluminou o rosto de Nick. - Ainda continuas a ser o meu passarinho, mas como é possível que estejas ainda mais bela do que antes?

- Nick - as lágrimas de Lindsay misturaram-se com a sua gargalhada, - tive muitas saudades tuas -

beijou-lhe as faces e depois a boca. - O que estás a fazer aqui?

- Não estavas em casa, por isso vim aqui Nick encolheu os ombros perante o óbvio. -

Disse-te que viria em Janeiro. Mas antecipei-me um bocadinho.

- Conduziste desde Nova Iorque com este nevão?

Nikolai respirou fundo e olhou à sua volta.

- O teu Connecticut recordou-me a Rússia. Eu gosto do cheiro da neve - os seus olhos pousaram em Seth e em Ruth. - As tuas maneiras são lamentáveis, ptichka - disse, suavemente.

- Oh, desculpa! Fiquei tão surpreendida, que... - Lindsay sentiu-se sobressaltada e enxugou as lágrimas com as costas da mão. - Seth, Ruth, apresento-vos Nick Davidov. Nicky, Seth e Ruth Bannion. É a bailarina de que te falei.

Ruth ficou a olhar para ela. Naquele momento, transformou-se numa escrava voluntária de Lindsay.

- É um prazer conhecer os amigos de Lindsay - disse Nick, apertando a mão de Seth. Uma pequena linha desenhou-se no seu sobrolho enquanto o observava. - Não será por acaso Bannion, o arquitecto?

Seth assentiu, enquanto Lindsay observava como os dois homens se avaliavam mutuamente.

-Sim.

Nick sorriu, satisfeito.

- Ah, acabei de comprar uma casa projectada por si, na Califórnia. Fica na praia e tem tantas janelas que parece que o mar está dentro da sala.

Era tão efusivo, disse para si Lindsay. Tão diferente de Seth... E, no entanto, em muitos aspectos recordava-lho.

- Lembro-me da casa - admitiu Seth. - Fica em Malibu?

- Sim, sim, em Malibu! - ostensivamente satisfeito, Nick sorriu outra vez. - Disseram-me, num tom reverente, que era uma das primeiras obras de Bannion, como se você tivesse falecido há muito tempo.

Seth sorriu; era o efeito que Nick provocava, invariavelmente, nas pessoas.

- Quanto maior for a reverência, maior é o valor no mercado.

Nikolai riu-se brincalhonamente, mas vira a expressão dos olhos de Lindsay enquanto esta olhava para Seth. Portanto, era naquela direcção que o vento soprava, disse para si.

- E esta é a bailarina que querias enviar-me

- desviou a sua atenção para Ruth, pegando nas suas mãos. Viu uma rapariga bela, bonita e morena, que tremia como uma folha. O seu rosto ofereceria um aspecto adequadamente exótico com um mínimo de maquilhagem e a iluminação apropriada. A sua altura era perfeita.

- Senhor Davidov - Ruth tentou não gaguejar. Para ela, Nikolai Davidov era uma lenda, uma figura maior do que a própria vida. Estar ao seu lado, a tocar nas suas mãos, parecia-lhe impossível. O

prazer que sentia era arrebatador.

Ele acariciou-lhe as mãos, dirigindo-lhe um sorriso pessoal.

- Tens de me dizer se as maneiras de Lindsay são sempre tão horríveis. Durante quanto tempo costuma manter os seus amigos na rua, ao frio?

- Oh, bolas! - Lindsay procurou atrapalhadamente as chaves. - Deixas-me estupefacta ao apareceres de repente e depois esperas que me comporte de forma racional - abriu a porta principal. - Tinha razão - disse-lhe por cima do ombro, - não mudaste nada.

Nikolai avançou até ao meio da sala sem dizer nada. Tirou as luvas e deu palmadinhas com elas na palma enquanto inspeccionava o estúdio.

- Muito bem - decidi. - Fizeste um bom trabalho, ptichka. Tens bons alunos?

- Sim - Lindsay sorriu a Ruth. - Tenho bons alunos.

- Já encontraste alguém que se ocupe da escola quando voltares para Nova Iorque?

- Nick! - Lindsay, que estava a desabotoar o casaco, ficou imóvel. - Ainda não acedi a voltar.

- Isso é uma tolice! - Nick subtraiu importância à resposta, virando o pulso. Era um gesto que Lindsay recordava muito bem. Se se iniciasse uma discussão naquele momento, seria brusca e acalorada. - Tenho de voltar daqui a dois dias. Vou dirigir O Quebra-nozes. E, em Janeiro, começarei a organizar o meu bailado

- tirou o casaco enquanto falava. Usava um simples fato de treino cinzento e tinha um aspecto magnífico, na opinião de Ruth. - Contigo como minha Ariel, não tenho nenhuma dúvida de que será um sucesso.

-Nick...!

- Mas, antes, queria ver-te dançar - disse ele, sossegando o seu protesto, - para me certificar de que não estás enferrujada.

- Enferrujada? - indignada, Lindsay deixou o casaco numa cadeira. - Antes de eu enferrujar, Davidov, dedicar-te-ás a escrever livros de modismos russos.

- Vamos ver! - Nick virou-se para Seth enquanto tirava o chapéu. - Diga-me, senhor Bannion, conhece bem a minha ptichka?

Seth desviou os olhos para Lindsay, olhando para ela, até que ela corou.

- Bastante bem - voltou a olhar para Nikolai. - Porquê?

- Talvez possa dizer-me se tem mantido os seus músculos tão exercitados como o seu temperamento. É importante saber durante quanto tempo terei de usar o chicote para que fique em forma.

- O chicote! Para que me ponha em forma!

- saber que Nick estava a provocá-la de propósito não impediu que Lindsay caísse na armadilha. - Não preciso que tu nem que ninguém me dê com um chicote para estar em forma.

- Muito bem! - Nick assentiu, enquanto descia o olhar para os seus pés. - Nesse caso, precisas de

uns collants e umas sapatilhas.

Lindsay deu meia volta e dirigiu-se para o escritório. A deitar fumo, entrou e fechou a porta com força. Nick sorriu cinicamente a Seth e a Ruth.

- Conhece-la muito bem - comentou Seth. Nikolai deixou escapar um risinho.

- Como a mim mesmo. Somos muito parecidos - remexeu no bolso do seu casaco e tirou umas sapatilhas de ballet. Depois, sentou-se numa cadeira para as calçar. - Conhece Lindsay há muito tempo? - sabia que estava a ser indiscreto e compreendeu, pelo modo como Seth arqueava os sobrolhos, que o seu descaramento não passara inadvertido.

"É um homem reservado e cioso da sua privacidade", disse para si Nick. "Mas Lindsay ocupa os seus pensamentos."

Se era Seth quem impedia que Lindsay retomasse a sua profissão, Nick desejava sabê-lo para conhecer os seus motivos. Suspeitava que não seria um homem precisamente fácil de entender. Sabia que as complicações atraíam Lindsay.

- Alguns meses - respondeu Seth, finalmente. O artista que tinha dentro de si apreciou o físico extraordinário daquele homem. O seu rosto sensível continha o atrevimento certo para não ser inocente. Era o rosto de um príncipe de conto de fadas. Um rosto que cativava.

Seth enfiou as mãos nos bolsos. Ele também sentiu vontade de entender o homem que tinha diante de si.

- Trabalharam juntos durante algum tempo em Nova Iorque.

- Não tive uma companheira melhor em toda a minha carreira - limitou-se a dizer Nick. Mas nunca pude dizer tal coisa à minha ptichka. Trabalha melhor quando as suas paixões estão excitadas. E tem grandes paixões - sorriu, enquanto se levantava. - Como os russos.

Lindsay regressou à sala com uns collants pretos, pernas brancas e sapatilhas de dança. Continuava com o queixo levantado.

- Ganhaste algum peso - comentou Nikolai, enquanto observava, com olho crítico, a sua figura esbelta.

- Peso quarenta e sete quilos - disse ela, à defesa.

- Terás de perder alguns quilos - respondeu Nick, enquanto se aproximava da barra. - Sou bailarino, não halterofilista - executou um plié, enquanto ela sustinha o fôlego, furiosa.

- Já não tenho de morrer de fome por ti, Nick.

- Esqueces-te de que agora sou o director sorriu-lhe e continuou a aquecer.

- E tu esqueces-te de que já não estou na companhia - repôs ela.

- Uma simples questão de papelada - Nick fez-lhe um gesto para que se unisse a ele.

- Vamos deixar-vos a sós - disse Seth e Lindsay virou-se para ele. Nikolai reparou no contacto dos olhos de ambos. "O olhar daquele homem não deixa transparecer nada dos seus sentimentos", disse para si. - Para que tenham privacidade - acrescentou Seth.

- Por favor! - Nikolai adiantou-se à resposta de Lindsay. - Fiquem.

- Sim, Nick nunca conseguiu actuar sem público - ela sorriu, estendendo a mão para tocar na de Seth. - Não vão.

- Por favor, tio Seth - encantada pela possibilidade de ver os seus dois artistas preferidos actuarem de improviso, Ruth agarrou-se ao braço de Seth. O entusiasmo escurecia os seus olhos.

Seth hesitou. Olhou para Lindsay, longa e profundamente.

- Está bem.

A formalidade voltara ao seu tom, coisa que a angustiava. Porque, perguntou-se enquanto se aproximava de Nikolai, lhes era tão difícil aproximarem-se um do outro? Estabeleceu uma conversa ocasional com Nick enquanto relaxava e aquecia os músculos, mas ele reparou que os seus olhos se desviavam continuamente para o reflexo de Seth no espelho.

- Há quanto tempo o amas? - murmurou Nick, com um tom de voz que só Lindsay conseguiu ouvir. Ela levantou rapidamente os olhos. - Nunca conseguiste esconder-me nada, ptichka. Um amigo costuma ver as coisas com mais clareza do que um amante.

- Não sei - Lindsay suspirou. - Às vezes, tenho a sensação de o ter amado sempre.

- Os teus olhos parecem tristes - Nick impediu que desviasse o olhar, pondo-lhe uma mão na face.

- O amor é assim tão triste, meu passarinho?

Lindsay abanou a cabeça, tentando superar o seu estado de espírito.

- Como pode um russo perguntar isso? Pressupõe-se que o amor deva ser triste, não é?

- Isto não é Chekhov, ptichka - depois de lhe dar uma palmadinha na face, Nick aproximou-se do leitor de CDs. - Talvez Shakespeare encaixe - levantou o olhar dos CDs. -

Lembras-te do pás de deux de Romeu e Julieta?

Os olhos de Lindsay suavizaram-se.

- Claro que sim! Ensaíamo-lo até não podermos mais. Massajavas-me os pés quando tinha câibras e atiravas-me toalhas suadas quando falhava algum sauté.

- Tens boa memória - Nick inseriu o CD e programou a selecção. - Vamos lá, então! Dança comigo, ptichka, pelos velhos e pelos novos tempos - estendeu-lhe a mão. Houve magia no momento em que se uniram.

Os seus dedos tocaram-se e depois afastaram-se. Lindsay sentiu-o imediatamente: a juventude, a esperança, a emoção comovedora do primeiro amor. Os seus passos eram instintivos. Fluíam com a música, seguindo com desenvoltura os de Nick. Quando ele a levantou pela primeira vez, sentiu-se como se se tivesse perdido para sempre na música, na emoção.

Ruth observava-os sem quase se atrever a respirar. Embora a dança parecesse enganadoramente simples, a sua formação permitia-lhe avaliar, na sua justa medida, as suas complexidades e dificuldades. Era romance na sua forma mais pura: um homem e uma mulher irresistivelmente atraídos um pelo outro, a explorar as águas do novo amor. A música vibrava com a emoção de um amor profundo e

condenado. Brilhava com intensidade nos olhos de Lindsay quando olhava para Davidov. Agora não mostrava o descaramento provocante de Dulcineia, mas as vulnerabilidades de uma jovem apaixonada pela primeira vez. E quando se aninharam no chão e as pontas dos dedos de um procuraram as do outro, Ruth sentiu que o coração quase lhe rebentava com a glória do momento.

Durante vários segundos depois de a música acabar, os bailarinos permaneceram imóveis, os olhos de um fixos nos do outro, os dedos apenas a roçarem-se. Depois, Davidov sorriu e, aproximando-se mais de Lindsay, apertou-a contra si. Ela tremia ligeiramente sob as suas palmas.

- Parece que, afinal de contas, não estás enferrujada, ptichka. Volta comigo. Preciso de ti.

- Oh, Nick! - extenuada, Lindsay encostou a cabeça ao seu ombro. Esquecera a profundidade do prazer que sentia quando dançava com ele. E, no entanto, a própria essência da dança intensificara os seus sentimentos por Seth.

Se pudesse voltar para a casa isolada pela neve, esquecer o mundo, excepto Seth, tê-lo-ia feito cegamente. A sua mente parecia quase drogada pelos desejos e as dúvidas. Agarrou-se a Nick como se fosse uma âncora.

- Não se saiu nada mal! - comentou Nikolai, sorrindo brincalhão a Seth e a Ruth.

- Foi maravilhosa - respondeu Ruth, com voz trémula pela emoção. - Os dois foram maravilhosos! Não foram, tio Seth?

Lentamente, Lindsay levantou a cabeça. Quando olhou para Seth, fê-lo com os olhos ainda impregnados de amor.

- Sim - Seth observava-a, embora não se visse emoção alguma no seu semblante. Nunca tinha visto duas pessoas moverem-se de uma forma tão perfeita - levantou-se e agarrou no seu casaco. - Tenho de ir - pôs a mão no ombro de Ruth e esta emitiu um murmúrio de queixa. - Embora talvez Ruth possa ficar. Falta uma hora para a sua aula.

- Sim, certamente - Lindsay endireitou-se, sem saber como enfrentar a distância que agora se interpunha entre eles. O seu corpo continuava a tremer, de emoções que pertenciam a Seth. - Seth... - pronunciou o seu nome, incapaz de dizer mais nada.

- Venho buscá-la esta noite - ele desviou a sua atenção para Nikolai, que permanecia de pé, junto de Lindsay. - Foi um prazer conhecê-lo, senhor Davidov.

- Igualmente - respondeu Nikolai.

Pôde perceber as vibrações da angústia que Lindsay sentia quando Seth começou a afastar-se.

Ela deu um passo para ele, mas conteve-se.

Aquela noite fora o seu sonho; a dança, a sua fantasia. Fechou os olhos com força enquanto a porta do estúdio se fechava atrás dele.

- Lindsay - Nick tocou-lhe no ombro, mas ela abanou a cabeça furiosamente.

- Não, por favor! Tenho de fazer algumas chamadas - virou-se e correu para o escritório.

Nick suspirou enquanto a porta se fechava.

- Os bailarinos são muito emotivos - comentou, virando-se para Ruth. Os olhos da jovem eram escuros, jovens e grandes. - Enfim, vem cá e mostra-me porque Lindsay queria enviar-te comigo.

Ruth ficou a olhar para ele, estupefacta.

- Quer... quer que dance para si? - sentiu, de repente, que os seus membros pesavam como chumbo. Nunca seria capaz de os levantar.

Nick assentiu, repentinamente sério.

- Sim - os seus olhos desviaram-se para a porta fechada, enquanto se aproximava do leitor de CDs. - Daremos a Lindsay o tempo de que precisa para fazer aquelas chamadas, mas não o desperdiçaremos. Muda de calçado.

Doze

Ruth não acreditava no que estava a acontecer. Enquanto se apressava para trocar as botas pelas sapatilhas de ballet, sentia os dedos intumescidos e incapazes de funcionar.

Davidov queria vê-la dançar.

Era um sonho, tinha a certeza disso. Tratava-se de uma fantasia tão antiga, tão impossível, que estava convencida de que, a qualquer momento, acordaria na sua cama alta e confortável da casa da falésia.

Mas estava sentada na escola de Lindsay. Para se acalmar, Ruth pôs a sua mente a trabalhar freneticamente, revendo todos os pontos de referência enquanto tirava as botas. Ali ficava a longa e inevitável parede coberta de espelhos; o chão brilhante, sempre imaculado, de madeira. Fixou-se nas partituras conhecidas, amontoadas sobre o piano, os CDs espalhados na estante. A planta que Lindsay cuidava com tanto esmero ficava à frente da janela. Ruth viu que murchara outra folha. Podia ouvir o zumbido do aquecedor, que estava ligado. O ventilador do aparelho emitia um ronronar suave.

Não era um sonho, disse para si. Era a realidade. Com mãos trémulas, calçou as suas sapatilhas de ballet preferidas. Depois, levantou-se, atrevendo-se, finalmente, a olhar para Nick Davidov.

Deveria ter um aspecto pouco distinto, vestido com um simples fato de treino cinzento, mas não era assim. Ruth, apesar da sua juventude, sabia que havia certos homens que nunca tinham um aspecto normal. Chamavam a atenção sem esforço. Era algo mais do que o seu físico ou o seu rosto, era a sua aura.

Ao vê-lo dançar com Lindsay, Ruth sentira-se entusiasmada. Não era um Romeu adolescente, mas um homem de vinte e oito anos, talvez no auge da sua carreira como bailarino. No entanto, Ruth acreditara na sua actuação porque transmitira uma juventude terna, a sensação maravilhosamente própria do primeiro amor. Ninguém poria em causa nenhum papel que Davidov escolhesse interpretar.

Agora, Ruth tentou ver o homem, mas dava-lhe medo olhar para ele. A lenda era muito importante para ela. Continuava a ser suficientemente jovem para desejar heróis indestrutíveis.

Considerou-o extraordinariamente bonito, mas a exigência que havia nos seus olhos e a leve torção do seu nariz impediam que o seu rosto tivesse um aspecto suave. Ruth alegrou-se, embora não soubesse porquê. Só conseguia ver o seu perfil enquanto inspeccionava a colecção de CDs de Lindsay. Tinha uma ligeira camada de suor na testa, testemunho do esforço investido na dança que acabara de executar. Tinha o sobrolho franzido e, embora olhasse para o CD que tinha na mão, Ruth perguntou-se se a sua mente estaria nele. Parecia distante, encerrado no seu próprio mundo. Ruth disse para si que talvez as lendas devessem ser assim: distantes e inacessíveis.

Mas Lindsay nunca fora, reflectiu. E Davidov, de início, também não. Recordou que se mostrara amigável. Sorrira-lhe.

"Talvez já se tenha esquecido de mim", pensou, sentindo-se estúpida e insignificante. "Porque haveria de querer ver-me dançar?"

Ruth endireitou as costas com uma pontada súbita de orgulho. Nick pedira-lhe, recordou. Ou, dito com mais exactidão, ordenara-lhe.

"E lembrar-se-á de mim depois de ter acabado de dançar", decidiu, enquanto se aproximava da barra para aquecer. "E, um dia", disse para si, enquanto adoptava a primeira posição, "dançarei com ele, tal como Lindsay."

Sem falar, Davidov largou o CD e começou a passear-se pelo estúdio. Os seus movimentos eram semelhantes aos de um animal enjaulado. Ruth perdeu a sincronização enquanto o observava, espantada. Enganara-se. Nick não se esquecera dela, mas os seus pensamentos concentravam-se na mulher por detrás da porta do escritório. Odiava a expressão de dor e desilusão que vira nos olhos de Lindsay quando esta saía a correr da sala.

Que série tão ampla de emoções deixara transparecer o seu rosto numa só tarde, disse para si Nick. Gostara de ver a alegria espantada que Lindsay manifestara ao vê-lo fora do estúdio. Os seus olhos tinham transbordado sentimento. Dado que era um homem emotivo, Davidov compreendia as pessoas emotivas. Admirava a capacidade de Lindsay para falar sem palavras, para se expressar tão apaixonadamente.

Os seus sentimentos por Seth Bannion eram inconfundíveis. Nick apercebera-se imediatamente. E, embora Seth fosse um homem reservado, Nikolai também sentira algo nele... uma leve corrente, semelhante a um sopro ligeiro no ar. Mas Seth afastara-se de Lindsay sem a abraçar, sem lhe tocar, sem lhe dirigir uma única palavra. Nikolai pensou que nunca compreenderia os norte-americanos reprimidos, nem a sua relutância em se tocarem.

Mesmo assim, sabia que aquela despedida fria magoara Lindsay, mas não a destruíra. Era demasiado forte para isso. Havia algo mais, Nick tinha a certeza, algo mais profundo. Os seus instintos levavam-no a atravessar a porta do escritório e a interrogar Lindsay sobre o problema, mas sabia que ela precisava de tempo. Portanto, dar-lho-ia.

E, além disso, havia a rapariga.

Virou-se para ver como Ruth aquecia na barra. O sol, que penetrava pelas janelas, reflectia-se nos espelhos. Resplandecia à volta de Ruth, enquanto esta levantava a perna num ângulo quase impossível de noventa graus. Manteve-a assim, sem esforço.

Nikolai franziu o sobrolho e semicerrou os olhos. Ao vê-la na rua, parecera-lhe uma rapariga encantadora, de feições exóticas, com uma boa estrutura óssea. Mas vira uma rapariga que ainda não saía da escola; agora estava a ver uma bela mulher.

Um efeito enganador da luz, disse para si, dando um passo para ela. No seu interior, agitou-se algo que Nick reprimiu rapidamente.

Ruth moveu-se e o ângulo do sol mudou.

Voltava a ser uma juvenzinha. A tensão que pesava sobre os ombros de Nick desvaneceu-se. Abanou a cabeça, sorrindo, surpreendido com a sua própria imaginação. Adoptando novamente um ar estritamente profissional, aproximou-se para seleccionar um CD.

- Vá! - exclamou, num tom autoritário. Coloca-te no meio da sala. Vou ditar-te a combinação.

Ruth engoliu em seco, tentando fingir que, para ela, era o pão-nosso de cada dia dançar diante de Nick Davidov. No entanto, descobriu que lhe era impossível dar um único passo. Nikolai sorriu, percebendo subitamente o nervosismo da rapariga.

- Vá! - repetiu, num tom mais amável. Não costumo partir as pernas às minhas bailarinas.

Foi recompensado com um sorriso rápido e fugaz. Em seguida, Ruth avançou até ao centro da sala. Ele programou a selecção do CD e começou.

Lindsay não se enganara. Bastaram alguns segundos a Nick para se aperceber. No entanto, continuou a ditar as suas instruções com calma e firmeza. Se conseguisse observá-lo, Ruth teria pensado que não estava satisfeito. A sua boca permanecia severamente rígida e os seus olhos tinham uma expressão insondável e críptica. Aqueles que o conheciam, ou tinham trabalhado com ele, teriam reconhecido a sua concentração inquebrável.

O medo inicial de Ruth passara. Estava a dançar e deixou que a música se apoderasse dela. Um arabesque, um soubresaut, uma série rápida e ligeira de piruetas. Deu tudo o que lhe pedia, sem pigarrear. Quando as instruções cessaram, Ruth parou e esperou.

Nick encaminhou-se para o leitor de CDs sem dirigir um olhar ou uma única palavra a Ruth. Procurou rapidamente entre os CD até encontrar o que procurava.

- O Quebra-nozes. Lindsay vai representá-lo no Natal? - era mais uma afirmação do que uma pergunta, mas Ruth respondeu-lhe.

- Sim - disse com voz firme e forte, sem sinal algum de nervos. Agora era a bailarina, a mulher que exercia o controlo.

- Tu és Carla - disse ele com tanta segurança, que Ruth pensou que Lindsay devia ter-lhe dito. Nick ditou-lhe rapidamente a combinação. - Mostra-me como fazes - pediu e cruzou os braços.

Dentro do escritório, Lindsay permanecia sentada, em silêncio, à mesa. Às instruções que Nikolai ditava a Ruth ouviam-se claramente através da porta, mas ela mal as percebia. Sentia-se estupefacta pela intensidade da sua dor. E esta não parava de chegar... onda após onda.

Tivera a certeza de que conseguiria suportar o fim do seu idílio com Seth, mas não imaginara o quanto lhe doeria.

A batalha terrível com as lágrimas já estava quase acabada. Lindsay podia sentir que a sua necessidade de as derramar começava a remeter. Jurara, ao entregar-se a Seth, que nunca se arrependeria, nem choraria. Aliviava-a saber que ficariam as lembranças assim que a dor passasse, lembranças doces e lindas.

Fizera bem ao atirar-se nos seus braços sem lhe confessar o seu amor, como ansiara fazer. Teria

sido insuportável para ambos. Portanto, Lindsay facilitara-lhe as coisas ao aparentar não dar importância ao tempo que tinham passado juntos. Mas não esperara ver a frieza ou a facilidade com que Seth saía do estúdio... e da sua vida.

Por um momento, pensara, enquanto estava na sua cozinha ou no carro, a caminho do estúdio, que, afinal de contas, talvez tivesse feito mal. Imaginação, disse para si Lindsay, abanando a cabeça. Ilusões.

O que existira entre eles fora maravilhoso, mas acabara. Fora o que dissera a Seth e o que precisava de recordar.

Lindsay endireitou-se, tentando, desesperadamente, agir com a mesma frieza que vira nos olhos de Seth quando este saía do estúdio. Mas as suas mãos crispavam-se quando as emoções lhe apertaram novamente a garganta.

"Alguma vez deixarei de o amar?", perguntou-se, com desespero. "Conseguirei?"

Os seus olhos desviaram-se para o telefone. Abriu a mão e tocou no auscultador. Ansiava telefonar-lhe, só para ouvir a sua voz. Oxalá pudesse ouvi-lo dizer o seu nome. Certamente, teria imensas desculpas que poderiam servir.

"Idiota!", recriminou-se e fechou os olhos com força. "Mal teve tempo de atravessar a vila e já estás disposta a fazer figura de parva."

Lindsay levantou-se e aproximou-se da janela. Formara-se gelo nos cantos dos vidros. Atrás da escola havia uma colina alta que terminava num campo pequeno. Mais de uma dúzia de meninos já brincava, entusiasmada, com os trenós. Estavam demasiado longe para que Lindsay ouvisse os gritos e as gargalhadas que deviam reverberar no ar limpo. Mas podia sentir a excitação, a liberdade. Havia árvores aqui e acolá, cobertas de neve que reluzia à luz intensa do sol.

Lindsay contemplou-os durante algum tempo. Uma mancha vermelha deslizava colina abaixo e, depois, iniciava uma nova e trabalhosa ascensão até ao topo. Uma rajada verde seguia-se, para cair a meio da descida e descer aos tombos até ao fim. Por um momento, Lindsay desejou, desesperadamente, sair a correr e unir-se àqueles meninos. Desejava sentir o frio e cortante contacto da neve a salpicar-lhe a cara, a tensão vertiginosa da velocidade. Desejava realizar a longa e cansativa viagem a pé até ao topo. Sentia-se demasiado isolada atrás da janela.

"A vida continua", disse para si, apertando a testa contra o vidro. "E, dado que não vai parar para mim, é melhor eu também me mexer. Não há volta atrás, nem é possível ignorar o sucedido. Tenho de o encarar de frente."

Então, ouviu a música evocadora de O Quebra-nozes.

"E começarei agora mesmo."

Lindsay dirigiu-se para a porta, abriu-a e saiu para o estúdio.

Nem Nikolai nem Ruth repararam nela e, dado que não queria interrompê-los, Lindsay ficou onde estava e observou Ruth, que, com um meio sorriso sonhador, se movia fácil e elegantemente sob as

ordens de Nikolai. Este olhava para ela sem fazer comentário algum.

Ninguém conseguia saber, a julgar pelo seu aspecto, o que passava pela sua cabeça, disse para si Lindsay.

Formava parte do seu carácter mostrar-se como um livro aberto para, um momento depois, parecer tão misterioso como uma esfinge. Talvez fosse por isso que atraía as mulheres, pensou Lindsay. De repente, pensou que não era assim tão diferente de Seth. Mas não era nisso que desejava pensar naquele momento, de modo que se concentrou novamente em Ruth.

Era tão jovem! Pouco mais de uma menina, apesar dos seus olhos sábios e tristes. Para ela, só deveria haver bailes de liceu, jogos de futebol e noites suaves de Verão. Porque devia ser tão complicada a vida de uma rapariga de dezassete anos?

Lindsay pressionou as têmporas com os dedos, tentando recordar-se quando tinha aquela idade. Já estava em Nova Iorque e a vida era simples, embora muito, muito dura, as duas coisas pela mesma razão. O ballet. Seria o mesmo para Ruth.

Lindsay continuou a vê-la a dançar. Algumas pessoas, disse para si, não estavam destinadas a ter uma vida fácil. Pensou em si mesma e em Ruth. Algumas pessoas estavam destinadas a ter uma vida dura, mas as compensações podiam ser tão, tão doces. Lindsay recordou a euforia incrível de dançar no palco, o culminar de horas de trabalho e de ensaios, a recompensa por toda a dor e os sacrifícios.

Ruth também teria aquelas compensações. Era o seu destino.

Lindsay afastou a certeza de que, para conseguir o que achava conveniente para Ruth, teria de enfrentar Seth. Depois teria tempo para pensar nisso durante as noites solitárias que a aguardavam.

Tinha a certeza de que, decorridos alguns dias, conseguiria suportar a situação, enfrentar as suas próprias emoções.

Quando a música cessou, Ruth manteve a posição final durante vários segundos. Enquanto descia os braços, Nick não lhe falou. Não lhe deu mais instruções, nem lhe dirigiu comentário algum, mas limitou-se a desligar o CD.

Ruth, que respirava sem fôlego, humedeceu os lábios. Agora que a dança acabara e podia relaxar a sua concentração, todas as outras partes do seu corpo ficaram tensas. Os seus dedos, que se tinham movido com uma graciosidade soberba durante a dança, começaram a tremer.

"Acha que sou terrível e dir-mo-á", pensou. "Sentirá pena de mim e dir-me-á algo tranquilizador e amável."

As duas alternativas eram igualmente aterradoras para ela. Uma dúzia de perguntas assomou à sua mente. Desejou possuir a coragem para as formular em voz alta, mas só conseguiu agarrar na mão com força. Era como se a sua vida toda dependesse daquele momento, à espera da opinião de um único homem, das palavras de um único homem.

Davidov olhou, de repente, para ela. A intensidade do seu olhar aterrorizou-a e agarrou as mãos ainda com mais força. Depois, a máscara desapareceu e Nick sorriu a Ruth. Ela sentiu que o coração

lhe parava.

"Vêm aí", disse para si, aturdida. Aquelas palavras amáveis e terríveis.

- Senhor Davidov - começou a dizer, desejando pará-lo antes que começasse a falar. Preferia uma resposta rápida e pronta.

- Lindsay tinha razão - interrompeu-a ele. Quando for para Nova Iorque, irás comigo.

- Consigo? - repetiu Ruth, estupidamente, insegura de o ter ouvido correctamente, sem se atrever a acreditar.

- Sim, sim, comigo - Nikolai pareceu achar graça à reacção de Ruth. - Sei um pouco de dança.

- Oh, senhor Davidov, não foi minha intenção...! - Ruth aproximou-se dele, movida por uma angústia horrorizada. - Queria dizer que... bom, é que...

Nikolai pegou nas suas mãos para sossegar a sua explicação desconexa.

- Os teus olhos ficam tão grandes quando te sentes confusa! - exclamou, dando-lhe um ligeiro aperto. - Ainda me falta ver muito, certamente - largou-lhe as mãos para lhe agarrar no queixo e iniciou um escrutínio impassível do seu rosto. - Como danças em pontas - continuou. - Como danças com um par. Mas o que vi é bom.

Ruth ficara sem fala. O adjectivo "bom", vindo de Davidov, era o maior dos elogios.

Lindsay avançou para eles e Nikolai interrompeu o seu escrutínio do semblante de Ruth.

- Ptichka! - largou o queixo da rapariga e aproximou-se de Lindsay.

Nos olhos de Lindsay não havia lágrimas, nem sinal algum de irritação, mas o seu semblante estava pálido. Os dedos de ambos entrelaçaram-se e Nick sentiu que os de Lindsay estavam frios. Pôs sobre eles a sua outra mão, como se quisesse aquecê-los.

- Portanto, estás satisfeito com a minha melhor aluna - nos olhos de Lindsay viu o mais leve dos sinais, que indicava que não deviam falar agora do sucedido.

- Duvidavas de que ficaria? - respondeu ele.

- Eu não - Lindsay virou-se para Ruth. Mas tenho a certeza de que ela sim - olhou novamente para Nick com um sorriso cínico. - És tão amedrontador como a tua reputação, Nikolai Davidov.

- Tolices! - encolheu os ombros, subtraindo importância à opinião de Lindsay, e sorriu, brincalhão, a Ruth. - Tenho o temperamento de um anjinho.

- Mentas tão bem! - exclamou Lindsay, suavemente. - Como sempre.

Ele simplesmente limitou-se a sorrir e beijou-lhe a mão.

- Faz parte do meu encanto.

O seu consolo e a sua amizade mitigavam a dor de Lindsay. Agradecida, ela levou a sua mão à face.

- Fico contente que estejas aqui - seguidamente, largando-lhe a mão, aproximou-se de Ruth. - Fazia-te bem uma chávena de chá sugeriu, mas conteve o impulso de tocar no ombro da rapariga. Ainda não tinha a certeza de que o gesto fosse bem-vindo. - Porque, se a memória não me falha, por

dentro deves estar como um pudim. Isso aconteceu-me da primeira vez que dancei diante dele e ele não era a lenda que é agora.

- Eu sempre fui uma lenda, ptichka! - corrigiu-a Nikolai. - Ruth simplesmente é mais bem formada na escola do respeito do que tu eras. Esta - disse a Ruth, apontando Lindsay com o dedo - gosta de discutir.

Ruth deixou escapar um risinho aliviado e incrédulo. Poderia tudo aquilo estar, realmente, a acontecer?, perguntou-se. Estava, realmente, ali com Dunne e Davidov, a ser tratada como uma profissional? Ruth olhou para Lindsay nos olhos e viu neles compreensão e um indício muito leve de tristeza.

Tio Seth!, recordou, de repente, envergonhada de se ter centrado tanto em si mesma. Recordou quão abatida Lindsay parecera quando Seth fechara a porta do estúdio atrás de si. Timidamente, estendeu uma mão e tocou na da sua professora.

- Sim, por favor, eu gostava de beber uma chávena de chá.

- Chá russo? - inquiriu Nikolai, do outro lado da sala.

Lindsay sorriu-lhe sem malícia.

- De roseira silvestre. Ele fez uma careta.

- Que tal um pouco de vodka, então?

- Não esperava nenhuma celebridade russa

- Lindsay desculpou-se com um sorriso. - É possível que tenha por aí um pouco de soda light.

- Pode ser chá - Nick estava novamente a observá-la e Lindsay compreendeu que os seus pensamentos se tinham afastado da conversa.

- Depois, convidado-te para jantarmos e falamos - fez uma pausa ao ver que ela olhava para ele com receio. - Como nos velhos tempos, ptichka - acrescentou, num tom inocente. Temos muitas coisas para contar, não é?

- Sim - concordou Lindsay, com cautela. Muitas coisas - fez menção de voltar para o escritório para preparar o chá, mas Ruth parou-a.

- Eu faço - sugeriu, sabendo que poderiam falar com mais liberdade se ela não estivesse presente.

- Sei onde está tudo - afastou-se antes que Lindsay pudesse aceitar ou declinar a sua oferta.

Nikolai tirou da caixa um CD escolhido à sorte e inseriu-o no leitor. O romance tranquilo de Chopin era mais do que suficiente para garantir uma conversa mais privada.

- Uma rapariga encantadora - disse. - Felicito-te pelo teu bom gosto.

Lindsay sorriu, olhando de soslaio para a porta que Ruth deixara entreaberta.

- Trabalhará ainda mais arduamente depois do que lhe disseste. Vais colocá-la na companhia, Nick - começou a dizer, subitamente ansiosa, desejando selar a felicidade de Ruth. Ela...

- Não é uma decisão que possa tomar neste momento - interrompeu-a ele. - Nem depende só de mim.

- Oh, eu sei, eu sei! - respondeu Lindsay, com impaciência, e depois agarrou-lhe nas mãos. - Não sejas tão lógico, Nick, diz o que sentes, o que o coração te diz.

- O meu coração diz-me que deverias voltar para Nova Iorque - Nick segurou os seus dedos com força quando ela fez o gesto de os retirar. - O meu coração diz-me que estás magoada e confusa, e que continuas a ser uma das melhores bailarinas com quem já dancei.

- Estávamos a falar de Ruth.

- Tu estavas a falar de Ruth - repôs ele. Ptichka - o som sereno da sua voz fez com que Lindsay voltasse a olhá-lo nos olhos. Preciso de ti - disse Nick, simplesmente.

- Oh, não! - Lindsay abanou a cabeça e fechou os olhos. - Não é uma discussão justa.

- Justa, Lindsay? - Nick deu-lhe um abanão rápido. - O certo ou o errado nem sempre é justo. Olha para mim, vá! - ela obedeceu, deixando que os olhos azuis de Nick olhassem profundamente nos seus. - Aquele arquitecto começou a dizer ele.

- Não! - apressou-se a protestar ela. Agora, não. Ainda não.

Voltava a ter um aspecto pálido e vulnerável, e Nikolai levantou a mão até à sua face.

- Está bem. Só te perguntarei uma coisa. Achas que quereria que voltasses para a companhia e interpretasses o papel mais importante do meu primeiro bailado, se tivesse alguma dúvida sobre o teu talento? - ela começou a falar, mas ele sossegou-a, arqueando um sobrolho. - Antes de falares de sentimentos e de amizade, pensa nisso.

Respirando fundo, Lindsay afastou-se dele e dirigiu-se para a barra. Conhecia Nikolai Davidov e sabia do seu egoísmo no que respeitava à dança. Podia ser generoso, desprendido e encantadoramente desinteressado como pessoa. Quando queria. Mas no que se referia à dança era um profissional rigoroso. O ballet ocupava a maior parte do seu coração.

Lindsay esfregou a nuca, sentindo novamente tensão. Eram demasiadas coisas para pensar ao mesmo tempo, para enfrentar ao mesmo tempo.

- Não sei - murmurou. Nada parecia tão claro ou tão exacto como há quatro horas atrás. Virando-se para Nick, Lindsay estendeu as mãos, com as palmas viradas para cima. Simplesmente, não sei.

Quando ele se aproximou, ela levantou o rosto.

Nick pôde ver que nele continuavam misturadas a dor e a confusão. O assobio estridente da chaleira abafou momentaneamente as notas de Chopin.

- Falamos mais tarde - decidiu Nikolai, passando-lhe um braço pela cintura. - Agora, relaxa antes de começarem as aulas.

Atravessaram a sala para se juntarem a Ruth no escritório. Parando, Lindsay deu um beijo na face a Nick.

- Fico contente que estejas aqui.

- Ainda bem - deu-lhe um abraço em troca.

- Então, convida-me para jantar depois das aulas.

Treze

No dia depois do Natal, a neve formara montículos na berma da estrada. Bocados grossos de gelo reluziam nos beirais das casas, enquanto pedaços de gelo mais minúsculos se agarravam aos ramos das árvores. O ar era frio e cortante; o sol, fraco.

Inquieta e mais do que aborrecida, Monica deu um passeio até ao parque da vila. A área dos baloiços estava abandonada e triste. Monica retirou a neve de um baloiço de madeira e sentou-se. Deu um pontapé na neve do chão e começou a balançar-se. Estava preocupada com Lindsay.

Produzira-se uma mudança, uma mudança de certa magnitude. Tudo começara depois do primeiro nevão do Inverno.

Monica não sabia ao certo se se deveria ao tempo que Lindsay passara com Seth em casa deste ou à visita de Nick Davidov. A depressão, simplesmente, não era um traço característico de Lindsay. Mas o tempo passara e a depressão não desaparecia.

Monica perguntou-se se seria tão sensível ao estado de espírito de Lindsay devido a o seu próprio também ser inconstante.

Surpreendera-se ao compreender que o seu antigo amor por Andy se transformara em verdadeiro amor. Venerara-o desde o dia em que se apresentara em casa de Monica com o irmão desta, com a camisola da equipa de futebol do liceu. Ela tinha dez anos então, ele, quinze. Ironicamente, o maior obstáculo para Monica era a pessoa a quem se sentia mais ligada: Lindsay.

Como não se apercebia Lindsay do quanto Andy era louco por ela?, pensou. Monica inclinou-se para trás no baloiço, desfrutando da ansiedade que sentia no estômago conforme o céu se deslocava com o seu balanço. Era de um azul-pálido. Porque Andy não lhe dissera?

Monica empurrou com mais força.

Durante os anos em que Lindsay estivera ausente de Cliffside, Monica fora uma adolescente apaixonada, que Andy tratara com amabilidade, com palmadinhas ausentes na cabeça. Desde a volta de Lindsay, ele não parecia ter-se dado conta de que a irmã mais nova do seu amigo crescera. Do mesmo modo, pensou Monica, irritada, que Lindsay não se apercebera dos sentimentos de Andy.

-Olá!

Monica virou a cabeça e viu, fugazmente, o sorriso de Andy, antes de o baloiço se precipitar para a frente. Quando recuou, o sorriso continuava ali. Monica cravou os pés na terra e parou, a pouco e pouco.

- Olá! - conseguiu dizer, enquanto ele se estabilizava na sua linha de visão.

- Levantaste-te cedo para um sábado - comentou Andy, passando preguiçosamente a mão pela corrente do baloiço. - Como foi o Natal?

- Bem... bom - Monica amaldiçoou-se e tentou falar com coerência. - Tu também madrugaste.

Ele encolheu os ombros e sentou-se no baloiço, ao seu lado. Ela sentiu que o coração lhe tremia.

- Apetecia-me passear - murmurou Andy. Continuas a dar aulas de piano?

Monica assentiu.

- Ouvi dizer que estavas a ampliar a florista.

- Sim, acrescentei uma secção de plantas de interior.

Monica observou as mãos situadas nas correntes do baloiço, junto dela. Era espantoso que umas mãos tão grandes e masculinas pudessem arranjar flores com incrível delicadeza. Eram mãos suaves.

- Hoje não abres?

- Abrirei um pouco, esta tarde - Andy encolheu os seus ombros largos. - Não parece que haja ninguém levantado, excepto tu e eu - virou a cabeça para lhe sorrir. O coração de Monica disparou.

- Eu... eu gosto de madrugar - murmurou.

- Eu também.

Os olhos dela eram suaves e vulneráveis como os de um cãozinho.

Monica sentia que as palmas das mãos lhe ardiam, apesar do frio de Dezembro. Levantou-se para passear, inquieta, pela área dos baloiços.

- Já alguma vez pensaste em partir de Cliffside? - perguntou, passado um breve silêncio.

- Claro que sim - Andy deixou o baloiço para passear com ela. - Sobretudo quando estou deprimido. Mas a verdade é que não desejo ir.

Ela levantou os olhos para olhar para ele.

- Eu também não - bateu com o pé numa bola esquecida, semienterrada na neve. Monica baixou-se para a apanhar. Andy viu como o sol fraco de Inverno banhava o seu cabelo. - Lembro-me de quando o meu irmão e tu jogavam no jardim das traseiras - atirou a bola com pouca força. - Às vezes, passavam-ma.

- Jogavas bastante bem, para uma rapariga

- reconheceu Andy e ganhou uma careta. Riu-se, sentindo-se mais animado do que quando começara o passeio. Sentia-se sempre bem na companhia de Monica. Ela voltou a atirar a bola e ele agarrou-a. - Queres que te atire uma?

- Está bem - Monica afastou-se com uma pequena corrida pela neve, recordando os movimentos que praticara anos antes. Andy recuou e a bola saiu disparada para ela, descrevendo um arco. Perfeitamente situada, ela apanhou-a.

- Não foi mau - gritou Andy. - Mas nunca marcarás um ponto.

Monica encaixou a bola debaixo do braço.

- Olha para mim! - respondeu, enquanto começava a correr pela neve condensada.

Correu directamente para ele, depois virou para a esquerda, antes que Andy pudesse apanhá-la. A agilidade de Monica surpreendeu-o, mas ele possuía bons reflexos. Virou-se e continuou a sua trajectória ziguezagueante. Alcançando-a, atirou-se sobre ela e agarrou-a pela cintura, fazendo-a cair no

chão. Aterraram sobre a neve com uma pancada surda.

Assustado, Andy virou-a rapidamente. O seu rosto continuava rosado debaixo da camada de neve.

- Oh, meu Deus, desculpa, Monica! Estás bem? - começou a sacudir-lhe a neve das faces. - Fi-lo sem pensar. Magoei-te?

Ela abanou a cabeça, mas ainda não recuperara suficientemente o fôlego para falar. Andy estava deitado sobre ela, tirando-lhe, diligentemente, a neve da cara e do cabelo. O fôlego de ambos formava nuvens de vapor que se misturavam. Monica sorriu ao ver a sua preocupação horrorizada e os olhos dos dois encontraram-se. Andy cedeu ao impulso de lhe dar um beijo suave e hesitante nos lábios.

- De certeza que estás bem?

O seu sabor era muito mais doce do que Monica imaginara. Voltou a saboreá-lo quando ele desceu a boca pela segunda vez.

- Oh, Andy! - Monica rodeou-lhe o pescoço com os braços e rodou, até que ele ficou situado por debaixo dela. Os lábios de Monica desceram sobre os dele, mas o seu beijo não teve nada de suavidade nem de hesitação. Entrou neve pela gola da camisola de Andy, mas ele ignorou, enquanto punha a mão na nuca dela para prolongar o inesperado.

- Amo-te - disse Monica, enquanto a sua boca se deslocava pelo seu rosto. - Amo-te tanto...

Ele acariciou-lhe o cabelo. Monica não parecia pesar nada. Andy parecia decidido a permanecer assim para sempre, enquanto ela, com a sua suavidade e o seu cheiro, se agarrava ao seu pescoço.

Finalmente, ele sentou-se, sem parar de a abraçar, e olhou para os seus olhos escuros, húmidos e bonitos. Voltou a beijá-la.

- Vamos para minha casa - colocou o braço nos seus ombros para a puxar para si.

Lindsay passou com o carro junto de Andy e de Monica, e levantou, distraidamente, uma mão para os cumprimentar. Nenhum dos dois a viu.

Com a mente assolada de pensamentos, continuou a conduzir para a casa da falésia. Tinha de falar com Seth. Sentia que o tempo estava a acabar, tanto o dela como o de Ruth. Nada parecia correr bem... desde a tarde em que parara o primeiro nevão do Inverno.

Seth partira quase imediatamente para a Nova Zelândia e voltara poucos dias antes do Natal. Não escrevera nem telefonara. Embora Lindsay não tivesse esperado que o fizesse, no fundo desejava o contrário.

O sentimento de saudade era doloroso. Desejava voltar a estar com ele, reviver parte da felicidade, parte da intimidade que tinham partilhado.

Lindsay sabia, no entanto, que uma vez que falassem, poderiam ficar mais distanciados do que nunca. Devia convencê-lo, por todos os meios possíveis, a deixar Ruth partir. A sua última conversa com Nick persuadira-a de que era o momento de lutar pelo que era necessário para a rapariga, assim como de tomar uma decisão definitiva sobre a sua própria vida.

Queria que Ruth fosse para Nova Iorque com ela.

Entrou, lentamente, na longa curva do caminho de entrada, observando a casa conforme o caminho se elevava. Dado que o coração lhe batia no peito, demorou alguns segundos a respirar fundo, depois de parar o carro. Não queria fazer uma figura ridícula quando visse novamente Seth. As oportunidades de Ruth dependiam de ela ser suficientemente forte para o convencer do que convinha à rapariga.

Lindsay saiu do carro, agarrando-se nervosamente à mala com as duas mãos, enquanto se dirigia para a porta principal. Não podia permitir que os seus sentimentos por ele estragassem o que fora fazer.

O vento fez com que as suas faces corassem, o que agradeceu. Prendera o cabelo para não se despentear com o vento. A compostura, naquele momento, era vital para ela. Sabia que as lembranças do que partilhara com Seth permaneciam latentes e poderiam afligi-la assim que entrasse na casa.

Levantou uma mão enluvada e tocou à campainha. A espera, até Worth abrir, foi misericordiosamente breve.

Worth estava vestido mais ou menos como sempre, com um fato escuro e uma gravata de aspecto impecável. Usava a barba cuidada e tinha uma expressão inescrutável no semblante.

- Bom dia, menina Dunne - não houve nada na sua voz que indicasse curiosidade perante aquela visita tão cedo.

- Bom dia, senhor Worth - Lindsay conseguiu evitar que as suas mãos torcessem nervosamente a mala, mas parte da sua ansiedade reflectiu-se nos seus olhos. - Seth está em casa?

- Acho que está a trabalhar, menina Worth recuou educadamente para lhe franquear a entrada no calor da casa. - Se tiver a bondade de esperar na sala, irei ver se pode ser incomodado ou não.

- Sim, eu... Por favor - Lindsay mordeu o lábio, enquanto o seguia. "Não comeces a balbuciar", recriminou-se.

- Encarrego-me do seu casaco, menina sugeriu Worth, enquanto ela transpunha a porta da sala. Lindsay tirou o casaco sem dizer nada.

O fogo estava aceso. Recordou como tinham feito amor ali pela primeira vez, enquanto as chamas crepitavam e o relógio contava o tempo que passavam juntos.

- Menina?

- Sim? Sim, desculpe - Lindsay virou-se para Worth, repentinamente consciente de que lhe dissera algo.

- Deseja uma chávena de café enquanto espera?

- Não, obrigada - Lindsay tirou as luvas e aproximou-se da janela. Desejava recuperar a compostura, antes de Seth se juntar a ela. Depois de deixar as luvas e a mala na mesa, entrelaçou os dedos.

Descobriu que lhe era difícil esperar ali, na sala onde entregara o seu amor a Seth pela primeira vez. As lembranças eram dolorosamente íntimas.

"Prioridades", recordou. "Tenho de ter presentes as minhas prioridades."

No vidro da janela pôde ver o seu reflexo: as calças cinzentas elegantes, a camisola bordeaux. Parecia serena, mas a sua compostura, tal como a mulher do vidro, era uma miragem.

- Lindsay!

Ela virou-se, achando-se preparada. Ao vê-lo novamente, uma corrente de sentimentos invadiu-a. Mas o que preponderava era uma alegria arrebatadora. Sorriu, alegre, e atravessou a sala para se aproximar dele. As suas mãos procuraram-no sem hesitação.

- Seth. Fico tão contente de te ver! - reparou como as mãos dele ficavam tensas sobre as suas.

Seth largou-as, finalmente, e disse:

- Estás com bom aspecto - o seu tom era tão distante que ela teve de lutar para reprimir as palavras que tremiam na sua língua.

- Obrigada - Lindsay virou-se e caminhou para a lareira, necessitada de calor. - Espero não te ter incomodado.

- Não - Seth permaneceu onde estava. Não me incomodaste, Lindsay.

- Correu tudo bem na Nova Zelândia? - inquiriu ela, virando-se novamente para ele com um sorriso mais reservado. - Imagino que lá o clima seja muito diferente.

- Um pouco - admitiu Seth. Aproximou-se um pouco, mas manteve uma distância segura entre ambos. - Tenho de voltar durante mais alguns dias antes do fim do ano. Ruth disse-me que vendeste a casa.

- Sim - Lindsay puxou a gola da camisola, desejando ter algo com que ocupar as suas mãos. - Mudei-me para a escola. Tudo muda, não é? - viu que ele inclinava a cabeça para manifestar o seu acordo. - Lá tenho espaço suficiente e a casa parecia-me terrivelmente vazia quando estava sozinha. Assim será mais fácil organizar tudo quando for para Nova Iorque...

- Vais para Nova Iorque? - interrompeu-a ele, bruscamente. Lindsay viu que franzia o sobrolho. - Quando?

- Para o mês que vem - ela foi até à janela, incapaz de ficar quieta. - Nick começará a organizar o bailado então. Por fim, conseguimos chegar a um acordo.

- Compreendo - disse Seth, lentamente. Observou a curva do pescoço de Lindsay, até que esta se virou novamente para ele. - Então, decidiste voltar.

- Para uma actuação - Lindsay sorriu, tentando fingir que se tratava de uma conversa casual. O coração batia-lhe com força no peito. - Vão transmitir pela televisão o primeiro espectáculo. Dado que eu fui o par mais conhecido de Nick, acedi a contribuir como primeira bailarina. O reencontro chamará mais a atenção.

- Uma actuação - murmurou Seth. Enfiou as mãos nos bolsos enquanto a observava. Acreditas, realmente, que conseguirás contentar-te com isso?

- Claro que sim - Lindsay tentou responder com calma. - Tenho vários motivos para o fazer. É importante para Nick - suspirou. Os raios de sol penetravam pela janela e caíam sobre o seu cabelo. - E

também é para mim.

- Desejas confirmar se ainda podes ser uma estrela?

Ela arqueou um sobrolho e esboçou um meio sorriso.

- Não. Se tivesse esse ego, as coisas teriam sido muito diferentes desde o início. Esse aspecto nunca me importou muito. Pressuponho que foi por isso que eu e a minha mãe nunca conseguimos entender-nos.

- Não achas que isso mudará quando voltares a viver naquele mundo? - havia na voz de Seth um laivo severo que desconcertava Lindsay. - Quando dançaste com Davidov na escola, expressaste tudo o que há em ti.

- Sim e é assim que deve ser - Lindsay percorreu parte da distância que os afastava, desejando fazê-lo entender. - Mas dançar e actuar nem sempre são a mesma coisa. Eu já tive ocasião de actuar - recordou-lhe. - De ser o centro das atenções. Já não preciso.

- Isso é fácil de dizer agora. Mas será mais difícil quando fores novamente o centro das atenções.

- Não! - Lindsay abanou a cabeça. - Tudo depende das minhas razões para voltar - aproximou-se dele, acariciando as costas da sua mão com os dedos. - Queres saber quais são?

Ele observou-a durante longos e silenciosos momentos, e depois afastou-se dela.

- Não. Acho que prefiro não saber - permaneceu virado para o fogo. - E se eu te pedir para que não vás?

- Que não vá? - na voz de Lindsay reflectia-se a sua confusão. Aproximou-se dele e descansou a mão no seu braço. - E porque haverias de me pedir isso?

Seth virou-se então e os olhos de ambos encontraram-se. Ele não lhe tocou.

- Porque estou apaixonado por ti e não quero perder-te.

Lindsay esbugalhou os olhos. Refugiou-se imediatamente entre os seus braços, agarrando-se a ele com todas as suas forças.

- Beija-me - pediu. - Antes que acorde.

Os lábios de ambos uniram-se, movidos por uma necessidade mútua, saboreando e afastando-se, para se saborearem novamente, até que a intensidade brusca da ansiedade se acalmou. Lindsay afundou o rosto no seu ombro, sem se atrever a acreditar no que acabara de ouvir. Sentiu como as mãos de Seth percorriam o tecido suave da sua camisola e depois deslizavam para baixo, para acariciarem a sua pele.

- Tive muitas saudades de te tocar - murmurou. - Havia noites em que não conseguia pensar em nada, excepto na tua pele.

- Oh, Seth, não posso acreditar! - Lindsay entrelaçou os dedos no seu cabelo, enquanto afastava o rosto do seu ombro. - Diz-me outra vez.

Ele beijou-lhe a têmpora antes de a puxar para si.

- Amo-te.

Lindsay sentiu como o seu corpo relaxava enquanto o ouvia suspirar.

- Nunca tinha dito isto a uma mulher.

- Nem sequer a uma condessa italiana ou a uma actriz francesa? - a voz de Lindsay soava amortecida contra o pescoço de Seth.

Ele afastou-a de si o suficiente para que os seus olhos se encontrassem e manteve-a assim, olhando para ela, profunda e intensamente.

- Nunca ninguém me tinha tocado como tu. Poderia dizer que passei a vida à procura de alguém como tu, mas não seria verdade - sorriu, passando-lhe as mãos pelos braços e emoldurando o seu rosto.

- Não sabia que existia alguém como tu. Foi uma surpresa.

- Foi a coisa mais bonita que alguma vez me disseram! - Lindsay virou-se para lhe beijar a palma da mão. - Quando compreendi que te amava, senti medo, porque isso significava precisar tanto de ti... - olhou para ele e tudo o que viu no seu rosto a absorveu. Seth tornara-se dono não só do seu coração e do seu corpo, como também da sua mente. A intensidade do sentimento era espantosa. De repente, ela apertou-se contra ele, com o pulso acelerado. - Abraça-me - sussurrou, fechando os olhos. - Ainda tenho medo.

Procurou a boca de Seth com a sua e o beijo que se seguiu foi electrizante. Perderam-se um no outro tão profundamente que nenhum foi capaz de voltar a vir à superfície sozinho. Foi um beijo de dependência absoluta. Abraçaram-se, entregando-se.

- Estive sem viver desde o dia em que te foste embora do estúdio - confessou Lindsay. As linhas do rosto de Seth pediam que as explorasse com as pontas dos dedos. - Tudo me parecia monótono, tal como teria sido a fotografia da neve.

- Não consegui ficar. Tu tinhas dito que o sucedido entre nós tinha sido bom. Que éramos dois adultos que se tinham sentido mutuamente atraídos ao se encontrarem sozinhos. Tão simples quanto isso - Seth abanou a cabeça, apertando-a, possessivamente, contra si.

- Aquilo doeu-me. Eu queria-te, precisava de ti. Pela primeira vez na minha vida, nada era tão simples para mim.

- Não sabes ver quando alguém mente? inquiriu ela, suavemente.

- Não quando enfrento o facto de estar apaixonado.

- Se eu soubesse... - Lindsay deixou a frase a meio e encostou-se ao seu peito, ouvindo os batimentos do seu coração.

- Queria dizer-te, mas então vi-te dançar. Tão maravilhosa, tão perfeita...! - Seth inalou novamente o seu cheiro, abraçando-a. Odiava-o. Cada segundo que via como te afastavas de mim...

- Não, Seth! - ela silenciou-o, pondo um dedo sobre os seus lábios. - Não é assim. Não é assim, absolutamente.

- Não? - ele agarrou-a pelos ombros, afastando-a de si. - Davidov oferecia-te uma vida que nunca poderia partilhar comigo. Oferecia-te o lugar que te correspondia no palco. Disse-me que devia fazer o correcto e deixar-te partir. E mantive-me longe de ti estas semanas todas. Mas quando te vi ali, de pé,

compreendi que nunca poderia deixar-te ir.

- Não compreendes - disse Lindsay, com olhos tristes e suplicantes. - Eu já não quero aquela vida, nem o meu lugar no palco, mesmo que pudesse tê-lo. Não é por isso que vou participar no bailado.

- Não quero que vás - os dedos dele fecharam-se com força sobre os seus ombros. - Estou a pedir-te para não ires.

Ela observou-o durante um momento, com os olhos saturados pela emoção.

- E se eu te pedisse para não ires à Nova Zelândia?

Bruscamente, Seth largou-a e afastou-se dela.

- Não é o mesmo. É o meu trabalho. Dentro de algumas semanas, o projecto estará finalizado e eu voltarei. Não é algo que condicione a minha vida - quando se virou novamente para Lindsay, tinha os punhos apertados no interior dos bolsos. - Haveria lugar para mim e para os nossos filhos na tua vida, se fosses a primeira bailarina da companhia?

- Talvez não - ela aproximou-se dele, mas soube pelos seus olhos que não devia tocar-lhe. - Mas nunca serei a primeira bailarina da companhia. Mesmo que o desejasse com todas as minhas forças, já não seria possível. E não o desejo. Porque não consegues entendê-lo? Simplesmente, não preciso. Nem sequer farei parte da companhia oficialmente. Actuarei como bailarina convidada.

Desta vez, foi ela quem se afastou, demasiado embargada pelas emoções para ficar quieta.

- Desejo fazê-lo por Nick, porque é meu amigo. O vínculo que nos une é muito especial. E também quero fazê-lo por mim mesma.

Assim, poderei fechar este capítulo da minha vida com algo belo e não com a morte do meu pai; é importante para mim. Tenho de o fazer ou lamentaria durante o resto da minha vida.

No meio do silêncio, um tronco mudou de posição e emitiu faíscas contra a protecção da lareira.

- Então, irás, apesar do que eu sinto. Lindsay virou-se lentamente, os seus olhos secos e directos.

- Irei e peço-te para confiares em mim. E quero levar Ruth comigo.

- Não! - a resposta de Seth foi imediata e terminante. - Pedes demasiado. Pedes demasiado, bolas!

- Não é demasiado - repôs Lindsay. Ouve-me. Nick interessou-se por ela. Viu-a dançar, fez-lhe um teste. E quere-a na companhia. Poderia integrá-la no corpo de bailado no Verão, Seth. É muito boa. Não a retenhas.

- Não me fales de a reter - as palavras de Seth continham um eco de fúria. - Tu mesma me descreveste a vida que levaria, a dor física e a angústia emocional, as pressões, as exigências. É uma menina. Não precisa disso.

- Sim, precisa - Lindsay voltou a aproximar-se dele. - Não é uma menina, é uma rapariga e precisa de tudo isso se vai ser bailarina. Não tens o direito de lho negar.

- Tenho todo o direito!

Lindsay respirou fundo, tentando manter o controlo.

- Legalmente, esse direito acabará dentro de alguns meses. Vais colocá-la na situação de ter de

enfrentar a tua vontade. Sentir-se-á tremendamente infeliz e talvez já seja demasiado tarde para ela. Davidov não se oferece para preparar qualquer jovem bailarina que conhece. Ruth é especial.

- Não me fales de Ruth! - Seth levantou a voz, surpreendendo-a. - Demorou quase um ano para recomeçar a ser feliz. Não a empurrarei para um mundo onde terá de se castigar diariamente. Se isso é o que tu queres, vai! Não posso impedir-te - agarrou-a pelo braço e puxou-a para si. - Mas não viverás a tua carreira indirectamente através de Ruth.

A cor desapareceu do rosto de Lindsay. Esbugalhou os olhos, azuis e incrédulos.

- É isso que pensas de mim? - sussurrou.

- Não sei o que penso de ti - o semblante de Seth estava tão cheio de fúria como o dela estava frio. - Não te entendo. Não posso reter-te aqui, amar-te não chega. Mas Ruth é outra questão. Não voltarás a viver a fama através dela, Lindsay. Terás de lutar para a conseguires sozinha.

- Larga-me, por favor! - desta vez, era ela quem mantinha o controlo e o domínio de si mesma. Embora estivesse a tremer, a sua voz estava completamente serena. Quando Seth a largou, permaneceu imóvel durante um momento, a observá-lo. - Tudo o que te disse hoje é verdade. Tudo! Podes pedir a Worth para trazer o meu casaco, por favor? Tenho aulas daqui a pouco - virou-se para o fogo, com as costas muito direitas. - Acho que já não temos mais nada para dizer.

Catorze

Ser aluna era muito diferente de ser professora. A maioria das mulheres da turma de Lindsay era mais jovem do que ela; raparigas, na realidade. As que tinham entre vinte e cinco e trinta anos já dançavam como profissionais.

Lindsay trabalhou muito duro. Os dias eram muito longos e faziam com que as noites fossem mais fáceis de suportar. As aulas e os ensaios preenchiam as suas horas. Partilhava um apartamento com dois elementos da companhia, com quem tivera amizade nos seus tempos de profissional. De noite, dormia profundamente, aturdida pelo cansaço. De manhã, as aulas absorviam o seu corpo. Os seus músculos já se tinham familiarizado com as dores e as câibras, quando Janeiro deu lugar a Fevereiro.

A rotina era como sempre fora: impossível.

A janela do estúdio ficara escurecida por uma tempestade de gelo, mas ninguém pareceu notar, enquanto ensaiavam uma peça do primeiro acto da Ariel de Davidov. A música era de conto de fadas e evocava visões de bosques escuros e flores silvestres. Era ali que o jovem príncipe conheceria Ariel. O pás de deux era difícil, especialmente duro para a protagonista feminina, devido às suas combinações de soubresauts e jetés. Requeria que se investisse uma grande quantidade de energia, enquanto se executavam movimentos ligeiros e etéreos. No fim da cena, Lindsay devia saltar para se afastar de Nikolai, virando-se no ar para aterrar no chão, provocantemente, virada para ele. A aterragem foi hesitante e teve de apoiar os dois pés no chão para evitar uma queda. Nick praguejou com veemência.

- Desculpa - desculpou-se, sem fôlego pelo esforço da dança.

- Desculpas! - Nick enfatizou a sua raiva, virando o pulso. - Não posso dançar com uma desculpa.

As outras bailarinas da sala olhavam para Lindsay com diferentes graus de comiseração. Todas elas tinham percebido o tom áspero de Davidov. O pianista voltou, automaticamente, ao princípio da música.

Lindsay sentia o corpo dorido, depois de um castigo de doze horas.

- Os meus pés mal tocam no chão durante o terceiro acto inteiro - repôs. Alguém lhe passou uma toalha e Lindsay enxugou o suor do pescoço e da testa. - Não tenho asas, Nick!

- Evidentemente!

Surpreendeu-a que o seu sarcasmo lhe doesse. Normalmente, enfurecia-a e a discussão que se seguia servia para esclarecer o caso. Agora, Lindsay sentia a necessidade de se defender.

- É muito difícil - murmurou, pondo uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

- Difícil! - gritou ele, atravessando a sala para se colocar diante dela. - Então, é difícil. Trouxe-te para te ver fazer uma simples pirueta no palco? - tinha o cabelo encaracolado encharcado de suor e os seus olhos desprendiam fogo.

- Tu não me trouxeste - precisou Lindsay, mas a sua voz estava trémula, desprovida da sua força habitual. - Eu vim!

- Vieste, sim - Nick virou-se com uma expressão empolada. - Para dançares como uma camionista.

O soluço surgiu com demasiada rapidez para que Lindsay conseguisse reprimi-lo. Consternada, Lindsay levou as mãos à cara. Teve o tempo necessário para ver a expressão atónita de Nick antes de sair a correr da sala.

Lindsay deixou que a porta da casa de banho se fechasse atrás de si com estrondo. No canto mais afastado havia um banco baixo. Sentou-se nele e chorou como se o seu coração fosse partir-se. Incapaz de continuar a aguentar, deixou que a dor brotasse. Os seus soluços ecoaram nas paredes. Ao sentir que um braço a rodeava, Lindsay virou-se para ele, aceitando cegamente o consolo. Precisava de alguém.

Nikolai embalou-a e acariciou-a, até que a paixão das suas lágrimas foi remetendo. Ela aninhou-se entre os seus braços como uma menina e ele apertou-a contra si, murmurando em russo.

- Meu passarinho! - beijou-lhe a têmpora com ternura. - Fui cruel.

- Sim - Lindsay utilizou a toalha que tinha sobre os ombros para enxugar os olhos. Sentia-se extenuada, vazia. Se a dor continuava ali, a dormência impedia-a de a sentir.

- Costumavas sempre contra-atacar nestes casos - Nick inclinou-lhe o queixo. Os seus olhos estavam húmidos e brilhantes. - Somos muito temperamentais, não somos? - Nikolai sorriu, beijando-lhe os cantos da boca. - Eu grito contigo, tu gritas comigo e depois continuamos a dançar.

Para angústia de ambos, Lindsay enterrou o rosto no seu ombro e desatou a chorar novamente.

- Não sei porque ajo assim - respirou fundo para se acalmar. - Detesto as pessoas que se comportam desta maneira. Só que acho tudo absurdo. Às vezes, penso que passaram três anos e que nada mudou. Mas, depois, vejo raparigas como Allyson Gray - Lindsay fungou, pensando na bailarina que a substituiria no papel de Ariel. - Tem doze anos.

- Vinte anos - corrigiu Nick, dando-lhe palmadinhas nas costas.

- Faz com que me sinta como se tivesse quarenta anos. E as aulas parecem-me muito mais demoradas do que antes.

- Estás a portar-te muito bem e sabes disso

- Nick abraçou-a e beijou-lhe o cabelo.

- Sinto-me desajeitada - disse ela, abatida.

- Trôpega e sem coordenação.

Nikolai sorriu contra o seu cabelo, mas manteve um tom de voz compassivo.

- Perdeste aqueles três quilos.

- Três quilos e meio - precisou Lindsay e, suspirando, secou outra vez as lágrimas. Quem tem tempo para comer? De certeza que continuarei a emagrecer até desaparecer - deu uma olhadela à sua volta e esbugalhou os olhos.

- Nick, não podes estar aqui! É a casa de banho das senhoras.

- Sou Davidov - repôs ele, majestosamente.

- Estou onde quero.

Aquilo fê-la rir-se e beijou Nick.

- Sinto-me uma estúpida. Nunca me tinha ido abaixo assim num ensaio.

- Não foi por nada do que falámos - Nick agarrou-a pelos ombros e olhou para ela com solenidade. - É por causa do arquitecto.

- Não! - apressou-se a responder ela. Ele simplesmente arqueou o sobrolho esquerdo. Sim - Lindsay deixou escapar um longo suspiro e fechou os olhos. - Sim.

- Queres falar disso agora?

Lindsay abriu os olhos e assentiu. Acomodou-se na curva do seu ombro e deixou o silêncio impor-se durante um momento.

- Disse-me que me amava - começou a dizer. - Eu pensei: "É do que tenho estado à espera durante a minha vida inteira. Ama-me e a vida será perfeita". Mas o amor não basta. Antes não sabia, mas é verdade. A compreensão, a confiança... sem elas, o amor é um punho fechado.

Permaneceu um momento em silêncio, recordando, com clareza, cada instante do seu último encontro com Seth. Nikolai esperou que continuasse.

- Seth não suportava a ideia de eu voltar para interpretar este bailado. Não podia, ou não queria, entender que devia fazê-lo. Não confiou em mim quando lhe disse que seria só desta vez. Não quis acreditar que eu não desejava ter novamente esta vida, mas construir uma vida ao seu lado. Pediu-me para não vir.

- Isso foi egoísta da sua parte - afirmou Nick. Olhou para a parede, carrancudo, e apertou Lindsay contra si. - É um homem egoísta.

Ela sorriu, pensando em quão fácil fora para Nikolai exigir-lhe que voltasse. Aparentemente, estava encurralada entre dois homens egoístas.

- Sim. Mas talvez haja algo de egoísmo no amor. Não sei - agora estava mais calma, a sua respiração regularizara. - Se Seth tivesse acreditado em mim, se tivesse acreditado que eu não pensava voltar para uma vida da qual ele se visse excluído, talvez tivéssemos chegado a um acordo.

- Talvez?

- Também há Ruth - um novo peso pareceu abater-se sobre o seu coração. - Nada do que lhe disse o convenceu a mandá-la para cá. Não conseguia fazê-lo compreender que estava a privá-la de tudo o que Ruth era, de tudo o que podia ser. Tivemos várias discussões a esse respeito, a mais violenta foi da última vez que o vi.

Lindsay engoliu em seco, sentindo que parte da dor regressava.

- Seth gosta muito dela e leva muito a sério a sua responsabilidade para com ela. Não queria que enfrentasse as condições difíceis deste tipo de vida. Acha que é demasiado jovem e...

- Lindsay viu-se interrompida por um palavrão em russo que reconheceu imediatamente. Aliviou um pouco o seu humor e relaxou contra Nick. - Tu vês as coisas dessa maneira, naturalmente, mas alguém alheio a este mundo vê-o de outra forma.

- Só há uma forma - começou a dizer ele.

- A de Davidov - disse Lindsay, adorando-o pela sua confiança em si mesmo.

- Naturalmente - concordou Nick, embora ela percebesse humor na sua voz.

- Uma pessoa alheia à dança pode não concordar - murmurou Lindsay. - Compreendo os sentimentos de Seth e isso torna as coisas ainda mais difíceis porque, apesar disso, sei que o lugar de Ruth é aqui. Seth acha que... mordeu o lábio inferior, recordando. - Acha que desejo utilizá-la para prosseguir a minha carreira através dela. Isso foi o pior de tudo.

Davidov permaneceu calado durante vários segundos, digerindo tudo o que Lindsay lhe contara e somando-o às suas próprias impressões a respeito de Seth Bannion.

- Acho que devia sentir-se muito magoado para te dizer algo semelhante.

- Não voltei a vê-lo depois. Sentíamo-nos os dois muito magoados quando nos afastámos.

- Voltarás na Primavera, quando o teu trabalho acabar - Nick inclinou-lhe o rosto. - Então, voltarás a vê-lo.

- Não sei. Não sei se serei capaz - os olhos dela eram tristes. - Talvez seja melhor deixar as coisas como estão, para não voltarmos a magoar-nos.

- O amor magoa, ptichka - disse Nick, encolhendo os ombros. - O ballet magoa-te, o teu amante magoa-te. A vida é assim. Agora, lava essa cara - acrescentou, energicamente. Está na hora de voltares a dançar.

Lindsay observou-se na barra. Estava sozinha numa sala de ensaio situada no quinto andar de um edifício de Manhattan. No leitor de CDs tocava uma música suave ao piano. Virando-se, começou a levantar a perna direita. Esta formou uma linha perfeitamente recta da anca aos dedos do pé. Com o olhar cravado nos seus próprios olhos, no espelho, fez recuar a perna numa posição de altitude e, depois, colocou-se lentamente em bicos de pés. Manteve firmemente a posição, recusando-se a deixar que os seus músculos tremessem, e, em seguida, executou meticulosamente o movimento

299

contrário com a perna. Repetiu o exercício com a perna esquerda.

Decorrera quase uma semana desde que se fora abaixo durante o ensaio. Desde então, utilizava todas as noites a sala de ensaio, depois de os outros saírem. Uma hora extra para recordar ao seu corpo o que se esperava dele, uma hora extra para impedir que os seus pensamentos derivassem para Seth.

Glissade, assemble, changement, changement. A sua mente ordenava e o seu corpo obedecia. Dentro de seis semanas, actuaria pela primeira vez em três anos. Pela última vez na sua vida. Estaria preparada.

Executou um grand plié dolorosamente lento, consciente de cada um dos seus tendões. Tinha os

collants encharcados pelo esforço. Enquanto voltava a levantar-se, um movimento no espelho interrompeu a sua concentração. Quis praguejar em voz alta pela interrupção, mas, então, fixou a vista.

- Ruth? - virou-se precisamente quando a rapariga corria para ela. Envolveu num abraço apertado, Lindsay recordou a primeira vez que se tinham visto. Tocou no ombro de Ruth e esta rejeitou o seu contacto. Progredira tanto, disse para si, enquanto lhe devolvia o abraço com todas as suas forças.

- Deixa-me olhar para ti - Lindsay afastou-se para emoldurar o seu rosto. Viu-o animado, risonho, os seus olhos escuros e brilhantes. - Estás com um aspecto magnífico. Magnífico!

- Senti tanto a tua falta. Tive imensas saudades tuas!

- O que estás a fazer aqui? - Lindsay pegou nas suas mãos, mitigando automaticamente o frio que havia nelas. - Seth. Seth veio contigo?

- cheia de esperança, de medo, olhou para a porta.

- Não, está em casa - Ruth viu respondida a pergunta que albergava. Lindsay continuava apaixonada por ele. - Não lhe era possível ausentar-se neste momento.

- Compreendo - Lindsay voltou a concentrar a sua atenção em Ruth e sorriu. - Mas como vieste? E porquê?

- Vim de comboio - respondeu Ruth. - Para estudar ballet.

- Para estudar? - Lindsay ficou muito quieta.

- Não compreendo.

- O tio Seth e eu falámos muito, algumas semanas antes do seu regresso para a Nova Zelândia - Ruth desabotoou o casaco de bombazina e tirou-o. - Pouco depois de teres vindo para Nova Iorque, na verdade.

- Falaram? - Lindsay aproximou-se do leitor de CDs para desligar a música. Utilizou uma toalha para secar o pescoço e depois passou-a pelos ombros. - De quê?

- Do que eu queria fazer com a minha vida, do que era importante para mim e porquê Ruth viu Lindsay extrair, cuidadosamente, o CD. Percebia o nervoso dos seus movimentos.

- Tinha certas reservas a respeito de me deixar vir. Pressuponho que isso já sabes.

- Sim, eu sei - Lindsay guardou o CD na caixa.

- Queria o melhor para mim. Depois da morte dos meus pais, custou-me muito adaptar-me à situação. Durante os dois primeiros meses, o tio Seth deixou tudo para estar ao meu lado. E, inclusive depois, sei que reorganizou a sua vida, o seu trabalho, por mim Ruth deixou o casaco nas costas de uma cadeira de madeira. - Foi muito bom comigo.

Lindsay assentiu, incapaz de falar. A ferida voltava a abrir-se.

- Sei que lhe custou muito deixar-me vir, deixar-me decidir. Portou-se maravilhosamente, encarregou-se da papelada do liceu e resolveu tudo para que ficasse hospedada em casa de uma família que conhece. Têm um duplex enorme em East Side. Permitiram-me que trouxesse Nijinsky - Ruth caminhou até à barra e, mesmo de calças de ganga e ténis, começou a fazer exercícios. - Aqui, sinto-me

optimamente - a sua expressão era radiante enquanto Lindsay a contemplava no espelho. - E o senhor Davidov disse que trabalharia comigo de tarde, quando tivesse tempo.

- Viste Nick? - Lindsay aproximou-se, de modo que ambas ficaram situadas junto da barra.

- Há uma hora, mais ou menos. Eu estava a tentar localizar-te - Ruth sorriu, dobrando os joelhos.

- Ele disse-me que te encontraria aqui, que vinhas ensaiar todas as noites. Estou desejava de ver o bailado. O senhor Davidov disse que poderia vê-lo dos bastidores, se quisesse.

- E, naturalmente, queres - Lindsay acariciou-lhe o cabelo e depois dirigiu-se para o banco para mudar de calçado.

- Não estás entusiasmada? - Ruth fez três piruetas para se juntar a ela. - Interpretar o papel principal no primeiro bailado de Davidov.

- Uma única vez - recordou-lhe Lindsay, desatando os cordões de cetim das suas sapatilhas.

- A noite de estreia - repôs Ruth. Juntando as mãos, olhou para Lindsay.

- Como conseguirás deixá-lo outra vez?

- Outra vez, não - corrigiu Lindsay. - Já o deixei definitivamente. Isto é um favor que faço a um amigo e a mim mesma - fez uma careta ao tirar a sapatilha.

- Dói-te?

- Oh, meu Deus, sim!

Ruth ajoelhou-se e começou a dar-lhe uma massagem no pé. Pôde sentir a tensão acumulada nos dedos. Com um suspiro, Lindsay recostou a cabeça na parede e fechou os olhos.

- O tio Seth tentará vir passar alguns dias comigo na Primavera. Não está feliz.

- Certamente, sente a tua falta - as câibras de Lindsay foram desaparecendo lentamente.

- Não me refiro a isso.

Aquelas palavras fizeram com que Lindsay abrisse os olhos. Ruth observava-a solenemente, embora continuasse a mexer-lhe nos dedos para lhe aliviar a dor.

- Disse-te algo? Enviou alguma mensagem? Ruth abanou a cabeça. Lindsay voltou a fechar os olhos.

Quinze

Lindsay descobriu que uma ausência de três anos não fizera com que se sentisse menos nervosa durante as horas anteriores a uma actuação. Nas duas semanas anteriores, tivera de suportar horas de entrevistas e sessões fotográficas. O reencontro de Dunne e Davidov para uma actuação única, num bailado escrito e coreografado por ele mesmo, era notícia.

Por Nick e pela companhia, Lindsay prestou-se à publicidade requerida. Infelizmente, aquilo contribuiu para endurecer os dias já impossivelmente longos.

O espectáculo teria fins benéficos e haveria muitas estrelas entre o público. O bailado seria transmitido pela televisão e todo o dinheiro angariado seria destinado para uma bolsa para jovens bailarinos com talento. A publicidade poderia criar mais doações. Por esse motivo, Lindsay desejava que fosse um sucesso.

Se o bailado fosse bem recebido, seria incorporado no programa da temporada. Nick ampliaria, enormemente, o seu prestígio no mundo da dança. Por ele, e por si mesma, Lindsay esperava que fosse um sucesso.

Recebera uma chamada da sua mãe e a visita de Ruth enquanto estava no camarim. A chamada tivera um tom suave e quente, sem pressões.

Mae estava imensamente satisfeita com a actuação iminente; no entanto, para surpresa e deleite de Lindsay, a sua nova vida e as suas novas responsabilidades tinham exigido que permanecesse na Califórnia. Os seus pensamentos e o seu coração estariam com Lindsay, prometeu, e veria o bailado pela televisão.

A visita de Ruth pressupusera uma lufada de ar fresco. Ruth estava fascinada com os segredos da vida nos bastidores. Ficava ao serviço de qualquer pessoa que lhe pedisse. Dentro de um ano, disse para si Lindsay, enquanto a via carregar um monte de fatos e acessórios, teria de se preocupar com os seus próprios fatos.

Lindsay pegou num martelo, sentou-se no chão e começou a martelar o par de sapatilhas novas, para as dotar de flexibilidade antes de lhes coser as fitas. Os seus fatos estavam pendurados ordenadamente no armário. A cacofonia dos bastidores misturava-se com o som do martelo contra a madeira. Ainda devia pentear-se e maquilhar-se, assim como vestir o tutu branco para o primeiro acto. Lindsay fez as duas coisas, consciente das câmaras que gravavam a fase anterior ao espectáculo. Só insistiu em fazer o aquecimento em privado. Assim, reuniria a concentração de que ia precisar durante as horas seguintes.

A pressão que sentia no peito foi aumentando conforme percorria o corredor para o lado esquerdo do palco. Dali faria a sua entrada, quando tocasse a música de abertura no bosque. A música e os focos já se centravam nela. Sabia que Nick estaria a aguardar no lado direito do palco, à espera de

fazer a sua própria entrada.

Ruth permanecia ao lado de Lindsay, tocando-lhe suavemente no pulso, como se quisesse desejar-lhe sorte sem dizer uma palavra. As superstições nunca desapareciam no teatro.

Lindsay observou os bailarinos; as mulheres, com os seus vestidos compridos rodados; os homens, com os seus coletes e as suas túnicas.

Vinte compassos, depois quinze, e Lindsay começou a respirar lenta e profundamente. Dez compassos, cinco. Sentiu a garganta seca. O nó que sentia no estômago ameaçou transformar-se em verdadeiras náuseas. Na pele, sentia o frio do pânico.

Fechou brevemente os olhos e correu para o palco.

Quando fez a sua entrada, foi recebida com uma forte onda de aplausos. Lindsay não os ouviu. Para ela, só existia a música. Os seus movimentos fluíram com o prazer da primeira cena. Tratava-se de uma dança lenta, mas cansativa e, quando Lindsay voltou para os bastidores, tinha a testa perlada de suor. Permitiu que lho enxugassem e bebeu um refrescante gole de água, enquanto via como Nick iniciava a segunda cena. Passados poucos segundos, já tinha o público na palma da mão.

- Oh, sim! - resfolegou Lindsay e depois virou-se para sorrir a Ruth. - Vai ser perfeito.

O bailado girava em torno dos seus protagonistas e raramente um ou ambos não se encontravam presentes no palco. Na cena final, a música tornou-se mais lenta e as luzes adoptaram uma cor azul brumosa. Lindsay luzia um vestido de gaze vaporosa que lhe chegava até aos joelhos. Era então que Ariel devia decidir-se a renunciar à sua imortalidade por amor para se casar com o príncipe, tinha de se tornar mortal e renunciar a toda a sua magia.

Lindsay dançou sozinha no bosque iluminado pela lua, recordando o prazer e a simplicidade da sua vida com as árvores e as flores. Para obter o amor, o amor de um mortal, tinha de virar as costas a tudo o que conhecera. A alternativa provocava-lhe grande tristeza. Quando se sentiu desesperada, e caiu no chão para chorar, o príncipe apareceu no bosque. Ajoelhou-se junto dela, acariciando-lhe o ombro e aproximando o seu rosto do seu.

O grand pas de deux expressava o seu amor por ela, a sua necessidade de a ter ao seu lado. Ela via-se arrastada para ele, mas tinha medo de perder a vida que sempre conhecera, medo de enfrentar a morte como mortal. Elevou-se livremente pelo céu, através das árvores e da lua que sempre tinham sido suas, porém, várias vezes, via-se arrastada de volta para o príncipe, impulsionada pelo seu próprio coração. Parou, pois estava a despontar a alvorada e devia tomar uma decisão.

Ele estendeu a mão para ela, mas Ariel virou-se, insegura, assustada. Desesperado, o príncipe fez menção de a deixar. Mas, à última hora, pediu aos gritos que voltasse. Os primeiros raios de sol filtravam-se por entre as árvores, enquanto ela corria para ele.

O príncipe levantou-a entre os seus braços, enquanto lhe entregava o seu coração e a sua vida.

O pano de fundo fechou-se, mas Nick ainda segurava Lindsay. Os corações de ambos pulsavam freneticamente e, por um momento, só tiveram olhos um para o outro.

- Obrigado - Nick beijou-a com suavidade, como um amigo a despedir-se.

- Nick - os olhos de Lindsay estavam impregnados de emoções, mas ele largou-a antes que ela pudesse falar.

- Ouve! - ordenou Nikolai, apontando para o pano de fundo fechado. O estrondo dos aplausos abatia-se sobre ele. - Não podemos fazê-los esperar eternamente.

Flores e pessoas. Dava a impressão de que já não cabiam mais no camarim de Lindsay. Entre o som de gargalhadas, alguém lhe serviu um copo de champanhe. Ela largou-o sem o provar. A sua mente já estava suficientemente embriagada com o momento. Respondia às perguntas que lhe faziam e sorria, mas tudo parecia estar desfocado. Continuava maquilhada e vestida, continuava a ser, em parte, Ariel.

Homens com smoking e mulheres com vestidos de noite brilhantes misturavam-se com os elfos e os duendes do bosque.

Lindsay falara com um actor famoso e com um dignatário francês de visita ao país. Só podia rogar que as suas respostas tivessem sido coerentes. Viu Ruth e fez-lhe um gesto, olhando para ela com olhos suplicantes.

- Fica aqui comigo, está bem? - pediu, quando a rapariga conseguiu abrir caminho entre a multidão. - Ainda não voltei à normalidade. Preciso de alguém.

-Ai, Lindsay! - Ruth rodeou-lhe o pescoço com os braços. - Foste maravilhosa! Nunca tinha visto uma actuação tão fantástica.

Entre gargalhadas, Lindsay devolveu-lhe o abraço.

- Põe-me no chão. Ainda estou a flutuar no ar - viu-se interrompida pelo assistente de direcção, que lhe trazia mais flores e mais champanhe.

A multidão demorou mais de uma hora a dissipar-se. Então, Lindsay sentia a fraqueza que costumava seguir-se a uma alteração emocional. Foi Nick, que conseguiu abrir caminho para sair do seu próprio camarim, quem esvaziou a sala. Ao ver os sintomas reveladores de fadiga no seu rosto, recordou, aos poucos que restavam, a festa que estava a decorrer num restaurante próximo.

- Devem ir-se embora para que a ptichka possa mudar-se - disse jovialmente, dando palmadinhas nas costas de um dos presentes e empurrando-o para a porta. - Guardem-nos algum champanhe. E caviar - acrescentou, - se for russo.

Cinco minutos mais tarde, só ele e Ruth se encontravam com Lindsay na sala repleta de flores.

- Bom - disse Nick, dirigindo-se a Ruth e beliscando-lhe o queixo. - Achas que a tua professora se portou bem esta noite?

- Oh, sim! - respondeu ela. - Portou-se maravilhosamente.

- E eu? - despenteou-lhe o cabelo.

- Não te portaste mal - informou-o Lindsay.

- Não me portei mal? - Nikolai fungou, endireitando-se. - Ruth, queria pedir-te para nos deixares

sozinhos um momento. Esta menina e eu temos de falar de uma coisa.

- Já faltava!

Antes que Ruth pudesse ir-se embora, Lindsay agarrou-lhe na mão.

- Espera! - do toucador tirou uma rosa, uma das que lhe tinham atirado depois da actuação.

Entregou-a a Ruth. - Para que, um dia, sejas a nova Ariel.

Ruth ficou a olhar para a rosa, sem fala, e depois olhou para Lindsay. Os seus olhos eram eloquentes, embora só conseguisse assentir com a cabeça antes de sair do camarim.

- Ah, meu passarinho! - Nick pegou na mão de Lindsay e deu-lhe um beijo. - Tens um grande coração!

Ele deu-lhe um aperto em resposta.

- Mas tu dar-lhe-ás o papel. Daqui a três anos, talvez dois.

Nikolai assentiu.

- Há pessoas que estão feitas para isto procurou os seus olhos. - Nunca dançarei com uma Ariel mais perfeita do que a de esta noite.

Lindsay inclinou-se para ele.

- Estás a mostrar-te encantador comigo, Nick? Achei que já não receberia mais flores esta noite.

- Adoro-te, ptichka.

- E eu a ti, Nicky.

- Podes fazer-me um último favor? Lindsay sorriu, recostando-se novamente na cadeira.

- Como poderia recusar-me?

- Há outra pessoa que quero que recebas esta noite.

Ela dirigiu-lhe um olhar de aborrecimento desenvolto.

- Rezo para que não seja outro jornalista. Mas receberei quem quer que seja - acrescentou, temerariamente. - Desde que não esperes que vá àquela festa.

- Estás dispensada - disse Nick, inclinando regiamente a cabeça. Foi para a porta e, depois de a abrir, virou-se brevemente para olhar para Lindsay.

Ela permaneceu sentada, ostensivamente exausta. O seu cabelo caía livremente sobre os ombros do vestido fino, os seus olhos pareciam mais exóticos devido à maquilhagem exagerada. Sorriu a Nick, mas ele saiu sem dizer nada.

Lindsay fechou brevemente os olhos, mas, quase imediatamente, um formigueiro percorreu a sua coluna. Sentiu a garganta tão seca como antes de iniciar a primeira dança do bailado. Soube quem estava ali antes de abrir sequer os olhos.

Levantou-se quando Seth fechou a porta atrás de si, mas lentamente, como se quisesse medir a distância que os separava. Voltava a estar alerta, completamente alerta, como se acabasse de despertar de um sono longo e profundo. De repente, teve consciência do cheiro intenso das flores e da cor que estas davam à sala. Reparou que a cara de Seth parecia mais magra. Permanecia muito direito, a olhar

para ela com olhos directos e sérios.

Lindsay descobriu que o seu amor por ele não diminuirá nada.

- Olá! - tentou sorrir. O fato formal que usava favorecia-o, decidiu enquanto entrelaçava os dedos. Recordou, do mesmo modo, quão atraente ficava com umas calças de ganga e uma camisa de flanela. Havia tantos Seth Bannion, disse para si, e amava todos eles.

- Foste magnífica - disse ele. Não se aproximou de Lindsay, mas permaneceu onde estava, a absorver cada centímetro dela com os olhos. - Mas pressuponho que terás ouvido isso muitas vezes, esta noite.

- Todas as vezes são poucas - respondeu Lindsay. - Sobretudo se mo disseres tu - desejou atravessar o camarim até ele, mas a dor continuava ali e a distância era demasiado grande. - Não sabia que vinhas.

- Pedi a Ruth para não te dizer nada - Seth avançou um pouco mais para ela, mas o abismo continuava a ser imenso. - Não vim ver-te antes da actuação porque receei que isso pudesse alterar-te. Não me parecia justo.

- Deixaste Ruth vir... Fico contente.

- Estava enganado quanto a isso - Seth tirou uma rosa de uma mesa e observou-a durante um momento. - Tinhas razão, o seu lugar é aqui. Estava enganado a respeito de muitas coisas.

- Eu também me enganei ao tentar pressionar-te demasiado cedo - Lindsay afastou as mãos e, depois, sem poder remediá-lo, voltou a entrelaçá-las. - Ruth precisava do que estavas a dar-lhe. Não creio que fosse a pessoa que é agora se não tivesses estado todos aqueles meses com ela. Sente-se feliz.

- E tu? - Seth levantou novamente o olhar, imobilizando-a com os olhos. - És feliz?

Lindsay abriu a boca para responder, mas, ao não encontrar as palavras, virou-se. Sobre o toucador, havia uma garrafa de champanhe meio cheia, junto do copo em que não tocara. Lindsay agarrou no copo e bebeu-o. As bolhas suavizaram a tensão da sua garganta.

- Queres um pouco de champanhe? Há de sobra.

- Sim - ele deu os últimos passos até ela. Quero.

Nervosa por o ter tão perto, Lindsay olhou à sua volta, à procura de outro copo.

- Parece que não restam copos limpos em lado nenhum.

- Beberei do teu - Seth pôs-lhe uma mão no ombro, fazendo com que se virasse para olhar para ele. Pôs os dedos sobre os dela no copo. Bebeu, sem desviar os olhos dos seus.

- Nada vale a pena sem ti - a voz de Lindsay falhou enquanto ele descia o copo. - Nada.

Os dedos de Seth ficaram tensos sobre os dela e Lindsay viu que algo cintilava nos seus olhos.

- Não me perdoes demasiado depressa, Lindsay - aconselhou ele. O contacto interrompeu-se quando colocou o copo na mesa. As coisas que te disse...

- Não. Não, já não importam - os olhos dela encheram-se de lágrimas.

- Importam, sim - corrigiu ele, serenamente.

- Importam-me a mim. Tinha medo de te perder e expulsei-te da minha vida.

- Nunca saí da tua vida.

Lindsay ter-se-ia aproximado dele então, mas Set virou-se.

- É aterrador estar apaixonado por uma pessoa como tu, Lindsay, uma pessoa tão quente, tão generosa... Nunca conheci ninguém como tu - quando se virou novamente para ela, Lindsay viu as emoções que se reflectiam nos seus olhos, já não tão contidas nem controladas. Nunca tinha necessitado de ninguém antes; de repente, precisava de ti e senti que te perdia...

- Mas não era assim - Lindsay atirou-se nos seus braços antes que ele pudesse dizer alguma coisa. Ao sentir que ficava tenso, levantou o rosto e encontrou a sua boca. O beijo tornou-se instantaneamente ávido e profundo.

- Seth. Oh, Seth, estou há três meses sem viver! Não voltes a deixar-me nunca mais.

Apertando-a contra si, Seth inalou o cheiro do seu cabelo.

- Tu deixaste-me - murmurou.

- Não voltarei a fazê-lo - Lindsay levantou o rosto para lhe fazer aquela promessa com os seus olhos, enormes e brilhantes. - Nunca mais.

- Lindsay - ele levantou as mãos para emoldurar a sua cara. - Não posso... nem quero pedir-te que deixes o que tens aqui. Ao ver-te esta noite...

- Não tens de me pedir nada - ela pôs as mãos sobre os seus pulsos, desejando que acreditasse. - Será que não compreendes? Não é isto que quero. Já não. Quero-te a ti. Quero um lar e uma família.

Seth olhou profundamente para ela e depois abanou a cabeça.

- É difícil de acreditar que possas abandonar isto tudo. Certamente, ouvirias aqueles aplausos todos.

Lindsay sorriu. Seria tão simples, disse para si.

- Seth, castiguei-me durante três meses. Trabalhei mais do que nunca na minha vida para realizar uma única actuação. Estou cansada. Quero voltar para casa. Casa-te comigo. Partilha a minha vida.

Com um suspiro, Seth apoiou a testa na dela.

- Nunca ninguém se tinha declarado a mim.

- Pois bem, então sou a primeira - era tão fácil fundir-se entre os seus braços.

- E a última - murmurou ele, entre beijos.

FIM

A Dança dos Sonhos

Dance of Dreams

Nora Roberts

*Mostraria àquele homem como se dançava ao ritmo do amor...
Ruth Bannion tinha de se submeter às imprevisíveis mudanças de humor do seu exigente tutor, Nickolai Davidov.
Contudo, quando o desejo começou a arder entre eles, foi a vez de Ruth ensinar ao precavido Davidov a apaixonada
magia do amor...*

Digitalização: Fátima Tomás
Revisão: Marta Cristina Araújo
Formatação: Vick

A Dança Dos Sonhos
Nora Roberts

HARLEQUIN
Editado por HARLEQUIN IBÉRICA, S.A. Hermosilla, 21

28001 Madrid
© 1983 Nora Roberts.

Todos os direitos reservados.
A DANÇA DOS SONHOS, N° 156 - 1.5.08

Título original: Dance of Dreams

Publicada originalmente por Silhouette® Books.
Todos os direitos, incluindo os de reprodução total ou parcial, são reservados.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Enterprises II BV.

Todas as personagens deste livro são fictícias.
Qualquer semelhança com alguma pessoa, viva ou morta, é pura coincidência.

® Harlequin y logotipo Harlequin são marcas registadas por Harlequin Enterprises II BV.
® e São marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.
As marcas que têm ® estão registadas na Oficina Espanola de Patentes y Marcas e noutros países

I.S.B.N.: 978-84-671-6041-3 Depósito legal: B-15073-2008

Fotocomposição: M.T. Color & Diseno, S.L., Las Rozas. Madrid.

Impresso: LITOGRAFÍA ROSES, S.A. Gavá (Barcelona)

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO PARA PORTUGAL: LOGISTA Rua da República da Coreia, 34
Ranholas - 2710 Sintra - Portugal

Um

O gato jazia imóvel de barriga para cima, com os olhos fechados e as patas sobre o peito.

Os últimos raios de sol que se filtravam pelas persianas caíam sobre o seu corpo, iluminando o seu pêlo alaranjado. De repente, o barulho de uma chave na fechadura destruiu a calma do apartamento. O animal abriu os olhos ao ouvir a voz da sua dona, mas voltou a fechá-los com preguiça quando soube que não chegara sozinha. Vinha outra vez acompanhada por aquele homem.

- Mas, Ruth, ainda nem sequer são oito horas e o sol ainda está no céu.

Ela pousou as chaves na mesa do hall e virou-se com um sorriso.

- Donald, já te disse. Tenho de me deitar cedo. O jantar foi encantador e fico contente por me convidares para sair.

- Nesse caso - replicou ele, abraçando-a, deixa-me convidar-te para algo mais.

Ruth aceitou o beijo e a pontada de calor que sentiu sob a pele, mas quando ele se aproximou mais, afastou-se e voltou a sorrir.

- Donald, tens mesmo de ir.

- Uma última bebida - sugeriu ele, com outro beijo suave e persuasivo.

- Esta noite não - respondeu ela. - Amanhã tenho aulas e ensaio.

- Seria mais fácil se eu fosse outro homem - deu-lhe um beijo rápido na testa, - mas essa paixão pela dança... - encolheu os ombros e virou-se.

Ruth Bannion era a primeira mulher em dez anos que conseguira mantê-lo longe. Porque é que, então, continuava a insistir?

Ao ver a sua silhueta recortada contra a luz da porta, soube a razão. Era muito bonita... tão bonita, que era única.

Ruth trancou a porta e sorriu. Gostava de Donald Keyser. Era alto, moreno e muito atraente, com um sentido de humor mordaz e um gosto delicioso. Ela respeitava o seu talento como estilista, vestia alguns modelos dele e podia relaxar na sua companhia, ainda que estivesse claro que Donald teria preferido algo mais íntimo.

No entanto, embora houvesse uma certa atracção, não era um homem que despertasse as suas emoções mais profundas. Conseguia fazê-la rir-se, mas nunca conseguia fazê-la chorar...

Olhou-se ao espelho com a moldura dourada e sentiu uma solidão repentina.

Aquele espelho fora uma das primeiras coisas que comprara quando se mudara para o seu novo apartamento e significara muito para ela poder pendurá-lo no hall do seu lar.

À luz ténue do pôr-do-sol, observou o cabelo comprido e espesso que lhe chegava até aos cotovelos. O seu rosto era pequeno e delicado, com uns lábios grandes e carnudos, um nariz recto e um queixo proeminente. Uma cara exótica, disseram-lhe, rematada pelo olhar felino dos seus grandes olhos

castanhos. Mas ela não se achava bonita e, embora soubesse que com a maquiagem adequada poderia ser fascinante, o resultado seria fictício. Não seria Ruth Bannion.

Suspirou e afastou-se do espelho para se deitar no sofá vitoriano. Poucos segundos depois, Nijinsky bocejou e subiu para o seu colo. Ruth começou a acariciar-lhe as orelhas, distraída. Quem era Ruth Bannion?, perguntou-se.

Há cinco anos atrás uma estudante novata cheia de entusiasmo que começava a sua carreira em Nova Iorque. Graças a Lindsay... recordou com um sorriso. Lindsay Dunne, a melhor bailarina que vira na sua vida, fora a sua professora, amiga e ídolo. Acabara por se casar com Seth, o tio de Ruth, e vivia em Connecticut com os seus filhos. Cada vez que Ruth os visitava, surpreendia-se com o amor que professavam um ao outro. Exceptuando talvez os seus pais, não conhecia nenhum outro casal mais apaixonado.

Mesmo depois de seis anos, a tristeza invadia-a ao pensar nos seus pais. Mas, no fundo, sabia que a morte daqueles entes tão queridos a levava até onde se encontrava.

Seth Bannion transformara-se no seu tutor e tinham-se mudado para uma pequena vila costeira em Connecticut. Lá, Lindsay conseguira convencê-lo de que a sua sobrinha precisava de treinar muito mais. Fora muito difícil para Seth, mas no final permitira que Ruth, com apenas dezassete anos, fosse para Nova Iorque. A vida da jovem mudara naquele momento para sempre.

Ou talvez tivesse começado a mudar da primeira vez que estivera na escola de dança de Lindsay, pensou Ruth. Fora lá que dançara para Davidov.

Sentira tanto medo ao estar em frente do melhor bailarino da década! Nikolai Davidov era uma lenda viva e ensinara as bailarinas de maior talento, entre elas, Lindsay Dunne.

Fora a Connecticut para convencer Lindsay a voltar para Nova Iorque e a ser a estrela do ballet que ele organizara.

Ruth recordou como ficara aterrorizada quando Nikolai lhe pedira para dançar para ele. Mas ele era um homem tão encantador, que fora muito fácil obedecer e deixar-se levar pela música.

- Quando fores a Nova Iorque, vem ver-me - dissera-lhe, depois de ela acabar.

Depois, Ruth pensou nele com uma espécie de adoração reverencial e teria sido capaz de dançar nua na Broadway se ele tivesse pedido.

No entanto, tivera de trabalhar arduamente para lhe agradar, incapaz de resistir à sua desaprovação. E ele levava-a até ao limite das suas possibilidades com uma exigência implacável e desumana.

Ruth chegava tão cansada à cama, que nem tinha forças para chorar de humilhação. Mas toda a dor desapareceria assim que ele esboçava um dos seus sorrisos encantadores.

Dançara, lutara e rira-se com ele. Observara a mudança que se produzia em Nikolai com os anos e ainda não o conhecia completamente.

Talvez esse fosse o segredo que o tornava irresistível para as mulheres: o ar enigmático, o sotaque

estrangeiro, a renitência em falar do seu passado...

Ruth sorriu ao recordar como estivera apaixonada por ele quando tinha dezoito anos. Nikolai tinha então quase trinta e não parecera perceber nada. Não lhe faltavam mulheres bonitas em redor nem nunca faltariam.

"Estou a salvo", pensou Ruth. Talvez demasiado a salvo. Bocejou e esticou-se no sofá, fazendo com que o gato saltasse para o chão e se afastasse com aborrecimento.

O suor ensopava-lhe a t-shirt e algumas madeixas de cabelo soltaram-se do coque.

Eram apenas onze da manhã, mas Ruth já estava há duas horas a ensaiar a coreografia nova e complicada de Nick, The Red Rose. Era realmente cansativa, mas só de olhar para ele desaparecia a menor ideia de cansaço.

Como director artístico da companhia já não tinha de dançar para se manter no topo. Se o fazia, com trinta e três anos e apesar de todas as suas obrigações, era porque nascera para isso, com um corpo alto, forte e esbelto. O seu cabelo loiro e encaracolado caía ao lado do seu rosto, cujos traços continuavam a manter o encanto juvenil. Tinha uma boca linda e quando sorria...

Quando sorria, os seus olhos azuis ganhavam um brilho especial e, então, não havia forma de lhe resistir.

- Está bem - replicou, com o seu sotaque russo tão musical, ao mesmo tempo que parava o pianista com a mão. - Podia ser pior.

Na linguagem própria de Davidov, aquilo era o mais parecido com um elogio.

- Ruth, o pás de deus do primeiro acto. Ela aproximou-se dele imediatamente. As mudanças de humor em Nick eram tão variadas como inexplicáveis, mas Ruth sabia como o suportar.

Sem dizer nada, juntou a palma da sua mão direita com a dele e começaram.

Embora fosse uma cena de amor, parecia mais um duelo do que uma penetração romântica. Mas, daquela vez, Nick não compusera um conto de fadas, mas uma história apaixonada entre um príncipe e uma cigana. Os movimentos eram tão exuberantes e dinâmicos, que demarcavam o desafio entre as duas personagens. Ele exigia enquanto ela resistia aos seus pedidos. Cada gesto com o pulso ou com a cabeça aumentava o dramatismo de ambos.

O sol penetrava pelas janelas e desenhava reflexos estranhos no chão. As gotas de suor caíam pelas costas de Ruth, mas ela não as sentia. Estava concentrada na personagem de Carlota, que conquistaria o coração do príncipe no seu primeiro encontro.

Quando dançava com Nick, percebia que sempre o adoraria. Não havia ninguém como ele e ser o seu par na dança fora o maior sucesso da sua vida. Nick levara-a mais além das suas esperanças e possibilidades... mas só como bailarina.

Ruth parou durante um segundo para respirar, aproveitando que o pianista virava a página da partitura.

- Onde está a tua paixão hoje, pequena? perguntou-lhe Nick, estendendo-lhe a mão.

Ela odiava aquele gesto e ele sabia, mas não disse nada.

- Agora, minha cigana, diz-me para ir para o inferno. Com o teu corpo e com os teus olhos.

Começaram novamente, mas daquela vez Ruth não pensou no prazer que lhe produzia dançar com ele. Foi como uma competição real, em cada passo e em cada salto. E a sua irritação deu a Nick o que queria porque de maneira inconsciente o desafiava a ser melhor que ela. Ruth deixou-se cair entre os seus braços, olhou para ele por um momento com os olhos brilhantes e afastou-se dele, desafiando-o a segui-la.

Acabaram na posição inicial, palma contra palma, e com a cabeça de Ruth deitada para trás. Nick abraçou-a a rir-se e beijou-a com entusiasmo em ambas as faces.

- Agora estiveste maravilhosa! Rejeitaste-me ao mesmo tempo que me oferecias a tua mão.

Ela olhou para ele enquanto recuperava a respiração. Ainda lhe ardiavam os olhos devido à irritação e sentiu um estremecimento pela coluna. Então, soube que Nick reparara. Soube pelo seu olhar e pela pressão dos seus dedos nas costas. Mas foi apenas um instante e voltou a soltá-la.

- Vamos almoçar - anunciou para os outros, que murmuraram com aprovação e saíram. Ruth fez menção de ir com eles, mas ele agarrou-a pela mão. - Ruth, quero falar contigo.

- Está bem, depois de almoço. -Agora!

- Nick - começou, com o sobrolho franzido, - não tomei o pequeno-almoço e...

- Há iogurte e Perrier no frigorífico de baixo - soltou-a e dirigiu-se para o piano. - Traz também para mim - pediu, enquanto se sentava e começava a improvisar.

Ruth ficou de pé com as mãos nas ancas. Era óbvio que Nick não considerava a possibilidade de uma negativa ou de ela ter outros planos. Esperava que obedecesse sem pigarrear.

- Insuportável.

- Disseste alguma coisa? - perguntou ele, sem parar de tocar.

- Sim, disse que és insuportável.

- É verdade - respondeu Nick, com um sorriso. - Sou.

Ruth desatou a rir-se.

- Que sabor? - perguntou-lhe e, satisfeita, viu como ele ficava em branco. - Iogurte - recordou-lhe.

- Que sabores quer, Davidov?

Pouco depois, subia as escadas com os braços carregados de iogurtes, colheres, copos e uma garrafa de Perrier. Do andar de baixo, chegava-lhe o som de vozes da cantina e, de cima, a música do piano. Parou à porta e observou Nick. Estava a tocar um tema próprio, suave e melancólico. Mas não era uma composição escrita em papel. Era algo que lhe saía do coração...

Os raios de sol iluminavam-lhe o cabelo e as mãos. Eram umas mãos deliciosas, com dedos longos e vivazes que podiam expressar mais do que mil palavras.

Parecia tão sozinho!

Aquele pensamento perturbou-a. Era devido à música, pensou com rapidez, é apenas porque toca

música triste. Caminhou para ele sobre o chão de madeira, sem fazer barulho graças às suas sapatilhas.

- Pareces solitário, Nick.

Pela maneira tão brusca como levantou a cabeça, Ruth soube que o interrompera em algum pensamento íntimo. Olhou para ela por um instante, sem levantar os dedos das teclas.

- Estava - replicou, finalmente. - Mas não é disso que quero falar.

- Vai ser um almoço de negócios? - perguntou-lhe ela, arqueando uma sobrancelha enquanto pousava os iogurtes sobre o piano.

- Não, não seria bom para a digestão se discutíssemos, pois não? - pegou na garrafa de Perrier e tirou-lhe a rolha. - Vá lá, senta-te ao meu lado.

Ruth sentou-se no banco e, automaticamente, ganhou coragem para o arrepio que a sua proximidade lhe provocava. Estar onde ele estava era como cair num redemoinho de poder. Mesmo naquele momento, enquanto comia tranquilo e relaxado, Nick tinha tanta electricidade como um circuito de corrente alterna.

- Há algum problema? - perguntou-lhe ela.

- Isso é o que eu quero saber. Espantada, ela virou-se e encontrou-o a olhar para ela com atenção. Os seus olhos eram de um azul insondável, cristalinos como o vidro e eram tão serenos como só podiam ser os olhos de um bailarino.

- O que queres dizer?

- Lindsay telefonou-me.

- Ah, sim? - Ruth franziu a testa.

- Acha que não és feliz - o seu olhar era tão intenso que ela sentiu uma pressão no pescoço. Teve de se afastar para a aliviar. Mais ninguém conseguia incomodá-la tanto com um simples olhar.

- Lindsay preocupa-se demasiado - replicou num tom despreocupado, enquanto afundava a colher no iogurte.

- É assim, Ruth? - Nick pôs-lhe a mão no braço e ela sentiu-se obrigada a olhar para ele.

- És infeliz?

- Não - respondeu imediatamente e com sinceridade. - Não - repetiu, esboçando um sorriso.

Ele continuou a estudar o seu rosto e deslizou a mão até ao seu pulso.

- És feliz?

Ela abriu a boca, preparada para responder, mas voltou a fechá-la e emitiu um pequeno som de frustração. Porque é que olhava para ela daquele modo, com aqueles olhos tão directos e sinceros? Uns olhos que não aceitariam uma resposta fácil.

- Não devia ser? - começou a levantar-se, mas ele apertou-lhe o pulso.

- Ruth - ela não teve mais escolha senão olhar para ele novamente. - Somos amigos?

Ela tentou pensar na resposta apropriada. Um simples "sim" não definiria todos os sentimentos que tinha por ele, nem a profundidade da sua relação.

- Às vezes - respondeu, com cautela. – Às vezes, somos.

Nick aceitou a resposta. Os seus olhos brilhavam de regozijo.

- Bem dito - murmurou. Então, segurou-lhe as mãos de maneira inesperada e levou-as aos lábios. A sua boca era tão suave como um sussurro na pele. Ruth não se soltou, mas ficou rígida devido à surpresa e ele olhou para ela como se não percebesse a rejeição. - Vais dizer-me porque não és feliz?

Com muito cuidado, Ruth afastou as mãos. Era muito difícil conter-se enquanto ele tocava nela. Era um homem com necessidades

físicas, que pedia respostas físicas. Ela levantou-se e dirigiu-se para uma janela. Manhattan estendia-se aos seus pés.

- Para ser sincera, não pensei muito na minha felicidade - confessou e desatou a rir-se.

- Oh, não, isso pareceu muito pomposo - virou-se e olhou para ele, mas ele não sorria. Nick, quero dizer que não tinha pensado na minha felicidade ou infelicidade até tu me perguntares - encolheu os ombros e apoiou-se contra o parapeito da janela.

Nick serviu um copo de Perrier e levantou-se para lho levar.

- Lindsay está preocupada contigo - afirmou.

- Lindsay tem coisas suficientes com que se preocupar com o tio Seth, as crianças e a escola.

- Ela ama-te.

- Sim, eu sei.

- E isso surpreende-te? - perguntou-lhe ele, enquanto com um movimento distraído lhe acariciava uma madeixa solta.

Ruth tinha o cabelo suave e um pouco húmido.

- É a sua generosidade que me surpreende e suponho que será sempre assim - fez uma pausa antes de lhe perguntar o seguinte: - Alguma vez estiveste apaixonado por ela?

- Sim - respondeu ele imediatamente, sem vergonha nem arrependimento. - Há anos ele sorriu e pôs-lhe o cabelo atrás da orelha. Manteve-se sempre fora do meu alcance. E antes de dar por isso, tornámo-nos amigos.

- Estranho - replicou ela, depois de alguns segundos. - Não consigo imaginar-te a pensar em algo ou em alguém que esteja fora do teu alcance.

- Era muito jovem - explicou ele, com outro sorriso. - Tinha a idade que tu tens agora. E estamos a falar de ti, Ruth, não de Lindsay. Ela pensa que talvez esteja a exigir-te demasiado.

- A exigir-me demasiado? - ela fez um ar de incredulidade. - Tu, Nikolai?

- Eu também acho difícil de acreditar brincou ele, num tom jocoso.

Ruth abanou a cabeça e voltou para junto do piano. Pousou o copo de Perrier e pegou noutra iogurte.

- Estou bem, Nick. Espero que lhe tenhas dito isso - ele não respondeu e ela virou-se com a colher entre os lábios. - Nick?

- Pensei que talvez tivesses tido uma relação... infeliz.

- Quer dizer que estou triste por causa de um amante?

Era evidente que ele não se preocupava em escolher as suas palavras.

- És muito franca, pequena.

- Não sou uma criança - respondeu ela. - E não...

- Continuas a sair com aquele estilista? interrompeu-a ele, com frieza.

- O estilista tem um nome - corrigiu ela, num tom de voz gelado. - Donald Keyser. Fazes com que pareça a etiqueta de um vestido.

- Ah, sim? - Nick esboçou um sorriso livre de culpa. - Não respondeste à minha pergunta.

- Não, não o fiz - Ruth levantou o copo de Perrier e bebeu um pequeno gole, mas não conseguiu evitar o brilho de fúria nos seus olhos.

- Ruth, continuas a sair com ele?

- Não te diz respeito - tentou falar num tom ligeiro, mas a dureza era evidente.

- És um membro da companhia. E eu sou o director.

- Também adquiriste o papel de confessor? - replicou ela. - Os teus bailarinos têm de te informar acerca dos seus amantes?

- Tem cuidado e não me provoques! - avisou-a ele.

- Não tenho de justificar a minha vida social,

Nick! - exclamou Ruth. - Vou às aulas, sou pontual nos ensaios... Trabalho arduamente...

- Pedi-te para justificares alguma coisa?

- Não, mas estou farta de ver como te comportas comigo como um pai ou um tio severo - franziu o sobrolho e aproximou-se dele. - Já tenho um tio assim e não preciso que estejas a vigiar-me.

- Não? - voltou a enroscar um dedo nas madeixas soltas dela.

- Não! - gritou, enfurecida. - Pára de me tratar como uma criança!

Nick agarrou-a pelos ombros, num gesto tão violento que a surpreendeu. Ela ficou apertada contra ele, com o corpo moldado àqueles músculos que tão bem conhecia. Mas daquela vez era diferente. Daquela vez não havia música nem passos de dança. Ruth conseguia sentir o seu aborrecimento... e algo mais. Sabia que ele podia enfurecer-se muito, mas também sabia como lidar com ele. No entanto, naquele momento...

Ficou perplexa ao sentir como o seu próprio corpo respondia. Os dois corações batiam ao mesmo ritmo, os dedos de Nick afundavam-se na sua pele, mas não havia dor.

Então, ele baixou o olhar até aos seus lábios e uma pontada de desejo atravessou-a. Era uma sensação mais doce e afiada do que qualquer outra que tivesse tido antes e deixou-a atordoada por completo.

Com lentidão, Ruth inclinou-se para a frente, preparando-se para o beijo. Sentia o sussurro da sua respiração nos lábios. Afastou-os ligeiramente e pronunciou o seu nome.

Nikolai murmurou algo em russo e afastou-"a.

- Devias conhecer-me melhor - queixou-se, - e não fazer com que me zangue de maneira tão deliberada.

- Era isso que estavas a sentir? - perguntou ela, espantada com a rejeição.

- Fica com o teu estilista - murmurou, enquanto se virava para o piano. - Já que parece ir tão bem. Sentou-se e começou a tocar, desprezando-a com o seu silêncio.

Dois

Devia ter imaginado, pensou Ruth enquanto tomava banho. Reviveu o desejo que sentira nos braços de Nick e tentou convencer-se várias vezes de que se enganava. Estivera entre os seus braços em inúmeras ocasiões e nunca sentira nada parecido. E, depois, quando voltaram para os ensaios, ele abraçou-a meia dúzia de vezes pelo menos.

Houvera algo, reconheceu ela contrariada ao recordar a tensão no ar quando interpretavam os passos. Algo como desgosto e irritação.

Ruth deixou que a água corresse pela sua pele e que lhe ensopasse o cabelo colado às costas nuas. Estando sozinha, tentou explicar-se a sua reacção ao abraço de Nick.

A sua resposta fora claramente corporal e desesperadamente premente. Por outro lado, podia recordar o prazer quente dos beijos de Donald, aquela tentação tão suave e facilmente reprimível. Donald usava palavras corteses e a sua sedução era a própria de um cavalheiro. As flores e os jantares íntimos com velas eram... tão especiais. E nem com ele nem com nenhum outro homem sentira algo que fosse mais do que agradável.

E, de repente, um homem com quem passara anos a trabalhar, um homem que conseguia enfurecê-la com uma só palavra ou fazê-la chorar com uma dança fizera com que algo explodisse no seu interior. Não fora precisamente agradável.

Nunca a beijara, nem a abraçara como um amante faria, mas...

Não fora mais do que um acidente, disse para si, enquanto fechava a torneira. Um deslize ocasional, uma reacção simples provocada pela paixão da dança e pela fúria da discussão.

Agarrou numa toalha e começou a limpar-se.

O seu corpo era pequeno, esbelto e magro, de membros longos e flexíveis. Ruth conhecia-o a fundo, como só uma bailarina conseguia fazer. Fora o seu corpo, próprio da dança clássica, que a levava até Lindsay há anos.

Lindsay... Ruth sorriu ao recordar nitidamente a sua actuação em Dom Quixote, um ballet que Lindsay protagonizara antes de ambas se conhecerem. Mas o sorriso transformou-se numa careta de tristeza quando recordou o primeiro encontro com a bailarina consagrada. Fora anos mais tarde, na sua pequena escola de dança. Ruth estivera aterrorizada, mas jurara que algum dia também dançaria em Dom Quixote.

E fê-lo. O tio Seth e Lindsay foram vê-la, embora Lindsay já estivesse no seu oitavo mês de gravidez. A sua amiga chorara de emoção e Nick gozara com ela.

Ruth suspirou. Deixou a toalha num monte e vestiu um robe. Só Lindsay teria adivinhado que algo não estava bem. Ruth fechou o robe e agarrou num pente. Recordou que na sua última conversa telefónica lhe falara de Donald. Falaram também das crianças e o tio Set suplicara-lhe que fosse visitá-los assim que tivesse um fim-de-semana livre.

Mas, acima de todas as notícias e dos mexericos familiares, Lindsay pressentiu algo que nem a própria Ruth reparara: Não era feliz. Não era infeliz, pensou enquanto penteava os cabelos molhados com suavidade. Só se sentia insatisfeita.

Porquê? Era algo estúpido, decidiu ela, zangada consigo própria. Tinha tudo o que sempre quisera. Era a melhor bailarina da companhia e o seu nome era reconhecido no mundo da dança. Ia protagonizar o último ballet de Davidov. O trabalho era árduo e exigente, mas ela ansiava-o porque era a vida para a qual nascera.

E, no entanto, havia ocasiões nas quais desejava infringir as regras e voltar para a vida que conhecera quando era criança. Tanta liberdade e tantas aventuras...

Os seus olhos iluminaram-se com as lembranças. A esquiar na Suíça, onde o ar era tão frio e puro que magoava a garganta ao respirar; os cheiros e cores de Istambul; as crianças magras e de olhos grandes nas ruas da Creta; o quarto pequeno e bonito com maçanetas de vidro em Bona... Durante todos aqueles anos, viajara com os seus pais, ambos jornalistas, e não ficavam mais de três meses no mesmo lugar. Por isso fora impossível estabelecer vínculos fortes com alguém, excepto com eles próprios e com a dança.

Essa fora a única companhia que Ruth tivera quando era criança. Os cenários mudavam sem cessar, os professores falavam com vozes, línguas e sotaques diferentes, mas a dança estivera sempre lá para ela.

Os anos de viagem tinham feito com que amadurecesse muito depressa. Não havia lugar para a timidez, só para a auto-suficiência e para a precaução. Depois tivera de viver com o seu tio Seth e mais tarde chegara Lindsay e os anos com os Evanston. Todos a encorajaram a oferecer confiança e afecto, mas ela continuou no seu próprio mundo, onde só a dança tinha razão de ser. Talvez fosse por isso que acabara por se transformar numa observadora empedernida. Estudar e analisar as pessoas chegou a ser algo mais do que um costume. Chegou a ser parte da sua personalidade.

E fora essa personalidade que conduziu à sua irritação com Nick. Observara-o naquela tarde e sentira uma alteração interior, mas não fora capaz de lhe dar nome. Os pensamentos e sentimentos de Nick continuavam a ser um mistério e Ruth não gostava de mistérios.

Por isso gostava de Donald, pensou com um sorriso enquanto brincava com os frascos do toucador.

Ele era tão modesto e previsível. Parecia não ter pretensões e a sua cara era como um livro aberto. Não havia redemoinhos nem turbulências escondidas. Mas com um homem como Nick...

Pôs a loção na palma da mão e espalhou-a pelo braço. Um homem como Nick era imprevisível por completo, uma fonte constante de desgosto e de confusão. Volúvel, inconstante, cansativo e muito pouco razoável. Estar em frente dele já a deixava extenuada e ainda por cima era tão difícil de agradar... Ruth vira muitas bailarinas a chegarem ao limite da resistência humana para lhe darem o que ele queria. Ela própria também o fazia. O que o tornava tão irresistivelmente atraente?

Uma pancada na porta afastou-a dos seus pensamentos. Encolheu os ombros e levantou-se do toucador. Não fazia sentido tentar compreender Nikolai Davidov. Acendeu uma luz na salinha e dirigiu-se para a porta. Ao ver quem era, surpreendeu-se e tirou a corrente.

- Donald, estava precisamente a pensar em ti.

Antes de poder dar-lhe um beijo amistoso, deu por si nos seus braços.

- Hum... cheiras muito bem!

Ela desatou a rir-se, mas ele fê-la calar-se com os seus lábios. O beijo foi mais intenso e prolongado do que Ruth pretendia, mas mesmo assim encorajou-a a continuar com a sua própria língua. Queria sentir mais prazer do que era costume. Queria excitar-se e tremer como acontecera naquela tarde nos braços de outro homem. Mas quando o beijo acabou, o seu coração continuava a bater a um ritmo sereno e o seu sangue continuava frio.

- Oh, isto sim é que é uma forma de dizer "olá" - murmurou Donald, acariciando-lhe o pescoço.

Ruth ficou imóvel por um momento, deleitando-se com a protecção e a segurança que aqueles braços ofereciam. No final, afastou-se e sorriu.

- Também é uma forma de te dizer que fico contente por te ver. O que fazes aqui?

- Vim para te tirar daqui - respondeu ele e levou-a até ao quarto. - Veste o mais bonito dos teus vestidos, um dos meus, é claro - acariciou-lhe brevemente a face. - Vamos a uma festa.

- Uma festa? - perguntou ela, afastando o cabelo da cara.

- Sim... - Donald olhou para Nijinsky, que estava a dormir sobre uma mesa de vidro. Uma festa em casa de Germaine Jones - continuou. Ignorou o gato tanto como o animal o ignorava a ele. - É aquela estilista que faz meias e mini-saias estampadas.

- Sim, já me lembro - Ruth pensou na imagem de uma mulher ruiva com olhos verdes penetrantes e pestanas grossas. - Devias ter-me telefonado antes.

- Fi-lo - indicou ele. - Tentei localizar-te na academia, mas já tinhas saído e ainda não tinhas chegado aqui - encolheu os ombros e tirou uma cigareira dourada. - Germaine organizou a festa no último momento e vão assistir muitas personalidades conhecidas.

Donald tirou um charuto e voltou a colocar a cigareira no bolso interior do seu casaco elegante cor de ardósia. Depois, acendeu o isqueiro.

- Esta noite não posso.

Donald arqueou uma sobrancelha e deixou escapar uma baforada de fumo.

- Porquê? - tocou-lhe no cabelo molhado e no robe. - Não tens planos, pois não?

Ruth esteve tentada a contradizê-lo. Donald começava a assumir muitas coisas.

- Parece-te assim tão difícil, Donald? - perguntou-lhe, disfarçando o seu aborrecimento com um sorriso.

- Claro que não - respondeu ele, retribuindo o sorriso. - É apenas uma hipótese. Agora sê uma boa rapariga e veste aquele vestido vermelho. Germaine vai ser obrigada a usar uma das suas famosas

combinações. Fará com que pareça uma animadora de claque.

Ela olhou para ele durante alguns segundos, pensativa.

- Nem sempre és assim tão amável, pois não, Donald?

- Os negócios não são amáveis, querida respondeu ele.

Ruth reprimiu um suspiro. Sabia que Donald se sentia atraído por ela, mas perguntou-se se gostaria tanto dela sem os seus vestidos.

- Lamento muito, Donald. Não posso ir a uma festa esta noite.

- Oh, vá lá, Ruth! - bateu com o charuto no cinzeiro com um toque ligeiro. Um sinal de impaciência. - Tudo o que tens de fazer é pôr-te bonita e falar com algumas pessoas.

Ela tentou não se deixar levar pela irritação crescente. Donald nunca entendera como a carreira de uma bailarina era exigente e difícil.

- Donald - insistiu, com muita paciência, estou a ensaiar desde as oito da manhã. Estou cansada e, se não descansar o suficiente, não serei capaz de continuar. Tenho uma responsabilidade para com o resto da companhia, com Nick e comigo própria.

Com muito cuidado, Donald apagou o charuto. O fumo permaneceu alguns segundos no ar, antes de se dissipar por uma janela aberta.

- Não podes dizer-me que não queres fazer vida social, Ruth. É ridículo!

- Não é tão ridículo como pensas - replicou ela. - Faltam menos de três semanas para o bailado, Donald. Até então as festas terão de esperar.

- E eu, Ruth? - apertou-a entre os seus braços, mas sob a sua calma aparente percebia-se o aborrecimento. - Quanto tempo terei de esperar?

- Nunca te prometi nada, Donald. Deixei-te claro desde o começo que o meu trabalho era a minha prioridade. Tal como o teu trabalho é para ti.

- Isso significa que vais continuar a negar-te que és uma mulher?

- Não acho que faça tal coisa - replicou ela, com frieza.

- Não?

Donald abraçou-a com mais força, tal como Nick fizera horas antes. Mas Ruth achou curioso que os dois homens lhe provocassem reacções tão diferentes. Com Nick sentira-se atraída e zangada.

Com Donald só se sentia cansada e impaciente.

- Donald, não estou a negar a minha feminilidade por não querer ir para a cama contigo.

- Sabes como te desejo - puxou-a mais para ele. - Cada vez que toco em ti sinto que comesas a deixar-te levar, mas depois paras como se tivesses batido num muro - o seu tom de voz endureceu devido à frustração. Até quando vais resistir?

Ruth sentiu uma pontada de culpa. As palavras de Donald eram verdadeiras, mas não havia nada que ela pudesse fazer para mudar.

- Lamento muito, Donald.

Ele viu o arrependimento nos seus olhos e tentou outra tática. Aproximou-se novamente dela e olhou para ela com ternura.

- Sabes o que sinto por ti, querida - tocou-lhe nos lábios com os seus de uma forma tranquila e persuasiva. - Podíamos sair cedo da festa e voltar para aqui com uma garrafa de champanhe.

- Donald, não... - começou a dizer ela, mas foi interrompida por umas pancadinhas na porta.

Foi abrir tão distraída que se esqueceu de ver quem era.

- Nick! - exclamou ao vê-lo.

- Abres a porta a toda a gente? - perguntou-lhe ele num tom desaprovador, enquanto entrava sem esperar para ser convidado. Tens o cabelo molhado - acrescentou, tocando-lhe numa madeixa. - E cheiras a chuva da Primavera.

Foi como se nunca tivesse ouvido as palavras de irritação. Sorridente, Nick olhou para ela com olhos brincalhões e inclinou-se para lhe beijar o nariz.

Ruth fez uma careta e tentou pôr os seus pensamentos em ordem.

- Não te esperava.

- Estava a passar por aqui e vi a luz acesa. Ao ouvir a voz de Nick, Nijinsky saltou da mesa e começou a dar voltas em redor do bailarino. Ele baixou-se e acariciou-lhe o lombo. Depois, desatou a rir-se quando o gato se levantou sobre as suas patas traseiras, pedindo que pegasse nele ao colo. Nick ergueu-se, com Nijinsky a ronronar nos seus braços e, então, viu Donald. -Olá!

- Lembras-te de Donald? - perguntou Ruth, envergonhada por se ter esquecido dele.

- É claro - respondeu Nick, sem parar de acariciar as orelhas do gato. Nijinsky olhava para o outro homem com um ar desafiante. Uma amiga comum, Suzanne Boyer, vestiu um vestido teu - ele sorriu, mostrando os seus dentes brancos. - Era tão bonito como ela.

- Obrigado - agradeceu Donald, arqueando uma sobancelha.

- Não vais oferecer-me nada para beber, Ruth? - perguntou Nick, com o olhar fixo em Donald.

- Lamento muito.

Ruth dirigiu-se para o pequeno bar que instalara num canto. Abriu a garrafa de vodka e serviu um copo.

- Donald?

- Uísque - respondeu ele com brevidade, tentando afastar-se da camaradagem de Nick.

Ruth estendeu-lhe um copo cheio de uísque e caminhou para Nick.

- Obrigado - ele sentou-se numa poltrona fofa com o gato ao seu colo.

Nijinsky deu algumas voltas antes de adormecer.

- Como estão a correr os negócios? - perguntou o bailarino a Donald.

- Bastante bem - Donald ficou de pé enquanto bebia pequenos goles do seu copo.

- Usas tecido escocês para os teus modelos de Outono.

Nick bebeu um longo gole de vodka, com uma despreocupação típica russa.

- Exactamente - confirmou Donald, com um ligeiro tom de curiosidade na voz. - Nunca teria imaginado que seguias a moda feminina.

- Sigo as mulheres - respondeu e bebeu outro gole. - Eu gosto.

Era um comentário para ser interpretado em sentido literal, sem duplo sentido nem matizes sexuais.

Ruth sabia que Nick gostava de mulheres desde a pura amizade, como a que mantinha com Lindsay, até a romances apaixonados como o que tivera com aquela amiga em comum, Suzanne Boyer. As suas aventuras amorosas eram a primeira página da imprensa.

- Acho que também gostas de mulheres disse a Donald. - Demonstras esse gosto no desenho dos teus vestidos e é o que os torna tão atraentes e interessantes.

- Sinto-me elogiado - replicou Donald. Relaxou o suficiente para se sentar no sofá.

- Eu nunca elogio - replicou Nick, com um sorriso retorcido. - Acho que é desperdiçar as palavras. Ruth pode dizer-te. Sou um homem muito... frugal.

- Frugal? - Ruth franziu o sobrolho. - Não, acho que a palavra adequada é egocêntrico.

- Houve um tempo em que a menina mostrava mais respeito - comentou Nick, esvaziando o seu copo.

- Exactamente, quando era uma criança queixou-se ela. - Agora conheço-te melhor.

Algo ardeu nos seus olhos ao olhar para ela. Raiva, desafio, regozijo... ou talvez as três coisas. Ruth não tinha a certeza, mas sustentou-lhe o olhar.

- A sério? - murmurou ele e pousou o copo numa mesa. - Qualquer um pensaria que é submissa com homens da nossa idade - disse para Donald.

- Donald não pede submissão - respondeu ela, consciente de que se sentia acalorada. - E não se importa se pensar nele como num idoso prudente e sábio.

- Que sortudo! - exclamou Nick. Nenhum deles se incomodou em olhar para o homem de quem estavam a falar.

- Então, não terá de repensar as suas expectativas - Nick acariciou a cabeça de Nijinsky. - Parece que a menina tem uma língua afiada.

- Só para alguns.

- Oh, agora sou eu que me sinto lisonjeado - respondeu Nick, com um dos seus sorrisos encantadores.

Furiosa, Ruth olhou para ele e torceu o seu corpo sob o robe de seda.

Donald baixou o olhar, mas Nick manteve os olhos fixos nela.

- Tal como tu, considero que os elogios são uma perda de tempo e de palavras - replicou, com um sorriso frio. - E agora, se me desculpares, tenho de me vestir. Donald e eu vamos a uma festa.

Sentiu um pouco de satisfação ao virar-lhe as costas e afastar-se.

Fechou a porta do quarto e tirou o vestido vermelho do armário. Tirou também um conjunto de

lingerie da gaveta e atirou tudo para cima da cama.

Acabara de tirar o robe quando ouviu girar a maçaneta da porta. De forma instintiva, tapou-se com o robe, agarrando nele com ambas as mãos à altura dos seios.

Ficou paralisada de espanto quando Nick entrou no quarto, fechando a porta atrás de si.

- Não podes entrar aqui - começou a protestar a jovem, demasiado surpreendida para se sentir envergonhada ou furiosa.

- Já entrei - indicou ele, ignorando-a por completo.

- Bom, podes dar a volta e sair - levantou mais o robe, mas sabia que estava numa posição de clara desvantagem. - Não estou vestida - indicou, desnecessariamente.

Nick percorreu os seus ombros nus com o olhar, com uma falta de interesse aparente.

- A mim parece-me que tens o traje apropriado - olhou para ela directamente nos olhos. - O dia não foi suficiente para ti, Ruth? Amanhã tens uma aula às oito.

- Sei a que horas tenho a aula - replicou ela.

Com muito cuidado, soltou uma mão do robe e pôs o cabelo para trás.

- Não preciso que me recordes a minha agenda, Nick, nem preciso da tua aprovação para o que faço no meu tempo livre.

- Precisas, sim, quando o teu tempo livre interfere na tua actuação.

- Não tiveste queixas da minha actuação, que eu saiba - ripostou ela, com o sobrolho franzido.

- Até agora - concedeu ele. - Mas quero o melhor de ti e é muito difícil dar-te isso se perderes as tuas energias nessas festas estúpidas.

- Sempre te dei o melhor de mim, Nick, mas não bastam as gotas de suor derramadas no esforço - quis virar-se, mas recordou que o robe não lhe protegia as costas nem o rabo. Fazes o favor de te ires embora?

- Tiro o que preciso - respondeu ele. - E há alguns anos, milaya, estavas ansiosa por mo dar.

- Isso não é justo! Ainda estou e em cada ensaio não há nada que não queira dar-te. Mas a minha vida privada é isso, privada. Portanto, pára de brincar aos pais comigo, Nick. Já cresci.

- É isso que queres? - a fúria das suas palavras assustou-a e fê-la recuar. - O mais importante para ti é seres tratada como uma mulher?

- Estou farta de ver como continuas a tratar-me como se tivesse dezassete anos e como se tivesses de me chamar a atenção cada vez que te aproximas de mim - o seu aborrecimento cresceu enquanto falava. - Sou uma adulta totalmente responsável e posso cuidar de mim própria.

- Uma adulta responsável - repetiu ele, com os olhos semicerrados. Ruth reconheceu o sinal" de perigo na sua expressão. - Queres que te mostre como lido com os adultos responsáveis que além disso são mulheres?

- Não!

Mas já era tarde para se negar. Deu por si entre os seus braços e a beijá-lo.

Mas não foi um beijo duro e dominante como ela esperara, preparada para resistir. Nick beijou-a como se soubesse que ela responderia com a mesma paixão e desejo. Era a boca de um homem à procura da de uma mulher. Não havia necessidade de a forçar.

Ruth afastou os lábios e as suas línguas encontraram-se.

Todos os seus pensamentos e sensações se concentraram nele e só nele. Largou o robe, que caiu ao chão entre os dois, e Nick acariciou-lhe as costas nuas. Ela deixou escapar um gemido de prazer e apertou-se mais contra o seu corpo.

E enquanto ele levava as mãos até às suas ancas, o beijo aumentou de intensidade e levou Ruth até aos limites do desconhecido.

Deitou a cabeça para trás e passou os dedos pelos seus loiros cabelos. Atraiu-o para ela, exigindo que aceitasse tudo o que lhe oferecia. Era uma sensação mais forte e penetrante do que qualquer outra coisa que tivesse sentido. O seu corpo tremia e ardia de necessidade ao sentir o toque das suas mãos.

Nick tocara nela milhares de vezes: para a levantar, endireitar e fazê-la girar, mas daquela vez não havia música nem coreografia para combinar os seus movimentos. Só havia instinto e desejo.

Quando sentiu que ele se afastava, protestou e quis aproximar-se, mas Nick segurou-a pelos ombros e manteve a distância.

Ruth ficou nua à frente dele, sem fazer nada para se tapar. Já vira a sua alma, por isso não fazia sentido esconder o seu corpo.

Nick percorreu-a lentamente com o olhar, como se estivesse a memorizar cada centímetro da sua pele. Depois, olhou para ela nos olhos, com uma fúria penetrante e, sem dizer uma palavra, saiu do quarto.

Ruth ouviu a porta principal a bater e soube que ele se fora embora.

Três

"E um e dois e três e quatro..."

"Ruth seguia os movimentos ao ritmo que Nick marcava.

Depois de horas de dança, o seu corpo passara do cansaço para a mais completa insensibilidade. O breve descanso da noite anterior não lhe dera tempo para repor forças. Se ficara na festa até altas horas da madrugada, fora por uma necessidade teimosa de demonstrar algo a si própria. Sabia muito bem disso, tal como sabia que não estava a dar o melhor no ensaio do dia.

No entanto, não recebia nenhum comentário de Nick. Nenhum gesto nem crítica. Limitava-se a marcar-lhe o compasso várias vezes, sem gritar nem lhe chamar a atenção quando se enganava nos passos ou caía sobre um pé trémulo.

Seria muito mais fácil se a repreendesse pelas suas falhas, pensou Ruth enquanto se esticava num arabesque lento. Se gritasse, ela podia gritar também e, assim, aliviar o seu stress. Mas durante o ensaio longo e cansativo não lhe dera oportunidade para desabafar. Cada vez que os seus olhos se encontravam, parecia que estava a olhar através dela. Ruth sentia que era apenas um objecto que se mexia ao som da sua música.

Quando Nick anunciou uma pausa, ela retirou-se para o fundo da sala, sentou-se no chão e apoiou a testa nos joelhos. Tinha os pés doridos, mas não tinha forças para os massajar. Então, sentiu uma toalha no pescoço e levantou o olhar.

- Francie - conseguiu esboçar um sorriso de agradecimento.

- Pareces cansada.

- Estou - respondeu ela, enquanto limpava o suor da cara.

Francie Myers era uma solista, uma bailarina de talento e uma das primeiras amigas que Ruth fizera na companhia. Era pequena e esbelta, com o cabelo cor de trigo e os olhos pretos e penetrantes. Estava continuamente a conhecer e a perder amantes com um sentido de humor inquebrável e Ruth admirava muito a sua sinceridade e optimismo.

- Sentes-te mal? - perguntou-lhe, enquanto levava uma pastilha elástica à boca.

Ruth apoiou a cabeça contra a parede. Alguém estava a tocar piano e a sala encheu-se com os murmúrios de vozes e da música.

- Estive numa festa horrível até às três da manhã.

- Parece divertido - replicou Francie. Esticou a perna até tocar na parede e olhou para os olhos escurecidos de Ruth. - Mas não acho que te tenhas divertido muito.

- Nem sequer queria estar lá.

- Então, porque foste?

- Por maldade - murmurou Ruth, olhando para Nick.

- Isso elimina toda a diversão - os olhos de Francie pousaram numa loira elegante com collants azuis.

- Leah tem algo a dizer sobre o teu estilo de hoje.

Ruth seguiu o olhar de Francie. A cabeleira de Leah rodeava um rosto escultural que parecia feito de marfim. Estava a falar com Nick enquanto gesticulava com as mãos.

- Com certeza que sim... - redarguiu Ruth.

- Sabes como deseja protagonizar este bailado - replicou Francie. - Nem sequer interpretar Aurora a acalmou. Nick não actua na Bela Adormecida.

- Graças à competição é que a companhia se mantém viva - declarou Ruth, num tom de voz distraído, enquanto via como sorria para Leah.

- E aos ciúmes - acrescentou Francie. Ruth virou a cabeça para olhar para ela e encontrou os seus olhos perspicazes.

- Sim - reconheceu, depois de uma pausa.

- E os ciúmes.

O pianista entoou uma balada romântica e alguém começou a cantar.

- Não há nada de mal num pouco de ciúmes - Francie mexeu os tornozelos de forma rítmica. - São bons para a saúde, mas Leah... - o seu rosto pequeno e alegre adquiriu uma expressão séria. - É como o veneno. Se não dançasse tão bem, desejaria que se fosse embora. Olha para ela - acrescentou, enquanto se levantava. - Faria tudo para conseguir o seu objectivo. Quer ser a melhor na companhia e tu estás no seu caminho.

Ruth levantou-se enquanto Francie se afastava. A sua amiga raramente falava mal de alguém. Talvez só estivesse a reagir por algo que Leah tivesse dito. Ela conseguia sentir os ciúmes de Leah. Sempre houvera ciúmes na companhia, como em qualquer família e Ruth sabia como Leah desejava o papel de Carlota no novo bailado de Nick.

Desde que entraram na companhia, ambas tinham rivalizado por um grande número de papéis.

Ambas tinham ganho e as duas tinham perdido. Cada uma tinha o seu estilo próprio, por isso faziam com que o papel que interpretavam fosse único. Ruth era uma bailarina ferosa e apaixonada, enquanto Leah era a personificação da elegância: clássica, refinada e fria. Tinha um talento que ela admirava, mas que nunca tentara imitar. Ruth dançava com o coração e Leah, com a cabeça.

Quanto à sua técnica, ambas estavam tão iguais como duas bailarinas podiam estar. Ruth actuara em Dom Quixote e Leah fizera Giselle. Ela foi o Pássaro de Fogo e Leah interpretou a princesa Aurora. Nick tirava o máximo partido de ambas e Ruth conseguira ser a sua Carlota.

Contudo, naquele momento, enquanto a observava a falar com Nick, Ruth perguntou-se se os ciúmes não seriam mais profundos do que pensara. Nunca foram amigas, embora tivessem sempre mantido um mútuo respeito profissional. No entanto, durante as últimas semanas, Ruth sentira uma

hostilidade crescente.

Encolheu os ombros e tirou a toalha que rodeava o seu pescoço. Não havia nenhuma forma de o evitar. Estavam todos ali para dançar.

- Ruth.

Deu um salto e virou-se ao ouvir a voz de Nick. Olhava para ela com os olhos frios e inexpressivos. Uma onda de ansiedade invadiu-a. Quando ele controlava o seu temperamento era quando podia chegar a ser mais cruel. Ela estivera mal e estava disposta a admiti-lo.

- Nick... - começou a dizer.

- Vai para casa.

Ela pestanejou de espanto.

- O quê?

- Vai para casa - repetiu ele, no mesmo tom gelado.

- Oh, não, Nick! Eu...

- Disse para ir para casa - as suas palavras foram tão afiadas como facas. - Não te quero aqui.

Ruth ficou petrificada, empalidecida devido ao que acabara de ouvir. Ele não podia tê-la magoado mais do que ao expulsá-la.

Sentiu uma onda de palavras e de lágrimas que se concentravam na garganta. Não quis dizer nada. Virou-se, agarrou na sua mala e caminhou para a porta.

- Segundas bailarinas, por favor - ouviu Nick dizer antes de sair.

Ruth dormiu durante três horas com Nijinsky aninhado junto dela. Baixara as persianas do quarto e tomara um duche frio. O quarto estava na penumbra e só se ouviam os roncos fracos do gato.

Quando acordou, deitou-se de barriga para cima, fazendo com que Nijinsky se afastasse. As palavras de Nick foram a última coisa em que pensou antes de adormecer e a primeira coisa que lhe passou pela cabeça ao acordar. Aquilo era o pior dos castigos e não conhecia ninguém que chegasse a ser tão cruel como Nikolai Davidov. Levantou-se de um salto e abriu as persianas, decidida a esquecer o que se passara naquela tarde.

- Não podemos perder-nos na escuridão o dia todo - disse a Nijinsky e acariciou-lhe o pêlo.

O gato aparentou incomodar-se, mas permitiu-lhe que o acariciasse e empurrou-a com a testa. Aquele gesto fê-la lembrar-se outra vez de Nick.

- Porque gostas tanto dele? - perguntou ao animal. - O que é que te atrai? - coçou-lhe o queixo enquanto perdia o olhar no vazio. - É a voz dele? Aquele sotaque tão irresistível e musical? É a forma como se mexe? Com aquela elegância tão perfeitamente controlada? É por causa do seu sorriso avassalador? Ou é por causa da forma como te toca com aquelas mãos tão seguras e experientes?

Recordou a noite anterior, quando Nick a tivera nua entre os seus braços e, pela primeira vez,

permitiu-se pensar no beijo.

Depois, vestira-se a toda a pressa e fora com Donald à festa. Desse modo, não tivera oportunidade de pensar. Desfalecida, voltara para casa e, poucas horas depois, estava novamente a ensaiar.

Mas naquele momento, podia concentrar as suas reflexões em Nikolai Davidov. E havia pelo menos uma conclusão óbvia: o desejo que vira nos seus olhos. Ruth deitou-se e apoiou a face na mão. Nick desejara-a.

Desejo... A palavra rondou-lhe pela cabeça. Será que fora mesmo desejo? Só de pensar nisso, já sentia o calor a fluir pelas suas veias.

Então, como se recebesse um jorro de água fria, recordou o olhar daquela tarde. Um olhar carente de desejo, carente de fúria e carente de tudo. Um olhar vazio.

Ruth encostou a cara no colchão. Era muito doloroso recordar a sua rejeição por muito que a merecesse. Mas o seu bom-senso disse-lhe que um mau ensaio não era o fim do mundo e que um beijo simples também não era o começo de nada.

O póster da parede da frente chamou a sua atenção. O seu tio oferecera-lho há dez anos e mostrava Nick e Lindsay nos seus papéis de Romeu e Julieta. Sem pensar duas vezes, Ruth levantou-se e marcou um número no telefone.

- Sim? - atendeu alguém num tom de voz quente.

- Olá, Lindsay!

- Ruth! - havia um tom de surpresa na exclamação. - Só esperava a tua chamada no fim-de-semana. Chegou o desenho de Justin?

- Sim - Ruth sorriu ao recordar o presente que o seu sobrinho de quatro anos lhe enviara. -É lindo!

- Claro que é lindo. É um auto-retrato Lindsay desatou a rir-se. Tinha uma gargalhada alegre e contagiante. - Receio que tenhas perdido Seth. Acabou de ir para a cidade.

- Não faz mal - replicou ela, olhando novamente para o póster. - Telefonei para falar contigo.

Houve um breve silêncio, mas suficientemente longo para que Ruth percebesse a intuição da sua amiga.

- Problemas com o ensaio de hoje?

- Como sabes? - perguntou Ruth, rindo-se.

- Nada entristece mais uma bailarina.

- Sinto-me como uma estúpida - agarrou numa madeixa de cabelo e atirou-a para trás.

- Não digas isso. Qualquer um pode ter um mau dia. Nick gritou? - falava com mais humor do que compaixão, o que era uma ajuda.

- Não - respondeu ela, baixando o olhar para o estampado florido da manta. - Mas oxalá o tivesse feito. Mandou-me para casa.

- E sentes-te como se alguém te tivesse dado uma surra.

- Como se me tivessem atropelado com um camião - corrigiu, com um sorriso. - Sabia que o entenderias. Mas o pior de tudo é que Nick tinha razão.

- É quase sempre assim - indicou Lindsay.

- É um dos seus traços menos atraentes.

- Lindsay... - Ruth hesitou por um momento, mas decidiu dizer-lhe de repente. - Quando estavas na companhia... alguma vez te sentiste atraída por Nick?

Lindsay ficou em silêncio. Daquela vez demorou mais tempo a responder do que da primeira.

- Sim, claro. É impossível não te sentires atraída por ele. É o tipo de homem que atrai todas as pessoas.

- Sim, mas... - hesitou outra vez, tentando formular as palavras adequadas. - O que quero dizer é que...

- Sei o que queres dizer - interrompeu-a Lindsay. - E a resposta é sim. Uma vez estive apaixonada por ele.

- Acho que estiveste mais perto dele do que qualquer outra pessoa.

- Talvez - concordou num tom pensativo, como se medisse o alcance das suas palavras e das de Ruth. - Nick é uma pessoa muito introvertida.

Ruth assentiu. Era verdade. Ele podia entregar-se a fundo nos ensaios e nas festas, tanto para o público como para a imprensa. No terreno pessoal podia ser encantador, mas mostrava-se surpreendentemente reservado no que dizia respeito à sua vida privada.

Sim, guardava com receio o que escondia no seu interior. Ao pensar nisso, Ruth sentiu-se, de repente, sozinha.

- Lindsay, por favor, tu e o tio Seth podiam vir à estreia? Sei que é muito complicado por causa das crianças, da escola, do trabalho... Mas... preciso de ti.

- É claro - respondeu Lindsay, sem hesitar.

- Lá estaremos.

Poucos minutos depois, despediram-se e Ruth ficou pensativa e em silêncio. Sentia-se melhor depois de falar com ela. Lindsay não era só sua amiga, como também era bailarina... e conhecia bem Nick.

Fora uma Julieta romântica para o Romeu. Essa fora uma obra que Ruth nunca chegara a dançar com Nick. O seu Romeu foi Kell Lowell, um bailarino moreno e engraçado. Com Nick actuara em Dom Quixote, em O Pássaro de Fogo e em Ariel, mas, para ela, o papel de Julieta pertenceria sempre a Lindsay. Ruth não parara de procurar um que fosse exclusivamente para ela e pensava tê-lo encontrado em Carlota da The Red Rose.

Era dela, pensou com firmeza. E seria melhor não se esquecer. Saltou da cama, tirou umas meias da gaveta e calçou-as a toda a pressa.

Quatro

Apesar de já passar das sete horas quando Ruth entrou no velho edifício de seis andares que albergava a academia de dança, ainda lá estavam alguns membros da companhia. Alguns cumprimentaram-na, mas ela retribuiu o cumprimento com a mão sem parar.

Entrou no elevador a pensar nos movimentos que ia exigir ao seu corpo. Desejava trabalhar.

Chegou-lhe o som da música antes de abrir a porta. A sala de ensaio parecia sempre muito maior quando estava vazia. Ruth ficou à porta e observou.

Os passos de Nikolai Davidov eram incomparáveis. Impulsionava-se com força para o ar e parecia ficar suspenso durante alguns segundos antes de descer. O seu corpo era tão fluído como uma cascata e, ao mesmo tempo, tão tenso como as cordas de um violino. E ele tinha-o sob o seu domínio absoluto. Controlava na perfeição a sua força, o seu ritmo e a sua resistência, tal como a expressão do seu rosto, tão fundamental na interpretação dramática de um bailado.

Ruth observava-o como se fosse a primeira vez que o via dançar. Davidov estava concentrado no espelho da parede, à procura de possíveis imperfeições. Era extremamente perfeccionista. O suor caía-lhe pela cara apesar da fita que tinha na testa. Todos os seus movimentos tinham uma mistura singular de virilidade e de poesia. Ela observou como apertava os músculos, preparando-se para saltar, e como dava voltas impossíveis no ar antes de cair com uma precisão impressionante.

"Oh, meu Deus", pensou. Naquele momento, esquecia tudo menos a mais pura admiração. "É maravilhoso".

Nick parou e praguejou. Olhou-se ao espelho com o sobrolho franzido, sumido no seu próprio mundo. Então, virou-se para seleccionar a mesma melodia no leitor de CDs e viu Ruth. Os seus olhos concentraram-se na mala que tinha ao ombro.

- Vejo que já descansaste - replicou, num tom de voz neutro, sem rancor.

- Sim - respondeu ela. Respirou fundo enquanto os dois continuavam com o olhar fixo um no outro. - Lamento não o ter ensaiado bem esta manhã - ele não disse nada, por isso Ruth sentou-se num banco e começou a trocar os sapatos.

- Portanto, vieste ensaiar agora? - perguntou-lhe, num tom jocoso.

- Não gozes comigo.

- É isso que faço? - Nick esboçou um sorriso enorme.

- Às vezes - murmurou ela, enquanto atava as fitas de cetim nos tornozelos.

Ele mexeu-se com suavidade, mas Ruth só soube que estava junto dela quando ele se baixou e lhe pôs as mãos nos joelhos.

- Ruth - o seu tom de voz era amável e olhava para ela. - Não gozo contigo.

- É muito difícil saber que tens sempre razão - queixou-se ela, com um suspiro. - Não pensava ir àquela festa estúpida até começares a deixar-me louca.

- Ah, então, a culpa foi minha - Nick sorriu e apertou-lhe o joelho.

- Prefiro que seja culpa tua - tirou a toalha da sua mala e limpou o suor da cara. - Trabalhas demasiado, Davidov.

Ele levantou as mãos e agarrou-a pelos pulsos.

- Preocupas-te comigo, milaya?

Olhou para ela intensamente com os seus olhos penetrantes. Eram tão azuis como o mar visto de longe ou como o céu no Verão.

- Nunca antes me tinha preocupado - confessou ela. Era uma meditação em voz alta Não seria estranho que começasse agora? Não acho que precisas de alguém que se preocupe contigo.

Ele continuou com o olhar fixo nos seus olhos e o seu rosto iluminou-se com um sorriso.

- Mas é um sentimento agradável, não é? Fez menção de se levantar, mas ela pôs-lhe uma mão no ombro.

- Nick - começou, com toda a coragem que pôde, - porque me beijaste ontem à noite?

Ele arqueou uma sobrancelha e Ruth sentiu que lhe ardia o sangue.

- Porque quis fazê-lo - respondeu, depois de uma pausa. - É uma boa razão - levantou-se e ela fez o mesmo.

- Mas antes nunca tinhas querido.

- Não? - esboçou um sorriso fugaz.

- Bom, nunca me tinhas beijado assim antes - virou-se e tirou a t-shirt que vestira sobre o maiô.

- Achas que devia fazer tudo o que quero? - perguntou ele, observando a curva esbelta das suas costas.

Ruth encolheu os ombros. Fora ali para dançar, não para discutir.

- Pensava que era isso que fazias - respondeu, enquanto se dirigia para a barra. Levantou a perna e olhou por cima do ombro. - Ou não?

- Tens intenção de me provocar, Ruth? perguntou ele, sem sorrir. - Ou será que o fazes sem perceber?

Ela percebeu a irritação no seu tom de voz, mas limitou-se a encolher os ombros.

- Nunca tentei - esclareceu, despreocupadamente. - Podia ser divertido.

- Tem cuidado - indicou ele, num tom de voz tranquilo. - A queda pode ser dolorosa.

Ela desatou a rir-se.

- O meu objectivo na vida não é precisamente evitar o risco, Nikolai. Se tivesses conhecido os meus pais, entenderias. Sou uma aventureira nata.

- Há muitos tipos de riscos - indicou ele, voltando a pôr a música. - Talvez não gostes de todos.

- Queres que tenha medo de ti?

- Devias ter - limitou-se a dizer, - se fosse isso que eu quisesse.

Os seus olhares encontraram-se no espelho e Ruth precisou de toda a sua concentração para levantar a perna esquerda.

"Sim", reconheceu em silêncio sem parar de olhar para ele. "Devia ter".

Nick podia provocar qualquer emoção numa pessoa. Isso, juntamente com a sua técnica brilhante, transformava-o num bailarino excepcional.

Mas ela não se deixaria intimidar. Flectiu as pernas e começou a descer com as costas muito direitas.

- Não me assusto com facilidade, Nick avisou. Os seus olhos brilhavam, desafiantes.

Ele parou a música e o silêncio encheu a sala, iluminada pelos últimos raios de sol.

- Anda cá - voltou a ligar o leitor de CDs e dirigiu-se para o meio da sala. Estendeu uma mão para Ruth e, sem dizer nada, ambos se puseram nas suas posições para ensaiar o grand pas de deux.

Nick não só era um bailarino incrível, como também era um professor exigente. Queria chegar à perfeição em cada movimento, em cada gesto. Várias vezes, parou o exercício para a corrigir.

- Não. O ângulo da cabeça não é o correcto. Assim - mexeu-lhe a cabeça com as mãos até ficar satisfeito. - As tuas mãos assim... - enquanto falava, punha-a na posição que queria.

Tinha as mãos de um profissional, pensou enquanto lhe ajustava os ombros e lhe inclinava a cintura. Parecia estar a moldá-la e ela gostava daquilo. Mas não havia forma de o agradecer por completo. A impaciência de Nick aumentou e, com ela, a frustração de Ruth.

- Tens de olhar para mim! - gritou, ao pará-la novamente.

- Estava a olhar para ti - replicou ela, com o sobrolho franzido.

Nick praguejou em russo e parou a música.

- Sem sentimento! Não sentes nada e isso não é bom.

- Não fazes mais nada senão parar! - começou a protestar ela.

- Porque não o fazes bem.

- Está bem - lançou-lhe um olhar fugaz e limpou o suor com o antebraço. - O que queres que sintas?

- Estás apaixonada por mim - Ruth levantou o olhar, mas Nick estava concentrado no leitor. - Desejas-me, mas o teu orgulho impede-te de te entregares. A tua alma quer que sejamos iguais. Entendes? Iguais ou nada - virou-se e olhou para ela. - Mas o desejo não desaparece. É a paixão, Ruth. É a paixão que te queima por dentro ao mesmo tempo que me rejeitas. Sente-a! Diz-me que és uma mulher, não uma menina. Demonstra-o! - aproximou-se dela e segurou-a pela cintura. - Outra vez!

Daquela vez, Ruth permitiu que a sua imaginação guiasse os movimentos. Era uma cigana apaixonada por um príncipe. Com um orgulho selvagem e uma paixão desesperada. O ritmo trepidante da música ajudou-a a encarnar a personagem. Era uma dança erótica com uma carga de sexualidade

implícita em cada passo e gesto. Havia um amplo jogo de toques e olhares. Ruth começou a sentir o desejo real e o seu sangue acendeu-se com a dança.

Cheia de ansiedade e de desejo, presa entre a realidade e a fantasia, executou o soubresauts, sentindo que era Carlota e que desejava o seu príncipe com toda a força da sua alma. Ele tocava nela e tentava agarrá-la e ela recuava, lutando contra o seu orgulho.!

A música cresceu em intensidade. Ambos se afastaram um do outro, negando a mútua atracção. Mas quando se afastaram, voltaram à ajuntar-se aos círculos, incapazes de resistir à força poderosa que os unia. Ficaram de costas e, então, com uma volta final, acabaram abraçados. A música cessou, deixando-os unidos cara a cara, coração contra coração.

O silêncio atingiu Ruth, que ficou atordoada entre ela própria e a sua personagem. Tanto Nick como ela respiravam rapidamente devido ao esforço e os corações batiam com força. Ruth estava em bicos de pés, por isso os seus olhos estavam ao mesmo nível do que os de Nick. Os seus olhares estudaram-se ao mesmo tempo e, então, os seus lábios encontraram-se. O tempo das perguntas passara.

Ruth sentiu a fúria e a impaciência que antes só pressentira. Nick parecia incapaz de a aproximar o suficiente dele, incapaz de provar tudo o que ansiava. Beijava-lhe grosseiramente a cara e o pescoço e ela conseguia cheirar a aspereza do seu suor, saborear a humidade salgada do seu rosto... Então, voltou a encontrar-se com os seus lábios e ambos se fundiram na necessidade mútua.

Murmurou algo, mas ela não entendeu. Até a língua que falava era um mistério. Os seus corpos entrelaçaram-se. Só o tecido dos maiôs é que os separava. Pressionaram-se e tocaram-se por todos os lados. Nick levou os seus lábios até à orelha dela e mordiscou-lhe o lóbulo. Sussurrou-lhe algo em russo, mas ela não precisava de compreender o significado.

Voltou a beijá-la na boca com paixão e desejo redobrados. Ruth entregou-se e aceitou-o com um desespero semelhante. Tremeu de prazer quando sentiu uma mão no peito.

Quando Nick se afastou, ela encostou a cara no seu ombro e apertou-se contra ele. Nada a preparara para aquela mudança tão brusca da força para a fraqueza.

- Ruth - replicou ele, num tom amável. Não queria que isto acontecesse.

Ela olhou para ele, incapaz de ler a sua expressão.

- Mas aconteceu - ela sorriu e levantou uma mão para lhe acariciar a face, mas ele segurou-a pelo pulso.

- Não devia ter acontecido.

O sorriso de Ruth desvaneceu-se.

- Porquê? - perguntou, com uma expressão de alerta.

- Temos um bailado em menos de três semanas - o tom de voz de Nick era como o de um empresário frio. - Não é um bom momento para procurarmos complicações.

- Oh, entendo! - virou-se para que ele não conseguisse ver a dor nos seus olhos. Sentou-se no banco e começou a tirar as sapatilhas. - Sou uma complicação.

- És - confirmou ele, enquanto se dirigia para o leitor de CD s. - E não tenho tempo nem desejo de satisfazer o teu romantismo.

- Satisfazer o meu romantismo? - repetiu ela, com incredulidade.

- Há mulheres que precisam de uma sedução romântica e novelesca - indicou ele, de costas para ela. - Tu és uma delas e agora não tenho tempo para isso.

- Estou a ver. Só tens tempo para relações fáceis - ripostou num tom cortante, apertando os ténis com os dedos trémulos. Com que facilidade conseguia fazê-la sentir-se como uma estúpida!

Nick virou-se para olhar para ela. -Sim.

- E há outras mulheres que podem dar-te isso:

- Sim - respondeu, encolhendo os ombros.

- Peço-te desculpas pelo que se passou. É muito fácil perder a cabeça quando se dança.

- Oh, vá lá - atirou as sapatilhas para dentro da mala. - Não tens de te desculpar. Não preciso que satisfaças o meu romantismo, Nick. Tal como tu, eu também tenho outros.

- Como o teu estilista?

- Exactamente. Mas não te preocupes. Não estragarei mais ensaios. Dar-te-ei o teu bailado, Nick - a voz dela tremia devido às lágrimas, mas não conseguia reprimi-las. - Juro-te que será o mais importante.

Vou transformar-me na bailarina mais famosa do país - as lágrimas começaram a cair pelas faces dela. - E quando acabar a temporada, não voltarei a dançar contigo. Nunca mais!

Saiu a correr pela porta, sem lhe dar tempo para responder.

Cinco

Ruth conseguia ouvir do seu camarim os murmúrios nos bastidores. Tinha a porta fechada por uma só razão: evitar Nick. Antes de uma actuação estava sempre a caminhar de um lado para o outro, entrando nos camarins, verificando os fatos e a maquilhagem e acalmando os nervos. Não lhe escapava nenhum pormenor e nenhum problema era indiferente. Envolvia-se sempre na procura de uma solução e sempre o faria.

Em todas as ocasiões anteriores, Ruth esperara com impaciência por aquelas visitas breves e estimulantes. A energia que Nick tinha era uma verdadeira inspiração para superar a ansiedade antes da actuação. Mas naquele dia, no entanto, Ruth queria mantê-lo mais longe possível dela. Durante os ensaios das últimas semanas, fora impossível manter uma separação física, mas pelo menos tentava afastar-se emocionalmente.

Ruth tinha a certeza de que, embora Nick não estivesse habituado a respeitar a intimidade de uma porta fechada, daquela vez entenderia a indirecta. Pensar nisso tranquilizou-a um pouco.

Talvez devido à sua confusão e aos seus desejos, Ruth aplicara-se mais na personagem de Carlota do que em qualquer outro papel da sua carreira. Estava decidida, não só a triunfar, mas a conseguir um sucesso sem precedentes. Era um desafio, um grito de independência. Naqueles dias, a personalidade sensual da cigana era como se fosse a sua própria.

Nas três semanas que se seguiram ao incidente com Nick, ambos tinham mantido uma relação estritamente profissional. Não fora fácil devido às personagens que interpretavam, mas não trocaram comentários pessoais nem se permitiram as brincadeiras típicas. O mais difícil para ela foi não tremer cada vez que sentia que Nick olhava para ela ou a desejava. Quando isso acontecia, forçava-se a recordar as últimas palavras íntimas que lhe dirigira e que bastavam para reforçar o seu orgulho. Por outro lado, Ruth desistira de tentar compreender o que se passava com Nick. Convenceu-se de que não precisava nem queria sabê-lo. A única coisa que devia fazer era dançar.

Vestida com um robe branco, sentou-se em frente do toucador e começou a coser as fitas de cetim às sapatilhas. A tarefa rotineira de uma bailarina ajudava-a a relaxar, tal como o calor das lâmpadas que emolduravam o espelho. Já estava completamente maquilhada e soltou o cabelo. Na primeira cena, o seu cabelo tinha de parecer tão vivo e tentador como a cigana. Pusera sombra nos olhos para marcar o seu tamanho e forma e pintara os lábios de vermelho ardente.

Na porta pendurara o fato colorido que vestiria no primeiro acto. O quarto estava impregnado com o cheiro das flores que tinham começado a chegar. Na mesa havia uma dúzia de rosas que Donald lhe enviara. Ruth sorriu ao pensar que estaria a vê-la e que depois estaria com ela na recepção. Guardaria aquelas rosas no seu camarim até secarem. Ajudá-la-iam a recordar que havia homens com tempo suficiente para satisfazerem o seu romantismo.

Praguejou ao magoar o dedo na agulha e levou a ferida à boca. Então, olhou-se ao espelho.

"Mereces isso por pensares nele", disse para si. Satisfazer o seu romantismo! Fizera-a parecer uma adolescente cheia de fantasias amorosas.

Uma pancada na porta afastou-a dos seus pensamentos. Deixou a sapatilha e levantou-se para abrir. Se fosse Nick, queria vê-lo de pé. Ergueu o queixo e virou a maçaneta.

- Tio Seth! Lindsay! - lançou-se para os braços do seu tio e, depois, para os da sua amiga. - Oh, como fico contente por vos ver!

Lindsay pensou que o cumprimento era um pouco desesperado, mas não disse nada e limitou-se a retribuir o abraço. Por cima da cabeça de Ruth, olhou para o seu marido. Ambos comunicavam na perfeição, mesmo que fosse em silêncio. Ruth voltou a abraçar o seu tio.

- Que bom aspecto! - exclamou, enquanto os fazia entrar no camarim.

Embora tivesse passado quase toda a sua adolescência com Seth, só quando se fora embora para viver por sua conta é que Ruth apreciara realmente os sacrifícios que o seu tio fizera "por ela.

Para além de ser um arquitecto reconhecido e de gostar de viajar por todo o mundo, fora um solteiro muito cobiçado. E tivera de reorganizar o seu estilo de vida ao receber a sua sobrinha adolescente em sua casa. Fizera dela a sua prioridade e Ruth adorava-o.

- Estás muito bonita, Lindsay - elogiou ela, com entusiasmo. - Nunca me cansarei de te dizer isso.

Lindsay tinha um corpo pequeno e bem formado. O cabelo claro e aquela pele de marfim tornavam os seus olhos azuis intensos ainda mais impressionantes. Era a pessoa mais agradável que Ruth conhecia, uma mulher capaz de albergar as mais diversas emoções e o amor mais sincero. Vestia um vestido cinzento que parecia formar redemoinhos desde os ombros até aos pés.

Lindsay desatou a rir-se e segurou nas mãos de Ruth.

- Obrigada pelo elogio. Oxalá Seth me dissesse isso com mais frequência.

- É verdade, só to digo diariamente - queixou-se ele, com um sorriso. - Este é o mesmo camarim que usaste em Ariel - comentou, olhando em seu redor. - Não mudou.

- Declarei-me aqui - replicou Lindsay. Lembras-te?

- Fizeste-o?

- Nunca segui a tradição - replicou ela, rindo-se, e baixou-se para apanhar uma das sapatilhas de Ruth. - E como tu não te atrevias a fazê-lo...

As sapatilhas de dança estavam cheias de lembranças. Que vida aquela, pensou Lindsay.

Que mundo... Uma vez fizera parte dele, tanto como Ruth naquele momento. Levantou o olhar e olhou para a sua sobrinha pelo espelho.

- Nervosa?

- Oh, sim! - exclamou ela, com uma careta. Todo o seu corpo parecia suspirar.

- É um bom bailado - replicou Lindsay, com sinceridade. Conhecia Nick demasiado bem para ter outra opinião.

- É maravilhoso, mas... - Ruth abanou a cabeça. - No segundo acto há uma cena em que não posso parar. Só tenho uns segundos para respirar fundo antes de começar novamente.

- Nick não compõe bailados simples.

- Não - Ruth agarrou na agulha e continuou a coser. - Como estão as crianças?

A mudança de assunto foi tão brusco, que Lindsay e Seth voltaram a trocar um olhar.

- Justin é um demónio - replicou ele, com orgulho paterno. - Está a enlouquecer Worth.

Ruth riu-se.

- E Worth consegue manter a sua dignidade profissional?

- Naturalmente - respondeu Lindsay, imitando o sotaque britânico do mordomo. - Não se deve pôr a rã na cozinha, nem sequer quando tem fome - ela deu uma gargalhada enquanto Ruth acabava de coser. - É claro, adora Amanda, embora tente disfarçá-lo.

- E ela é tão terrível como Justin! - exclamou Seth.

- Bela forma de descrever os nossos filhos - queixou-se Lindsay, virando-se para ele.

- Quem atirou uma embalagem inteira de comida de peixes para o aquário? - perguntou-lhes o seu marido.

- Amanda só tentava ajudar - respondeu ela, com um sorriso. - E quem os levou ao jardim zoológico e os encheu de cachorros quentes e de algodão doce?

- Eu só tentava ajudar - defendeu-se ele, com um olhar cheio de carinho.

Ao vê-los, Ruth sentiu uma onda de calor e uma pontada de inveja. Como seria ser amada daquela maneira? Um amor eterno e sincero...

- Queres que nos vamos embora e te deixemos em paz? - perguntou-lhe Lindsay.

- Não, por favor, fiquem mais um pouco. Ainda há tempo - Ruth atou as fitas com os dedos trémulos.

"Está muito nervosa", pensou Lindsay.

- Virão para a recepção, não é?

- É claro que o faremos - respondeu a sua amiga, massajando-lhe os ombros. - Veremos Donald?

- Donald? - por um segundo, Ruth não soube de quem falava. - Oh, sim, claro, Donald estará lá. Sentar-nos-emos na mesma mesa? sem esperar pela resposta continuou a falar. Tenho a certeza que vocês gostarão dele. É muito... agradável.

-Lindsay!

Nick estava parado à porta com uma expressão de satisfação no rosto. Tinha o olhar fixo em Lindsay, que correu para os seus braços.

- Oh, Nick, que alegria ver-te! Passa sempre demasiado tempo.

Ele beijou-a nas faces e nos lábios.

- E cada vez és mais bonita - sussurrou ele.

- Ptichka, pequeno pássaro - beijou-a novamente. - Este arquitecto com quem te casaste... - lançou

um olhar fugaz a Seth, - continua a fazer-te feliz?

- Sim e continuará a fazê-lo - Lindsay abraçou Nick com força. - Oh, senti tantas saudades. Porque não vens visitar-nos com mais frequência?

- E de onde tiraria o tempo? - manteve o braço ao redor da cintura de Lindsay enquanto apertava a mão a Seth. - O casamento fez-te bem. Fico contente por te ver.

O aperto de mãos foi quente. Seth sabia que partilhava as duas mulheres que amava com aquele russo. Uma parte de Lindsay pertencera a Nick antes de o conhecer e agora era a vez de Ruth.

- Vais oferecer-nos outro sucesso esta noite? - perguntou-lhe ele.

- É claro - respondeu Nick com um sorriso e encolhendo os ombros. - É o que faço.

Lindsay deu-lhe outro abraço.

- Nunca mudas - apoiou a cabeça no seu ombro. - Graças a Deus!

Ruth não disse nada. Observou que havia algo estranho e especial entre Lindsay e Nick. Algo que emanava deles com tanta força, que quase podia tocar-se. Ao vê-los juntos, recordou como estavam no palco. As suas actuações eram um exemplo de unidade, de precisão e de entendimento mútuo. Ruth deixou de ouvir o que estavam a dizer, perdida naquela demonstração de química invisível.

Quando Nick olhou para ela, ela esqueceu-se totalmente das suas divagações. Só foi consciente de que a dor voltara. Os olhos de Nick eram tão azuis e poderosos que era impossível evitar que lhe atravessassem a alma e teve de fazer um esforço enorme para sair do transe.

A mudança na sua expressão foi evidente para os outros e Lindsay e Seth entreolharam-se em silêncio.

- Nadine irá à recepção, não irá? - perguntou Lindsay, numa tentativa de aliviar a tensão.

- Hum? - Nick virou-se para ela. - Ah, sim, Nadine! - reajustou os seus pensamentos e suavizou o tom. - É claro. Quererá gozar da glória antes de se lançar para a sua nova campanha de angariação de fundos.

- Sempre foste muito duro com ela - Lindsay sorriu ao recordar a quantidade de vezes que Nick e Nadine Rotchild, a fundadora da companhia, tinham estado em desacordo.

- Suporta-o bem - replicou ele, encolhendo os ombros. - Irão à recepção?

- Sim - Lindsay olhou para Ruth. Não dirigira a palavra a Nick e ele também não falara com ela. Só se comunicavam com os olhos.

- Ver-vos-ei depois da actuação - disse ele e Ruth deixou sair o ar. - Tenho de ir trocar de roupa. Do svidanya - despediu-se em russo e foi-se embora rapidamente. Os outros puderam ouvir como alguém o chamava no corredor.

Seth aproximou-se de Ruth e deu-lhe um beijo na testa.

- Será melhor também ires mudar de roupa.

- Sim - respondeu ela, tentando acalmar-se.

- Apareço no primeiro acto.

- Vais estar incrível - declarou o seu tio e deu-lhe um aperto nos ombros.
- Quero estar - olhou para ele nos olhos e, depois, olhou para Lindsay. - Tenho de estar.
- Estarás - garantiu a sua amiga. - Nascestes para isto. Além disso, foste a minha melhor aluna.

Ruth sentou-se e esboçou o seu primeiro sorriso desde a irupção de Nick. Levantou a cabeça e recebeu o beijo rápido de Lindsay.

- Do svidanyal - despediu-se, sorrindo, e saiu do camarim de dado braço com Seth.

Ruth foi até à porta e fechou-a com lentidão. Por um instante, ficou de pé, observando o rosato de Carlota. Ela era Ruth Bannion e estava um pouco insegura acerca dos sentimentos e um pouco assustada com a noite que tinha pela frente.

Vestir o vestido era como encarnar a personagem. Carlota era vulnerável, pensou, tocando no tecido, mas também enérgica e audaz.

"Sim. É para mim", sorriu e começou a vestir-se.

Quando saiu do camarim, quinze minutos mais tarde, já conseguia ouvir a música da orquestra. A saia pendia de maneira descarada até às ancas, tinha um lenço vermelho à cintura e o cabelo caía solto pelas costas.

Correu entre os bailarinos que estavam a fazer exercícios de aquecimento para o primeiro acto e os que vagueavam preguiçosamente pelo corredor. Viu Francie, que estava sentada no chão e tentava moldar as suas sapatilhas com um martelo.

Ruth aproximou-se de uma caixa e usou-a como barra para o aquecimento. Já conseguia cheirar o suor e sentir o calor das luzes.

Os seus músculos responderam depressa e concentrou-se neles. Cada actuação era importante, mas aquela era incomparável. Ruth tinha de demonstrar algo... a Nick e a ela própria. E apesar dos seus sentimentos por ele, fossem quais fossem, tinha de usar o seu profissionalismo e interpretar o bailado na perfeição.

Passara um mau bocado quando ele olhara para ela no camarim. Algo dentro dela quisera derreter-se e quase sucumbira ao desejo. Mas o orgulho mantivera-a de pé, tal como fizera durante semanas.

Nick não a desejava do mesmo modo que ela o desejava a ele e o facto de muitas mulheres poderem dar-lhe o que precisava era muito doloroso.

Ruth franziu o sobrolho, flectiu e esticou as pernas.

Era o momento de alguém dar uma lição àquele russo tão arrogante. Muitas mulheres tinham caído aos seus pés, que era exactamente o que ele esperava, tal como esperava que as suas bailarinas fizessem as coisas à sua maneira.

Levantou a cabeça e encontrou mais uma vez os olhos de Nick.

Sáira do seu camarim, vestido com a túnica branca que usaria no primeiro acto. Ao ver Ruth, parou a observá-la, perguntando-se se a paixão que via no seu rosto era dela ou pertencia a Carlota. Em

qualquer caso, nunca vira Ruth mais atraente e sensual.

Quando ela olhou para ele, ambos sentiram a atração imediata e ao mesmo tempo a rejeição. Ela abanou a cabeça, sustentou-lhe o olhar durante alguns segundos e afastou-se, às voltas. Nick divertiu-se com aquela imitação inconsciente do papel que estava prestes a interpretar.

"Muito bem, pequena", pensou Nick, com um sorriso. "Já veremos quem acaba por ganhar esta noite". Aquele desafio ia ser divertido...

Seguiu-a até aos bastidores, rejeitando com a mão algumas pessoas que tentaram pará-lo. Quando a alcançou, fê-la virar-se e manteve-a contra ele, por completo alheios a todo o pessoal que estava a observá-los. Ruth ficou perplexa e não teve tempo para rejeitar o beijo que recebeu nos lábios.

Nick segurou-a pelos antebraços durante um momento sem parar de sorrir.

- Isto é para ires aquecendo - afirmou, num tom desenvolto antes de se afastar.

Ruth ficou vermelha de fúria, mas não podia fazer outra coisa senão ver como se ia embora e ouvir as gargalhadas que a prepotência de Nick provocara.

No final, recompôs-se e foi para o palco.

Esperou que levantassem o pano de fundo e que a orquestra começasse a tocar, ao mesmo tempo que um único foco a iluminava. Então, começou a dançar.

O solo de abertura foi breve, rápido e atraente. Quando acabou, o palco estava completamente iluminado e mostrava um acampamento cigano. O público rebentou em aplausos.

Ruth susteve a respiração enquanto os segundos bailarinos entravam em cena. Mal ouviu os elogios do ajudante de coreografia e conseguia ver Nick no lado oposto, preparado para fazer a sua entrada.

"Supera isto, Davidov", desafiou-o em silêncio. Ruth sabia que nunca dançara melhor na sua vida. Então, Nick sorriu, como se tivesse ouvido o seu desafio, e entrou em cena.

Era todo arrogância, todo orgulho... Um príncipe a entrar no acampamento cigano para comprar bagatelas. Com um simples gesto, atirava ao chão os objectos que lhe ofereciam e, com a sua presença e aquele talento insuperável, era capaz de encher o palco e dominá-lo ao seu desejo.

Ninguém podia negá-lo, nem sequer Ruth, cujo desejo de o superar se intensificou ainda mais.

Esperou que rejeitasse todas as oferendas e que se convencesse de que os ciganos não tinham nada que ele pudesse desejar. Então, voltou a entrar no palco. Altiva, orgulhosa, com a cabeça erguida e uma rosa na orelha.

A atração surgiu assim que se entreolharam. A tensão aumentou graças à mudança de luzes e ao crescendo da orquestra. Cariota, ao ver os presentes no chão, virou as costas ao príncipe e juntou-se ao grupo das suas irmãs.

O olhar rebelde de Ruth voltou a dirigir-se para Nick e não teve dificuldade em afastar a cabeça com um ar altivo quando lhe tocou no queixo com a mão. Algo no sorriso de Nick fez com que os seus olhos ardessem com mais dramatismo, enquanto ele se virava para o bailarino que interpretava o pai de

Carlota. O príncipe encontrara algo que desejava e oferecia o seu ouro em troca dela.

Ela desafiou-o com a sua fúria orgulhosa. Ninguém podia comprá-la nem possui-la, mas acedeu a oferecer-lhe uma dança pelo saco de ouro.

Enfurecido, o príncipe foi incapaz de resistir e atirou o saco para o monte de presentes. Então, começaram os seus primeiros pás de deux, palma contra palma, com o sangue aceso e os olhos cheios de cólera.

O alto nível manteve-se durante todo o bailado, tal como a competição pessoal entre eles, cada um exigindo uma constante superação do outro. Não falaram entre os actos, mas enquanto estavam a dançar, chegou a sussurrar-lhe ao ouvido, dizendo que as suas sapatilhas precisavam de brilho.

Levantou-a e manteve-a no ar. Ruth arqueou-se, com a cabeça inclinada, e ele fê-la descer lentamente. Olhou para ela com os olhos brilhantes enquanto ela executava uma pirueta.

Parecia que o palco estava em chamas, provocadas pela paixão da dança. Quando acabou o bailado, ambos ficaram abraçados, entreolhando-se intensamente.

- Odeio-te, Davidov! - conseguiu dizer ela.

- Odeia-te a ti própria - replicou ele, enquanto rebentavam os aplausos. - Enquanto dançares.

- Oh, claro que o farei - garantiu, inclinando-se à frente do público.

Ele riu-se. Baixou-se para apanhar uma rosa que alguém atirara para o palco e ofereceu-a a Ruth com uma reverência.

- As minhas sapatilhas estavam perfeitas declarou ela, enquanto Nick lhe beijava a mão.

- Discuti-lo-emos na aula de amanhã - fez uma reverência e apresentou-a ao público.

- Vai para o inferno, Davidov! - exclamou, sorrindo com doçura para a audiência.

- Quando acabar a temporada - respondeu ele, fazendo outra reverência.

Seis

Nick e Ruth tiveram de voltar ao palco onze vezes. Uma hora depois de baixarem o pano de fundo, o camarim da jovem esvaziou-se e ela pôde trocar de roupa.

Vestiu um vestido branco com mangas estreitas e gola alta e complementou-o com os brincos de ouro que Lindsay e Seth lhe tinham oferecido quando fizera vinte e um anos. A sensação de triunfo iluminava os seus olhos e corava as suas faces. Decidiu deixar o cabelo solto, como o usava quando interpretava Carlota.

- Muito bonito - elogiou Donald, quando se encontraram no corredor.

Ruth sorriu. Sabia que se referia ao vestido, que era uma criação dele e ao corpo que o usava.

- Gostas? - agarrou-se ao braço dele e olhou para ele nos olhos. - Encontrei-o numa loja de saldos.

Ele deu-lhe um beliscão no queixo e beijou-a.

- Sei que o disse antes, querida, mas estiveste magnífica.

- Oh, nunca me cansarei de o ouvir - desatou a rir-se e ambos se dirigiram para a porta do palco: - Apetece-me champanhe - declarou. - Esta noite beberia garrafas inteiras.

- Vamos ver o que conseguimos arranjar. Saíram para a rua, onde Donald estacionara o carro.

- Oh, Donald! Nunca tinha corrido tão bem - declarou, quando se sentaram. - Correu tudo na perfeição... e a música era incrível.

- Tu estiveste incrível - corrigiu ele, enquanto conduzia entre o trânsito de Manhattan. As pessoas desejavam saltar para o palco para irem ter contigo.

Ruth virou-se no banco, demasiado excitada para se recostar.

- Se pudesse congelar um momento no tempo, com todos os seus sentimentos e emoções, seria este bailado. Esta noite. A noite da estreia.

- Amanhã dançarás outra vez.

- Sim e será maravilhoso. Mas não será como este - Ruth desejou que ele a compreendesse. - Não poderá ser exactamente igual.

- É provável que te canses de interpretar a mesma coisa noite após noite durante algumas semanas.

Estacionou junto da calçada e Ruth abanou a cabeça. Porque é que se incomodava em fazê-lo entender?, perguntou-se enquanto o porteiro a ajudava a sair. Sendo um estilista profissional, Donald tinha os pés na terra, mas naquela noite, Ruth estava disposta a voar.

- É muito difícil explicar - replicou, enquanto os dois entravam no hall do hotel. Quando as luzes se acendem e a música começa a tocar... acontece algo muito especial. E é sempre especial. Sempre.

A sala do banquete estava cheia de luzes e de gente. Quando Ruth entrou, começaram a tirar-lhe fotografias e a aplaudir.

-Ruth!

Ninguém se aproximou dela, caminhou entre as pessoas com a segurança própria de uma mulher habituada a abrir caminho entre a multidão. Era pequena, vivaz e a graça dos seus movimentos revelava o treino como bailarina. O seu cabelo loiro emoldurava um rosto angélico de pele rosada que reflectia um espírito entusiasta e empreendedor.

Nadine Rotchild era a fundadora da companhia e dedicara a sua vida inteira ao mundo da dança.

- Estiveste perfeita - disse a Ruth. Era o maior elogio que podia oferecer e ficou a olhar para ela nos olhos durante uns segundos. Esta noite dançaste melhor do que nunca.

- Obrigada, Nadine.

- Sei que queres estar com Lindsay e Seth - agarrou-a pelo braço e conduziu-a através da sala abarrotada, deixando que Donald as seguisse por sua conta. - Sentamo-nos juntos.

Primeiro, Ruth viu Lindsay e conseguiu reparar na sua expressão de satisfação. Lindsay estendeu-lhe as mãos e ela estendeu as dela.

- Estou tão orgulhosa de ti... - disse-lhe, emocionada.

Seth pôs as mãos nos ombros da sua esposa e olhou para a sua sobrinha.

- Cada vez que te vejo dançar, penso que nunca conseguirás fazê-lo melhor. E fazes sempre.

Ruth riu-se e recebeu os seus beijos.

- Foi a melhor actuação que fiz na minha vida - virou-se para segurar no braço de Donald e apresentá-lo.

- Sou uma grande admiradora dos teus vestidos - declarou Lindsay, com um sorriso. Ficam muito bem a Ruth.

- É a minha cliente preferida e acho que tu podias ser a segunda - respondeu Donald. Tens uma cor de pele linda.

- Obrigada - Lindsay reconheceu o tom profissional do elogio e sentiu-se mais divertida do que lisonjeada. - Far-te-á bem um pouco de champanhe - disse a Ruth.

Antes de poderem chamar um empregado, ouviram mais aplausos e viraram-se para a entrada. Ruth soube que se tratava de Nick. Só ele podia provocar tanta confusão e emoção.

Chegara sozinho, o que a surpreendeu. Davidov estava sempre rodeado de mulheres. Sabia também que o seu olhar a encontraria em breve.

Nick afastou-se da multidão e, com a lentidão e a elegância própria da sua profissão, aproximou-se dela e estendeu-lhe uma rosa vermelha. Quando Ruth a aceitou, pegou na outra mão e levou-a aos lábios. Não disse nada, mas só parou de olhar para ela nos olhos quando finalmente se virou e se afastou.

Puro teatro, pensou ela, mas não conseguiu resistir a cheirar a rosa. Ninguém sabia como preparar

o terreno melhor que Davidov. Ruth olhou para Lindsay e reconheceu o seu olhar de compreensão e de preocupação. Teve de se esforçar para não abanar a cabeça e, em vez disso, esboçar um sorriso radiante.

- E o champanhe? - perguntou, no tom mais despreocupado que conseguiu.

Ruth brincou com os seus talheres. Estava demasiado excitada para comer e mal tocara na comida. Além disso, estava sentada junto de Nadine e era bem sabido por todos que Nadine julgava as bailarinas pelo seu peso.

- Tens de controlar estas sobremesas tão deliciosas, querida - avisou, olhando para a mousse de chocolate de Lindsay com o sobrolho franzido.

Lindsay deu uma gargalhada e deu-lhe um beijo na face.

- Tens uma perseverança maravilhosa, Nadine. A vida é muito menos previsível.

- Não podes dançar com essa mousse a pesar nas ancas - particularizou Nadine e bebeu um gole de champanhe.

- Sabes que uma vez me apanhou com uma embalagem de batatas? - perguntou Lindsay a Ruth. - Foi a experiência mais horrível da minha vida - ela sorriu para Nadine e lambeu o chocolate da colher. - Conseguiu fazer com que deixasse de gostar de batatas.

- As minhas bailarinas têm corpo de bailarinas - replicou Nadine, com firmeza. Ossos fortes e nada de gordura. Uma dieta equilibrada é tão importante como as aulas diárias...

- E as aulas diárias são tão importantes como respirar - continuou Lindsay, rindo-se novamente. - Será que já passaram mesmo oito anos desde que deixei a companhia?

- Deixaste um lugar que não foi fácil de preencher.

Aquele elogio inesperado surpreendeu Lindsay. Nadine era uma mulher pragmática e decidida que não apreciava o talento das suas bailarinas na sua justa medida. Esperava sempre o melhor e muito raramente considerava necessário um elogio.

- Oh! Obrigada, Nadine.

- Não foi um elogio, mas uma queixa - respondeu Nadine. - Deixaste-nos muito cedo. Ainda podias continuar a dançar.

- Parece que tens imensos jovens talentos - indicou Lindsay, com um sorriso. - A tua companhia de dança continua a ser a melhor.

Nadine reconheceu-o, assentindo com a cabeça.

- É claro - bebeu outro gole de champanhe e olhou para ela. - Podes imaginar quantas Julietas tive de ver na minha carreira, Lindsay?

- Essa é uma pergunta com duplo sentido?

- perguntou e olhou para Seth, sorridente. Se disser muitas, queixar-se-á de que estou a chamar-lhe velha e, se disser poucas, dirá que estou a insultá-la.

- Tenta "um número considerável" - sugeriu o seu marido, enchendo o copo da sua mulher de

champanhe.

- Boa ideia! - exclamou ela e virou-se para Nadine. - Um número considerável.

- É isso - Nadine pousou o copo e apoiou as suas mãos nas de Lindsay. O seu olhar tornou-se intenso de repente. - Foste a melhor. A melhor de todas. Chorei muito quando nos deixaste.

Lindsay abriu a boca, mas voltou a fechá-la sem dizer nada. Engoliu em seco e abanou a cabeça.

- Perdoem-me, por favor - sussurrou, enquanto se levantava para se afastar a toda a pressa.

Atravessou a sala de jantar a correr e saiu para uma varanda semicircular. Apoiou-se no corrimão e respirou fundo. A noite estava limpa e a silhueta de Manhattan recortava-se contra um céu cheio de estrelas. Lindsay observou a vista com o olhar perdido.

Depois de tantos anos e de tanta distância... Uma lágrima caiu-lhe pela face. Oh, meu Deus, precisara com tanto desespero de ouvir uma vez o que ela lhe dissera naquela noite...

Deu um salto ao sentir uma mão no ombro. Virou-se e encontrou-se nos braços de Nick. Por um instante, não disse nada, limitou-se a apoiar-se nele e a perder-se nas lembranças.

Há muito tempo atrás, fora a sua Julieta. Naquele mundo maravilhoso do qual fizera parte.

- Oh, Nick - sussurrou. - Somos tão frágeis e tão estúpidos.

- Estúpidos? - repetiu ele e beijou-a na testa. - Fala por ti própria, ptichka. Davidov nunca é estúpido.

Ela desatou a rir-se e levantou a cara para olhar para ele.

- Tinha-me esquecido - ele voltou a abraçá-la e ela pôs-se em bicos de pés para apertar a face contra a dele. - Sabes, Nick? Não importa onde estejas nem o tempo que passes fora. O que tens está sempre contigo. Não só no sangue, mas em cada centímetro do teu corpo - ela suspirou e apoiou-se outra vez no corrimão. - Sempre que volto, há uma parte de mim que espera retomar as aulas e trabalhar com a companhia. E essa parte está profundamente enraizada.

Nick apoiou uma anca no corrimão e observou o perfil de Lindsay. Uma brisa leve atirava-lhe o cabelo para trás e ele pensou, mais uma vez, que era a mulher mais bonita que conhecera na sua vida.

- Sentes a falta disto? - perguntou-lhe e ela virou-se para olhar para ele.

- Não se trata de nostalgia nem de saudade - franziu o sobrolho, tentando expressar os seus sentimentos com palavras. - É como armazenar uma parte de ti. Para ser sincera, quando estou em casa não penso muito na companhia. Estou sempre muito ocupada com as crianças e com os meus alunos. E Seth é... Lindsay fez uma pausa e esboçou um sorriso que lhe iluminou o rosto.

- Seth é tudo para mim - virou-se para olhar para a cidade. - Às vezes, quando venho para ver Ruth dançar, as lembranças são tão vivas que tudo o resto parece irreal.

- Entristece-te?

- Um pouco - confessou ela. - Mas, ao mesmo tempo, é um sentimento agradável. Quando olho para trás, não vejo nada na minha vida que quisesse mudar. Fui e sou muito sortuda. E Ruth... - voltou a sorrir com o olhar fixo em Nova Iorque. - Sinto-me orgulhosa dela. É tão boa... tem uma bondade

tão incrível, que quando olho para ela sinto que a minha parte acabou.

- Serás sempre uma parte insubstituível, Lindsay - Nick acariciou-lhe a ponta das suas madeixas. - Um talento como o teu não pode ser esquecido.

- Oh, não, não quero mais elogios por esta noite - desatou a rir-se e abanou a cabeça. Por culpa dos elogios é que estou assim - respirou fundo e olhou para ele. - Sei que fui uma boa bailarina, Nick. Trabalhei arduamente para o ser e guardo como um tesouro os anos que passei na companhia... e os bailados que interpretei contigo. A minha mãe ainda tem um álbum de recortes e, algum dia, os meus filhos gostarão de ver as fotografias.

- Sabes que sempre me custou pensar em ti com dois filhos?

- Porquê?

Ele sorriu e segurou na mão dela.

- Porque é muito fácil recordar a primeira vez que te vi. Quando entrei na companhia, tu ainda eras uma solista. Vi-te a ensaiar para A Bela Adormecida. Fazias de fada e estavas triste com os teus fouettés.

- Como consegues lembrar-te?

- Porque a primeira coisa em que pensei foi em como conseguiria ir para a cama contigo.

Não podia pedir-te, pois naquela época o meu inglês ainda não era suficientemente bom. Lindsay deu uma gargalhada.

- Aprendeste muito depressa. Mas, segundo me lembro, nunca me pediste para ir para a cama contigo. Nem em inglês nem em nenhum outro idioma.

- Tê-lo-ias feito? - perguntou, inclinando um pouco a cabeça. - Perguntei-me isso durante mais de dez anos.

Lindsay procurou a resposta no seu coração e tentou pensar no que a Lindsay Dunne de há dez anos teria feito. No final, sorriu e abanou a cabeça.

- Não sei. Talvez seja melhor assim. Nick rodeou-a com um braço e ela apoiou-se contra o seu ombro.

- Tens razão. Não sei se seria bom saber uma coisa ou outra.

Ficaram em silêncio durante um instante.

- Donald Keyser parece ser um bom homem - sussurrou ela e sentiu que o braço de Nick ficava rígido por um segundo.

-Sim.

- Ruth não está apaixonada por ele, mas ele também não está apaixonado por ela. Suponho que são uma boa companhia um para o outro - ele não disse nada e Lindsay olhou para ele. - Nick?

Ele baixou o olhar e conseguiu ler os pensamentos de Lindsay.

- Vês demasiadas coisas - murmurou.

- Conheço-te - indicou ela. - E conheço Ruth.

- Tens medo que a magoe - concluiu ele, olhando para a cidade, carrancudo.

- Pensei nisso, como também pensei que ela podia magoar-te. É difícil tomar partido quando gosto de ambos.

Nick encolheu os ombros e afastou-se alguns passos com as mãos nos bolsos.

- Dançamos juntos, é só isso.

- É quase tudo - replicou Lindsay. Ele olhou para ela, zangado, mas ela continuou: - Oh, não me importa que sejam amantes. Isso não me diz respeito. Mas, Nick... - fez uma pausa e suspirou, - é impossível olhar para vocês e não perceber.

- O que queres? - perguntou ele. - Queres que te prometa que não irei para a cama com ela?

- Não - com muita calma, Lindsay aproximou-se dele. - Não estou a pedir-te promessas nem a dar-te conselhos. Só espero dar-te apoio se precisares dele.

O aborrecimento desapareceu do rosto de Nick enquanto se virava.

- É uma criança - murmurou.

- É uma mulher - corrigiu ela. - Ruth deixou de ser uma criança há muito tempo. Já tinha amadurecido em muitos aspectos quando a conheci.

- Talvez seja melhor pensar nela como uma criança.

- Discutiram, não foi? Nick desatou a rir-se.

- Ptichka, não discuto sempre com as minhas parceiras?

- Sim - respondeu Lindsay e decidiu não insistir mais. - Tivemos grandes discussões, Davidov.

- As melhores - segurou na mão dela. Voltemos a entrar. Devíamos estar na festa.

- Disse-te que estiveste incrível esta noite ou como achei que o bailado foi fantástico?

- Só me disseste uma vez - esboçou o seu sorriso mais encantador. - E isso é muito pouco. O meu ego precisa de muito mais - o seu sorriso intensificou-se. - Como estive?

- Oh, Nick! - Lindsay rodeou-o com os seus braços, rindo-se. - Tão maravilhoso como só Davidov consegue ser.

- Isso é um elogio aceitável - decidiu ele. Lindsay deu-lhe um beijo na face.

- Fico contente por nunca mudares. Ambos se viraram quando se abriu a porta de vidro e Seth saiu para a varanda.

- Oh, apanharam-nos - gozou Nick, mantendo-se abraçado a Lindsay. - Agora o teu arquitecto vai partir-me pernas.

- Talvez não, se lhe pedires clemência brincou ela, sorrindo para o seu marido.

- Davidov a pedir clemência? - Nick fez uma careta e soltou-a. - Esta mulher ficou louca.

- Sim, acontece-lhe com frequência - replicou Seth. - Peço-te desculpas por isso - estendeu uma mão para a sua mulher e ela aceitou-a. - As pessoas estão a perguntar por ti, Nick.

Ele assentiu e olhou para a sala de jantar.

- Quanto tempo vão ficar?

- Só esta noite - respondeu Seth.

- Então, despeço-me de vocês agora apertou a mão a Seth. - Do svidanya, priyatel - replicou, em russo. "Adeus, amigo". - És um homem que merece ser invejado. Do svidanya, ptichka.

- Adeus, Nick! - despediu-se Lindsay e suspirou quando o viu entrar na sala de jantar.

- Sentes-te melhor? - perguntou-lhe Seth.

- Conheces-me tão bem... - sussurrou ela.

- Tanto como te amo - murmurou ele, enquanto a abraçava.

- Seth, foi uma noite encantadora.

- Não te arrependes?

Lindsay sabia que se referia à sua carreira e a todas as decisões que tivera de tomar.

- Não, não me arrependo - levantou a cabeça e os seus lábios encontraram-se.

O beijo foi longo e intenso, com um pingo de desejo sexual. Ela ouviu-o a gemer com um prazer suave e abraçou-o fortemente pelos ombros.

Era sempre como da primeira vez, pensou. Cada vez que ele a beijava, era como a primeira vez.

- Seth - sussurrou contra a sua boca quando mudaram de posição. - Estou muito cansada para passar a noite na festa.

-Hum... - aproximou os lábios do ouvido dela. - Foi um dia muito longo. Talvez devêssemos escapulir-nos para o quarto e descansar um pouco.

- Boa ideia - respondeu ela, com um risinho. - Podemos pedir uma garrafa de champanhe... para brindar ao bailado.

- Uma ou duas - redarguiu ele, com um sorriso. - Afinal de contas, o bailado foi excelente.

- Oh, sim! - olhou para as portas da varanda, que os separavam do resto dos convidados. - Não acho que devamos incomodar ninguém, não te parece?

- Incomodar quem? - perguntou Seth. Puxou-a pelo braço e atravessou a porta. - Há outra saída na lateral.

- Os arquitectos sabem sempre o mais importante - brincou ela, rindo-se.

Sete

No final da semana o *The Red Rose* já era um sucesso. A companhia encheu o teatro em cada actuação e, a julgar pelas críticas, Ruth sabia que aquela obra marcava um ponto de inflexão na sua carreira. Concedeu muitas entrevistas e concentrou-se em promover o bailado, a companhia e ela própria. Era muito fácil concentrar-se no trabalho e no sucesso. O que não era tão simples era reprimir os seus sentimentos quando dançava com Nick noite após noite.

Ela tentou convencer-se de que aqueles eram os sentimentos de Carlota e que se a afectavam era porque se sentia identificada com a personagem. Mas apaixonar-se por Davidov era impossível.

O bailarino incrível era dedicado de corpo e alma ao ballet, tal como ela, e só se interessava pelas relações passageiras. Era exigente, egoísta, muito pouco razoável e via-a como uma romântica ingénua e estúpida. Não eram precisamente as qualidades que Ruth procurava num amante e, vendo o exemplo dos seus próprios pais e de Lindsay e Seth, não estava disposta a conformar-se com menos.

Tinha de se lembrar disso depois de cada actuação, quando o seu coração estava acelerado e a necessidade de estar com ele a abrasava por dentro. E tinha de se lembrar disso todas as noites na cama, quando era incapaz de dormir.

Só se viam no palco, portanto, quando se encontravam cara a cara, a tentação era tão forte como a das personagens que interpretavam. E sempre que Ruth se perdia na identidade de Carlota, pensava nos defeitos de Nick. Ela tinha muitos objectivos para cumprir, tanto no terreno profissional como no pessoal e ele só seria um estorvo.

Considerava-se uma pessoa independente, capaz de se valer por si própria. Fora nisso que uma vida errante sem lar estabelecido e sem uma infância normal a transformara. Não tivera amizades duradouras na sua infância e obrigara-se a não se afeiçoar às casas que os seus pais arrendavam. O apartamento de Nova Iorque fora o primeiro lugar onde se permitira criar raízes e estabelecer um vínculo emocional. Era dela, pago com o seu dinheiro e mobilado como ela queria. Vivia lá há um ano e descobrira que não precisava de ninguém. Tinha uma grande confiança como mulher e bailarina e irritava-a que Nick fosse a única pessoa capaz de a fazer esquecer aquele respeito e segurança.

No palco podia desafiá-la ou intimidá-la com algumas palavras ou com uma simples expressão. E Ruth tinha consciência da confusão que provocava nela como mulher.

Durante anos, a sua única paixão fora a dança. Os homens com quem saíra não tinham passado de meros amigos. Nick fora o premier danseur, um mestre e o seu companheiro no palco. Era muito estranho que os seus sentimentos por ele se tivessem intensificado com tanta rapidez.

Talvez fosse mais fácil apaixonar-se por um desconhecido do que passar pela vergonha de se sentir atraída por um homem com quem trabalhava há anos. Não havia forma de se livrar do contacto diário.

Se só se tratasse de atracção física, teria conseguido lidar bem com a situação. Mas era muito difícil com tantos sentimentos envolvidos. O que sentia por Nick era muito forte e complexo. Admirava-o e respeitava-o sem reservas... pelo menos, no aspecto profissional. No terreno pessoal, Ruth sabia que Nick poderia enrolá-la e devorá-la se quisesse. Não queria ser a vítima. O amor significava dependência e a dependência implicava uma perda do controlo.

- Estás muito longe daqui?

Ruth deu um salto e virou-se. Francie estava à porta do seu camarim.

- Oh, a milhares de quilómetros - reconheceu. - Vamos, entra e senta-te.

- Parece que estiveste muito perdida nos teus pensamentos - observou a sua amiga.

- Hum... - Ruth começou a pentear o cabelo para trás. - A quarta-feira é o pior dia. Só de pensar que tenho de actuar duas vezes, faz com que sinta câibras nos pés.

- Voltar sete vezes ao palco, não é algo que possa desprezar-se - indicou Francie, sentando-se numa cadeira. - O pobre Nick está noutra entrevista. Acho que com um repórter da New Trenas.

Ruth deu uma gargalhada e prendeu o cabelo com uma fita.

- Estará encantador e o seu sotaque será cada vez mais incompreensível.

- Spasiba, "obrigado" - replicou Francie.

- É uma das poucas palavras em russo que entendo.

- Onde as aprendeste?

- Oh, há alguns anos tive algumas lições de russo. Foi quando pensei que podia seduzir Nick - ela sorriu e tirou um pacote de pastilhas elásticas do bolso. - Não serve de nada. Só se ria e dava-me palmadinhas na cabeça. Encheu-me o cérebro de música de violinos e de paixão selvagem - encolheu os ombros e suspirou. - Ele está sempre ocupado... Tu entendes.

- Sim - respondeu Ruth, olhando para ela com interesse. - Nunca soube que estavas... interessada em Nick.

- Querida, que mulher maior de doze anos podia não estar? E todos conhecem bem o meu historial - ela riu-se e esticou os braços para cima. - Eu gosto de homens, não posso negá-lo. Acabei agora a minha relação com o dermatologista.

- Oh, lamento muito!

- Não lamentos. Divertimo-nos muito. Agora estou a pensar em começar outra com aquele actor que conheci na semana passada. Faz de Price Reynolds na New Breed - Ruth olhou para ela sem compreender. - Tu sabes... a telenovela.

- Ah, sim - confirmou, com um sorriso.

- É alto, de costas largas e tem uns olhos pretos como o azeviche. Talvez seja o definitivo.

- Como sabes? O que te faz pensar isso?

- O suor das minhas mãos - desatou a rir-se ao ver a cara de Ruth. - É verdade, falo a sério. Funciona sempre, ainda que não servisse para ti.

Francie parou de sorrir e inclinou-se para a frente com uma expressão séria.

- Para ti não bastaria pensar que um homem pode ser o definitivo. Terias de saber. Este ano, apaixonei-me duas vezes. No ano passado, foram" quatro ou cinco. Quantas vezes estiveste apaixonada?

- Eu... - percebeu que nunca estivera.

- Não tem de ser um drama - replicou ela, levantando-se da cadeira com um movimento tão exuberante como os que mostrava no palco. - Nunca estiveste apaixonada porque para ti só tem um significado. Saberás quando acontecer - pôs uma mão no ombro de Ruth.

- Assim será. Não és insegura como eu. Sabes o que queres e o que precisas e não estás disposta a conformar-te com menos.

- Insegura? - Ruth sorriu para a sua amiga.

- Nunca teria imaginado que tu fosses insegura.

- Preciso de alguém que me diga que sou bonita, inteligente, encantadora... Tu não precisas disso - ela suspirou. - Quando estávamos na outra companhia, tu sabias que não ias ficar lá. Nunca duvidaste de nada - esboçou outro sorriso. - Se encontrares um homem que signifique tanto para ti como a dança, terás tudo.

- Mas esse homem teria de sentir o mesmo que eu.

- Isso faz parte do risco. É como apertar os músculos quando danças. Dói imenso, mas não podes parar de dançar.

- És única para as comparações.

- Só consigo filosofar com o estômago vazio - respondeu Francie. - Apetece-te almoçar?

- Não posso. Combinei almoçar com Donald - Ruth pegou no relógio que estava no toucador. - E já estou atrasada.

- Diverte-te - a sua amiga dirigiu-se para a porta. - George virá buscar-me esta noite depois da actuação. Podes aproveitar para lhe dar uma olhadela.

- George?

- George Middemeyer - Francie sorriu por cima do ombro. - O doutor Price Reynolds é um neurocirurgião com um casamento fracassado e uma amante que pode estar grávida. Amanhã emitem outro episódio.

Dizendo aquilo, foi-se embora. Ruth desatou a rir-se e agarrou na mala.

O local onde combinara encontrar-se com Donald ficava a dois quarteirões de distância.

Ela foi a correr pela rua, consciente de que estava dez minutos atrasada e de que o estilista costumava ser muito pontual.

O cheiro a carne de vaca e a enchidos recebeu-a assim que abriu a porta. O local estava quase vazio, pois a hora do almoço já passara. Só havia dois velhos que jogavam às damas numa mesa afastada.

Ruth viu Donald a fumar numa cadeira. Aproximou-se dele com um ar decidido.

- Lamento muito, Donald. Sei que estou atrasada - deu-lhe um beijo rápido antes de se sentar. - Já pediste?

- Não - respondeu ele, apagando o cigarro.

- Estava à tua espera.

Ela arqueou uma sobrancelha. Havia algo mais por trás daquelas palavras. Mas, conhecendo Donald, era melhor esperar que lho dissesse quando achasse oportuno.

- O que vão comer? - perguntou-lhes o empregado, um homem gordinho com um avental.

- Salada de fruta e chá, por favor - pediu Ruth, com um sorriso.

- Peixe e café... - pediu Donald, sem olhar para ele. O homem suspirou antes de se afastar. Ruth sorriu ao vê-lo afastar-se.

- Alguma vez vieste a este lugar à hora de almoço? - perguntou a Donald. - É uma casa de loucos. O homem tem um jovem ajudante para a hora de ponta, mas ambos se mexem ao mesmo passo.

- Quase nunca almoço em sítios como este - respondeu ele.

Ruth voltou a detectar sentimentos escondidos, mas não disse nada.

- Não tenho tempo para mais nada, Donald. Embora suponha que tu também não tens, com o desfile de moda e a recepção desta noite pendurou a mala nas costas da cadeira e apoiou os cotovelos na mesa. - Está tudo bem?

- Parece que sim. Um ou outro problema de última hora, como é natural. Desacordos entre as costureiras... - encolheu os ombros. O de sempre.

- Mas este desfile é muito importante, não é?

- Sim, muito importante - olhou para ela directamente nos olhos. - Por isso quero que estejas lá comigo.

Ruth sustentou-lhe o olhar, mas guardou o silêncio enquanto lhes serviam a comida. Agarrou no garfo, mas não tocou na salada.

- Sabes que não posso, Donald. Já falámos disso.

Ele verteu uma quantidade generosa de açúcar no café.

- Sei que tens uma suplente. Não significaria muito perder uma só actuação.

- As suplentes são para problemas graves.

Não posso tirar uma noite livre só porque quero ter um encontro.

- Isto não é como ir ao cinema e comer piza - replicou ele.

- Eu sei, Donald - Ruth bebeu um gole de chá. - Sabes que iria se pudesse.

- Eu não te defraudei na noite da estreia.

- Isso não é justo - pousou a chávena na mesa. Pelo olhar frio de Donald, soube que já tomara uma decisão. - Se tivesses tido outros compromissos mais importantes, não os terias esquecido, nem eu teria esperado que o fizesses.

- Nunca estás disposta a sacrificar-te por mim nem pelo meu trabalho.

Ruth pensou nas festas e nas cerimónias a que ela fora por sua insistência.

- Dou-te o que posso dar-te, Donald. Sabes quais são as minhas prioridades. Sabes desde que começámos a sair.

Ele parou de mexer o café e pousou a colher junto da chávena.

- Não é suficiente - declarou, num tom de voz tão frio, que ela sentiu um nó no estômago. - Quero que estejas comigo esta noite.

- É um ultimato? - perguntou ela, arqueando uma sobrancelha.

- Sim.

- Lamento muito, Donald - desculpou-se num tom de voz baixo, mas sem sentimento de culpa. - Não posso.

- Não queres - corrigiu ele.

- Não importa de que maneira o digas.

- Nesse caso, irei com Germaine.

Ruth olhou para ele. A sua escolha demonstrava uma certa astúcia. Ir com uma adversária, seria muito mais útil do que ir acompanhado por uma bailarina.

- Ultimamente, andei a sair com ela - explicou ele. - Como tu estavas tão ocupada...

- Entendo - a resposta dela foi evasiva, mas as palavras de Donald tinham-na magoado.

- Estás completamente perdida no teu trabalho. Parece que na tua vida não há lugar para outra coisa senão o ballet e recusas-te a incluir-me nela. A mim ou a qualquer outro homem. És muito egoísta, Ruth. Há sempre uma das tuas aulas, ensaios e actuações. A dança é tudo o que tens. É tudo o que queres.

Ruth sentiu-se tão atordoada, que se virou para agarrar na sua mala, mas ele segurou-a pelo braço.

- Não acabei - declarou e manteve-a com firmeza na cadeira. - Passas horas em frente ao espelho e o que vês? Um corpo à espera que um coreógrafo lhe diga o que tem de fazer. Quantas vezes te mexeste por tua conta, Ruth? Quantas vezes fazes algo que não seja programado por outra pessoa? O que farás quando não puderes continuar a dançar?

- Por favor - mordeu o lábio com força para não chorar, sem sucesso. - Já chega!

De repente, ele pareceu perceber o que estava a fazer. Respirou fundo e soltou-lhe o braço.

- Bolas, Ruth! Lamento muito. Eu...

- Não - frenética, abanou a cabeça e chegou a cadeira para trás. - Não digas mais nada

- levantou-se e saiu a correr pela porta.

O quente ar do Verão atingiu-a como uma rajada. Ficou um instante a olhar confusa para ambos os lados da rua, antes de se dirigir para a academia.

Passou como uma exalação entre a maré de desconhecidos. As acusações de Donald tinham-na afectado muito.

Era apenas um autómato? Um corpo vazio à espera das ordens de coreógrafos e compositores? Era assim que o mundo exterior a via... como a bailarina de uma caixa de música que dava voltas sem parar até cessar a melodia?

Perguntou-se quanta verdade haveria nas palavras furiosas de Donald. Irrompeu no edifício da academia e foi até ao seu camarim.

Uma vez lá dentro, fechou a porta e apoiou-se contra ela. Estava a tremer dos pés à cabeça. Era como se os comentários de Donald a tivessem desumanizado. Aproximou-se do espelho com lentidão e acendeu as luzes. Com olhos escrutinadores observou o seu rosto.

Será que a paixão pela dança podia tê-la convertido numa pessoa egoísta e concentrada numa única obsessão? Será que seria incapaz de albergar os sentimentos necessários para estabelecer um compromisso com um homem?

Ruth pressionou as mãos contra as faces. A pele era lisa e suave e a essência das suas mãos era feminina. Mas... o que era ela? Conseguia ver o medo nos seus olhos. Onde acabava a bailarina e começava a mulher? Abanou a cabeça e afastou-se do seu reflexo.

Demasiados espelhos, pensou. Havia demasiados espelhos na sua vida e já não tinha a certeza do que reflectiam. O que seria passados dez anos, quando chegasse o crepúsculo da sua carreira? Será que as lembranças e os recortes seriam a única coisa que teria?

Fechou os olhos e esforçou-se para recuperar a calma. Faltava três horas até levantarem o pano de fundo. Não havia tempo para lamentações. Procuraria respostas depois do bailado.

Decidiu que o melhor era comer alguma coisa, já que não tocara na comida do restaurante, e desceu à cantina para ir buscar um chá e uma maçã. A familiaridade do lugar ajudou-a a animar-se. Por todos os lados ouviam-se queixas sobre músculos doridos, combinações impossíveis, os aborrecimentos de Nadine e a canalização do quarto andar. Quando ela voltou para o seu camarim, já recuperara a compostura por completo.

- Ruth!

Olhou por cima do ombro e virou a maçaneta.

- Olá, Leah! - tentou mostrar um pouco de entusiasmo ao ver a elegante bailarina loira.

- As críticas foram óptimas - declarou ela, entrando no quarto. Ruth sabia demasiado bem que aquela loira adorava provocar problemas, mas ela já tivera a sua dose completa para o dia.

- Rosas para toda a companhia - replicou, sentando-se em frente do toucador, enquanto Leah se acomodava numa cadeira. - Mas não acho que vás encontrar aí alguma crítica baixou o olhar até ao jornal sensacionalista que Leah trazia na mão.

- Nunca se sabe que nome pode aparecer nestas páginas - ela sorriu para Ruth e começou a passar o dedo pelas folhas. - Por exemplo, aquele teu amigo. Vamos ver... Onde estava? Ah, aqui está... Donald Keyser - leu, - o famoso estilista, foi visto recentemente em companhia da sua adversária mais dura, Germaine Jones. Pelos vistos, o seu interesse pela dança acabou - Leah levantou o olhar e

esboçou um pequeno sorriso de consolação. - Os homens são uns porcos, não são?

- São - concordou Ruth, lutando para manter a calma.

- E também é humilhante que se livrem de alguém por meio da imprensa.

Ruth sentiu que o calor subia para as suas faces.

- Também se livrou de mim em pessoa afirmou, com toda a serenidade que pôde. Portanto, pouco importa.

- Era muito bonito - comentou Leah, dobrando o jornal. - Claro que chegará mais alguém.

- Não te falei do texano? - perguntou-lhe Ruth.

Surpreendeu-se ao dizer aquilo, mas a expressão de curiosidade de Leah era motivo suficiente para fingir um pouco.

- O texano? Que texano?

- Oh, mantivemo-lo em segredo - explicou ela. - Não quer que o seu nome apareça na imprensa até resolver a questão do seu divórcio. Há muito dinheiro em jogo, sabes? E não parece que a sua segunda esposa esteja a ajudar muito - conseguiu esboçar um sorriso. Não imaginas o acordo... Ofereceu-lhe a propriedade no sul da Itália, mas ela quer a sua colecção de arte. É dos impressionistas franceses.

- Entendo - replicou Leah, semicerrando os olhos. - Oh... não eras a mais caladinha?

- Como uma esfinge.

- Terás de ter cuidado para Nick não descobrir - avisou ela e passou a ponta da língua pelo lábio superior. - Sabes como odeia esse tipo de publicidade. Especialmente agora que está a acabar de preparar aquele programa especial para a televisão.

- Especial? - repetiu Ruth.

- Não descobriste?

Leah pareceu novamente satisfeita.

- A companhia terá o papel principal e os bailarinos serão o centro das atenções. Eu interpretarei Aurora, como é natural, certamente a cena do casamento. Acho que Nick tenciona interpretar um pás de deux do Lê Corsaire e, é claro, um do The Red Rose, embora ainda não tenha escolhido o seu par.

Fez uma pausa e sorriu.

- Estaremos duas horas no ar, Nick está muito entusiasmado e quer enchê-las com o melhor do melhor... É estranho que não te tenha dito nada, mas talvez pense que depois destas semanas tão cansativas não estejas no teu melhor momento - levantou-se para sair.

- Não te preocupes, querida. Torná-lo-á público dentro de alguns dias e de certeza que te põe em alguma parte - deixou o jornal sobre a cadeira. - Dança bem! - exclamou e saiu pela porta, fechando-a com cuidado atrás de si.

Oito

Ruth ficou sentada com o olhar fixo na porta. Como é que Leah podia estar ao corrente de um projecto tão importante e como é que a tinham deixado de parte?

A menos que Nick a tivesse excluído intencionalmente...

Sabia os problemas pessoais que havia entre os dois, mas no plano profissional... Profissionalmente, dissera-lhe que depois daquela temporada não voltaria a dançar com ele.

Ruth recordou as suas próprias palavras e recordou que as dissera com sinceridade, pelo menos no seu momento. Mas será que isso significava que já não teria parceiro? Como é que Nick podia ser tão vingativo?

Ruth sabia que era uma boa bailarina. Será que ele estava a afastá-la por razões pessoais? Afinal de contas, ela ameaçara-o. Fechou os olhos e tentou conter o nó que sentia no estômago.

Mal falara com ela desde aquela noite. Será que aquele era o seu modo de a castigar por o ter rejeitado como parceiro? Deixaria que mais alguém interpretasse Carlota? Ruth não conseguia pensar naquela possibilidade, mas repetiu-se várias vezes que era uma idiota por se sentir tão ligada a um papel. Muitas outras mulheres fariam de Carlota, ela só fora a primeira. Mas Ruth sentia que contribuía para formar a personagem. Nick criara-a, mas ela dera-lhe o seu espírito.

Abriu os olhos e reparou no exemplar do Keyhole que estava sobre a cadeira. Leah fazia muito bem o seu trabalho, reconheceu Ruth. A sua intenção fora preocupá-la antes de actuar e conseguira. E com isso reforçaram-se as dúvidas e as inseguranças que Donald lhe infligira. Pressentia que Nick tencionava livrar-se dela assim que acabasse o seu compromisso com o The Red Rose.

Ruth tapou a cara com as mãos e tentou limpar a sua mente. Tinha uma actuação e nada podia intrometer-se entre o palco e ela. Era uma bailarina e ninguém podia tirar-lhe isso.

Menos de uma hora depois, Ruth saiu do seu camarim para começar o aquecimento. Ainda continuava a tremer e tentou concentrar-se no papel e na força que a personagem de Carlota tinha. Nas outras noites, deixara Ruth Bannion no camarim, mas daquela vez o espírito indomável da cigana resistia a deixar-se apanhar.

Relaxou os seus músculos de modo automático, mas não conseguia parar de ouvir as palavras de Donald e Leah.

Os músicos da orquestra começaram a afinar os seus instrumentos e Ruth voltou para o presente. Tudo lhe parecia um erro: o fato, as luzes, os violinos... sentia-se fria e desorientada e esqueceu-se dos primeiros passos do bailado.

Nick saiu do camarim e procurou-a com o olhar. Era um gesto habitual que o irritava muito, porque era como um sinal de fraqueza.

Ruth Bannion começava a ser a sua fraqueza. Era tão fria como um Outono nos bastidores e tão

ardente como um Verão no palco. Aquelas mudanças estavam a causar estragos aos seus nervos.

Era muito difícil sufocar um desejo que não se desvanecia nem quando ela se mostrava indiferente. Nenhuma mulher o provocara tanto na sua vida.

Ele conseguiu ver a tensão nas costas de Ruth. Embora não conseguisse ver-lhe a cara, o seu corpo falava aos gritos.

- Ruth.

Ela ficou com os ombros tensos ao ouvir a sua voz.

Com atenção, lutando para manter a compostura, virou-se. Algo brilhou por um segundo no rosto de Nick.

- O que se passa?

- Nada - Nick esperou que o seu tom de voz parecesse despreocupado.

Ela nem sequer pestanejou quando ele lhe segurou no queixo com a mão e lhe examinou o rosto. Conseguiu apreciar sob a maquilhagem que tinha a pele pálida e os olhos escuros e tristes.

- Estás doente? - se Ruth tivesse percebido uma preocupação sincera na pergunta, ter-se-ia derrubado.

-Não.

- Então, é melhor animares-te - avisou ele, afastando a mão. - Tens de entrar em cena. Se tiveste uma discussão com o teu namorado, terás de esperar para chorar.

- Dançarei, não te preocupes. Seja quem for a suplente que tens em mente, ninguém o fará melhor do que eu.

Nick olhou para ela com o sobrolho franzido enquanto a puxava pelo braço.

- De que estás a falar?

- Não - ela soltou-se da sua mão. - Já me humilharam bastante esta noite. Não preciso de mais.

Não conseguiu continuar e amaldiçoou-se. Depois, foi para os bastidores para esperar pela sua vez. Lá, tentou respirar fundo e deixar a mente em branco.

O seu solo de abertura não lhe correu bem, mas consolou-se dizendo para si que o olhar sagaz dos críticos a teria avisado das falhas. Quanto à técnica, os seus movimentos foram impecáveis, mas Ruth sabia que um bailado exigia algo mais do que o corpo. A sua alma e o coração não a tinham acompanhado.

Fez a sua segunda entrada e, poucos segundos depois, estava a dançar com Nick.

- Dá-lhe um pouco de vida - exigiu ele, enquanto Ruth realizava uma pirueta dupla. Estás a dançar como um robô.

- Não é isso que queres? - sussurrou ela. Fez um arabesque e esteve entre os seus braços.

- Enfurece-te - ele levantou-a no ar. Odeia-me, mas pensa em mim. Só em mim.

Foi difícil pensar noutra pessoa durante o resto do bailado. No final do último acto, os nervos de Ruth estavam prestes a explodir e um amontoado de emoções contraditórias revolvia-se no seu interior.

Nunca desejara com tanta força o final de uma actuação. A cabeça dava-lhe voltas, mas lutou com valentia até baixarem o pano de fundo. Então, apertou-se contra Nick.

- Disseste que não estavas doente - replicou ele, segurando-a pelos ombros. Ela abanou a cabeça. - Queres voltar ao palco?

- Sim, sim, é claro - tentou soltar-se do seu abraço, mas ele reteve-a com força até Ruth olhar para ele. Então, soltou-a e segurou na sua mão.

Através do pano de fundo ouviam-se os aplausos. Com um gesto de Nick, a cortina subiu e Ruth fez uma careta ao receber os aplausos da sala.

Com muito esforço, conseguiu fazer as reverências, agarrando-se à ideia de que aquele dia tão longo estava prestes a concluir.

- Já chega! - exclamou ele, quando voltaram para trás do pano de fundo. Depois, levou-a para a esquerda do palco.

- Nick... - ela ficou confusa porque o seu camarim era na outra direcção.

- A menina Bannion está doente - disse ao director de cena. - Vai para casa. Não pode ver ninguém.

- Nick, não! - protestou Ruth. - Tenho de trocar de roupa.

- Mais tarde - pô-la no elevador e carregou no botão. - Vamos para o meu escritório. Falaremos lá.

- Não posso... - começou a dizer ela, em pânico.

- Podes, sim. Agora tenta acalmar-te. Estás a tremer.

Ela desistiu de resistir e, quando as portas se abriram, deixou que a levasse pelo corredor. O andar estava deserto e às escuras, mas ele encontrou com facilidade a porta do seu escritório. Fê-la entrar e acendeu as luzes.

- Senta-te! - ordenou. Depois de trancar a porta, aproximou-se de um pequeno armário.

Ruth estivera muito poucas vezes naquele escritório. Era feito à medida de Nikolai Davidov. Era o seu centro de poder, onde lidava com os ricos e conseguia deles a fortuna necessária para manter a companhia. Ruth conseguia imaginá-lo sentado atrás da enorme secretária de carvalho, irradiando o seu carisma encantador com os seus patrocinadores. Não em vão, Nadine dissera que Nick era muito valioso para a companhia, tanto no palco como fora dele.

Encanto. Carisma. Um sorriso generoso que fazia com que fosse impossível negar-lhe o que quer que fosse... Sim, tinha talento e também estilo.

Ruth passou o olhar pelo mobiliário antigo e elegante. Quantos milhares de dólares se investiram ali em acessórios, trajes e luzes? Quanto teria custado o fato de cigana que tinha vestido naquele momento?

- Disse-te para te sentares!

A ordem cortante de Nick afastou-a dos seus pensamentos. Virou-se, mas, antes de conseguir falar, ele pôs-lhe a mão no ombro e obrigou-a a sentar-se no sofá. Seguidamente, pôs-lhe um copo de

brandy na mão.

- Bebe! - ordenou e serviu outro copo para ele. Depois, sentou-se ao seu lado e, arqueando a sobancelha, repetiu-lhe a ordem. Ela obedeceu e bebeu um gole.

Ficou a observá-la em silêncio.

- Bom - disse ele, levantando o copo. Conta-me.

- Não há nada para contar.

- Ruth - Nick observou o brandy, como se estivesse a calibrar a sua colheita, - sabes? Há momentos em que consigo ser muito paciente - olhou para ela nos olhos. - Este não é um desses momentos.

- Fico contente por o deixares claro - acabou o seu copo e pousou-o sobre a mesa. Obrigada pela bebida - começou a levantar-se, mas ele agarrou-a pela cintura.

- Não tentes a tua sorte - avisou ele e manteve-a presa enquanto acabava a sua bebida. Quero respostas. Agora!

- Posso saber antes qual é a pergunta, por favor? - tentou falar com despreocupação, mas o seu coração acelerado traiu-a.

- O que se passou esta noite?

- Estava um pouco desconcentrada - fez um gesto impaciente com os ombros.

- Porquê?

- Por coisas minhas - quis soltar-se, mas ele segurava-a com força. - Não posso ter um pouco de privacidade?

- Não, se essa privacidade interferir no teu trabalho.

- Não posso dançar como um autómato - a paixão que estava a tentar reprimir rebentou nas suas palavras e no seu olhar. - Não me importo com o que os outros pensam. Não sou só um corpo que dança quando a música toca. Deixa-me! - deu-lhe um puxão forte com o braço. - Não quero falar contigo.

Nick pousou o seu copo, ignorando as suas queixas.

- Quem te pôs essas tolices na cabeça? obrigou-a a olhar para ele contra a sua vontade. - O teu estilista?

Ela abanou a cabeça, mas a sua expressão falava por si. Ele praguejou em russo e aumentou a pressão com os dedos.

- Olha para mim! - ordenou. - Não reconhecetes uma estupidez quando a ouves?

- Disse que eu não tinha sentimentos - explicou ela, num tom de voz hesitante. Lutava com desespero para não se render às lágrimas.

- Disse que a minha vida estava concentrada exclusivamente na dança e que sem ela... não conseguiu continuar e abanou a cabeça.

- E o que é que ele sabe? - Nick abanou-a ligeiramente. - Não é bailarino. Como pode saber quais

são as nossas emoções e sentimentos? Sabe a diferença entre um salto e uma pirueta? - praguejou novamente. - Tem ciúmes e quer fechar-te numa jaula.

- Quer mais do que eu lhe dou - respondeu Ruth. - E tem o direito de ter mais. Preocupo-me com ele, mas... - pôs o cabelo para trás com as duas mãos.

- Não estás apaixonada por ele - concluiu ele.

- Não. Não estou. Talvez não seja capaz de albergar esse tipo de sentimentos. Talvez Donald tenha razão e...

- Chega! - abanou-a com mais força. Levantou-se e passeou pela divisão, sem parar de murmurar em russo. - És uma estúpida por permitires que alguém te faça acreditar nessas coisas. Se não estás apaixonada por ele, como podes convencer-te de que és menos do que uma mulher? - ele suspirou de irritação e virou-se para ela. - O que se passa? Onde está a tua força? Se tivesse sido eu a dizer-te tudo isso, não mo terias permitido.

Ruth apertou as têmporas com os dedos e tentou recompor os seus pensamentos.

- Mas tu nunca me dirias essas coisas.

- Não - respondeu, enquanto se aproximava novamente do sofá. - Não, porque te conheço e compreendo como te sentes - segurou na mão dela e acariciou os seus dedos. Nós temos o nosso mundo e o teu estilista tem o dele. E só se houvesse amor é que poderias viver em ambos.

Ruth ficou a pensar naquelas palavras.

- Sim, eu gostaria - replicou, lentamente. E tentaria, mas...

- Não, não há "mas". Os "mas" cansam-me. Deixou-se cair ao seu lado, conseguindo fazer com que um movimento tão pouco provido de graça parecesse elegante.

- De modo que discutiste com o teu estilista e ele disse-te coisas absurdas. Isso é motivo suficiente para estares tão pálida e doente?

- O facto de descobrir quem era a minha substituta pela imprensa também não ajudou

- replicou Ruth. - Só li os mexericos sobre a sua nova relação no Keyhole uma hora antes da actuação.

- Keyhole] - Nick franziu o sobrolho, confuso. - O que é o Keyhole? Ah, sim, - recordou, antes de Ruth respondeu. - É aquele jornaleco com aquelas fotografias tão horríveis?

- O jornaleco que diz que Donald Keyser deixou de se interessar pelo ballet.

- Estou a ver... - ele juntou os dedos. - O teu estilista levou o jornal ao camarim?

- Não, ele não... - calou-se a tempo ao ver o seu olhar. Humedeceu os lábios e levantou-se. - Não importa. Não devia ter deixado que me preocupasse.

- Quieta! - a sua ordem deixou-a paralisada. - Quem foi? - Ruth sentiu um calafrio pela coluna. - Quem te deu esse jornal antes da actuação?

-Nick, eu...

- Fiz-te uma pergunta - ele também se levantou. - O facto de um membro da companhia tentar

preocupar outro antes de entrar em cena é absolutamente proibido. Não posso permiti-lo.

- Não vou dizer-te - declarou ela, com firmeza. - Devia tê-lo suportado melhor. E será assim da próxima vez. Em qualquer caso, não foi só Donald que me deixou preocupada Ruth manteve a sua decisão, não pelo desejo de proteger Leah, mas para evitar as represálias de Davidov. Sabia que podiam ser muito cruéis.

- Quero um nome.

- Não vou dar-te nenhum. Não posso fazê-lo

- tocou-lhe no braço e sentiu os músculos rígidos. - Não posso mesmo - murmurou, tentando apoiar-se na força que os seus olhos possuíam. - Há algo mais importante que temos de esclarecer.

Ele ficou imóvel e com a expressão ininterpretável. Fossem quais fossem os seus pensamentos, tinham-no deixado sozinho. Ruth sentiu a sua rejeição e retirou a mão.

- O quê?

Ela voltou a humedecer os lábios. O seu coração acelerou, furioso.

- Acho que preciso de outra bebida.

Esperava uma negativa violenta e impaciente como resposta, mas, depois de hesitar durante alguns segundos, Nick voltou a encher-lhe o copo. A única coisa que se ouvia no escritório era o som que o líquido produzia contra o vidro. Quando lhe ofereceu a bebida, Ruth bebeu um pequeno gole e respirou fundo.

- Estás a pensar em expulsar-me da companhia?

Ele ficou com o copo a alguns centímetros dos lábios.

- O que disseste?

- Perguntei-te se tencionas expulsar-me da companhia - repetiu ela, com mais firmeza.

- Pareço-te um tipo estúpido? - perguntou ele.

Apesar da tensão, a incredulidade das suas palavras fê-la sorrir.

- Não, Davidov.

- Eu não acho. "Está bem". Por uma vez estamos de acordo - apertou o pulso com irritação. - E visto que não sou um estúpido, porque quereria livrar-me da minha melhor bailarina?

Ruth olhou para ele. Um arrepio percorreu-lhe o corpo.

- Nunca me tinhas dito isso - sussurrou.

- Dizer-te o quê?

Ela abanou a cabeça e virou-se.

- Desde que me lembro, sempre quis dançar.

Ruth emitiu um risinho triste enquanto as lágrimas começavam a aparecer nos seus olhos.

- Em todos estes anos, entreguei-me ao máximo. Por mim própria, pela dança e por ti. E nunca me tinhas dito algo como o que acabaste de dizer - respirou fundo antes de continuar. Depois de um dia como este, depois da actuação desta noite, ficas aí parado e dizes-me que sou a tua melhor bailarina

- afastou as lágrimas com os nós dos dedos. - Só tu, Nikolai, podias escolher um momento tão oportuno.

Embora não ouvisse como se mexia, não se surpreendeu quando sentiu as suas mãos nos ombros.

- Se não te disse antes, devia tê-lo feito. Mas sabes que nem sempre dou muita importância às palavras.

Nick passou-lhe a mão pelo cabelo, observando como reflectia os brilhos da luz.

- És muito importante para mim - continuou a dizer. - E não quero perder-te.

Ruth sentiu que o seu coração parava de bater. Depois, como se fosse um trovão, começou a acelerar. Só estavam a falar da companhia, recordou-se. Só falavam de dança...

Virou-se e olhou para ele.

- Tirar-me-ás o papel de Carlota para a televisão?

- Para a televisão? - repetiu ele. Fez um esforço para encontrar as palavras adequadas em inglês. - Referes-te ao programa especial para a televisão por cabo? - conseguiu ler a afirmação nos seus olhos. - Mas ainda está em projecto. Como...? - calou-se, de repente. - Portanto, era a isso que te referias. E suponho que terás tirado a informação da mesma pessoa que te levou o Doorknob.

- O Keyhole - corrigiu ela, mas ele já estava a praguejar outra vez em russo.

- Isso também é proibido. Não quero que os meus bailarinos estejam a criticar-se antes de uma actuação. Vou dizer-te uma coisa: sejam quais forem os meus planos e as divisões que tenha em mente sou eu que as faço olhou para ela, cheio de fúria. - E a minha decisão é só minha. Se decidir que serás tu a interpretar Carlota, serás tu a fazê-lo e mais ninguém.

- Disse-te que não voltaria a dançar contigo - começou a dizer Ruth, - mas...

- Tanto me faz o que disseste - respondeu-lhe, estalando os dedos. - Se te disser para dançares comigo, então terás de dançar comigo. Não tens voto na matéria.

- Tenho o direito de escolher.

- Entre ir ou ficar - concedeu ele. - Mas, se ficares, farás o que te pedir.

- Não me pediste nada - recordou-lhe ela.

- Tive de descobrir os teus grandes planos uma hora antes de entrar em cena. Mal me dirigiste a palavra nas últimas semanas.

- Não tinha nada para te dizer e sabes que eu não gosto de perder tempo.

- És um porco insuportável e arrogante! Dei tudo neste bailado. Dediquei-me de corpo e alma e se achas que vou ficar de braços cruzados enquanto tu o ofereces a outra pessoa, então, és um estúpido. Não me importa se é um pás de deux de dois minutos ou o bailado inteiro. É meu!

- Achas, pequena? - o seu tom era de uma cortesia decepcionante.

- É assim - replicou ela. - E não me chames "pequena". Sou uma mulher e Carlota será minha até não conseguir dançar mais fez uma pausa para respirar. - E continuarei a dançar muito depois de tu teres acabado com o príncipe Stefan.

- A sério? - passou-lhe a mão pelo pescoço e deu-lhe um ligeiro aperto. - Esqueceste-te, milaya, de quem compôs o bailado? Quem fez a coreografia e te pôs no papel de Carlota?

- Não. Mas não te esqueças de quem o interpretou!

- Tens um pescoço encantador, tão esbelto... - sussurrou-lhe, enquanto o acariciava com os dedos.

- Não faças com que me sinta tentado a parti-lo.

- Estou demasiado louca para ter medo de ti, Davidov. Só quero uma resposta. Vou ser Carlota nesse programa especial ou não?

Passou-lhe o olhar pelo rosto.

- Far-te-ei saber isso. Ainda temos uma semana com este bailado. Discutiremos o resto quando acabar - arqueou uma sobrancelha quando a ouviu suspirar de impaciência. - É um incentivo. Agora dançarás com toda a paixão "de que fores capaz.

- Sabes sempre o que tens de dizer, não é verdade, Nick? - Ruth quis afastar-se, mas ele parou-a.

Muito lentamente, inclinou a cabeça até a sua boca ficar a alguns centímetros da dela. E, então, depois de alguns segundos sem respirar, que se tornaram eternos, os seus lábios encontraram-se. Ele ouviu um fraco gemido e conseguiu sentir o coração dela contra a palma da sua mão, mas não aumentou a pressão.

- Diz-me, pequena - murmurou, enquanto lhe acariciava a face, - o que comeste hoje?

A pergunta confundiu Ruth.

- Comer? - repetiu, como uma parva.

- Sim, sabes... comida - explicou ele, num ligeiro tom de impaciência. - O que comeste hoje?

- Eu... - Ruth tinha a mente em branco. Não sei - respondeu, encolhendo os ombros.

- Quando foi a última vez que comeste um bife?

- Um bife? - passou a mão pelo cabelo. Há anos, acho - respondeu, com um risinho.

- Vá lá, precisas de comer bem - estendeu-lhe uma mão. - Levo-te a jantar.

- Nick... não te entendo - não fez caso da sua mão, mas ele segurou na dela com firmeza e puxou-a para a porta.

- Tens cinco minutos para mudar de roupa.

- Nick - ela parou na porta e olhou para ele. - Será que alguma vez conseguirei entender-te?

Ele arqueou as sobrancelhas ao ouvir a pergunta.

Com a ponta da língua, traçou o contorno dos lábios dela, até se afastarem e o convidarem a entrar. Nunca a beijara com tanto cuidado e doçura. Podia haver defesa possível face a um beijo assim? Até então, a única coisa que havia entre eles era paixão ardente e medo. Mas naquele momento, Ruth só conseguia sentir o prazer mais delicioso.

Nick mordeu-lhe o lábio inferior, parando quando começava a dor, e substituiu os dentes pela língua. Tinha um sabor a brandy misturado com o cheiro do suor e da maquilhagem. Completamente indefesa, Ruth deitou a cabeça para trás, entregando-se ao seu domínio absoluto.

Os seus lábios ficaram colados, mesmo quando ele começou a afastar-se. Nick sentiu como ela expirava ar contido enquanto ambos abriam os olhos. Neles, ele conseguiu ver que Ruth era dele. Só tinha de a levar para o sofá ou de a deitar no chão. Estavam sozinhos e ela desejava-o. Podia possuí-la e deleitar-se com aquele sabor selvagem que o deixava louco.

- Nick - ela parou na porta e olhou para ele. - Será que alguma vez conseguirei entender-te?

Ele arqueou as sobrancelhas ao ouvir a pergunta.

- Sou Davidov - replicou, com um sorriso.

- Não te basta isso?

Ela deu uma gargalhada trémula.

- Sim, suponho que sim - respondeu. - Basta-me isso.

Nove

O jantar com Nick foi agradável, mas não esclareceu quase nada. Quando a levou a casa de táxi e a deixou à porta, deu-lhe um beijo rápido e frio.

Ruth dormiu até ouvir o despertador na manhã seguinte. O cansaço emocional e a comida abundante foram uns soníferos excelentes.

A rotina voltava a começar e, embora continuasse inquieta devido à falta de respostas, conhecia Nick o suficiente para saber que a faria esperar. Com a sua insistência só conseguiria fazer com que se mostrasse mais renitente.

Quando acabaram as bem-sucedidas actuações do The Red Rose, Ruth voltou a sentir a desilusão característica que acompanhava o fim de um compromisso. Teria de permanecer algum tempo no limbo, à espera que Nick lhe atribuísse outro papel. Aquela era outra pergunta sem resposta.

Ruth pendurou pela última vez o fato de Carlota e foi como perder uma parte de si própria. Não lhe apetecia assistir à festa, embora fosse quase obrigatório aparecer.

Seria uma companhia horrível, disse para si, com um sorriso triste. Enquanto tirava a maquilhagem, decidiu que naquela noite não beberia champanhe. Só um grande copo de leite e uma caixa inteira de biscoitos. E não os partilharia com ninguém, excepto com Nijinsky.

Quando estava a vestir as calças de ganga, bateram à porta.

- Entre! - gritou, enquanto vestia uma t-shirt que lhe chegava até às ancas.

- Onde te escondes? - perguntou-lhe Francie, espreitando. - Já estão todos com o champanhe.

- Já vou - replicou Ruth, agarrando na sua mala.

- Não podes ir - a sua amiga ainda estava com o fato e a cara maquilhada. - Quero que conheças o meu neurocirurgião.

- Esta noite não - ela sorriu e piscou-lhe o olho. - Tenho outros planos.

- Ah, sim? E porque não o trazes?

- Não quero partilhá-lo com ninguém deixou escapar um suspiro profundo. - É só meu.

- Oh! - Francie esbugalhou os olhos. Como é?

- Encantador - passou junto dela e saiu para o corredor. - É absolutamente encantador.

- Conheço-o? - perguntou-lhe Francie, mas Ruth desatou a rir-se e afastou-se pelo corredor.

Duas horas mais tarde, estava sentada em frente da televisão da sua sala. Nijinsky deitara-se aos seus pés, com as suas garras em posição de luta, como se estivesse disposto a entrar numa luta.

Ruth bocejou. O filme antigo não lhe chamava a atenção, mas alegrava-se por ter escapado da festa. Não estava de humor para suportar as gargalhadas e as brincadeiras da companhia. Só teriam conseguido deprimi-la, enquanto a solidão a ajudava a animar-se. Pensou em dedicar o tempo livre do

día seguinte a ir às compras.

Nick voltaria a estar a trabalhar com ela muito em breve. Seria divertido visitar uma loja de antiguidades. Podia comprar um candelabro velho ou qualquer outra coisa.

Fechou os olhos e espreguiçou-se com voluptuosidade. Talvez fosse o momento de tirar alguns dias e visitar Lindsay e Seth. Franziu o sobrolho quando a imagem de Nick lhe passou pela cabeça.

O seu beijo derrubara todas as defesas que construía contra ele. Durante dias não se permitiu pensar em Nick a não ser em aspectos profissionais e tinha de reconhecer que ele era a única razão pela qual não fora à festa.

Desejava-o. Não importava quantas vezes tivesse rejeitado esse pensamento. O desejo não parara de aumentar e transformara-se em algo demasiado profundo e complexo para poder reprimi-lo.

- Agora estou muito cansada para pensar nisso - disse a um Nijinsky desinteressado. Vou para a cama.

O gato não deu nenhum sinal de ter entendido, por isso Ruth levantou-se e passou por cima dele para desligar a televisão. Deixou o prato com biscoitos na salinha e desligou as luzes a caminho da cama.

Nick olhou para as janelas às escuras do apartamento de Ruth. Era uma da manhã e ela devia estar a dormir. E ele devia estar a fazer o mesmo, disse para si, se tivesse um pouco de cérebro.

Pôs as mãos nos bolsos e começou a caminhar. Não tinha nada para fazer ali e soubera isso desde o começo. A noite era fresca e já se sentia a proximidade do Outono. Fora um idiota ao aparecer ali. Um completo idiota, repetia-se várias vezes.

Se Ruth tivesse ido à festa, ele podia tê-la visto... Oh, meu Deus, pensou com desespero, vê-la já não era suficiente. Pensar nela de noite deixava-o louco e nunca na sua vida se sentira assim por outra mulher. Precisava dela.

Quando começara tudo?, perguntou-se, sem se incomodar em olhar para o carro de polícia que passava ao seu lado com a sirena acesa. Um mês? Um ano? Cinco anos? Desde que a vira na escola de Lindsay? Meu Deus, naquele tempo ela tinha apenas dezassete anos!

Como podia saber que seria tão delicioso beijá-la? Ou que lhe responderia se ela desejasse ir para a cama com ele? Como ia saber que aquele corpo pequeno e esbelto o atormentaria dia após dia e noite após noite? Quando dançava com ela não conseguia parar de pensar em possuí-la, em fazer com que ela se derretesse nos seus braços...

Parou no meio da rua e virou-se. Meu Deus, como a desejava... Naquele momento. Naquela mesma noite.

A pancada forte na porta fez com que Ruth se endireitasse na cama. Estivera a sonhar com o quê? Com Nick? Abanou a cabeça para se acalmar e deu uma olhadela ao relógio. Ouviram-se mais pancadas, por isso saltou da cama e vestiu o robe.

- Já vou! - gritou, enquanto corria pelo apartamento. - Por amor de Deus, vai acordar os vizinhos

todos! - viu quem era, pestanejou e voltou a olhar. Então, tirou a corrente enquanto ele voltava a bater à porta.

Quando a porta se abriu, ambos se entreolharam. Ruth ficou perplexa ao ver o brilho de mau feitio nos seus olhos. Nick deu um passo em frente, consciente de que atravessara uma linha perigosa.

- Preciso de ti.

Ruth sentiu um aperto no coração ao ouvir aquelas três palavras, pronunciadas com tanta brusquidão que pareciam lutar para sair. Antes de saber o que estava a fazer, estendeu-lhe os braços.

Abraçaram-se e uniram os seus lábios num beijo cru e desesperado. O desejo era selvagem e a paixão era incontrollável.

Nick agarrou-lhe o cabelo com a mão e puxou a sua cabeça para trás. A sua boca só se afastou da dela para mudar de posição e para investigar com mais profundidade. Havia um pingo de brutalidade nos seus movimentos, como se quisesse saciar toda a sua necessidade reprimida com um só beijo.

- Desejo-te - o seu tom de voz foi apenas um murmúrio entrecortado que saiu da sua garganta. - Meu Deus, como te desejo... afastou-se um pouco e ela viu o fogo dos seus olhos.

- Nem tanto - sussurrou Ruth. Agarrou-o pela camisola e puxou-o para dentro.

Tinha a garganta seca e o coração acelerado. Ao fechar a porta, ambos ficaram de pé na escuridão, afastados por escassos centímetros.

Ruth engoliu em seco. Sentia a luta de Nick para manter o controlo, mas não era controlo que esperava dele. Naquela noite não. Queria dominá-lo... Muito lentamente, abriu o robe e deixou-o cair ao chão. Estava nua à frente dele.

- Faz amor comigo - sussurrou.

Ouviu o gemido de rendição enquanto ele pegava nela ao colo. A sua boca era ardente, as mãos eram duras e possessivas e conseguia sentir o desespero da sua necessidade.

Enquanto caminhavam para o quarto, tirou-lhe a camisola e atirou-a para o chão. Passou-lhe as mãos pelos músculos e chegou até às calças de ganga. Quando lhe acariciou a barriga, Nick murmurou algo em russo e mordeu-lhe o ombro.

- Milenkaya - replicou. - Deixa-me tirar os sapatos.

- Não posso - Ruth esperara demasiado tempo para o prolongar mais. - Faz amor comigo - empurrou-o para a cama. - Fá-lo, Nick, ou enlouquecerei.

Ele acabou de se despir e deitou-se sobre ela.

Ruth conseguia ouvir os batimentos frenéticos do seu coração e a respiração entrecortada contra a sua orelha.

Sentiu que estava a tremer ao penetrá-la. O seu corpo respondeu à necessidade vital que a abrasava e a sua cabeça encheu-se de um redemoinho de emoções. Num segundo era forte e, no seguinte, estava fraca e cansada.

Nick jazia sobre ela com o rosto escondido no seu cabelo.

- Meu Deus, Ruth... - replicou, respirando com dificuldade. - És virgem... És virgem e fiz amor contigo como uma besta fária! - afastou-se e passou uma mão pelo cabelo. - Devia ter imaginado. Não tenho desculpa... Podia ter-te magoado.

Sentou-se e ela só conseguiu distinguir a silhueta dos seus ombros e o brilho dos seus olhos.

- Não - sentia-se atordoada e enjoada, mas não dorida. - Não.

- Não devia ter sido assim.

- Estás a dizer que te arrependes do que se passou?

- É claro que sim!

Aquela resposta era dolorosa, mas ela também se sentou e manteve-se calma.

- Porquê?

- É bastante óbvio, não te parece? - Nick levantou-se. - Venho a tua casa a meio da noite e atiro-te para a cama sem a mínima demonstração de... - tentou encontrar uma palavra inglesa adequada.

- Atirar-me para a cama? - perguntou ela. E, claro, eu não tenho nada a dizer a respeito disso - ajoelhou-se no colchão e chegou o cabelo para trás. - És um idiota presunçoso! Quem atirou quem para a cama? Vamos rever o que se passou, Davidov. Fui eu quem te abriu a porta, fui eu quem te disse o que queria e fui eu quem te tirou a roupa. De modo que não te comportes como se tivesse sido tudo ideia tua. Se quiseres lamentar-te por teres feito amor comigo, em frente - falava com tanto furor que ele não conseguia abrir a boca.

- Mas não o disfarces com um sentimento de culpa devido à minha virgindade. Era virgem porque queria sê-lo. Eu tinha de escolher o momento... E eu seduzi-te!

- Está bem - replicou Nick, depois de um longo silêncio. - Parece que me puseste no meu lugar.

Ruth deu uma gargalhada breve. Estava zangada e magoada e continuava a tremer.

- Já era hora!

Nick voltou para a cama e acariciou-lhe o cabelo com a mão. Às vezes, pensava que seria muito mais fácil falar em russo. Falar na sua língua nativa ajudá-lo-ia a expressar os seus sentimentos com mais clareza.

- Ruth... às vezes, quando estou preocupado, é muito difícil fazer-me entender - fez uma pausa, pensando no modo de lhe explicar. - Não lamento ter feito amor contigo. Lamento que a tua primeira experiência não tenha sido tão romântica como devia ser. Compreendes? - segurou na cara dela e levantou-a. Esta não é a maneira de mostrar a uma inocente o prazer que um homem e uma mulher podem partilhar.

Ruth olhou para ele. Os seus olhos já se tinham habituado à escuridão e conseguia ver melhor. O rosto de Nick era apenas uma sombra, mas os seus olhos brilhavam com vitalidade. Sentiu que o calor voltava para o seu corpo e sorriu.

- Há alguma outra maneira? - perguntou, sem parar de sorrir.

- Há muitas outras maneiras - respondeu ele, acariciando-lhe as faces.

- Nesse caso, acho que me debes uma demonstração - rodeou-lhe o pescoço com os braços. -
Agora.

- Ruth...

- Agora - repetiu e beijou-o nos lábios antes de ele conseguir responder.

Nick gemeu e deixou que o seu sabor voltasse a enchê-lo por completo. Deleitou-se com o beijo, enquanto a excitava com os lábios, os dentes e a língua. Ruth, sentiu que o seu sangue começava a ferver.

Com muita suavidade, tocou-lhe nos seios, pequenos e firmes, de modo que os seus polegares mal tocaram nos mamilos. Estavam excitados e a respiração de Ruth acelerou ao sentir as carícias. Então, Nick aproximou os lábios do seu ouvido, e sussurrou palavras que ela não conseguia entender, mas cujo som acabou por a derreter. Estava a tremer, enquanto ele se limitava a usar os lábios para a seduzir cada vez mais, enquanto esperava pelo momento.

Com lentidão e cuidado, começou a acariciar-lhe a pele até ela se sentir acalorada, em especial na parte interna das coxas. Várias vezes, passava os dedos por aquela parte tão vulnerável e até chegou a acariciar-lhe o centro da sua feminilidade. Ela tremeu e pressionou-se contra a mão dele, mas ele retirou-a e continuou a moldar-lhe as coxas.

O som da sua própria respiração ecoava nos ouvidos de Ruth e sussurrou o seu nome quando ele a deitou na cama.

- Há mais, milaya - sussurrou ele. - Muito mais.

Ela conteve um grito de prazer quando Nick lhe mordiscou o mamilo e o humedeceu com a língua. Fez o mesmo com o outro seio e Ruth sentiu uma onda de prazer que a deixou atordoada.

A pouco e pouco, afastou os lábios e continuou a acariciar-lhe os seios com as mãos.

Guiava-a tal como fazia quando dançavam, como se aquele fosse o seu pás de deus privado. Ele era o compositor e ela era a bailarina que se mexia às suas ordens. Era dele.

Abriu-se para ele e ele penetrou-a. A sua boca tomou posse da dela ao mesmo tempo que se mexia com uma lentidão irresistível dentro dela. A sua própria necessidade de explodir era tão intensa e dolorosa que mal conseguia reprimir-se. Deleitou-se com o prazer que antecipava o momento definitivo, como se toda a sua vida dependesse disso.

Segundos, minutos, horas... Os dois uniram-se até ser impossível continuar a adiar a necessidade selvagem que os apressava. Então, Nick levou-os ao orgasmo.

Cansada e dorida, Ruth ficou deitada contra ele com a cabeça apoiada no seu peito. Acariciou-lhe os cabelos com suavidade, enrolando as pontas entre os seus dedos. Ela conseguia ouvir os batimentos do seu coração, fortes, profundos e rítmicos. Não entrava luz pelas janelas e o quarto estava sumido na escuridão e no calor do silêncio.

Aquilo era o que estivera à espera, pensou ela. O fim da sua privacidade. Nick já conhecia todos os seus segredos e, naquela noite, entregara-lhe tudo o que possuía.

- Não te irás embora - sussurrou ela, fechando os olhos. - Não te irás embora esta noite, pois não?

Houve um silêncio antes de ele responder.

- Não - replicou, num tom de voz suave. Não me irei embora.

Satisfeita, Ruth aninhou-se contra ele e adormeceu.

Dez

Nijinsky subiu de um salto para a cama. Era a hora do seu pequeno-almoço e ficou a olhar para Nick por um instante. Depois, deslizou sobre as suas pernas e a sua barriga e parou sobre o seu peito. Ao sentir o peso, Nick mexeu-se ligeiramente e abriu os olhos. Ao encontrar o gato, olhou para ele fixamente e estendeu um braço para lhe acariciar as orelhas.

- Bom, priyatel, parece que não te incomodas por me encontrar aqui.

Nijinsky arqueou o lombo e espreguiçou-se, recostando-se depois sobre o peito de Nick.

Ele continuou a acariciar-lhe as orelhas e virou a cabeça para Ruth, que estava aninhada ao seu lado.

Tinha-a rodeada com um braço e o seu cabelo espalhava-se sobre a almofada. Respirava fundo e tinha a boca semiaberta. Parecia muito jovem... demasiado jovem para sentir o desejo tão selvagem que lhe demonstrara. Fazia-o lembrar-se da Bela Adormecida, embora Nick soubesse que Ruth era mais parecida com Carlota do que com a princesa Aurora. Era muito mais apaixonada do que refinada. Inclinou-se para ela e beijou-a.

Ela acordou cheia de paixão e de excitação. Suspirou e procurou Nick, que fez o mesmo com as mãos. Nijinsky, que estava preso entre eles, emitiu um miado de protesto.

Ruth desatou a rir-se e Nick praguejou.

- Quer tomar o pequeno-almoço - explicou ela.

Os seus olhos ainda estavam meio fechados e sorriu. Levantou a mão e esfregou-lhe o queixo com a palma da mão.

- Sempre quis fazer isto - replicou ela.

Tocar na barba de um homem de manhã.

Nick deslizou a sua mão até encontrar o seu peito.

- Eu prefiro outras coisas... como a tua boca - baixou a cabeça e mordiscou-lhe o lábio. - Tão quente e suave...

Nijinsky mexeu-se e pôs a cabeça entre eles.

- Este animal preocupa-me - redarguiu ele.

- Está a ficar pálido.

- Gosta de cumprir o seu horário com todo o rigor - respondeu ela. - Acorda sempre antes de tocar o despertador - naquele instante ouviu-se o zumbido do alarme. - Vês? - desatou a rir-se enquanto Nick estendia o braço sobre ela para desligar o relógio. - O que será primeiro? - perguntou-lhe. - Um duche ou um café?

- Estou a pensar noutra coisa - indicou ele, com um sorriso.

- Nas aulas - recordou ela e saltou da cama, veloz.

Nick viu-a a caminhar nua para o armário e a tirar um robe. O seu corpo parecia uma varinha mágica, com pernas compridas e nada de ancas. Teria passado por um rapaz se não fosse pela graça feminina do seu andar. Enquanto vestia o robe, ele apreciou a pequena protuberância do seu peito sob o braço esticado. Quando fechou o robe, virou-se para ele.

- E então? - perguntou-lhe, pondo o cabelo para trás. - Apetece-te um café?

- És deliciosa - murmurou ele.

Ruth apertou o robe e perguntou-se se alguma vez poderia habituar-se ao tom da sua voz ou aos seus olhos. Sabia o que aconteceria se se deitasse novamente e o seu corpo começou a tremer de emoção. Nijinsky miou suavemente.

- Já que fui a primeira a levantar-me - replicou ela, olhando para o gato, - irei tomar banho. Tu podes ir fazendo o café - disse a Nick e entrou na casa de banho. - Não te esqueças de dar de comer ao gato! - gritou, por cima do ombro.

Abriu a torneira do duche e tirou o robe. Seria apropriado sentir-se tão bem?, perguntou-se enquanto prendia o cabelo. Será que, ao acordar ao seu lado, podia pensar que Nick pertencia àquele lugar? Ruth não sentira timidez nem desconforto, como teria sido de esperar na manhã depois da sua primeira vez. Entrou no duche e deixou que a água quente lhe percorresse o corpo.

Mas, de algum modo, sempre soubera que seria ele... Abanou a cabeça e agarrou no sabonete. Devia estar a ficar louca. Como podia ter sabido que seria daquela maneira? Ensaboou-se com vigor e abandonou-se às suas divagações. Entre aulas e ensaios, Nick e ela tinham comido juntos muitas vezes. Tinham ido às" mesmas festas. Mas nunca tinham tido um encontro convencional e planeado.

Será que deviam ter tido?, perguntou-se. A noite anterior não fora precisamente a culminação típica de uma relação normal. Nick vira-a suar, zangar-se e chorar, mas ela só o conhecia na medida que ele desejava mostrar-se.

Fechou a torneira. Era muito cedo para analisar os sentimentos. Ruth compreendia a dor, já que vivera sempre com ela, mas não a procurava de maneira deliberada. E ele podia fazer-lhe muito mal. Mas ela sempre soubera disso.

Depois de se secar, voltou a vestir o robe e foi para o quarto. Conseguia ouvir como ele falava com Nijinsky na cozinha. Sorriu e vestiu um maiô que tirou da gaveta. Havia algo tranquilizador no tom de voz de Nick. Sabia que o gato estava demasiado ocupado com o seu pequeno-almoço para lhe prestar atenção, mas, mesmo assim, o murmúrio das suas palavras agradou a Ruth. Quantas manhãs é que ela conversara com o seu gato?

Nick voltou para o quarto com duas chávenas de café fumegante nas mãos. Estava nu, mostrando em todo o seu esplendor os músculos tão duramente esculpidos pela sua profissão. Qualquer outro homem teria vestido as calças de ganga, pensou Ruth, qualquer homem, excepto Davidov.

- Está muito quente - avisou ele, ao mesmo tempo que pousava as chávenas sobre a cómoda. Depois, abraçou Ruth. - Cheiras muito bem - sussurrou, contra o pescoço. - O teu cheiro segue-me

para todo o lado.

Ela riu-se ao sentir o toque áspero da barba incipiente na pele.

- Tenho de me barbear, não é?

- Sim - respondeu ela, antes de o beijar nos lábios. - Seria muito difícil para Davidov apresentar-se nas aulas sem se barbear - beijaram-se novamente e ele apertou-lhe as ancas com as mãos.

- Tens alguma lâmina?

- Hum... Sim, no estojo de primeiros-socorros da casa de banho - deixou que lhe percorresse as costas com os dedos e deu um gritinho quando lhe mordeu o lóbulo da orelha.

- Isso pode esperar - decidiu ele. Agarrou na sua chávena e bebeu um pequeno gole.

- Não tens de ir a tua casa buscar roupa? perguntou-lhe ela, hipnotizada ao ver o movimento dos seus músculos enquanto entrava na casa de banho.

- Tenho coisas no meu escritório - disse do duche. - E lâminas também.

Enquanto tomava banho, começou a cantar em russo. A música era uma parte inerente dele e Ruth deu por si a cantarolar quando foi escovar os dentes.

- O que significa a letra? - perguntou-lhe, com a boca cheia de pasta.

- É uma canção antiga e triste - respondeu ele. - As melhores canções russas são antigas e tristes.

- Uma vez estive em Moscovo com os meus pais - replicou ela, enxaguando a boca. - Eu adorei...

Os velhos edifícios, a neve... Suponho que sentirás a falta disso.

Não teve tempo de gritar quando ele a agarrou e a meteu no duche com ele.

- Nick! - protestou. A roupa dela ficou completamente encharcada. - Ficaste louco?

- Preciso que me esfregues as costas - explicou ele. - Mas acabou de me ocorrer uma ideia melhor.

- Esfregar-te as costas? Mas não vês que estou vestida?

- Ah, sim? - perguntou, com um sorriso. Muito bem, isso é fácil de resolver - deslizou as alças do maiô para baixo, de modo que os seus braços ficaram presos.

- Já tomei banho - indicou ela, rindo-se.

- Também podes partilhar o meu duche. Sou um homem generoso.

Começou a beijá-la nos lábios enquanto o jorro continuava a ensopá-los.

- Nick... temos de ir à aula... - recordou-lhe, num tom de voz hesitante, mas não ofereceu resistência às mãos tentadoras que a despiam.

- Há tempo - sussurrou ele, suspirando profundamente quando a sua mão encontrou um peito.

Acabou de lhe tirar o maiô pelas ancas.

Volta, pirueta, volta... Ruth girava, saltava e inclinava-se, seguindo as ordens. O treino era muito árduo, tal como sempre. Tinha o corpo cheio de suor, como todos os outros. Todos os dias, durante toda a semana, repetiam várias vezes os mesmos movimentos. Eram profissionais e as aulas faziam parte deles, tal como as sapatilhas e os maiôs.

Os detalhes pequenos e insignificantes foram gravados nos seus cérebros desde que eram novos.

Quem podia apreciar a leve inclinação de umjeté? Só um bailarino.

Os músculos deviam estar em movimento contínuo, para que o corpo se mantivesse sempre pronto para interpretar os movimentos impossíveis da dança. Quinta posição, plié... Um simples dia de descanso podia fazer com que o corpo resistisse. Port de bras... As mãos, braços e pernas não podiam esquecer o que tinham de fazer. Um gesto errado podia deitar tudo a perder. Manter a expressão... um, dois, três, quatro...

- Obrigado.

A aula acabara. Ruth foi limpar a cara com uma toalha e pensou em tomar um duche.

- Ruth.

Levantou o olhar e viu Nick. Ele também estava encharcado em suor e o seu cabelo caía sobre a fita que tinha na testa.

- Quero ver-te lá em baixo em cinco minutos.

- Cinco minutos? - perguntou, surpreendida. - Passa-se alguma coisa?

- Alguma coisa? - ele sorriu e inclinou-se para a beijar, ignorando os outros membros da companhia. - O que poderia ser?

- Bom, não sei... - franziu o sobrolho, confusa. - Porquê, então?

- Não tens nenhum plano para hoje - mais do que uma pergunta era uma afirmação, mas ela respondeu, abanando a cabeça. - E eu também não - aproximou-se ainda mais. Vamos sair e divertir-nos.

- Como?

- Nova Iorque é uma cidade muito entretida, não é?

- Ouvi dizer que sim.

- Cinco minutos - repetiu ele e virou-se.

- Quinze.

- Dez - sentenciou ele, sem parar.

Ruth pegou na sua mala e correu para o duche.

Em menos de dez minutos estava a descer as escadas, depois de tomar banho e com umas calças de ganga e uma camisola larga cor de malva. Nick já estava à espera dela, impaciente, enquanto evitava as perguntas de dois solistas masculinos.

- Falarei com ele amanhã - redarguiu e afastou-se deles quando viu Ruth. - Estás atrasada - acusou-a, enquanto a levava para a porta.

- Nem pensar. Cheguei a horas.

O barulho da rua era ensurdecador. Uma multidão caminhava pela calçada e, de alguma parte, chegava o barulho de um martelo pneumático. Dois táxis estiveram prestes a chocar de frente. Os dois taxistas espreitaram pela janela e começaram a trocar insultos. Enquanto isso, os peões continuavam a caminhar sem prestar a menor atenção. De uma janela do outro lado da rua, saía o som metálico de um

grupo de heavy metal.

- Uma cidade entretida, não é? - perguntou Nick enquanto a agarrava pelo braço. - E hoje é a nossa cidade.

Ruth sentiu falta de ar. Por muitos anos que passassem juntos a fazer amor, nada podia causar-lhe o impacto que aquele olhar teve.

- Onde... onde vamos? - conseguiu perguntar. Era quase impossível permanecer tranquila com tudo o que se passava.

- A qualquer sítio - puxou-a para ele e beijou-a com paixão. - Tu escolhes - manteve-a abraçada por um momento e ela desatou a rir-se.

- Por aqui! - decidiu e apontou com o braço para a direita.

O Verão chegara ao seu fim e o ar fresco e outonal tornava o passeio agradável. Estiveram a caminhar durante muito tempo. Entraram em galerias de arte e livrarias, vendo de tudo mas sem comprar nada. Sentaram-se à beira de uma fonte e observaram as pessoas enquanto bebiam um chá quente com mel.

No Central Park viram muitas pessoas a fazer footing e outras a atirarem milho às pombas. Havia um mundo inteiro para observar.

Na Saks, Ruth experimentou toda uma coleção de casacos de peles enquanto Nick a observava sentado.

- Não - replicou, quando Ruth posou com uma pele de raposa. - Não está bem.

- Não? - ela esfregou o queixo contra a roupa luxuosa, com uma expressão inconsciente de prazer.

- Eu gosto.

- Não me refiro à pele - replicou Nick. Refiro-me a ti - desatou a rir-se quando Ruth franziu o sobrolho. - Que modelo caminharia com os pés para fora?

Ruth olhou para os pés e sorriu.

- Suponho que estou mais confortável com maiôs do que com peles - realizou uma pirueta rápida que deixou as vendedoras perplexas. - Teria muito calor na aula.

- Queres que ta compre?

Ela deu uma gargalhada, mas viu que falava a sério.

- Não sejas tolo.

- Tolo? - Nick levantou-se enquanto Ruth devolvia o casaco à vendedora. - Pareço-te tolo? Não gostas de presentes, pequena?

Ela sabia que sempre que lhe chamava "pequena" era para a provocar, mas limitou-se a olhar para ele.

- Eu adoro, mas... como posso aceitar se acabámos de nos conhecer? - perguntou-lhe, acariciando-lhe a face. - O que diria a tua mulher? - perguntou, suficientemente alto para que a vendedora pudesse ouvi-la.

- Há coisas que uma esposa não tem de saber - respondeu ele, enfatizando o seu sotaque russo. - No meu país, as mulheres sabem qual é o lugar que lhes corresponde.

- Hum... - ela deu-lhe o braço. - Nesse caso, talvez devas mostrar-me qual é o meu.

- Será um prazer - declarou Nick e sorriu para a vendedora espantada. - Bom dia, menina - tirou Ruth da loja no mais puro estilo cossaco.

- Eu adoro quando te comportas como um russo, Nikolai.

- Sou sempre russo.

- Algumas vezes mais do que outras. Quando queres, consegues ser mais americano do que um agricultor do Nebraska.

- A sério? - pareceu ganhar um interesse repentino. - Nunca tinha pensado nisso.

- Por isso és tão fascinante - continuou ela.

- Nunca pensas no que és, só és - entrelaçou a mão com a dele. - Mas pergunto-me uma coisa, pensas sempre em russo e depois traduzes para o inglês?

- Penso em russo quando... - pensou durante alguns segundos, - quando estou zangado.

- Estás quase sempre zangado - indicou, com um sorriso.

- Sou um artista - replicou ele, encolhendo os ombros. - Temos o direito de estar zangados. Além disso, é muito mais fácil praguejar em russo.

- Sempre quis saber o que dizes quando estás furioso - olhou para ele, esperançada, e ele abanou a cabeça, rindo-se. - Ontem à noite falaste em russo.

- Fi-lo? - olhou para ela e Ruth sentiu um aperto no coração. - Então, estavas zangado.

- Não parecia que estavas a insultar-me sussurrou ela.

Nick agarrou-a pela nuca e puxou-a para ele.

- Queres que traduza?

- Agora não - Ruth calculou a distância que havia entre a Quinta Avenida e o seu apartamento. Demasiado longe, pensou. - Vamos para a paragem do autocarro - retorquiu, rindo-se.

- É melhor um táxi - respondeu ele com um sorriso e levantou o braço para mandar parar um.

O sol enchia o quarto. Não tinham tido tempo para baixar as persianas. Estavam os dois nus e abraçados na cama, depois de terem acendido os fogos da paixão.

Ruth debatia-se entre o sono e a vigília, sentindo o peito de Nick sob a sua mão. Subia e descia de forma rítmica e soube que estava a dormir;

Podia ficar assim toda a vida, pensou cheia de felicidade. Apertou-se mais contra ele e, sem perceber, acariciou-lhe a barriga da perna com o pé.

- O pé de uma bailarina - murmurou ele e ela percebeu que o acordara. - Forte e feio.

- Muito obrigada - brincou ela e deu-lhe uma dentada no ombro.

- É um elogio - replicou ele, olhando para ela com os olhos semicerrados. - As grandes bailarinas

têm os pés feios.

Ela sorriu face à sua lógica.

- É isso que te atrai em mim?

- Não, é a parte posterior dos teus joelhos. Ruth desatou a rir-se.

- A sério? Porquê?

- Quando danço contigo, os teus braços são tão suaves que me pergunto como seria o toque dos teus joelhos por trás - apoiou-se no cotovelo para olhar para ela. - Quantas vezes te segurei pelas pernas? Muitíssimas, mas sempre te segurei pelas coxas. E perguntava-me, como seria tocar aqui?

Nick agarrou-lhe na barriga da perna com a mão e deslizou os dedos até à parte posterior dos joelhos.

- Enlouquecia por querer saber se a suavidade dos teus braços chegava a todas as partes. Uma voz suave, uns olhos suaves, um cabelo suave... - baixou o tom de voz. - E cada vez que te levantavas, as minhas mãos chocavam contra o tecido dos maiôs ou dos fatos. Como seria a pele que escondiam?

O bailarino passou a mão pela coxa de Ruth e pela sua barriga. Com os dedos, traçou o contorno da caixa torácica até alcançar o peito.

- Seios pequenos - murmurou ele, com o olhar cravado nos seus olhos. - Senti-os demasiadas vezes pressionados contra mim e vi-os subir e descer com a tua respiração. Como seria tocar neles com a mão? Que sabor encontraria neles? - começou a passar-lhe a língua pela pele.

Ruth sentiu que as extremidades lhe pesavam uma tonelada, como se estivesse drogada. Ficou imóvel enquanto ele a explorava com as mãos e a boca. Nick tocava-lhe com uma lentidão insuportável, excitando-a com o seu toque e os seus murmúrios.

- No palco, com todas as luzes e a música, penso sempre em tocar em ti... Aqui - deslizou os dedos para o seu sexo. - E saborear-te com os lábios... - a sua boca seguiu a direcção da sua mão. - Tu olhavas para mim com os teus grandes olhos, como uma coruja, e quase conseguia ler os teus pensamentos. Perguntava-me se alguma vez podias ser minha - pressionou os lábios contra os músculos da barriga e sentiu como ela se arrepiava. - O que farias, milaya, se soubesses como sofri por ti?

Passou-lhe a língua pelo umbigo e ela gemeu e retorceu-se. Nunca sentira um prazer semelhante... tão forte e intenso que lhe provocava um zumbido por todo o corpo e que transformava todos os seus pensamentos em sensações incrivelmente maravilhosas.

- Passei demasiado tempo a perguntar-me o mesmo... - murmurou ele. - E à espera.

As suas mãos mexeram-se com mais rapidez e insistência e atravessaram o véu de escuridão que a envolvia. De repente, Ruth sentiu que o seu corpo voltava a estar cheio de uma vitalidade selvagem. Tinha consciência de tudo o que a rodeava: a textura do lençol contra as suas costas, as bolinhas de pó que brilhavam à luz do sol, o murmúrio do trânsito exterior... Percebia tudo com uma clareza espantosa. E, de repente, tudo se reduziu às mãos e aos lábios que lhe aqueciam a pele.

Podia ter estado em qualquer lugar. No palco, no deserto... e só teria sentido Nick. Ouvia a sua respiração, mais agitada do que se tivesse estado a dançar durante horas, e a sua própria também se acelerou.

Então, com uma paixão desmesurada, ele tomou posse da sua boca e ela afastou os lábios para o receber.

O beijo intensificou-se enquanto as mãos de Nick a levavam ao limite da sua resistência. Ruth agarrou-se a ele, perdida no prazer mais absoluto. Então, sentiu-o no seu interior e foi como se a tivessem catapultado para além da razão... até ao êxtase.

- Lyubovnitsa - a voz de Nick chegou-lhe de muito longe. - Olha para mim.

As pálpebras pesavam-lhe, mas conseguiu abri-las enquanto o seu corpo recebia os espasmos contínuos de prazer e de desejo.

- Tenho-te - redarguiu ele, quase sem conseguir falar. - E ainda te desejo.

Ruth chegou ao topo das suas sensações, enquanto ele escondia o rosto entre os seus cabelos.

Onze

Francie agarrou Ruth pelo braço quando ambas entraram na aula.

- Onde estiveste ontem? - perguntou-lhe, enquanto a empurrava até à barra.

- Ontem? - ela não conseguiu evitar um sorriso. - Oh, fui às compras.

Francie olhou para ela com incredulidade.

- Claro. Vê lá se mo apresentas alguma vez Ruth desatou a rir-se. - Descobriste as notícias?

Ruth começou a aquecer enquanto a sala se enchia com os outros membros da companhia. Os seus olhos procuraram Nick, que estava num canto com algumas bailarinas.

- Que notícias? - estava meio absorta, fixando-se no cabelo de Nick. Era tão loiro, que parecia reflectir a luz do sol.

- A televisão - Francie começou a descer e a subir ao ritmo de Ruth, de modo que ambas estavam à mesma altura. - Não soubeste de nada?

- Leah mencionou algo a respeito disso Ruth olhou em seu redor, à procura da loira. Disse-me que ainda não havia nada definitivo.

- Agora há - respondeu Francie, satisfeita por conseguir a total atenção de Ruth.

- A sério?

- Nadine conseguiu um acordo óptimo. Claro que tinha o homem certo para as negociações.

Sabendo que se referia a Nick, Ruth voltou a olhar para ele. Viu-o a falar com Leah. A bailarina elegante enfatizava as suas palavras com as suas mãos fluidas, como de costume.

- Que tipo de acordo?

- Duas horas em horário de máxima audiência - replicou Francie, com grande deleite. - E Nick tem a direcção artística. Afinal de contas, o seu nome não só é reconhecido no mundo do ballet. Quase todos ouviram falar de Davidov. É a ele que querem. Imagina o que isso pode significar para a companhia! Francie pôs-se em bicos de pés. - A quantas pessoas podemos chegar com duas horas de televisão, comparadas com o público de uma temporada inteira? Oh, meu Deus... Espero que os nervos não me impeçam de dançar. Quase desejaria ser uma bailarina principal. Tu farás The Red Rose replicou, com um suspiro de inveja.

Ruth alegrou-se por a aula estar prestes a começar.

Concentrar-se foi mais difícil do que esperara. O seu corpo respondia às ordens, mas a sua cabeça estava noutra lugar. Porque é que Nick não lhe dissera?

Apoiou a mão na barra enquanto a madame Maximova lhes marcava o ritmo. Ruth tinha consciência de que Nick estava parado atrás dela.

No dia anterior não se tinham separado, nem naquela manhã. Mas não lhe dissera nem uma palavra a respeito daquele assunto. Acabaria por dançar naquele programa? Ou será que o que

acontecera entre eles era um obstáculo impossível de esquecer?

Quando se dirigiu para o centro da sala, tentou pensar com lógica. Só passara uma semana desde que lhe dissera que não havia nada definitivo. Esforçou-se para recordar o que mais dissera e de que humor estivera. Desgostara-se quando ela não dançara tão bem como de costume e, depois, enfureceu-se quando ela não quisera revelar o nome da pessoa que lhe contara tudo.

Franziu o sobrolho enquanto seguia o ritmo da música. Porque é que todos pareciam descobrir as coisas antes dela? Nick podia dizer-lhe que era a melhor bailarina da companhia e, no minuto seguinte, não a incluía no que poderia ser o projecto mais importante da companhia.

Como podia entender-se um homem assim? Era impossível, recordou-se. Virou a cabeça e olhou para ele nos olhos. Era Davidov.

Nick retribuiu o olhar, um pouco brincalhão, mas o ritmo aumentou, de repente, e exigiu toda a atenção de Ruth.

- Obrigada - agradeceu a madame Maximova, trinta minutos mais tarde. O seu sotaque era muito mais marcado do que o de Nick embora estivesse há quarenta anos na América.

- Eu gostaria de ver toda a companhia no palco dentro de quinze minutos - anunciou Nick.

Ruth levantou o olhar e viu-o reflectido no espelho. Os murmúrios começaram imediatamente e os bailarinos saíram em grupos. Davidov falara. Ela pôs a mala ao ombro e fez menção de os seguir.

- Um momento, Ruth - pediu ele e ela parou, obediente.

Nick disse algo em russo à madame Maximova e ela riu-se. A mulher assentiu e saiu a correr da sala, com tanta ligeireza como se fosse vinte anos mais nova.

Ele aproximou-se de Ruth, limpando as mãos numa toalha.

- A tua cabeça não estava na aula hoje. - Não?

Ele reconheceu aquele olhar tão penetrante que o perturbava sempre.

- O teu corpo mexia-se, mas o teu olhar estava muito longe daqui. Onde?

Ruth observou-o com atenção enquanto pensava na resposta mais adequada. Decidiu que o melhor era falar com franqueza e sem rodeios.

- Porque não me contaste nada sobre os planos para a televisão?

Nick arqueou a sobrancelha num um ar altivo.

- Porque devia tê-lo feito?

- Sou a bailarina principal da companhia.

- Sim, mas isso não responde à minha pergunta.

- Todos parecem saber os pormenores queixou-se, com exasperação. - De certeza que agora estão a falar disso.

- É muito provável - admitiu ele, pondo a toalha sobre os ombros. - Não é um segredo e, mesmo que fosse, é impossível controlar uma notícia destas.

- Devias ter sido tu a contar-me. Perguntei-to na semana passada.

- Na semana passada ainda não estava resolvido.

- Resolveu-se ontem e não me disseste nada. Viu que ele semicerrava os olhos. Aquele era um sinal de perigo.

- Ontem fomos apenas um homem e uma mulher - indicou num tom frio e agarrou com força nos extremos da toalha. - Achas que porque somos amantes vou dar-te um tratamento especial como bailarina?

- Claro que não! - respondeu ela, surpreendida. Nunca lhe ocorrera essa possibilidade. Como podes pensar isso?

- Ah, estou a ver - replicou ele, assentindo ligeiramente. - A tua integridade está fora de dúvida, mas podes suspeitar de mim.

- Não...! - começou a protestar, mas ele interrompeu-a com um movimento de pulso.

- Vai tomar banho. Só faltam dez minutos - afastou-se a passos largos, deixando-a boquiaberta.

Quando Ruth entrou no teatro, já estavam todos sentados ou reunidos em grupos pelos cantos. Tentando acalmar a respiração, sentou-se junto de Francie.

- Vejo que já estamos todos - replicou Nick, depois de lançar um olhar fugaz para Ruth.

Estava no meio do palco, com as mãos nos bolsos e o cabelo ainda húmido devido ao duche. Todos os olhares estavam fixos nele. Nadine sentara-se à sua direita, vestindo um fato azul impecável.

- Segundo parece, já quase todos sabem dos detalhes do nosso programa para a televisão por cabo - olhou para todo o grupo, parando um instante em Ruth. - Mas agora, Nadine e eu vamos explicar os pontos mais importantes olhou para Nadine, que cruzou as mãos e começou:

- A companhia realizará uma apresentação de duas horas de bailado. O programa será filmado aqui durante duas semanas dentro de um mês e pensámos em incluir muitos bailados do nosso repertório. Nick e eu, juntamente com Mark e Marianne - olhou brevemente para os dois coreógrafos, - traçámos um programa modelo. Como é natural, teremos de o ajustar às decisões do director da cadeia e ao tempo atribuído - fez uma pausa antes de continuar. - Não preciso de vos dizer como este programa é importante para a companhia e que se espera o melhor de cada um de vocês.

Nadine calou-se e Nick pegou numa das pastas que havia junto de uma árvore de cartão.

- Os ensaios começarão imediatamente afirmou e começou a ler a lista dos bailados e das personagens.

O programa incluía uma ampla variedade, desde O Quebra-nozes de Tchaikovsky até ao Rodeo de Mille. Estava claro que Nick queria demonstrar o carácter universal do ballet.

Atribuíram-se os coreógrafos e enunciaram-se as cenas correspondentes. Ruth humedeceu os lábios, tentando não sustar a respiração. Francie faria de fada em O Quebra-nozes, Leah seria Aurora e Giselle, dois papéis muito cobiçados. Kell Lowell seria o seu parceiro como o príncipe e como Albrecht. Uma bailarina começou a chorar de emoção quando lhe atribuíram o seu primeiro solo.

- Ruth, o grand pás de deux do The Red Rose e o segundo acto do Lê Corsaire. Eu serei o teu

parceiro.

Ela deixou escapar o ar e sentiu que a tensão dos seus ombros se aliviava.

- E se houver tempo faremos também uma cena do Carnaval.

Nick continuou a ler sem levantar o olhar, mas Ruth já não ouviu mais nada. Com gosto, começou a chorar como a outra jovem. Finalmente, conseguira a recompensa por vinte anos de esforço.

Mas, apesar da felicidade, ainda conseguia sentir a rejeição de Nick.

"Não entende", pensou. Sentia-se frustrada devido às suas mudanças de humor tão repentinas e à sua teimosia. Abraçou os joelhos e observou-o com atenção.

Era estranho que, mesmo sendo tão generoso de espírito, não entregasse a sua confiança com facilidade.

"Nem eu", percebeu, de repente. Então, ambos tinham um problema... e não tinha a certeza de qual seria a solução.

As próximas semanas não iam ser fáceis, nem no plano pessoal nem no profissional. Por um lado, Ruth sabia que Nick e ela teriam de decidir o que queriam um do outro e ver o que estavam dispostos a dar.

Por outro lado, seria um mês cansativo devido aos ensaios. Ele podia ser muito difícil como coreógrafo ou director, mas como namorado era o próprio demónio. Não aceitava menos do que a perfeição absoluta e nunca escondia a sua insatisfação quando não se cumpriam as suas exigências. Mesmo assim, Ruth teria caminhado sobre brasas acesas para dançar com ele.

Os ensaios seriam terríveis para todos. Havia pouco tempo para ensaiar e as expectativas eram muito altas. Além disso, muitos deles teriam de interpretar A Bela Adormecida durante as duas próximas semanas. Os ânimos estariam muito quentes e os músculos ao limite da sua resistência. Noite após noite, teriam de colocar os pés em gelo ou tomar banhos quentes. Teriam de fazer massagens uns aos outros e beber litros e litros de café.

Mas acabariam por triunfar porque eram bailarinos profissionais.

Ruth levantou-se com os outros quando Nick acabou de falar. Ao ver que ficava a falar com Nadine, foi para o pequeno quarto que lhe tinha atribuído e deixou a porta aberta. Pelo corredor, passaram outros, falando entre eles. De outra sala, já saía a música de Stravinsky.

Ruth sentou-se num banco e olhou para as sapatilhas, distraída. Durariam mais dois ou três dias e só as usara durante uma semana. Quantos pares usara desde que começara o ano? E quantos metros de cetim?

Estava a atar as fitas ao tornozelo quando Nick entrou. Fechou a porta atrás dele e ambos ficaram isolados da música e das vozes.

- Primeiro faremos o Lê Corsaire - replicou e sentou-se junto dela. - E de momento trabalharemos sem acompanhante musical. São muito solicitados e este bailado ainda não está

confirmado - tirou as calças e ficou em maiô.

- Nick, eu gostaria de falar contigo.

- Tens alguma queixa? - perguntou-lhe, enquanto ajustava o maiô nos tornozelos.

-Não. Nick...

- Então, estás satisfeita com o teu papel? Começemos - levantou-se e ela fez o mesmo.

- Não te comportes comigo como um premier danseur - avisou-o ela.

Ele lançou-lhe um olhar frio e penetrante.

- Sou o premier danseur.

- Também és um ser humano, mas essa não é a questão - Ruth sentiu que a raiva que estivera a reprimir começava a apoderar-se dela.

- Qual é a questão? - perguntou-lhe, num tom excessivamente amável.

- O que te disse esta manhã não tinha nada a ver com a divisão dos papéis - apoiou as mãos nas ancas, preparada para derrubar o muro que ele erguera entre ambos.

- Não? Então, talvez possas dizer-me de que se tratava. Tenho muito para fazer.

- Então, vai fazê-lo! - exclamou ela. - Ensaiarei sozinha - virou-se, mas ele fê-la virar-se novamente para ele.

- Eu direi quando e com quem ensaias - ele estava tão furioso como ela. - Agora diz-me de que se trata para que possamos começar.

- Está bem - soltou-se de um puxão da mão que a agarrava. - Não gostei do facto de me teres mantido à margem de tudo isto. Acho que devias ter sido tu a contar-me. O facto de sermos ou não amantes não tem nada a ver com isso. Somos parceiros no palco e somos bailarinos profissionais. Se podes contar a metade da companhia, porque não podes contar-me a mim? - fez uma breve pausa para respirar fundo. - Não gostei nada de descobrir os detalhes por Leah e...

- De modo que foi Leah - interrompeu ele, num tom de voz sereno. Ruth deixou escapar um suspiro de frustração. A fúria traíra-a e fizera-a dizer o que se prometera que nunca revelaria.

- Não importa... - começou a dizer, mas ele fê-la calar-se com a mão.

- Não sejas parva! - exclamou, com impaciência. - Não há desculpa para uma bailarina incomodar outra antes de uma actuação. Ou será que vais dizer que não o fez de propósito?

- esperou pela resposta com o olhar fixo nos seus olhos. Ruth abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Não tinha jeito para mentir, nem sequer nas melhores circunstâncias. - Portanto, não finjas que não importa - sentenciou ele.

- Está bem - aceitou ela. - Mas já passou. Não serve de nada falar disso agora.

Nick ficou pensativo durante alguns instantes e Ruth viu que tinha o olhar no vazio. Sabia muito bem que ele era capaz de castigar sem a menor compaixão.

- Não - replicou, no final. - Por enquanto, preciso dela. Não temos mais ninguém que possa fazer de Aurora, mas... - não continuou, mas Ruth tinha a certeza de que encontraria um modo de castigar

Leah sem a afastar do papel de Aurora. - Talvez uns açoites...

- Seja como for - replicou ela, tentando recuperar a sua atenção, - Leah também não é a questão.

- Não - concordou ele, olhando para ela, e assentiu. - Estavas a dizer-me de que se tratava.

Ruth estava mais calma e parou por um instante para controlar a sua língua.

- Esta manhã, preocupei-me ao descobrir que o programa ia realizar-se. Suponho que me senti deslocada. Não falamos de trabalho desde que interpretámos juntos o The Red Rose. E naquela noite eu estava muito zangada.

- Eu desejava-te - acrescentou ele. - Era muito difícil.

- Era difícil para ambos - Ruth respirou fundo. - Nunca pensei que pudesses dispensar-me um tratamento especial só pelo facto de sermos amantes. E também não conseguiria suportá-lo. Mas estava nervosa com a divisão dos papéis... como sempre.

- Talvez tenha sido um pouco imprudente quando te disse aquilo.

Ruth sorriu. Uma confissão semelhante em Davidov era um pedido de desculpas oficial.

- Talvez - concordou ela.

- Continuas a ter problemas na altura de respeitares os mais velhos.

- Como?

- Provocas - ele apertou-a nos seus braços e beijou-a. - Agora que está tudo esclarecido, dir-te-ei uma coisa - afastou-se dela, mas manteve as mãos nos seus ombros. - Escolhi-te como parceira porque quero dançar com a melhor. Se não fosses tão boa bailarina escolheria qualquer outra pessoa. Mas, de noite, continuaria a pensar apenas em ti.

Para Ruth foi como se lhe tirassem um peso de cima. Davidov desejava-a por ser ela própria e dançava com ela porque era a melhor.

- Só de noite? - perguntou ela, num sussurro.

Nick acariciou-lhe os ombros.

- Só temos tempo à noite - beijou-a outra vez. - E, agora, vamos dançar.

Situaram-se no meio da sala, em frente ao espelho, e começaram.

Doze

Os dias passaram cheios de excitação e de decepções.

Ruth trabalhava com Nick enquanto ele garantia o pás de deus do Lê Cor sair e. A coreografia tinha de ficar bem na câmara, explicou-lhe. Se ia ser filmada, tinha de parecer composta para isso. Era algo muito diferente de dançar à frente do público de um teatro.

Durante o primeiro ensaio, Ruth viu que Nick cumprira com as suas obrigações e que preparara cada ângulo e sequência com o director da cadeia televisiva.

Ela passava os dias entre aulas e ensaios, mas de noite costumava estar sozinha. O trabalho de Nick como coreógrafo e director artístico mantinha-o constantemente ocupado. Havia outros ensaios para dirigir, peças que precisavam de ajustes, reuniões para discutir o orçamento e muitos assuntos para tratar com o pessoal da televisão.

Também não tinham muito tempo nos ensaios. Neles trabalhavam como dois bailarinos ou como bailarina e coreógrafo, ajustando os movimentos à música. Embora discutissem em alguns aspectos, as mudanças que Nick introduzira no The Red Rose não significaram muitos problemas. Empenharam-se mais a fundo no Lê Corsaire. Era uma obra que se ajustava perfeitamente à criatividade de Nick e Ruth obrigou-se a superar-se.

Ele criticava pormenores como o ângulo da cabeça ou a forma de estender os dedos. Parecia que nunca se cansava e isso obrigava-a a manter-se ao seu ritmo se não quisesse ficar para trás. Às vezes, perguntava-se de onde é que Nick tirava tanta energia. Conseguia dançar durante horas seguidas e depois perder-se em reuniões intermináveis.

Dissera-lhe que teriam as noites para eles, mas não ia ser assim. Desde o primeiro dia, Ruth ficara sozinha no seu apartamento. Sempre gostara de desfrutar da solidão, mas naquele momento era diferente. Aproximou-se da janela e levantou a persiana para observar a escuridão exterior.

Uma pancada na porta assustou-a. Não podia ser Nick, pensou enquanto atravessava o quarto. Viu quem era e ficou alguns segundos com a mão na maçaneta. No final, respirou fundo e abriu a porta.

- Olá, Donald!

- Ruth - cumprimentou-a, com um sorriso.

- Posso entrar?

- É claro - afastou-se para o deixar entrar e fechou a porta atrás dele.

Estava impecavelmente vestido com um casaco de pele e umas calças de sarja. Ruth percebeu que tinham passado semanas desde o seu último encontro.

- Como estás? - perguntou-lhe ela, sem saber o que mais dizer.

- Bem. Estou bem.

Detectou um certo desconforto no tom da sua voz e isso tranquilizou-a um pouco.

- Vá lá, senta-te. Apetece-te beber alguma coisa?

- Sim, uísque escocês, se tiveres - sentou-se numa cadeira enquanto via Ruth a servir a bebida. - Não vais beber?

- Não - estendeu-lhe o copo e sentou-se no sofá. - Acabei de beber um pouco de chá acariciou distraidamente a cabeça de Nijinsky.

- Descobri que a tua companhia está a preparar algo para a televisão - abanou o seu copo e bebeu um gole.

- Vejo que as notícias voam depressa.

- Encomendaram fatos novos - replicou ele. - É fácil de descobrir.

- Não me tinha ocorrido - redarguiu ela, cruzando as pernas. - Os negócios estão a correr bem?

Donald desviou o olhar da bebida e olhou para ela nos olhos.

- Sim, vou a Paris no final do mês.

- A sério? - esboçou um sorriso amistoso.

- Ficarás lá muito tempo?

- Algumas semanas. Ruth... - hesitou por um momento e pousou o copo. - Eu gostaria de me desculpar pelas coisas que te disse da última vez que nos vimos.

Tranquilos, ambos se entreolharam e ela assentiu, satisfeita.

- Não faz mal.

Donald suspirou. Não esperara uma absolvição tão fácil.

- Senti tantas saudades tuas... e esperava que pudéssemos sair para jantar.

- Não, Donald - respondeu ela, com graça.

- Ruth, estava muito preocupado e zangado. Sei que te disse coisas muito duras, mas...

- Não é isso, Donald.

Ele olhou para ela com atenção e deixou escapar o ar.

- Entendo. Devia ter suposto que havia mais alguém.

- Nós nunca fomos mais do que amigos,

Donald - declarou, sem arrependimento nem irritação. - Não vejo porque tem de mudar.

- É Davidov? - deu uma gargalhada breve ao ver a expressão de surpresa de Ruth.

- Sim, é Davidov. Como soubeste?

- Tenho olhos - respondeu ele, - e vi como olha para ti - bebeu outro gole de uísque. Suponho que foram feitos um para o outro.

Ruth não conseguiu evitar um sorriso.

- Isso é um elogio ou um insulto? Donald abanou a cabeça e levantou-se.

- Não tenho a certeza - por um instante, ficou a olhar para ela intensamente. Ela não desviou o olhar. - Adeus, Ruth!

-Adeus, Donald! - despediu-se ela, sem se mexer. Viu-o caminhar para a porta e fechá-la atrás dele.

Depois de alguns minutos, levou o copo para a cozinha e verteu o uísque no lava-loiça. Pensou no tempo que tinham passado juntos. Donald fizera-a feliz. Seria verdade que algumas mulheres eram feitas para um só homem? Será que ela era uma delas?

Outra pancada na porta afastou-a dos seus pensamentos. Mordeu o lábio inferior. A última coisa que queria era outro encontro com Donald. Reuniu paciência e resolução e foi abrir a porta.

- Nick!

Vinha carregado com dois sacos e uma garrafa de vinho.

- Priviet, milenkaya - entrou e conseguiu beijá-la por cima dos sacos.

- Não tinhas uma reunião esta noite? Ruth fechou a porta enquanto ele pousava os sacos sobre uma mesa.

- Cancelei-a - ele sorriu e apertou-a entre os seus braços. - Já te disse que os artistas têm o direito de se comportar como querem deu-lhe um beijo rápido. - Tens algum plano para esta noite?

- Bom... Suponho que podia mudá-los... se algo me motivasse mais - era maravilhoso estar entre os seus braços e sentir os seus lábios na pele. - O que há nesses sacos?

- Hum... Deixaremos este para depois apontou para o saco maior. - Este é para agora - abriu o saco mais pequeno.

- Piza!

Nick inclinou-se e inalou o cheiro com os olhos fechados.

- Para morrer... Vá lá, traz os pratos antes que arrefeça.

Ruth correu para a cozinha.

- Far-te-ei suar no ensaio de amanhã - avisou-a ele, levantando a garrafa de vinho. Preciso de um saca-rolhas.

- O que há no outro saco? - perguntou ela, enquanto tirava os pratos.

- Mais tarde. Tenho fome - olhou para Nijinsky, que se aproximara para cheirar a piza.

- Calma, receberás a tua parte - ao ouvi-lo, Ruth sentiu que o seu coração aumentava no seu peito.

- Estou tão contente por teres vindo...

- Porquê? - perguntou-lhe ele, com um sorriso.

- Porque eu adoro piza! - exclamou Ruth, com um sorriso.

- De modo que te conquistei pelo estômago, não foi? É um costume russo - abriu a garrafa com perícia.

- Certamente - ela serviu as fatias de piza nos pratos.

- Vais parecer uma almôndega no palco sentou-se junto dela e encheu os copos de vinho. - Se tivermos tempo para interpretar Carnaval, tu serás Columbine.

- Oh, Nick! - protestou ela, com a boca cheia de piza.

- Uns ensaios adicionais ajudarão a não ficares rechonchuda e bochechuda.

- Rechonchuda?

- Não quero partir as costas a levantar-te gozou ele, com um sorriso malicioso.

- E tu? - perguntou-lhe ela, com doçura. Quem quererá ver um Arlequim com barriga?

- O meu metabolismo nunca o permitiria respondeu ele, muito satisfeito consigo próprio. Comeu a fatia de piza e bebeu um gole de vinho. - Estive a ver alguns filmes - replicou, de repente. - De Fred Astaire e Gene Kelly. Que lindos movimentos... Graças aos ângulos adequados da câmara podemos apreciar a dança em todo o seu esplendor. Os ângulos são a chave.

- Viste Um Americano em Paris? - perguntou Ruth. - Eu adoraria fazer algo parecido.

- Seria interessante - concordou ele, olhando para o vazio.

- Em que estás a pensar? Estudou-a com o olhar.

- Um novo bailado com alguns dos vossos típicos filmes americanos... - abanou a cabeça como se quisesse livrar-se daquela ideia.

- Come mais - serviu outra fatia a Ruth. Quando se peca, terá de ser muito bem pecado.

- Outro costume russo? - perguntou-lhe ela, com um sorriso.

- É claro - respondeu ao mesmo tempo que lhe enchia o copo.

Acabaram a piza e deixaram um pedaço para o gato. Nick contou-lhe como os ensaios avançavam e comentou alguns mexericos da companhia. Quando lhe perguntou sobre as sequências de dança dos filmes que não vira, ela descreveu-as o melhor que conseguiu.

- Estás a pensar em compor este novo bailado para a televisão? - perguntou-lhe Ruth, enquanto lavava os pratos. - É para os projectos que acedeste a fazer?

- Talvez - respondeu, vagamente. - Nadine também gostaria de um documentário sobre a companhia. Estão a considerá-lo. Aprendi algo enquanto filmavam Ariel e outros bailados, mas as câmaras estavam sempre afastadas. Desta vez, estarão por todos os lados e o director saberá mais da dança do que todos os outros com quem trabalhei - concluiu com um sorriso, enquanto Ruth lhe estendia um prato para ele limpar. - Senti a tua falta.

Ela olhou para ele. Passavam quatro horas juntos por dia, mas sabia a que se referia.

- Eu também senti a tua falta.

- Podíamos tirar alguns dias quando tudo isto acabar... Antes de começarem os novos ensaios - pousou o prato e acariciou-lhe o cabelo. - Gostarias de vir comigo à Califórnia?

À sua casa em Malibu, pensou ela com um sorriso.

- Sim - esqueceu os pratos e abraçou-o pela cintura. Estiveram calados por um momento, até Nick se inclinar e a beijar no cabelo.

- Não queres saber o que está no outro saco? Ruth emitiu um pequeno gemido.

- Não consigo comer mais nada.

- Mais vinho? - sussurrou ele.

- Não - respondeu ela, com um suspiro. Só a ti.

- Então, vamos - afastou-se e estendeu-lhe a mão. - Já esperámos o suficiente.

Saíram da cozinha, mas ela reparou no saco fechado.

- O que está ali?

- Pensava que não te interessavas. Incapaz de resistir à curiosidade, Ruth abriu o saco e ficou sem palavras.

Onde esperara encontrar um enorme bolo de chocolate, estava a pele de raposa que vira no Saks. Tocou nela com a ponta dos dedos e olhou para Nick.

- Não engorda - tranquilizou-a ele.

- Nick... - fez um esforço para falar e abanou a cabeça.

- Fica-te muito bem. E a cor combina com o teu cabelo - pegou numa madeixa do cabelo de Ruth e deixou-a cair entre os seus dedos. É suave, como tu.

- Nick - segurou na mão dela. - Não posso.

- Não vais deixar que te dê presentes?

- Sim, suponho que sim - deixou escapar um pequeno suspiro. Era muito difícil explicar-se com coerência face a um sorriso como o de Davidov. - Mas não um presente como este...

- Não puseste objecção à piza - indicou ele.

- "Não é o mesmo - emitiu um gemido quando ele lhe beijou o pulso. - Além disso, tu comeste metade.

- Porque gosto... tal como gostarei de te ver com isto vestido.

- É muito caro.

- Ah, de modo que só posso dar-te presentes baratos - afastou-lhe a manga e beijou-lhe o cotovelo.

- Pára de me fazer parecer uma estúpida! protestou ela.

- Não precisas da minha ajuda para isso - antes de ela poder responder, apertou-a com força e fê-la calar-se. - Não gostas?

- Sim, claro que gosto. É lindo - ela suspirou outra vez e apoiou a cabeça no seu ombro.

- Mas não tens de comprar nada.

- Não, não tenho obrigação de o fazer deslizou uma mão pela curva da anca. - Se o faço é porque quero - afastou-a e sorriu novamente. - Vamos, experimenta.

Ruth observou-o. Parecia tão generoso, impulsivo e... tão Nick que não podia negar-se.

- Obrigada - agradeceu, num tom de voz tão sério que ele desatou a rir-se e abraçou-a.

- Voltas a parecer uma coruja. Prudente e sábia. Agora, por favor, deixa-me ver-te com isso vestido.

As poucas dúvidas que restavam foram dissipadas ao ouvi-lo dizer "por favor".

Podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que o ouvira dizê-lo. Sem mais demora, pôs as

mãos no saco e tirou a pele.

- É lindo, Nick. Realmente lindo.

- Não a vestias sobre o robe, milaya - abanou a cabeça quando Ruth fez menção de pôr a pele de raposa, - não condiz com esse tecido.

Ela olhou para ele e abriu o robe. Deixou-o cair ao chão e embrulhou-se rapidamente com a pele. Nick sentiu um nó no estômago ao vê-la nua por um segundo. O cabelo preto caía-lhe sobre o branco azulado da pele e os seus olhos brilhavam de entusiasmo.

- Tenho de ver como fica! - exclamou Ruth e pensou em ir a correr ao espelho do quarto.

- Amo-te.

As palavras atravessaram-lhe o peito e sentiu falta de ar, como se tivesse caído no palco. O ar não chegava aos seus pulmões. Fechou os olhos e apertou com tanta força a pele que lhe doeram as mãos. Não conseguia relaxá-la.

Muito lentamente virou-se para ele. Tinha a garganta bloqueada, por isso as suas palavras foram quase inaudíveis.

- O que disseste?

- Amo-te. Disse-te em inglês, mas já o disse antes em russo. Ya lyublyu tebya.

Ruth recordou as palavras que lhe sussurrara ao ouvido quando fizeram amor, antes de ela adormecer nos seus braços. Os seus joelhos começaram a tremer.

- Não sabia o que significavam. -Agora sabes.

Ela ficou a olhar para ele, sentindo como o tremor lhe dominava o corpo.

- Tenho medo - sussurrou. - Esperei muito tempo para te ouvir dizer isso e agora estou assustada. Nick... - engoliu em seco com dificuldade enquanto os seus olhos se enchiam de lágrimas. - Não acho que consiga mexer as pernas.

- Queres caminhar para mim ou afastar-te?

A pergunta tranquilizou-a. Talvez ele também estivesse assustado. Aproximou-se dele e esperou até recuperar o tom normal para poder falar.

- Como se diz? - perguntou-lhe. - Quero dizê-lo em russo.

- Ya lyublyu tebya.

- Ya lyublyu tebya, Nikolai - disse-o, hesitando devido à pronúncia, mas viu como os seus olhos se acendiam e abraçou-se com força a ele. - Ya lyublyu tebya - declarou, outra vez. - Amo-te.

Beijou-lhe o cabelo, as faces e as pálpebras, antes de a beijar nos lábios.

- Ona-moya - disse, num tom quase selvagem. - És minha.

A pele de raposa caiu ao chão.

Treze

Ruth sabia que nunca trabalhara tão arduamente na sua vida. Interpretar um bailado nunca era fácil, mas dançar para quatro câmaras era irritante e cansativo. As sequências curtas tinham de se repetir várias vezes, por isso era impossível manter a expressão. Estava habituada às luzes, mas os cabos e as câmaras a encherem o palco eram outro assunto. Ruth sentia que a encurralavam num espaço muito reduzido.

Sofria câibras nos músculos de tanto começar e parar e tinham de lhe retocar continuamente a maquilhagem para os primeiros planos. A audiência televisiva não gostaria de ver gotas de suor no rosto elegante de uma bailarina. Num teatro e graças à distância do palco, era possível fazer com que o público pensasse que o bailado não significava esforço. Mas, à frente da câmara, era impossível.

Tinham de repetir até não poder mais a mesma série de soubresauts e de piruetas. Pela sua parte, Nick parecia incombustível e a câmara fascinava-o. Não mostrava sinais de desgosto com as falhas técnicas. Simplesmente, parava e começava a falar com o director enquanto o pessoal deixava tudo pronto. Então, voltava a repetir os passos com uma energia renovada.

Para uma sequência que não duraria mais de três minutos tinham estado a trabalhar mais de duas horas. Era uma cena cheia de paixão e de entrega, o tipo de dança próprio de Nick. Ruth executou uma pirueta tripla, mas sentiu uma pontada de dor e caiu ao chão. Ele aproximou-se rapidamente dela.

- É apenas uma câibra - disse ela, com a respiração entrecortada.

- Aqui? - segurou na barriga da perna e sentiu o músculo duro.

Ruth assentiu e ele começou a massajar-lhe os gêmeos. A dor era muito intensa. Fechou os olhos e apoiou a testa nos joelhos.

- Dez minutos, por favor - ouviu que Nick dizia. - Magoaste-te ao cair? - ela só conseguiu abanar a cabeça. - Isto é o que acontece por não usares meias - replicou, com o sobrolho franzido.

- Não consigo fazê-lo! - exclamou ela, de repente. - Não consigo fazê-lo bem!

- Que tolice é essa?

- Não são tolices! Não consigo fazê-lo. É impossível. Várias vezes, sem parar... Como posso sentir alguma coisa se não houver química? E como vou executar bem um salto com toda aquela gente em cima de mim?

- Ignora-os e limita-te a dançar - declarou ele, num tom de voz gelado. - É inevitável!

- Inevitável? - replicou ela. - Eu dir-te-ei o que é inevitável. É inevitável suar e nem sequer me permites. Se aquele homem me empoeirar a cara outra vez, vou começar a gritar - não conseguiu continuar quando sentiu uma câibra na outra perna. - Oh, Nick, estou tão cansada.

- E o que vais fazer? Desistir? - perguntou-lhe com dureza, enquanto lhe massajava a outra perna.

- Preciso de uma parceira, não de uma menina queixosa.

- Não sou uma menina - replicou ela. Nem uma máquina!

- És uma bailarina - sentiu que o seu músculo aliviava com o toque. - Dança!

- Obrigada pela tua compreensão - afastou-lhe as mãos e levantou-se. As suas pernas dobraram-se ao receber o seu peso, mas conseguiu endireitá-las.

- Há um lugar para a compreensão - indicou ele, ficando também de pé. - E não é este. Tens um trabalho para fazer. E agora, vai maquilhar outra vez a cara.

Ruth olhou para ele por um instante e saiu do palco sem dizer uma palavra.

Quando a viu afastar-se, Nick praguejou e sentou-se para aliviar a dor das suas pernas.

- És muito duro, Davidov.

Ele levantou o olhar e viu Nadine. Acabava de se levantar de uma cadeira.

- Sim - voltou a olhar para a perna. - Já me disseste isso.

- É por isso que gosto de ti - foi até um lado do palco e subiu os degraus. - Mas ela ainda é jovem - os seus saltos ecoaram pela sala.

Ajoelhou-se junto dele e começou a massajar-lhe a perna.

- Bons pés... e umas pernas maravilhosas. Muito musicais - esboçou um sorriso rápido.

- Ruth não é tão dura como nós.

- Melhor para ela.

- Pior para ti porque estás apaixonado por ela - Nick olhou para ela com uma sobrancelha arqueada. - Eu sei tudo sobre os meus bailarinos - continuou Nadine. - E, às vezes, até sei antes de eles saberem. Estás apaixonado por ela há muito tempo.

- E? - perguntou ele.

- Os bailarinos costumam juntar-se. Afinal de contas, falam o mesmo idioma e têm os mesmos problemas... - Nadine sentou-se no chão. - Mas quando o meu premier danseur e director artístico se junta com a minha melhor bailarina, começo a preocupar-me.

- Não há razão para te preocupares, Nadine

- declarou ele num tom amável, mas o seu aborrecimento era evidente.

- As aventuras amorosas podem seguir caminhos muito diversos - insistiu ela. - Acredita em mim, eu sei muito bem - ela sorriu com tristeza. - Os bailarinos são uma espécie muito sentimental, Nick. Não quero perder nenhum dos dois se sofrerem um desencanto. Ainda menos quando Ruth está destinada a ser a prima ballerina absoluta.

- Estás a pedir-me para deixar de sair com ela? - perguntou, num tom frio. Levantou-se e olhou para ela com os seus olhos azuis penetrantes.

Nadine também olhou para ele, pensativa.

- Há quanto tempo te conheço, Davidov?

- Há demasiado - respondeu, com um sorriso breve.

Ela assentiu e estendeu uma mão para que a ajudasse a levantar-se.

- Muito tempo, o suficiente para saber que não posso sugerir nada. Ao longo dos anos vi o teu grande desfile de mulheres.

- Spasiba.

- Não foi um elogio - replicou ela. - Era apenas uma observação - fez uma breve pausa.

- Bannion é diferente.

- Sim - ele concordou. - Bannion é diferente.

- Tem cuidado, Davidov. Os amores são muito perigosos para os bailarinos - virou-se para olhar para uns técnicos que entravam no palco. - Odiar-te-á por um momento.

- Terei de sobreviver a isso.

- Claro que sim - corroborou ela.

Naquele momento, Ruth saiu dos bastidores. Caminhava muito erguida e com uma expressão serena. Tinham-lhe retocado a maquilhagem e ela afastara da sua cabeça tudo o que não estava relacionado com o bailado que tinha de interpretar. Enquanto não estivesse tudo gravado, não se permitiria albergar outros sentimentos, senão os da sua personagem. Aproximou-se de Nick.

- Estou preparada.

Ele olhou para ela e quis perguntar-lhe se continuava a doer-lhe a perna. Também quis dizer-lhe que a amava.

- Está bem, comecemos de novo.

Duas horas depois, Ruth estava sob o duche. Tinha o corpo demasiado intumescido para sofrer dor e a fadiga impedia-a de pensar com clareza. Só tinha duas coisas claras: odiava dançar para a televisão e Nick abandonara-a quando mais precisava dele. Recriminara-a como se ela fosse uma menina preguiçosa e fraca. Ruth já estava suficientemente humilhada por ter perdido o controlo em público. As palavras de Nick só tinham conseguido piorá-lo.

A sua força e resistência sempre foram uma fonte de orgulho. Cair no palco era mais doloroso do que podia suportar. Naquele momento precisara de apoio e só recebera desprezo.

Saiu do duche e embrulhou-se numa toalha. Naquele momento, entrou Leah, ainda vestida com a roupa de rua. A loira inclinou-se sobre um lavatório e sorriu.

- Olá! - cumprimentou, enquanto observava com atenção o rosto pálido e cansado de Ruth. - Um dia difícil?

- Bastante difícil - ela abriu a sua mala e tirou uma camisola.

- Ouvi dizer que tiveste alguns problemas com o número desta tarde.

Ruth vestiu a camisola e demorou um instante a recompor a sua expressão.

- Nada importante - replicou, com toda a despreocupação que pôde, embora lhe custasse dizer aquelas palavras. - Já acabaram queravar o Lê Cor sair e.

- Morro de impaciência por o ver - Leah sorriu e começou a pentear os seus finos cabelos loiros. -

Pareces pálida - replicou, enquanto Ruth vestia umas calças de ganga. - É uma sorte que tenhas alguns dias de descanso antes da gravação do The Red Rose.

- Vê-se que não perdes nada do programa.

- Importo-me com tudo o que acontece na companhia.

Ruth sentou-se num banco e tirou uns sapatos da mala. Calçou um e olhou para Leah.

- O que queres?

- Nick - respondeu Leah, imediatamente. Sorriu ao ver o brilho nos olhos de Ruth. - Não dessa maneira, querida, embora reconheça que é tentador... Parece que ser a sua amante tem as suas vantagens.

Ruth reprimiu o desejo de lhe atirar o outro sapato à cabeça.

- O que há entre Nick e eu é pessoal e não é assunto de mais ninguém - levantou-se. O seu sangue fervia de fúria pelas veias.

- Oh, mas há uma relação! - Leah mexeu-se e tocou no braço de Ruth.

O toque inesperado surpreendeu-a. Nunca em toda a sua vida estivera tão perto dela como naquele momento. Deixou cair a mala ao chão.

- O quê?

Leah apoiou-se na beira do lavatório e cruzou as pernas.

- Tenho intenção de ser prima ballerina absoluta.

- Isso é algo novo? - perguntou Ruth, arqueando uma sobrancelha.

- Tenho consciência de que, para o conseguir e ficar na companhia, preciso que Nick seja o meu parceiro de dança.

- Então, tens um problema. Ele é o meu parceiro.

- Por enquanto - admitiu ela. - Mas deixará de o ser quando se cansar de ir para a cama contigo.

- Esse é um problema meu - replicou, com tranquilidade.

- As amantes de Nick nunca duram muito com ele. Todos presenciámos as desigualdades na sua carreira amorosa. Lembras-te daquela advogada, há seis ou sete meses? Tão elegante... e antes houve uma modelo. Nunca gostou de escolher dentro da companhia. O nosso Nikolai é muito susceptível.

- O meu Nikolai - corrigiu Ruth. - Mais vale concordares com os parceiros que te atribuíram.

- Nick não continuará a dançar mais de dois anos. Já passa quase o tempo todo com as coreografias. Dois anos é tudo o que preciso.

- Dois anos - repetiu Ruth. Desatou a rir-se e pendurou a mala ao ombro. - Eu serei prima ballerina absoluta dentro de seis meses - deixou que a fúria contida explodisse nas suas palavras. - Quando emitirem o programa de televisão, todos saberão quem sou. Se o que te preocupa é a competição, tenta noutra companhia.

- Competição! - Leah semicerrou os olhos.

- Falhaste na tua primeira gravação - esboçou outro dos seus sorrisos radiantes. - Nick pode ser

persuadido para suprimir as outras duas... ou para as dar a alguém com mais resistência.

- Alguém como tu.

- É claro.

- Da perspectiva de um burro - ripostou, num tom de voz suave e saiu sem olhar para ela.

Embora aquele pequeno gesto a ajudasse, ainda tinha os nervos à flor da pele. A confusão emocional afastara-lhe a mente do corpo e, quando desceu as escadas, não sentia a dor nos gémeos. Dirigiu-se para a rua, cheia de indignação.

- Ruth - Nick agarrou-a pelo braço quando ela não respondeu. - Onde vais?

- Para casa.

- Ótimo! - observou-lhe o rosto com cuidado. - Eu levar-te-ei.

- Sei onde vivo, obrigada - virou-se para a porta, mas ele segurou-a com firmeza.

- Disse-te que te levarei.

- Muito bem - encolheu os ombros. - Tu ganhas.

- Exactamente - respondeu num tom frio e fê-la entrar num táxi.

Ruth sentou-se junto da porta e apertou a mala contra o seu colo. Nick sentou-se ao seu lado e não mostrou nenhum interesse em falar. Parecia estar sumido nos seus próprios pensamentos. Ela também não pronunciou palavra, embora no seu caso fosse por pura teimosia.

A cena com Nick no palco repetia-se na sua cabeça, seguida da cena com Leah. Ruth expressou a sua raiva em forma de um silêncio sepulcral.

Quando o táxi os deixou em frente do seu apartamento, ela saiu pelo seu lado e preparou-se para se despedir de Nick. No entanto, ele deu a volta ao táxi e agarrou-a outra vez pelo braço. Sem fazer comentários, Ruth caminhou com ele para o edifício.

Ao abrir a porta, entrou com rapidez, deixando que Nick a seguisse ou se fosse embora se quisesse.

Nijinsky estava deitado no sofá e endireitou-se quando os ouviu entrar. Saltou silenciosamente para o chão e deu voltas ao redor dos tornozelos da sua dona antes de se aproximar de Nick. Este cumprimentou o gato, mas Ruth não fez caso ao bichano. Entrou directamente no quarto para desfazer a mala.

Entreteve-se de propósito na tarefa. Enquanto punha os sapatos na cómoda, ouviu um ruído proveniente do outro quarto. Com muito cuidado tirou os ganchos do cabelo e deixou-o solto, com o que conseguiu aliviar um pouco a dor de cabeça. Penteou o cabelo, demorando-se com a escova. Todo o apartamento estava em silêncio.

Durante dez minutos, ocupou-se de uma dúzia de pequenas tarefas no quarto. Mas não conseguia tranquilizar-se. Decidiu que precisava de comer alguma coisa e, prendendo o cabelo com uma fita, saiu do quarto.

Nick estava a dormir no sofá, com Nijinsky aninhado em forma de bola sobre o seu peito. O gato

subia e descia ao ritmo da respiração lenta e profunda dos seus pulmões.

Todo o ressentimento de Ruth desapareceu.

Percebeu que estava cansado. Conseguia vê-lo no seu rosto. Porque não o vira antes? Porque estava demasiado perdida em si própria, pensou com remorsos.

Observou as rugas profundas das suas faces e as sombras sob os olhos. Suspirou e sentiu vontade de chorar... Não, nada de lágrimas, obrigou-se a pensar.

Agarrou numa manta e estendeu-a até à cintura de Nick. Ele não se mexeu, mas Nijinsky abriu os olhos, olhou para ela e voltou a dormir.

Ruth sentou-se em frente do sofá com as pernas cruzadas por baixo dela e observou como o seu amante dormia.

Catorze

Quando Nick acordou, viu tudo escuro. Desorientado, esfregou os olhos com os dedos. Sentia um peso no peito e, ao mexer a mão, descobriu uma bola peluda e quente. Praguejou quando o gato lhe cravou as unhas. Afastou-o e sentou-se. Saía luz da porta da cozinha, por isso levantou-se e foi para lá.

Ruth estava de pé junto do fogão. Tinha o cabelo para trás e Nick conseguiu ver o seu perfil delicado. Tinha os lábios um pouco abertos num ar de concentração. Lábios suaves e carnudos que ele podia saborear só de olhar para eles. O seu pescoço esbelto era o próprio de uma bailarina clássica e ele sabia em que ponto é que aquela pele era mais sensível.

A luz da cozinha, Ruth parecia muito jovem. Muito mais do que parecera a Nick da primeira vez que a vira... num dia ensolarado no estacionamento da escola de Lindsay. De repente, ela percebeu que ele estava a olhar para ela e virou-se. Os seus olhos encontraram-se e ela humedeceu os lábios.

- Pensei que terias fome. Apetece-te uma omeleta?

- Sim, ótimo!

Apoiou-se na ombreira da porta enquanto ela dedicava a sua atenção ao fogão. Olhou para o seu relógio e viu que eram nove em ponto. Só dormira algumas horas, mas sentia-se tão descansado como se tivesse dormido toda a noite.

- Posso ajudar?

Ruth manteve o olhar fixo na frigideira.

- Podes ir tirando os pratos. Já está quase Nick tirou copos e chávenas. - Queres mais alguma coisa?

- Não, assim está bem.

Ela serviu a primeira omeleta num prato.

- Vai comendo tu. A minha estará pronta num minuto - replicou, enquanto punha mais ovos batidos na frigideira. A cafeteira começou a ferver. - Levarei também o café.

Nick pegou no seu prato e foi à sala de jantar enquanto ela continuava a cozinhar. Pouco depois, Ruth saiu da cozinha com outro prato e a cafeteira.

- Está boa? - perguntou-lhe, enquanto servia o café nas duas chávenas.

- Sim, está muito boa - respondeu ele.

Ruth evitou o seu olhar e pousou a cafeteira. Sentou-se em frente dele e começou a comer sem demasiado apetite.

- Tenho de te agradecer por me teres deixado dormir - replicou Nick. - Precisava disso. E disto também - acrescentou, apontando para o prato.

- Parecias muito cansado - murmurou ela. Nunca pensei que para ti também fosse difícil.

- Ah... Davidov, o indestrutível - brincou ele, num tom jocoso.

- Suponho que foi assim que sempre te vi declarou ela, olhando para ele. - Eu e todos os outros.

- Tu não és "todos os outros" - viu as lágrimas que começavam a aparecer nos seus olhos e sentiu um nó no estômago. - Devias comer - apressou-se a dizer. - Foi um dia muito difícil.

Ruth levantou a chávena de café, tentando manter a compostura. Sofrera demasiado.

- Não tenho fome.

Nick encolheu os ombros e continuou a comer.

- Algo está a queimar-se - comentou.

Ela gritou e correu para a cozinha.

Esquecera-se de apagar o fogão e a frigideira estava a queimar-se. Uma coluna de fumo elevava-se desde a sua superfície chamuscada. Ruth apagou a chama e deu um pontapé ao fogão.

- Cuidado! - exclamou Nick da porta. Não posso dançar com uma parceira que tenha os dedos dos pés partidos.

Ela virou-se, desejando desabafar. Ele limitou-se a sorrir, mas era como se tivesse posto o dedo na ferida.

- Oh, Nick! - atirou-se para os seus braços e agarrou-se a ele. - Foi um dia horrível. Dancei mal.

- Não - corrigiu ele e beijou-a no cabelo. Dançaste muito bem, sobretudo quando te zangaste comigo.

Ruth deitou a cabeça para trás e olhou para ele. Sabia com certeza que ele nunca mentiria, fazendo-a pensar que dançara bem.

- Não devia ter-me zangado contigo. Estavas tão triste, tão metida nos meus sentimentos, que não me ocorreu pensar como tudo isto é difícil para ti. Fazes sempre com que tudo pareça tão fácil...

- Não gostas da câmara.

- Odeio-a. É horrível!

- Mas muito valiosa.

- Eu sei, eu sei... - afastou-se e parou com firmeza. - Odeio a forma como tive de me comportar esta tarde, a chorar à frente de toda a gente e a gritar de fúria.

- És uma artista. Já te disse. Temos o direito de nos comportarmos assim.

- Eu não gosto de fazer cenas em público respirou fundo. - E também não gosto de me ver como uma pessoa egoísta e insensível.

- És muito dura contigo própria, Ruth. A mulher que eu amo não é egoísta nem insensível.

- Hoje fui - corrigiu ela, negando com a cabeça. - Só parei para pensar nos outros quando te vi a dormir no sofá. Parecias tão cansado... Sei que estás a trabalhar arduamente, não só no nosso bailado, como em todos os outros ensaios que tens de fiscalizar e em todas as reuniões a que tens de assistir. Mas só consegui pensar em como odeio aquelas malditas câmaras e em como me doíam as pernas - deixou escapar um suspiro suave. Não suporto a ideia de ter uma única obsessão na vida, tal como Donald me acusou uma vez.

- Oh, já chega! - Nick segurou-a com firmeza pelos ombros. - Temos de pensar em nós e nos nossos corpos. Não há outra maneira de sobreviver. És uma estúpida se pensares que és menos do que uma pessoa. Somos diferentes dos outros. E fazemos as coisas ao nosso modo.

- Egoistamente?

- Terás de lhe dar um nome? - abanou-a ligeiramente e apertou-a contra ele. - Chama-nos egoístas se quiseres. Entregues, obcecados... O que importa? Será que um desses qualificativos vai mudar-te? Ou a mim? - perguntou e beijou-a na boca.

Ruth gemeu ao receber o beijo. Os lábios de Nick eram doces e, ao mesmo tempo, ardentes e possessivos e faziam-na vibrar de paixão.

- Era assim que queria beijar-te esta tarde sussurrou, quase sem afastar a boca da sua. Odeias-me por não o ter feito?

- Não. Não... Mas queria que o fizesses abraçou-o com mais força. - Queria-o com desespero.

- Nunca teria acabado o ensaio se te tivesse consolado assim - Nick inclinou a cabeça e olhou para ela nos olhos. - Eu sei porque te conheço. Isso torna-me frio e egoísta?

- Isso torna-te Davidov - Ruth suspirou e sorriu. - E isso é o que eu quero.

- E tu és Bannion - voltou a aproximar os seus lábios. - O que eu quero.

- Fazes com que pareça muito simples. É?

- Esta noite, é - redarguiu ele e pegou nela ao colo.

Quinze

Ruth sentou-se na sexta fila e observou a gravação de outra cena.

Os seus três bailados tinham acabado. Para nove ou dez minutos no ar foram necessários três dias de trabalho intenso.

Finalmente, Ruth aprendera a actuar para a câmara, até mesmo a tolerá-la. Mas sabia que nunca poderia sentir o mesmo fascínio que Nick sentia.

Pela sua parte, ele estivera incrível no pás de deux de Carnaval. Com o seu fato e a sua máscara de Arlequim e os seus movimentos incrivelmente ágeis e exuberantes, dera mais vitalidade a Columbina do que Ruth teria achado possível.

Irradiava uma energia espantosa, mesmo quando não estava a dançar, pensou ela enquanto o via no palco.

Os bailarinos estavam a interpretar uma cena de Rodeo. Entre os chapéus de cowboy, Nick destacava-se com a sua camisola discreta enquanto dava instruções. Não teria chamado mais a atenção, mesmo que fosse vestido de ouro ou de prata.

Ruth sabia que ele descansara pouco durante as últimas semanas. E, no entanto, continuava tão enérgico como se fosse dez anos mais jovem. Como o faria?, perguntava-se ela.

Pensou no que Leah lhe dissera. Será que Nick deixaria de dançar ao fim de dois anos? Ruth não suportava pensar nisso. Ele parecia ainda tão forte e jovem. Na verdade, em muitas outras profissões, a sua idade não significaria nada. Como director, coreógrafo ou compositor poderia continuar a trabalhar de maneira indefinida. Mas como danseur nobre o tempo era primordial.

Ele sabia, certamente. Como se sentiria a respeito disso?, perguntou-se Ruth enquanto o via sair do alcance da câmara. Nunca falara disso. Havia muitas coisas que nunca lhe dissera...

Ruth tinha consciência de como mudava de assunto cada vez que ela mostrava o seu interesse pela vida que deixara na Rússia. Não era simples curiosidade, mas ela ainda não sabia como fazer as suas perguntas.

Irritava-a que não quisesse partilhar tudo com ela. A intimidade era algo que valorizava e respeitava nos outros, mas se amava Nick tinha de saber tudo acerca dele. No entanto, ele evitava falar do seu passado e também não falava dos seus planos de futuro.

Com demasiada frequência, pensava nela como se fosse uma criança. Como poderia convencê-lo a partilhar os seus problemas tal como as suas alegrias?

A música do Velho Oeste encheu o teatro. Uma música rápida e estridente que pôs os bailarinos em movimento.

Atrás de uma câmara, Nick observava tudo enquanto seguia o ritmo com o pé.

Será que se sentira sempre assim tão atraída por ele?, pensou Ruth. Tão fascinada por ele? Sentia

um calafrio ao pensar numa vida amorosa junto de uma lenda viva. Estavam há pouco tempo juntos, mas as exigências da sua profissão pressionavam-nos. A dança era um laço e ao mesmo tempo um peso. O tempo que passavam a sós no seu apartamento era como estar noutra mundo. Lá, podiam ser só um homem e uma mulher. Mas tinham sempre de voltar para a música e para as luzes e, nesse mundo, que consumia a maior parte das suas vidas, Davidov era o mestre.

- Parece que está a sair-se bastante bem, como de costume - replicou Nadine, sentando-se junto dela.

A música parou e Nick estava a falar com os bailarinos, enquanto o director dava instruções pelo microfone.

- Sim, parece que sim - concordou Ruth, com o olhar fixo nele.

- É como uma criança que recebeu um comboio eléctrico.

- Um comboio eléctrico?

- Sim, tu sabes... Tanto entusiasmo devido a um brinquedo novo - explicou ela, fazendo um gesto com as mãos. - Está contente com isto.

- Sim, vejo que sim.

- As tuas danças saíram bem - Ruth desatou a rir-se face àquele comentário. - Bom, sei que tiveste de fazer alguns ajustes, mas a vida é assim.

- Estavas a observar?

- Estou sempre a observar.

- Não costumas ser muito amável, Nadine.

- Querida, nunca sou amável. Não posso permitir-me isso - a música começou novamente e Nadine olhou para o palco. - Todos se saíram bem. A gravação é magnífica.

- Já a viste? - perguntou Ruth, com interesse.

Nadine franziu a testa.

- Este programa devia sair como esperamos. E posso dizer-te sinceramente que Nick e tu juntos são o melhor que vi em muito tempo. Nunca pensei que pudesse encontrar uma parceira que estivesse à altura de Lindsay. Claro que ela e tu têm estilos muito diferentes. Lindsay elevava-se como se fosse parte do ar... sem esforço, de um modo quase místico. Tu, pelo contrário, parece que desafias a gravidade.

Ruth pensou na comparação. Parecia fazer sentido.

- Lindsay é a melhor bailarina que alguma vez vi.

- Perdemo-la porque permitiu que a sua vida pessoal se intrometesse na profissional explicou Nadine.

- Não teve escolha - replicou Ruth, em defesa de Lindsay. - Depois da morte do seu pai teve de se ir embora.

- Todos tomamos as nossas próprias decisões - Nadine virou-se para olhar para ela. Não acredito

no destino. Somos nós que fazemos com que as coisas aconteçam.

- Lindsay fez o que tinha de fazer.

- Fez o que escolheu fazer - corrigiu Nadine. - Todos o fazemos. Eu sempre tive uma prioridade. Eu gostaria que todos os meus bailarinos fizessem o mesmo, mas sei que é impossível. Tu tens o talento, a juventude, a possibilidade de te transformares numa eminência no mundo do ballet. Lindsay estava nesse caminho, mas abandonou-o. Eu não gostaria de te perder também.

- Porque havias de me perder? - perguntou Ruth, num tom cauteloso e com os olhos fixos em Nadine. Já não se interessava pelo que se passava no palco.

- Os bailarinos têm um temperamento muito inconstante.

- Já me disseram isso. Mas isso não responde à minha pergunta.

- Preciso de ti e de Nick, Ruth, mas preciso mais dele - fez uma pausa para que ela entendesse bem as suas palavras. - Se os dois chegarem a um ponto em que... as coisas já não sejam iguais e não consigam... ou não queiram trabalhar juntos, teria de tomar uma decisão. A companhia não pode perder Nick.

- Compreendo - Ruth olhou para o palco.

- Pensei muito antes de falar contigo. Queria deixar clara a minha opinião sobre este assunto.

- Falaste com ele?

- Não - Nadine olhou para ele enquanto ele falava com os técnicos. - Mas fá-lo-ei se for necessário. Oxalá não seja.

- Muitos bailarinos acabam por se juntar comentou Ruth. - Alguns chegam a casar-se. Tens por costume bisbilhotar as suas vidas privadas?

- Sempre pensei que havia um fogo escondido por detrás dessas maneiras tão escrupulosas - Nadine esboçou um sorriso. - Fico contente por o verificar - fez uma pausa. Desde que nada seja prejudicial para a companhia, não há razão para criar um mal-estar lançou outro olhar directo a Ruth. - Mas Nick não é apenas um dos meus bailarinos. Ambas sabemos isso.

- Não acho que o que há entre nós tenha interferido na companhia ou na dança - replicou Ruth.

- Ainda não. Eu gosto de falar contigo, Ruth. Por isso vim. Mas tenho de ir para tirar alguns dólares a um patrocinador - levantou-se e saiu do teatro.

No palco, Nick prestava atenção aos seus bailarinos. Via-os de maneira individual e como grupo.

"Este braço não está suficientemente direito, aquele pé mais atrás..."

Observava alguns deles com especial atenção. Dentro de pouco seriam solistas. Também havia uma rapariga de dezoito anos a quem prestava mais atenção. Tinha uma beleza clássica e os seus movimentos eram leves, velozes e etéreos. Fazia-o lembrar-se um pouco de Lindsay. Vira-a actuar em O Quebra-nozes e pensara em falar com a madame Maximova para que trabalhasse com ela à parte.

O director parou a gravação e Nick corrigiu alguns detalhes. Estava a trabalhar há duas horas e as luzes dos focos brilhavam sem piedade.

Quando observava os bailarinos, Nadine era como um falcão a espreitar as galinhas, pensou Nick. Pobres bailarinos... Seriam conscientes do trabalho pesado e monótono que a dança significava? Muito poucos deles chegariam mais longe. Olhou novamente para a jovem. Aquela seria uma das privilegiadas, decidiu. Em dois anos, estaria a seguir os passos de Ruth.

Sorriu ao recordar os primeiros dias de Ruth. Era tão jovem e reservada... Só quando dançava é que se mostrava segura de si própria.

Nick vira-a crescer e vira como o seu talento florescia. No entanto, e para seu espanto, já a desejava desde que entrara na academia.

Cinco anos, pensou.

Cinco anos e, finalmente, era dele. Mas não era suficiente. Havia noites em que, por causa do trabalho, tinha de voltar para a solidão do seu apartamento e atormentava-o saber que ela dormia noutra cama.

Perguntava-se se o facto de ter passado tanto tempo à espera dela o tornava mais impaciente. Resistir a um compromisso maior era uma luta diária. Nem sequer tivera intenção de lhe dizer que a amava. Os segundos que passaram antes de lhe responder com a mesma declaração foram insuportáveis. Estivera paralisado pelo medo e o medo era uma sensação de que não gostava.

Uma parte dele ressentia-se devido ao efeito que Ruth lhe produzia. Nenhuma outra mulher ocupara os seus pensamentos daquela maneira. Mas o pior era que não se entregava por completo. Continuava a mostrar-se reservada e isso enfurecia-o.

Desejava-a sem reservas nem segredos. Quanto mais tempo passavam juntos, mais difícil era não a pressionar para que se entregasse por completo a ele. Mesmo naquele momento, com a mente no trabalho, conseguia sentir a sua presença. Estava sentada na escuridão, a observá-lo.

Não devia estar a martizá-lo daquele modo. Mas ele queria-a ali. Perto. As palavras que lhe sussurrara no seu apartamento tornavam-se cada vez mais certas. Precisava dela.

Finalmente, acabou a gravação e Nick ficou a falar com o director enquanto os bailarinos se iam embora em direcção aos duches.

Ruth levantou-se e aproximou-se do palco, passando entre os músicos.

- Uma hora, por favor - anunciou Nick e recebeu um gemido geral como resposta.

Os técnicos desligaram os focos e a temperatura desceu bastante. Alguns falavam da comida italiana tão deliciosa que serviam na rua do lado e das sandes de almôndegas. Nick rejeitou o convite, rindo-se, e eles, por sua vez, recusaram-se a ficar na cantina a comer iogurte.

- E então? - perguntou a Ruth. - O que te pareceu?

- Foi maravilhoso - respondeu, com sinceridade. Tentou não pensar na conversa com Nadine enquanto Nick a beijava. - Parece que tens um dom para a música country.

- Sempre pensei que seria um bom cowboy - ele sorriu e pôs um dos chapéus que tinham deixado no palco. - Só me faltam as pistolas.

- Fica-te bem - replicou ela, desatando a rir-se, e baixou-lhe a aba do chapéu sobre a testa. - Têm calças de ganga na Rússia?

- Cossacos - respondeu ele. - Não são precisamente o mesmo - rodeou-a com os seus braços. - Tens fome? Dispomos de uma hora antes de continuar. - Sim.

- Vamos procurar algo e subamos para o meu escritório. Quero estar contigo a sós.

Dez minutos mais tarde, Nick fechou a porta do seu escritório atrás deles.

- Parece-te bem um pouco de música para uma comida tão sofisticada? - perguntou ele e aproximou-se da aparelhagem.

Ruth deixou sobre a mesa as tigelas com salada de frutas enquanto ele punha um CD de Rimsky-Korsakov. Baixou o volume para um nível agradável e voltou para junto dela.

- Primeiro o mais importante - replicou e inclinou-se para a beijar.

A paixão com que ela o recebeu fê-lo arder em chamas de desejo. Tomou posse da sua boca como se fosse a única coisa que pudesse saciá-lo de prazer, enquanto ela deslizava as mãos sob a sua camisola e apalpava os músculos poderosos das suas costas.

O beijo foi tão acalorado e cansativo como uma sessão de dança. Concentraram todas as suas necessidades na união dos lábios e ambos ficaram sem respiração, ávidos de provar mais prazer.

Quando ele introduziu a língua na sua boca, ela deixou escapar um gemido. Desejava com desespero que lhe tocasse e ele pareceu ler os seus pensamentos.

Apertou-lhe um peito com uma mão enquanto com a outra puxava as suas calças de ganga. A pouco e pouco, os seus dedos foram deslizando para o interior...

Naquele momento, o telefone tocou. Nick deixou escapar toda uma série de asneiras incompreensíveis. Agarrou no auscultador com fúria e levou-o à orelha.

- Quem é? - perguntou, quase a gritar. Ruth deixou escapar o ar e sentou-se. Tremiam-lhe os joelhos.

- Agora não posso vê-lo - replicou ele, num tom cortante e impaciente. - Não, que espere. Estou ocupado, Nadine.

Ruth arqueou as sobrancelhas. Ninguém falava naquele tom com Nadine. Suspirou e olhou para Nick. Evidentemente, Davidov não era qualquer um.

- Sim, eu sei. Está bem, em vinte minutos. Não, em vinte - concluiu, antes de desligar. Olhou para Ruth, ainda com os olhos brilhantes de fúria. - Parece que um dos patrocinadores requer a minha atenção - praguejou e pôs as mãos nos bolsos. - Estou farto destes assuntos de dinheiro. Antes era fácil. Só tinha de dançar e ponto final. Agora já não basta isso. Deixaram-nos pouco tempo, Ruth.

- Anda cá e come um pouco - replicou ela, tentando acalmá-lo. - Vinte minutos é tempo suficiente.

- Não falo deste momento! - exclamou ele.

- Ontem à noite queria estar contigo, tal como todas as noites que dormi sozinho. Preciso de mais

do que isto... Mais do que alguns minutos por dia e do que algumas noites por semana.

- Nick... - começou ela, mas ele fê-la calar-se.

- Quero que venhas viver comigo.

Fosse o que fosse que Ruth ia dizer-lhe, desapareceu da sua mente. Ele estava de pé em frente dela, furioso e exigente.

- Ir viver contigo? - repetiu.

- Sim. Hoje. Esta noite.

Os pensamentos formaram redemoinhos na sua cabeça enquanto olhava para ele.

- Para o teu apartamento?

- Sim - respondeu ele, com impaciência e fê-la levantar-se. - Não posso... continuar a ir para uma casa vazia - apertou fortemente os braços. - Quero que vivas em minha casa.

- Viver contigo... - repetiu ela. - Mas... as minhas coisas...

- Podes trazê-las - Nick abanou-a com exasperação. - O que importam as tuas coisas?

Ruth abanou a cabeça e levantou uma mão para o afastar.

- Tens de me dar tempo para pensar.

- Bolas, porque tens de pensar? - praguejou em inglês, mas ela estava demasiado atordoada para perceber.

Devia ter esperado que lhe pedisse para dar aquele passo, mas não estava preparada para o ouvir a gritar.

- Preciso de pensar - replicou. - Estás a pedir-me para mudar a minha vida e para abandonar o único lar que tive.

- Estou a pedir-te para teres um lar comigo - os seus dedos afundaram-se mais nos braços. - Não vou continuar a tirar tempo de onde quer que seja para estar contigo.

- Não podes exigir-me isso! Eu é que tenho a última palavra nas minhas decisões. Não quero que me pressionas deste modo!

- Pressionar-te! Demónios! - aproximou-se da janela que havia atrás dela. - Tu falas-me de pressão? Cinco anos... Estive cinco anos à tua espera! Desejava uma menina e tive de esperar até essa menina se transformar numa mulher.

Ruth olhou para ele com os olhos esbugalhados.

- Estás a dizer-me que... que sentias algo por mim desde o começo... e nunca me disseste?

- O que podia dizer-te? - perguntou ele, furioso. - Só tinhas dezassete anos.

- Mas tinha o direito de tomar a minha própria decisão! - afastou o cabelo para trás e olhou para ele. - Não tinhas de escolher por mim.

- Dei-te a tua oportunidade quando chegou o momento apropriado.

- Deste-me! - repetiu, cheia de indignação.

- És o director da companhia, Davidov, mas não da minha vida. Como te atreves a tomar decisões

peçoais por mim?

- A minha vida também estava envolvida recordou-lhe ele. - Ou será que te esqueceste?

- Sempre me trataste como uma criança acusou ela, ignorando a pergunta. - Nunca pensaste que já tinha amadurecido antes de te conhecer. E agora dizes-me que passaste anos a esconder-me a verdade pelo meu próprio bem. E, além disso, exiges que vá viver contigo sem me dares oportunidade de pensar nisso.

- Não sabia que uma proposta semelhante podia ofender-te - replicou ele, friamente.

- Proposta? Foi uma ordem. E não quero que me ordenes que viva contigo.

- Muito bem, faz o que quiseres - olhou para ela, com uma expressão dura. - Tenho um compromisso.

- Vou tirar alguns dias! - exclamou ela, enquanto Nick se dirigia para a porta.

Ele parou com a mão na maçaneta e virou-se para ela.

- Os novos ensaios começam daqui a sete dias - replicou, num tom tranquilo. - Se não estiveres de volta nessa altura, serás despedida. Deixo a escolha nas tuas mãos.

Saiu do escritório sem se incomodar em fechar a porta atrás dele.

Dezesseis

Lindsay pegou em Amanda ao colo enquanto Justin fazia derrapar um carro de brinquedo pelo chão.

- O jantar estará pronto dentro de dez minutos, juvenzinho - avisou. - Vai lavar as mãos agora mesmo.

- Não estão sujas - Justin fingiu que reparava o motor de um modelo flamejante de corridas.

Lindsay franziu o sobrolho enquanto Amanda se mexia no seu colo.

- Worth pode pensar o contrário - indicou. Era a sua última arma para convencer o seu filho.

Justin pôs o Ferrari no bolso e levantou-se. Suspirou de resignação e saiu da divisão.

A sua mãe sorriu. Justin tinha um profundo respeito pelo susceptível mordomo britânico. Ouviu que subia as escadas. Podia ter usado a casa de banho do andar de baixo, mas quando se tratava de ser um mártir, Justin Bannion era-o até ao final.

Lindsay surpreendia-se, quando tinha tempo para pensar nisso, por o seu filho ter quatro anos. O berço já ficara pequeno e era esbelto como um galgo. Tinha a mesma cor de cabelo e os mesmos olhos que ela, pensou com orgulho. E também tinha a mesma falta de organização, recordou ao passar a vista pelo quarto desarrumado.

- Não se parece contigo, eh? - perguntou à sua filha, fazendo-lhe cócegas no pescoço.

Amanda era morena, a versão feminina do seu pai. E, tal como Seth, era muito meticulosa. Guardava a sua colecção de bonecas em perfeita ordem e gostava de fazer edifícios com os blocos de Legos. Embora não tivesse herdado tudo do seu pai, já que não duvidava em atirar aqueles blocos ao seu irmão se ele se atrevesse a invadir o seu território.

Depois de lhe dar um último beijo e de a deixar no chão, começou a apanhar os carros de Justin.

- O papá não gostará de saber que fui eu que arrumei - disse à sua filha.

- Justin é muito desorganizado - respondeu Amanda, com o típico desprezo fraternal. Com dois anos, adorava fazer declarações.

- Tens razão - corroborou a sua mãe. - E tem de aprender a arrumar as suas coisas, mas se Worth entrar aqui... - apressou-se a arrumar tudo. - Falarei com Justin. Não temos de dizer nada ao papá.

- Dizer-me o quê? - perguntou Seth, da porta.

- Oh, oh... - Lindsay olhou para o tecto e sobre o ombro. - Pensava que estavas a trabalhar.

- Estava. Estás a proteger outra vez esse demónio, não é?

- Mandei-o para cima para lavar as mãos afastou o cabelo dos olhos e continuou no chão, enquanto Amanda corria para se abraçar à perna do seu pai. Ambos olharam para ela com desaprovação. - Oh, vá lá! - ela desatou a rir-se e sentou-se no chão. - Peço a clemência do tribunal.

- Está bem - Seth pôs uma mão sobre a cabeça da sua filha. - Qual devia ser o castigo, Amanda?

- Não podes bater à mamã.
- Não? - dedicou um sorriso malicioso a Lindsay. Caminhou para ela e fê-la levantar-se.
- No interesse da justiça, considero isto necessário - deu-lhe um beijo casto e brincalhão.
- Aceitas um suborno? - sussurrou-lhe ela.
- Sempre - respondeu ele e pressionou os lábios com mais força contra os dela.

Justin apareceu pela porta, mostrando as suas mãos recém-lavadas. Fez uma careta ao ver os seus pais e, depois, olhou para a sua irmã.

- Pensava que íamos comer.

Uma hora mais tarde, Lindsay preparou-se para a sua aula de ballet. Ao descer a correr as escadas tropeçou noutro dos carros de Justin. Apanhou-o e pô-lo na mala.

- A prova do crime - murmurou e abriu a porta principal. - Ruth! - exclamou, cheia de espanto.

- Olá! Têm um quarto livre para uma bailarina fugitiva e um gato durante o fim-de-semana?

- Claro! - Lindsay fê-la entrar e deu-lhe um abraço forte. Nijinsky escorregou dos braços da sua dona e afastou-se. Não gostava de viajar. - Que alegria voltar a ver-te. Seth e as crianças vão ter uma surpresa.

Apesar da alegria, Lindsay conseguiu sentir o desespero de Ruth. Afastou-a um pouco e observou o seu rosto.

- Estás bem?

- Sim - respondeu, num tom de voz inseguro. - Não - reconheceu, face ao olhar da sua amiga. - Preciso de um pouco de tempo.

- Claro - agarrou na mala de Ruth e fechou a porta. - O teu quarto está no mesmo sítio. Vai e faz uma surpresa a Seth e às crianças. Eu voltarei daqui a algumas horas.

- Obrigada.

Lindsay saiu a correr pela porta e Ruth respirou fundo.

Dois dias depois, Ruth sentou-se no sofá, com uma criança de cada lado. Começou a ler um dos livros de Justin em voz alta. Nijinsky encontrara um bom lugar para se deitar à luz do sol.

Ela sentia-se bem. Devia ter suposto que na Cliff House encontraria exactamente o que precisava. Lindsay abriu-lhe as portas da sua casa e Ruth recebera aceitação e carinho.

Depois de sair do escritório de Nick, fora ao seu apartamento, arrumara o necessário e fora directamente para Cliffside. Nem sequer pensara nisso, só se deixara levar pelo instinto. E naquele momento, quando já estava há dois dias ali, sabia que o seu instinto a guiara para o sítio correcto. Às vezes, só se podia contar com a ajuda da família.

- Pensava que os tinhas atados e amordaçados - brincou Seth, entrando na sala. - Nunca estão assim tão calados, nem quando dormem.

Ruth desatou a rir-se. As crianças saltaram sobre o seu pai assim que ele se sentou.

- São uns anjinhos, tio Seth - replicou, enquanto ele as abraçava. - Devias ter vergonha de andar

por aí a manchar os seus nomes.

- Não precisam da minha ajuda para isso passou os dedos pelo cabelo de Amanda. Worth disse que esta manhã havia um rebuçado meio comido na cama de alguém.

- Ia acabá-lo esta noite - defendeu-se Justin. - Não o deitou fora, pois não?

- Receio que sim. -Bolas!

- E tens algo a dizer sobre o estado dos lençóis? - acrescentou o seu pai, num tom amável.

Justin fez beicinho.

- Tenho de pedir desculpa outra vez?

- Acho que sim.

- Eu quero ver - disse Amanda, sempre disposta a antecipar-se a tudo.

- Estou sempre a pedir desculpa - queixou-se Justin num tom de voz fraco e saiu da sala com a sua irmã atrás.

- Sabes que Worth os adora - disse Ruth.

- Sim, mas não quer que se saiba o seu segredo - replicou Seth. Conseguiam ouvir os passos das crianças pelo corredor em direcção à cozinha.

- Eu tinha medo - confessou ela, fechando o livro. - Em todos os meses que vivi convosco, nunca me habituei a ele.

- Ninguém sabe lidar tão bem com ele como Lindsay - Seth recostou-se e relaxou os seus pensamentos. - Ele não percebe que ela lhe dá a volta.

- Não há ninguém como Lindsay.

- Não - corroborou ele. - Ninguém.

- Não tiveste medo de te apaixonar por alguém tão... especial?

Ele conseguiu ler a pergunta nos seus olhos e soube o que estava a pensar.

- Apaixonar-se mete sempre medo. E se, ainda por cima, for por uma pessoa especial, tem-se mais medo ainda. Lindsay assustava-me terrivelmente.

- Parece-me impossível. Sempre pensei que eras invulnerável e valente.

- O amor torna-nos covardes, Ruth - recordou os primeiros meses com Lindsay, antes do seu casamento. - Estive prestes a perdê-la uma vez. Nada me assustou mais do que isso.

- Vi-vos juntos há cinco anos - indicou Ruth, com o sobrolho franzido. - O vosso amor parece ser o mesmo de sempre.

- Não - Seth abanou a cabeça. - Agora amo-a mais, muito mais. Por isso tenho mais medo de a perder.

Naquele momento, ouviram-na entrar pela porta.

- Que Deus me livre das mães que querem uma Pávia vá com apenas cinco lições! - exclamou do hall.

- Já está em casa - indicou Seth.

- A senhora Fitzwalter quer que a sua Mitzie tenha aulas com Janet Conner - explicou Lindsay, entrando na sala. - Não importa que Janet esteja há dois anos na escola e que Mitzie tenha começado há duas semanas - deixou-se cair numa cadeira e olhou para Seth e

Ruth. - Não importa que Janet tenha talento e que Mitzie tenha os pés torcidos. Mitzie quer ter aulas com a sua melhor amiga e a sua mãe está empenhada em fazê-lo acontecer.

- E tu, é claro, explicaste-lho com diplomacia - concluiu ele.

- Fui a diplomacia personificada. Para isso é que tive lições de Worth - virou-se para Ruth.

- Mitzie tem quilos a mais e mal consegue manter o equilíbrio sobre um pé, enquanto Janet já está há dois meses a apoiar-se sobre os dedos.

- Encontrarás algum lugar apropriado - replicou Ruth.

- Já o fiz - Lindsay sorriu, satisfeita consigo própria, mas o sorriso desvaneceu-se ao reparar no silêncio estranho que reinava na casa. - Onde estão as crianças?

- A pedir desculpas - respondeu o seu marido.

- Oh... outra vez? - ela suspirou e sorriu. Levantou-se e aproximou-se de Seth. - Olá! inclinou-se para lhe dar um beijo. - Resolveste o problema?

- Sim - respondeu ele e beijou-a.

- Que inteligente... - elogiou ela, sentando-se no braço da poltrona.

- Certamente - confirmou ele.

- E trabalhas tanto, metido naquele escritório todos os dias... mesmo aos sábados - entrelaçou a sua mão com a dele. - Porque não vamos dar um passeio pela praia?

- Vão vocês. As crianças precisam de dormir uma sesta e acho que eu também.

Lindsay olhou para ele, surpreendida. A última coisa que Seth faria numa bonita tarde de sábado era dormir uma sesta. Mas depois compreendeu a mensagem escondida e virou-se para Ruth.

- Sim, vamos. Preciso de apanhar ar depois da discussão com a senhora Fitzwalter.

- Está bem. Preciso de um casaco?

- Veste algo leve - Ruth foi ao seu quarto e Lindsay olhou para o seu marido. - Já te disse hoje como és maravilhoso e como te adoro?

- Não que eu recorde - levantou uma mão e acariciou-lhe o cabelo. - Podes dizer-me agora.

- És maravilhoso e adoro-te - beijou-o mais uma vez antes de se levantar. - Tenho de te avisar que Justin anunciou ontem que já era demasiado crescido para dormir a sesta.

- Discutiremos isso.

- Com diplomacia? - perguntou ela e sorriu por cima do ombro enquanto saía da sala.

Dezessete

Ruth já se esquecera de como o cheiro do mar era fresco e limpo.

A praia prolongava-se ao longo de vários quilómetros e as ondas espumosas batiam nas rochas. Algumas folhas de árvores próximas voavam até à margem e caíam sobre a areia.

- Sempre gostei deste lugar - disse Lindsay, pondo as mãos nos bolsos.

- Eu odiei-o da primeira vez que viemos recordou Ruth, com o olhar perdido no horizonte. - A casa, os barulhos, tudo...

- Sim, eu sei.

Ruth deitou-lhe um olhar fugaz. Naturalmente, como podia não saber?

- Não sei como aconteceu a mudança. De repente, acordei um dia e senti que este era o meu lar. O tio Seth foi muito paciente comigo.

- É um homem paciente - concordou Lindsay, rindo-se. - As vezes, a sua paciência chega a ser irritante. Eu não faço mais do que destrambelhar grosseiramente e ele acaba por ganhar a batalha sem se despentear - observou o perfil da sua sobrinha. - Pareces-te muito com ele.

- A sério? - Ruth reflectiu por uns instantes. - Ultimamente, acho que não me controlo muito.

- Ele também tem os seus momentos Lindsay baixou-se e apanhou uma pedra que guardou no bolso. Era um costume que nunca perderia.

- Lindsay, ainda não me perguntaste porque vim sem avisar nem quanto tempo tenciono ficar.

- É a tua casa, Ruth. Não tens de dar explicações.

- Disse ao tio Seth que não há ninguém como tu.

- Disseste? - Lindsay sorriu e afastou uma madeixa dos olhos. - É o melhor elogio que pode receber-se.

- É por Nick - confessou Ruth, de repente.

- Sim, eu sei.

Ruth deixou escapar uma longa expiração.

- Amo-o, Lindsay. E tenho medo.

- Conheço essa sensação. Suponho que terás resistido.

- Sim... Oh, há tantas coisas... - o seu tom de voz encheu-se com a paixão do desejo frustrado. - Nestes dois últimos dias tentei tirá-lo da cabeça, mas é impossível.

- É impossível deixar de amar por vontade própria - tinham chegado a um promontório rochoso e Lindsay sentou-se.

Fora naquele mesmo lugar que Seth e ela tinham estado naquele dia. Lindsay estava apaixonada e temerosa porque nada parecia fazer sentido. Ruth descera da casa com um gatinho ao colo. Então, só tinha dezassete anos e não permitia que ninguém se aproximasse muito.

"Talvez continue a ser igualmente cautelosa", pensou Lindsay.

- Queres falar disso?

Ruth hesitou por um segundo.

- Sim, acho que sim.

- Então, senta-te e começa pelo princípio.

Assim que começou, foi muito fácil continuar. Ruth contou-lhe a sua aproximação repentina depois de estarem tantos anos a trabalhar juntos. Contou-lhe a impressão que tivera ao descobrir que Nick a amava e a frustração de ambos por não terem mais tempo. Não escondeu nada, nem as conversas com Leah, nem as mudanças de humor de Nick, nem as suas próprias inseguranças.

- Então, no dia em que me fui embora, Nadine esteve a falar comigo. Queria deixar-me claro que se Nick e eu acabássemos e não continuássemos a trabalhar juntos, teria de sair da academia. Enfurecia-me que não pudéssemos manter o que havia entre nós em privado.

Ruth olhou para o mar, sentindo-se frustrada e impotente.

- Antes de conseguir acalmar-me, Nick estava a pedir-me para deixar o meu apartamento e para ir viver com ele. Assim, sem mais nem menos - explicou, olhando para Lindsay. Tão exigente como sempre. Ficou de pé à minha frente, a gritar com fúria enquanto me dizia o que ele queria que eu fizesse. E então disse-me que tinha passado cinco anos a desejar-me e que nunca mo quis dizer. Mal podia acreditar...

Ruth fez uma pausa para aliviar a explosão de raiva.

- Não conseguia suportar a ideia de ter estado a manipular a minha vida. E a cada minuto, ele comportava-se de um modo menos razoável e mais... russo. Queria que fizesse as malas e me mudasse para sua casa sem pensar. Nem sequer se incomodou em perguntar-me, limitou-se a ordená-lo, como se estivesse numa aula... Não, até como professor é mais humano - levantou-se, incapaz de continuar sentada. - Não me perguntou nem uma vez quais eram os meus sentimentos, nem sequer depois da semana tão horrível de gravações - voltou a sentar-se. - Nunca me senti mais confusa.

Lindsay brincou distraidamente com a pedra que tinha no bolso. Ouvira o discurso de Ruth sem a interromper.

- Bom - replicou, finalmente, - tenho por princípio não dar conselhos - fez uma pausa e observou o mar. - E os princípios existem para ser infringidos. Há quanto tempo conheces Nick?

- Não tanto como tu - respondeu ela, sem pensar. - Ele estava apaixonado por ti - as palavras saíram da sua boca antes de dar por isso. - Oh, Lindsay...

- Sim, foi assim - olhou para Ruth nos olhos. - Quando entrei na companhia, Nadine lutava desesperadamente para a manter à tona. A chegada de Nick foi um grande impulso, mas continuava a haver problemas internos. Sei que pensas que Nadine é muito dura, e certamente é, mas a companhia é tudo o que tem. Para mim é fácil entendê-lo agora, à distância, mas nem sempre foi.

Lindsay calou-se durante alguns segundos como se estivesse perdida nas suas lembranças.

- Em qualquer caso, a chegada de Nick marcou o ponto de mudança. Era muito jovem e tinha acabado de chegar a um país desconhecido para ele. Falava um pouco de inglês, francês, italiano e alemão, mas teve de aprender inglês como se fosse um nativo. Tu, melhor do que ninguém, devias entender o que se sente num país estrangeiro com costumes diferentes.

- Sim - murmurou Ruth. - Eu sei.

- Está bem - Lindsay abraçou os joelhos. Tenta imaginar um jovem de vinte anos que acabou de tomar a decisão mais importante da sua vida. Deixou para trás o seu país, os seus amigos e a sua família. Sim, ele também tem família - acrescentou, ao ver a surpresa de Ruth. - Não foi nada fácil e os primeiros anos aqui fizeram-no ser muito prudente. Havia muita gente que desejava arruiná-lo. Devido à sua história pessoal, teve de esconder o seu passado. Assim, quando eu o conheci, era só Davidov, uma eminência.

Lindsay parou um instante para observar as ondas a bater contra as rochas.

- Senti-me atraída por ele, muito atraída. Talvez tenha estado apaixonada por um tempo e suponho que o mesmo aconteceu com ele.

Éramos jovens, bailarinos e ambiciosos. Talvez, se os meus pais não tivessem sofrido aquele acidente e se tivesse ficado na companhia, tivesse acontecido algo entre nós. Não sei. O caso é que conheci Seth. Lindsay olhou em direcção à sua casa.

- E sei que se tivesse acontecido algo entre Nick e eu não teria sido o melhor para nenhum dos dois. Para mim só existe Seth. Agora e sempre.

- Lindsay, não tinha intenção de ser curiosa

- Ruth fez um gesto com as mãos.

- Não estás a ser curiosa. Todos estamos relacionados nisto. Por isso estou a esquecer os meus princípios. Naqueles dias, Nick confiou em mim porque precisava de alguém e havia muito poucas pessoas em quem pudesse depositar a sua confiança. Se há coisas que não te contou, é só porque para ele se transformou num costume não falar do seu passado. Ele é um homem que olha para a frente. Mas também tem sentimentos, Ruth. Não penses o contrário.

- Sei que tem - concordou ela, calmamente.

- Só quis que os partilhasse comigo.

- Fá-lo-á quando estiver pronto. Nick fez do ballet a primeira prioridade da sua vida. Mas, segundo me contaste, parece que algo está a mudar. Imagino que ele também está assustado.

- Sim - Ruth recordou o que o seu tio lhe contara. - Não me tinha ocorrido que ele também podia sentir-se assim.

- Quando um homem, especialmente um homem com um dom para a palavra e para a actuação, pede de uma forma tão desajeitada a uma mulher para ir viver com ele, é porque está a tremer de medo - ela sorriu e tocou na cabeça de Ruth. - Agora, quanto a essa Leah e a todas essas tolices sobre as intromissões da tua relação na tua carreira ou vice-versa, devias saber enfrentá-las. Depois de cinco

anos na companhia, devias reconhecer os ciúmes, quando os há.

Ruth deixou escapar um suspiro.

- Antes sempre tinha conseguido.

- Desta vez, o amor cegou-te - olhou para Ruth em silêncio. - Quanto estiveste disposta a dar-lhe?

Ruth abriu a boca e fechou-a antes de responder.

- Não o suficiente - reconheceu. - Estava muito assustada e ele é um homem tão forte, Lindsay. A sua personalidade é avassaladora. Não quero que me anule por completo. Isso é mau?

- Não, mas se fosses fraca e sucumbisses a cada um dos seus pedidos, sabes que nunca se teria apaixonado por ti - segurou na mão dela e deu-lhe um aperto. - Nick precisa de uma parceira, Ruth, não de uma fã.

- Consegue ser muito arrogante. E fica impossível.

- Sim, bendito seja.

Ruth desatou a rir-se e abraçou-a.

- Lindsay, precisava de vir para casa.

- Já estás aqui - Lindsay retribuiu o abraço

- Ama-lo?

- Sim. Sim, amo-o.

- Então, faz as malas e vai ter com ele. O tempo é algo muito valioso. Está na Califórnia - ela sorriu ao ver a cara de perplexidade de Ruth. - Falei com Nadine esta manhã. Já tinha decidido esquecer os meus princípios antes desta conversa.

Dezoito

Os pés de Nick afundaram-se na areia. Percorrera cinco quilómetros e tinha a praia só para ele. Era demasiado cedo para qualquer outra pessoa.

O sol ascendia lentamente, desenhando brilhos dourados no oceano. Nick gostava da cor da areia ao amanhecer, do barulho das gaivotas sobre a sua cabeça e do som das ondas balançadas pela brisa marinha.

Tal como a dança, correr podia ser um desafio solitário. E se corresse o suficiente, talvez conseguisse parar de pensar em Ruth.

Como pudera ser tão estúpido?, amaldiçoou-se pela enésima vez e acelerou o passo. Que mal que se portara! A sua intenção fora dar-lhe tempo, mas nada correria como planeava.

Será que lhe ordenara mesmo que fizesse as malas e que fosse viver com ele? Que força estranha é que o possuía para fazer uma coisa assim? A fúria, a frustração, a necessidade... O medo. A coreografia que com tanto cuidado programara fora uma verdadeira porcaria.

Quisera que vivesse com ele, que se habituasse à convivência antes de a pedir em casamento. Mas destruíra tudo por culpa da sua arrogância e do seu mau feitio.

Quando começara, fora impossível parar. E olhara para ela de tal forma...! Ao princípio, surpreendida e, depois, furiosa. Como pudera ser tão trôpego? Estivera com imensas mulheres na sua vida e nunca tivera problemas em dizer-lhes o que sentia ou o que não sentia. Em quantos idiomas conseguia fazer amor? Porque é que, então, com a mulher mais importante, se portara como um estúpido? Porque era assim: um completo estúpido e fora-o em cada passo que dera ao seduzir Ruth.

Seduzir!, repreendeu-se outra vez e continuou a correr a um ritmo veloz. Que tipo de sedução fora? Possuía-a como um louco da primeira vez e, quando lhe dissera que a amava, fizera-o sem a menor delicadeza.

Até um adolescente teria demonstrado mais tacto.

Ao longe via-se um grupo de golfinhos a saltar para fora da água. Um bonito bailado marinho, pensou Nick sem desacelerar.

Ela não ia voltar.

Meu Deus... o que podia fazer?, perguntou-se, com desespero. Enclausurar-se na companhia como a pobre Nadine fizera? E o que é que Ruth faria? Iria para outra companhia? Dançaria com Mitchell ou Kirminov? Pensar naquela possibilidade fê-lo ficar furioso.

Tinha de a fazer regressar. Era demasiado jovem, mas... que direito é que ele tinha de a obrigar? Um homem justo não perseguia a mulher que o abandonara. E, além disso, havia o orgulho. Não, não o faria.

Não?, pensou de repente. Deu a volta e correu em direcção a casa. Como podia não o fazer?

Ruth estacionou o carro de aluguer em frente da casa e ficou no interior com o motor ligado. A

casa tinha dois andares e fora construída com madeira de cedro e vidro.

"Uma obra impressionante, tio Seth, decidi. Certamente, o seu tio fizera um trabalho magnífico ao desenhar aquela casa. As linhas arquitectónicas combinavam na perfeição com um uso inteligente do espaço aberto.

Engoliu em seco e perguntou-se pela centésima vez como enfrentar a situação. Todas as alternativas em que pensara no avião pareciam absurdas ou inúteis naquele momento.

- Nick, pensei que devíamos falar... - tentou em voz alta e apoiou a testa no volante. - Olá, Nick, estava a passar por aqui e pensei em vir cumprimentar-te - "muito original", pensou.

"Fá-lo e já está", ordenou-se. "Sai do carro, bate à porta e deixa que aconteça". Respondendo a uma chamada do cérebro, desligou o motor e saiu rapidamente do carro.

Os seis degraus que conduziam à porta principal pareciam muito altos. Ruth respirou fundo, como fazia antes de executar umjeté e subiu-os.

"Agora bate à porta", ordenou-se, quando parou à frente da porta. "Levanta a mão, fecha-a num punho e bate à porta". Demorou vários minutos a consegui-lo, mas fê-lo.

Esperou com a respiração contida. Não houve resposta. Bateu com mais força e esperou e esperou...

Incapaz de suportar por mais tempo a incerteza, agarrou na maçaneta e virou-a. Quase deu um salto para trás quando a porta se abriu. As fechaduras de Manhattan eram mais familiares...

A salinha parecia ocupar o andar de baixo todo. A parede traseira era toda de vidro e deixava ver uma vista impressionante do oceano Pacífico. Por um instante, Ruth esqueceu a sua ansiedade face àquela paisagem. Vira muitos outros edifícios desenhados pelo seu tio, mas aquele era uma obra-prima.

O chão era de madeira, embelezado com uns tapetes cor de camurça. Não havia quadros nas paredes. A vista do mar já era arte suficiente. Também não havia muitos objectos de decoração. Havia um bar com estantes cheias de garrafas e de copos de cores e um grande piano de mogno no extremo da sala. Ruth aproximou-se e folheou a partitura.

Nas margens conseguiu ver a letra de Nick. A escrita russa era ininteligível, mas o solfejo não era desconhecido e começou a tocar a melodia.

Seria o novo bailado? Prestou atenção à música desconhecida que os seus dedos provocavam.

Davidov era incrível, pensou. Não conhecia ninguém que trabalhasse tanto como ele.

Mas, onde estava?

Virou-se e olhou para a divisão. Teria voltado para Nova Iorque? Não podia ter deixado a porta aberta e a partitura do seu bailado no piano! Olhou para o seu relógio e recordou que ainda se guiava pela hora da Costa Este.

Meu Deus... pensou, enquanto calculava a diferença horária. Na Califórnia ainda era muito cedo. Demasiado cedo! Talvez continuasse na cama.

Muito lentamente, aproximou-se das escadas e olhou para cima. Não podia subir. Cerrou os

lábios. E se o chamasse? Abriu a boca, mas voltou a fechá-la com um gemido. O que poderia dizer? "Olá... Nick, é hora de acordar!". Levou os dedos à boca para reprimir uma gargalhada nervosa.

Respirou fundo e, pondo uma mão no corrimão, começou a subir.

Nick abriu a porta dupla de vidro que dava para a praia e entrou na salinha. Respirava com agitação e tinha a t-shirt encharcada de suor. O exercício duro ajudara e naquele momento conseguia pensar com muito mais clareza. Iria para a casa de banho e tomaria um duche e, depois, passaria o dia a trabalhar no seu novo bailado. Os planos para ir a Nova Iorque para procurar Ruth eram os de um louco, decidiu.

A meio da sala, parou. Consequia sentir aquela essência tão familiar a flores silvestres.

Meu Deus... Será que nunca conseguiria livrar-se dela?

Que direito é que tinha de fazer isso? Porque é que o atormentava assim? Amaldiçoou-a com fúria. Já bastava!

Levantou o auricular e marcou o número de Ruth em Nova Iorque. Sem a menor ideia do que ia dizer, esperou, cego de raiva, até ela atender. No final, praguejou e desligou.

Onde demónios estava? Na academia? Abanou a cabeça. Lindsay! Pois claro, para que outro lugar podia ter ido?

Voltou a agarrar no telefone, mas depois de marcar quatro números, um barulho chamou a sua atenção. Franziu o sobrolho e olhou para as escadas. Ruth descia os degraus e também ela tinha o sobrolho franzido.

Os seus olhos encontraram-se imediatamente.

- Estás aqui... - replicou ela, esperando que o seu tom de voz não fosse o de uma estúpida. - Estava à tua procura.

Com muito cuidado, Nick largou o auscultador.

-Sim?

Embora a sua resposta não fosse muito cortês, ela desceu o resto dos degraus.

- Sim. A porta estava aberta... Espero que não te importes que tenha entrado.

-Não.

Ela não conseguia estar quieta devido aos nervos e concentrou todo o seu esforço num sorriso.

- Vi que começaste a compor um novo bailado.

- Comecei, sim - falava com lentidão e precaução, sem parar de olhar para ela.

Incapaz de suportar aquele olhar, Ruth virou-se e passeou pela sala.

- É um lugar lindo. Sempre gostei do oceano. Uma vez estivemos numa casa em frente ao Pacífico no Japão - começou a divagar, sem ter consciência do que estava a dizer. Mas precisava de preencher o silêncio com palavras.

Nick permaneceu calado, observando as suas costas enquanto ela olhava para o mar. Pouco depois, percebeu que estava tenso e relaxou os músculos. Não ouvira nada do que Ruth dissera.

- Vieste para desfrutar da vista? - perguntou-lhe ele, de repente.

Ela fez uma careta de dor, mas recompôs a sua expressão antes de se virar.

- Vim para te ver - esclareceu. - Há coisas que quero dizer-te.

- Muito bem - Nick fez um gesto de convite com as mãos. - Diz.

- Oh, claro - aquele gesto deixou-a rígida. -Senta-te!

Ele arqueou as sobrancelhas ao ouvir aquela ordem, mas foi até ao sofá e sentou-se.

- Já estou sentado.

- Treinas para seres insuportável, Davidov? Ou é algo natural em ti?

Nick ficou em silêncio durante alguns segundos e recostou-se entre as almofadas.

- Percorreste seis mil quilómetros para me dizeres isso?

- E mais - replicou Ruth. - Não tenho intenção de deixar que me anules, nem profissional nem pessoalmente. Primeiro, falaremos da dança.

- É claro - Nick levantou as mãos e deixou-as cair. - Por favor, continua.

- Sou uma boa bailarina e continuarei a sê-lo, quer sejas o meu parceiro ou não. Na companhia podes obrigar-me a dançar até à extenuação e eu fá-lo-ei porque tu és o director.

- Tenho consciência disso. Ruth olhou para ele.

- Mas aí acabam as ordens. Não és tu que diriges a minha vida. O que eu faço ou deixo de fazer é uma decisão minha e é a minha responsabilidade. Se decidir ir para a cama com uma dúzia de amantes ou viver como uma ermitã, não te diz respeito.

- Achas? - o seu tom era frio e, ainda que não se mexesse, os olhos brilhavam com fúria.

- Conheço-te - Ruth aproximou-se um passo dele. - Até ser o momento de iniciar um compromisso, ninguém poderá dizer-me como tenho de viver. Ninguém se atreveria a fazê-lo contigo, Davidov. Nunca o permitirias. Bom, eu também não.

Ruth ficou a olhar para ele fixamente e, depois, apoiou as mãos nas ancas.

- Se achas que vou ser uma menina boa e vou fazer as minhas malas só porque tu me disseste para o fazer, estás muito enganado. Não sou uma criança e ninguém me dirá o que tenho de fazer - enquanto falava, Ruth continuara a aproximar-se mais dele. - Esperas sempre que as pessoas acatem as tuas ordens sem pigarrear. Mais vale que te prepares para uma mudança, porque não penso deixar-me avassalar por ti, Davidov. E não irei viver contigo sem mais nem menos. Se realmente me amares, terás que te casar comigo. É assim cruzou os braços e esperou.

Nick endireitou-se e levantou-se lentamente.

- É um ultimato?

- Podes ter a certeza.

- Compreendo - observou-a, pensativo. Parece que não me dás escolha. Queres casar-te em Nova Iorque?

Ruth abriu a boca, mas fechou-a ao não encontrar palavras. Pigarreou e tentou falar.

- Bom, sim... acho que sim.

- Pensaste numa pequena cerimónia ou em algo grandioso?

O ímpeto do seu discurso desapareceu e ficou a olhar para ele, muito confusa.

- Não... não sei. Não tinha pensado em...

- Bom, podes pensar no avião, não é? - esboçou um sorriso estranho. - Queres que faça já as reservas?

- Sim. Não - respondeu, quando ele se virou para o telefone. Nick inclinou a cabeça e esperou. - Está bem, em frente - ela aproximou-se das janelas e observou o mar. Porque é que tudo lhe parecia errado?

- Ruth - começou ele e esperou que olhasse para ele. - Disse-te que te amava, como também o disse a muitas mulheres cujos nomes não recordo. As palavras significam muito para mim.

Ela engoliu em seco e sentiu uma dor aguda no coração. Parecia que o espaço entre os dois aumentava.

- Não te demonstrei os meus sentimentos continuou a dizer ele. - Fazias-me sentir trôpego e incomodado e isso é muito difícil de admitir para um bailarino. Se não tivesse sido tão trôpego ter-te-ia dito que a minha vida sem ti não é nada. Ter-te-ia dito que és o coração que a alimenta, os músculos e os ossos que a movem. Ter-te-ia dito que sem ti não há mais do que dor e solidão. Ter-te-ia dito que o meu maior desejo e necessidade é ser o teu parceiro, o teu amante, o teu marido... Mas... - abanou a cabeça, - fazias-me sentir trôpego e só consegui dizer-te que te amava, esperando que fosse suficiente.

- Nick! - correu para ele, que a recebeu nos seus braços e a apertou com força.

Ambos se encheram com a felicidade que a sua união voltava a brindar-lhe.

- Quando te vi a descer as escadas, pensei que era um sonho ou que tinha ficado louco.

- Pensava que estarias a dormir.

- A dormir? Não consegui dormir desde que me deixaste - afastou-a um pouco para olhar para os seus olhos. - Nunca mais o faças. Odeia-me, grita se quiseres, mas não voltes a deixar-me.

A resposta de Ruth foi tão selvagem e acalorada como ele esperava. Abraçou-o pelo pescoço e puxou-o para ela, invadida pelo desejo violento que a fez beijá-lo com desespero. E o desejo trouxe consigo uma avalanche de sensações: o seu sabor, o seu cheiro, a suavidade do seu cabelo...

- Desejo-te - sussurrou ela. - Amo-te. Sentiu como lhe abria o fecho das costas e como o vestido caía ao chão.

Nick deixou escapar um gemido suave enquanto lhe acariciava as costas.

- Demasiado pequena, lyubovnitsa, sempre receei fazer-te mal.

- Sou"uma bailarina - recordou-lhe ela, tremendo com o toque das suas mãos contra a seda fina da blusa. - Forte como um carvalho

- deitaram-se no sofá com os seus corpos entrelaçados. - Eu sempre receei confiar em ti, amar-te... e perder-te.

- Ambos receámos o mesmo - redarguiu ele. - Mas isso acabou.

Ruth deslizou a mão sob a sua t-shirt e pousou-a sobre o seu coração.

Davidov... Quantos anos passara a adorar aquela lenda viva? E era finalmente dela. ela era dele.

Pressionou-lhe a mão no peito e soube que era assim. Sorriu e deu-lhe um longo beijo no pescoço.

- Davidov?

- Hum?

- Vais mesmo aceitar o ultimato?

- Pensei nisso. Estavas tão furiosa que o melhor será agradar-te.

- Oh... Fá-lo-ás? - perguntou, com um sorriso radiante.

- Sim, mas não te permitirei ter uma dúzia de amantes - passou os lábios pela curva do seu queixo.

- Acho que terás o suficiente comigo.

- Talvez - concordou ela e suspirou quando ele começou a desabotoar-lhe a blusa.

- Vou ser um marido muito ciumento. Pouco razoável, até mesmo violento... - inclinou a cabeça e sorriu. - Será muito difícil conviver comigo. Continuas a querer que faça as reservas para o voo?

Ruth abriu os olhos e olhou para ele com um sorriso.

- Sim, mas fá-lo amanhã.

FIM